

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENVOLVENDO ADOLESCENTES À LUZ DE GÊNERO E GERAÇÃO

ESTUDO MULTICÊNTRICO
LUSO-HISPANO-BRASILEIRO-CABOVERDIANO

TEEN DATING VIOLENCE FROM
THE PERSPECTIVE OF GENDER
AND GENERATION

A MULTICENTER STUDY

Série Monográfica | Monographic Series
Educação e Investigação | Health Sciences Education
em Saúde | and Research

18

Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Health Sciences Research Unit: Nursing
Nursing School of Coimbra



HEALTH SCIENCES
RESEARCH UNIT
NURSING

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO
EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
ENFERMAGEM

SÉRIE MONOGRÁFICA

ISSN: 1647-9440

EDITOR / PUBLISHER

Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E)
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC)

MONOGRAFIA – Nº 18

ISBNp: : 978-989-99426-9-1

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA DA MONOGRAFIA / SCIENTIFIC COORDINATION OF THE MONOGRAPH

Investigadora Principal do Projeto estruturante Género, Saúde e Desenvolvimento

COMO SE CITA A MONOGRAFIA (Normas APA 6ª edição) / HOW TO CITE THE MONOGRAPH (APA - 6th edition)

Leitão, M. N., Fernandes, M. I., Fonseca, R. M., & Pina-Roche, F. (Coord.). (2019). *Violência nas Relações de Intimidade Envolvendo Adolescentes à Luz de Género e Geração: Estudo multicêntrico luso-hispano-brasileiro-caboverdiano. Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde*. Coimbra, Portugal: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E) / Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC).

COMO SE CITA UM CAPÍTULO (Normas APA 6ª edição) / HOW TO CITE A CHAPTER (APA - 6th edition)

Fonseca, R. M. & Brancaglioni, B. C. (2019). A Violência nas Relações de Intimidade entre Adolescentes. In M. N. Leitão, M. I. Fernandes, R. M. Fonseca, & F. Pina-Roche (Coord.), *Violência nas Relações de Intimidade Envolvendo Adolescentes à Luz de Género e Geração: Estudo multicêntrico luso-hispano-brasileiro-caboverdiano. Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde* (pp. 19-29). Coimbra, Portugal: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E) / Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC).

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENVOLVENDO ADOLESCENTES À LUZ DE GÊNERO E GERAÇÃO

ESTUDO MULTICÊNTRICO
LUSO-HISPANO-BRASILEIRO-CABOVERDIANO

TEEN DATING VIOLENCE FROM THE PERSPECTIVE OF GENDER AND GENERATION

A MULTICENTER STUDY

Coord.

Maria Neto da Cruz Leitão
Maria Isabel Domingues Fernandes
Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca
Florentina Pina-Roche

Série Monográfica | Monographic Series
Educação e Investigação | Health Sciences Education
em Saúde | and Research

18

Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Health Sciences Research Unit: Nursing
Nursing School of Coimbra

FICHA TÉCNICA / COPYRIGHT PAGE

TÍTULO / TITLE

Violência nas relações de intimidade envolvendo adolescentes à luz de género e geração - Estudo multicêntrico luso-hispano-brasileiro-caboverdiano

EDITOR / PUBLISHER

Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

RESPONSABILIDADE DA SÉRIE MONOGRÁFICA / RESPONSABILITY FOR THE MONOGRAPHIC SERIES

Manuel Alves Rodrigues, *Coordenador Científico da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra*
Aida Mendes Cruz, *Presidente da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra*

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA DA MONOGRAFIA / SCIENTIFIC COORDINATION OF THE MONOGRAPH

Maria Neto da Cruz Leitão, *Ph.D., Professora Coordenadora da ESEnfC, Portugal*

Maria Isabel Domingues Fernandes, *Ph.D., Professora Coordenadora da ESEnfC, Portugal*

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca, *Ph.D., Professora Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Brasil*

Florentina Pina-Roche, *Ph.D., Professora Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade de Múrcia, Espanha*

AUTORES / AUTHORS

Ana Myriam Seva Llor

Armando Manuel Marques Silva

Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni

Carmen Ballesteros Meseguer

Cristina Maria Figueira Veríssimo

Florentina Pina-Roche

Isabel Maria Pinheiro Borges Moreira

Lúcia Helena Garcia Penna

Maria da Conceição Alegre de Sá

Maria del Mar Pastor Bravo

Maria do Livramento Monteiro

Maria dos Anjos Rodrigues Dixe

Maria Isabel Domingues Fernandes

Maria Neto da Cruz Leitão

Rafaela Gessner

Rebeca Nunes Guedes de Oliveira

Ricardo Mattos

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca

SÉRIE MONOGRÁFICA / MONOGRAPHIC SERIES

ISSN 1647-9440

MONOGRAFIA / MONOGRAPH

Número 18

ISBNp: 978-989-99426-9-1

DEPÓSITO LEGAL:

COPYRIGHT

© 2019 Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E) / Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC)

REVISÃO FINAL / COPY EDITING

Coordenação científica da monografia

MAQUETIZAÇÃO E PAGINAÇÃO / LAYOUT & DTP

Eurico Nogueira, *MS em Tecnologias de Informação Visual*

REVISÃO DOCUMENTAL / REFERENCES REVISION

Serviço de Documentação da ESEnfC

APOIO TÉCNICO / TECHNICAL SUPPORT

Cristina Louçano, *Secretariado da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem*

GRÁFICA / PRINTED BY

Rainho & Neves, Lda – Santa Maria da feira

TIRAGEM / COPIES

400 exemplares

ANO DE PUBLICAÇÃO / YEAR OF PUBLICATION

2019

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	1
UM CONVITE DO BRASIL.....	3
<i>Emiko Yoshikawa Egry</i>	
UM ALERTA DE CABO VERDE.....	5
<i>Dora Oriana Gomes Pires</i>	
UM RECONHECIMENTO DE ESPANHA.....	7
<i>Eva María Rubio Fernández</i>	
UM DESAFIO DE PORTUGAL.....	9
<i>Elza País</i>	
APRESENTAÇÃO.....	11
<i>Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca</i>	
INTRODUÇÃO.....	13
PARTE I	
CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	17
CAPÍTULO I	
A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENTRE ADOLESCENTES.....	19
<i>Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca</i>	
<i>Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni</i>	
CAPÍTULO II	
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A ADOLESCÊNCIA.....	31
<i>Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca</i>	
<i>Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni</i>	
PARTE II	
ESTUDOS EMPÍRICOS DESENVOLVIDOS NO BRASIL, EM CABO VERDE, ESPANHA E PORTUGAL.....	39

CAPÍTULO I	
MATERIAIS E MÉTODOS.....	41
<i>Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca</i>	
<i>Rafaela Gessner</i>	
<i>Maria do Livramento Monteiro</i>	
<i>Florentina Pina-Roche</i>	
<i>Maria dos Anjos Rodrigues Dixe</i>	
<i>Maria Isabel Domingues Fernandes</i>	
CAPÍTULO II	
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DO CONTEXTO BRASILEIRO.....	59
<i>Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni</i>	
<i>Rafaela Gessner</i>	
<i>Rebeca Nunes Guedes de Oliveira</i>	
<i>Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca</i>	
CAPÍTULO III	
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DO CONTEXTO CABO-VERDIANO.....	97
<i>Maria do Livramento Monteiro</i>	
<i>Armando Manuel Marques Silva</i>	
<i>Maria Neto da Cruz Leitão</i>	
CAPÍTULO IV	
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DO CONTEXTO ESPANHOL.....	123
<i>Florentina Pina-Roche</i>	
<i>Maria del Mar Pastor Bravo</i>	
<i>Ana Myriam Seva Llor</i>	
<i>Carmen Ballesteros Meseguer</i>	
CAPÍTULO V	
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DO CONTEXTO PORTUGUÊS.....	137
<i>Maria Neto da Cruz Leitão</i>	
<i>Maria Isabel Domingues Fernandes</i>	
<i>Maria dos Anjos Dixe</i>	
<i>Armando Manuel Marques Silva</i>	
<i>Isabel Maria Pinheiro Borges Moreira</i>	
<i>Cristina Maria Figueira Veríssimo</i>	
<i>Maria da Conceição Alegre de Sá</i>	

CAPÍTULO VI

**ANÁLISE CONJUNTA DOS RESULTADOS OBTIDOS NOS DIFERENTES
PAÍSES: SIMILITUDES E DIVERGÊNCIAS.....167**

Maria dos Anjos Rodrigues Dixe

Armando Manuel Marques Silva

Ricardo Mattos

Lúcia Helena Garcia Penna

CONCLUSÃO.....181

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....187

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Localização de Curitiba no território brasileiro.....	46
<i>Figura 2.</i> Mapa da região metropolitana de Curitiba.....	47
<i>Figura 3.</i> Pirâmide etária do município de Curitiba em 2010.....	48
<i>Figura 4.</i> Mapa do Arquipélago de Cabo Verde.....	50
<i>Figura 5.</i> Pirâmide etária de Cabo Verde em 2010.....	51
<i>Figura 6.</i> Mapa da Ilha de São Vicente.....	51
<i>Figura 7.</i> Localização da região de Múrcia no território espanhol.....	53
<i>Figura 8.</i> Pirâmide etária de Ansião em 2016.....	55
<i>Figura 9.</i> Pirâmide etária de Ourém em 2016.....	56
<i>Figura 10.</i> Distribuição dos participantes espanhóis por curso.....	123
<i>Figura 11.</i> Tipificação e justaposição da violência psicológica, física e sexual segundo comportamento de vitimização (n=578).....	171
<i>Figura 12.</i> Tipificação e justaposição da violência psicológica, física e sexual segundo comportamento de perpetração (n=599).....	172

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1

Itens que integram as sub-escalas da CADRI - Estratégias de resolução de conflitos positivas e estratégias de resolução de conflitos abusivas.44

Tabela 2

Itens que integram as sub-escalas da CADRI - Formas específicas de violência 44

Tabela 3

Distribuição dos questionários por centro educativo selecionado. Múrcia..... 54

Tabela 4

Distribuição dos estudantes por escola, ano de escolaridade e tipologia de ensino. Portugal.....57

Tabela 5

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) de variáveis socio demográficas dos adolescentes.59

Tabela 6

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das características das relações de intimidade por sexo.61

Tabela 7

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das características da pessoa selecionada pelos participantes, por sexo.....63

Tabela 8

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das violências sofridas e perpetradas na relação com a pessoa selecionada, por sexo.64

Tabela 9

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) de perpetração e vitimização por subescala do CADRI, por sexo.....65

Tabela 10

Médias, medianas e desvio padrão dos scores das subescalas do CADRI, por sexo.....66

Tabela 11

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência sexual perpetrada do CADRI, por sexo. 68

Tabela 12

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência sexual sofrida do CADRI, por sexo.....68

Tabela 13

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência física perpetrada do CADRI, por sexo.....69

Tabela 14

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência física sofrida do CADRI, por sexo.....69

Tabela 15

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência verbal/emocional perpetrada do CADRI, por sexo.....70

Tabela 16

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência verbal/emocional sofrida do CADRI, por sexo.....71

Tabela 17

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência relacional perpetrada do CADRI, por sexo.....72

Tabela 18

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência relacional sofrida do CADRI, por sexo.....73

Tabela 19

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de ameaças perpetradas do CADRI, por sexo.....73

Tabela 20

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de ameaças sofridas do CADRI, por sexo.....74

Tabela 21

Médias, medianas, desvio padrão e associação entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência e perpetração de violência entre parceiros íntimos adolescentes, por subescala da CADRI.....75

Tabela 22

Coeficientes de correlação de Spearman entre subescalas do CADRI.....76

Tabela 23

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que afirmaram perpetrar e sofrer violência nas relações de intimidade na adolescência, por sexo.....77

Tabela 24

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.....78

Tabela 25

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das características sociodemográficas acadêmicas e familiares.....98

<i>Tabela 26</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das respostas dos participantes, quanto às pessoas que moram na mesma casa.....	99
<i>Tabela 27</i>	Média e desvio padrão das variáveis número de pessoas que vivem na mesma casa e número de divisões da casa	100
<i>Tabela 28</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das respostas dos adolescentes, quanto as relações afetivo-sexuais.....	100
<i>Tabela 29</i>	Distribuição absoluta (nº) e relativa (%) das respostas acerca da pessoa selecionada pelos adolescentes.....	101
<i>Tabela 30</i>	Médias e desvios padrões da idade do início do namoro, da atividade sexual e duração do relacionamento.....	102
<i>Tabela 31</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) da tipologia da violência sofrida e perpetrada pelos adolescentes, na relação de intimidade.....	103
<i>Tabela 32</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência sexual sofrida e perpetrada por item da CADRI, por sexo.....	104
<i>Tabela 33</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência do tipo ameaça sofrida e perpetrada, por item da CADRI, por sexo.....	105
<i>Tabela 34</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência relacional sofrida e perpetrada por item da CADRI, por sexo.....	106
<i>Tabela 35</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência verbal-emocional sofrida e perpetrada por item da CADRI, por sexo.....	107
<i>Tabela 36</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência física sofrida e perpetrada por item da CADRI, por sexo.....	108
<i>Tabela 37</i>	Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar, determinada natureza de violência, por sexo	109
<i>Tabela 38</i>	Média e desvio padrão dos scores das subescalas da CADRI, por sexo.....	110
<i>Tabela 39</i>	Média e desvio padrão dos scores das subescalas da CADRI, relativas aos comportamentos abusivos dos adolescentes, por sexo.....	111

Tabela 40

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas (%) dos adolescentes que responderam incorreta e corretamente aos itens da CVRI, por sexo.....112

Tabela 41

Média e desvio padrão do total da CVRI e por sexo. 116

Tabela 43

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas (%) das características sócio demográficas dos adolescentes.....124

Tabela 44

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas (%) do nível de escolaridade dos pais/tutores.....124

Tabela 45

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas (%) das opiniões sobre as experiências de namoro. Inclui estatística resumo..... 125

Tabela 46

Distribuição absoluta (n°) e relativa (%) das respostas acerca da pessoa selecionada pelos adolescentes. Inclui estatística resumo.....126

Tabela 47

Médias, desvios padrão e o coeficiente de correlação das formas de violência..... 127

Tabela 48

Análise da variância e covariância das várias formas de violência perpetrada e sofrida.....127

Tabela 49

Médias e desvios padrão das formas de violência cometida por sexo.....128

Tabela 50

Médias e desvios padrão das formas de violência sofrida por sexo.....129

Tabela 51

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo..... 129

Tabela 52

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas (%), dos itens da CVRI com significado estatístico, por sexo.....133

Tabela 53

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas (%) das características sócio demográficas dos adolescentes. Inclui estatística resumo138

Tabela 54

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas (%) por sexo dos adolescentes, quanto às relações afetivo-sexuais estabelecidas. 139

Tabela 55

Distribuição das frequências absolutas (n°) e relativas (%) por sexo dos adolescentes, quanto à pessoa selecionada.141

Tabela 56

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) quanto natureza da violência sofrida e perpetrada pelos adolescentes, na relação de intimidade.142

Tabela 57

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) de perpetração e vitimização dos adolescentes, por sexo.143

Tabela 58

Médias e desvios padrão de perpetração e vitimização por sexo dos adolescentes e subescalas do CADRI.144

Tabela 59

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) de comportamentos de violência sexual sofrida e perpetrada por item da CADRI.145

Tabela 60

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência do tipo de ameaça sofrida e perpetrada, por item do CADRI, por sexo.....146

Tabela 61

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência relacional sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.147

Tabela 62

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência verbal-emocional sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.148

Tabela 63

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência física sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.149

Tabela 63

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência física sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.....150

Tabela 64

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar, determinada natureza de violência, por sexo.150

Tabela 65

Teste de Mann Whitney às estratégias de resolução de conflitos por sexo dos adolescentes....151

Tabela 66

Coefficientes de correlação de *Spearman* entre subescalas da CADRI.151

Tabela 67

Média e desvio padrão da duração da relação de intimidade e a vitimização e perpetração de violência, por subescala do CADRI e por sexo dos adolescentes.152

Tabela 68

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens do CRVI, por sexo.....154

Tabela 69

Prevalência de comportamentos de vitimização e perpetração de violência nas relações de intimidade, segundo a sua natureza na percepção dos adolescentes, aferidas pelas subescalas do CADRI (n=676).....169

Tabela 70

Análise entre as características sociodemográficas, a natureza da violência e o comportamento de vitimização durante as relações de intimidade, por estudo (n=578).....173

Tabela 71

Análise entre as características sociodemográficas e a natureza da violência, segundo os diferentes estudos e o comportamento de perpetração nas relações de intimidade (n=599).....174

Tabela 72

Teste ANOVA ao nível de conhecimentos dos adolescentes sobre a violência nas relações de intimidade.176

Tabela 73

Relação entre a frequência de comportamentos de violência nas relações de intimidade e o nível de conhecimentos dos adolescentes176

SIGLAS

CADRI - Inventário de conflitos nos relacionamentos de namoro entre adolescentes

CNPD - Comissão Nacional de Proteção de Dados

CVRI-S - Escala de conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade

INE - Instituto Nacional de Estatística

MINE - Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

UICISA: E - Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem

VRI - Violência nas relações de intimidade

VPI - Violência por parceiros íntimos

VMPI - Violência exercida sobre as mulheres por parceiros íntimos

WHO - World Health Organization

OMS - Organização Mundial da Saúde

AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer as muitas colaborações e parcerias que a realização deste estudo exigiu, sabendo que cada uma foi importante para a concretização desta monografia. Ainda que corramos o risco de não destacarmos alguma colaboração, agradecemos de um modo especial:

A todos os adolescentes que voluntariamente se dispuseram a participar no estudo, bem como aos seus pais/mães ou encarregados de educação que lhes deram autorização.

Às direções das escolas e dos agrupamentos de escolas dos diferentes países que nos permitiram aceder a estes estudantes e aos professores que disponibilizaram tempo e colaboraram na colheita de dados, envolvendo-se e incentivando-nos a continuar e a acreditar na importância da nossa investigação para o desenvolvimento de trabalho futuro.

À presidência da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, de um modo especial à professora Maria da Conceição Bento, que apoiou e financiou vários workshops desenvolvidos ao longo do estudo, bem como, os custos inerentes à investigação em Portugal e à edição desta monografia. Ao gabinete de apoio aos projetos da Escola e aos técnicos responsáveis por todo o processamento de dados.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico do Brasil), pelo auxílio financeiro que apoiou uma parte dos estudos realizados no Brasil.

A todas/os as/os colegas, amigos/as e colaboradores da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e a todas/os as/os demais que nos acompanharam e contribuíram para que este estudo fosse/seja uma realidade, escutando com paciência, sugerindo e procurando soluções em momentos difíceis, e especialmente, compreendendo e incentivando o nosso trabalho.

UM CONVITE DO BRASIL

Por que convido à leitura?

Porque é uma obra histórica, produzida por pesquisadoras engajadas no enfrentamento da violência e que constroem simultaneamente a episteme de gênero tão imprescindível ou mais do que a episteme da práxis dialética do “velho” materialismo-histórico e dialético, para iluminar fenômenos que dizem respeito às relações entre os seres humanos.

Explico: uma obra é histórica porque é produto das superações das contradições no percurso histórico das sociedades. O fenômeno da adolescência, bem como da violência nas relações de intimidade envolvendo adolescentes é histórico, ou seja, é construído, tecido diuturnamente como fenômeno que ocorrem dentro de sociedades concretas, nas suas relações sociais concretas e de transformações históricas.

É histórica também pelo fato de pesquisadores e pesquisas científicas (tão bem) manejadas por mulheres na área de Enfermagem é produto de superações das contradições nas nossas sociedades, ou seja, das relações de intimidade (ou não) entre homens e mulheres e mulheres e mulheres e homens e homens.

Estas relações que podem ser analisadas *hoje* à luz da categoria social gênero, também são superações, enfrentadas por mulheres valentes - as antecessoras de estudos e lutas feministas e das autoras desta obra.

As autoras receberam o legado e produziram uma obra única. Não porque fala de violência, pois existem muitas obras e estudos. E nem porque falam de adolescentes e de relações de intimidade - estes já não são tantas assim - mas principalmente porque trazem no interior deste estudo duas categorias - gênero e geração - para compreender em sociedades concretas, nos tempos atuais do século XXI, as contradições dialéticas que devemos nos propor a superar.

E o que devemos superar? Devemos superar as relações violentas entre pessoas, especialmente nas de intimidade, ou seja, onde o ser humano - a pessoa - está, muitas vezes, mais exposta, e com os sentidos e a criticidade enevoados pela paixão humana. E superar também a naturalização das relações violentas na intimidade, quer sejam as de adolescentes ou de outras categorias geracionais.

Superar *desnaturalizando* a violência nas relações de intimidade dos adolescentes é a chave para que, como adultos, eles possam construir relações de cuidado na intimidade, entre o casal e também especialmente com os filhos e progenitores, estendendo essas relações aos familiares em geral e aos de círculo de amizade e de trabalho.

Superar *desnaturalizando* a violência de gênero e geração, nas relações de intimidade, possibilita construir relações igualitárias, equânimes e de solidariedade entre os seres humanos.

Esta obra fala essencialmente disto. Apesar de certo academicismo (necessário como produto de investigação científica), deve ser lida por todos, especialmente, enfermeiros, demais profissionais da saúde, profissionais da educação, do serviço social entre outros. Deve ser lida pelos adolescentes e pré-adolescentes, por pais de filhos adolescentes ou pré-adolescentes. Sugiro que ao ler por partes, especialmente as mais conceituais, se façam rodas de conversa e discussões acerca do entendimento desta perspectiva dialetizante de gênero e geração adotadas no estudo.

Parabéns pesquisadoras, pela bela obra histórica e engajada!

Boa leitura a todas e a todos!

São Paulo, julho de 2018.

Emiko Yoshikawa Egry¹

1 Professora Titular Senior do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Brasil. Pesquisadora Produtividade do CNPq 1A. Editora-Chefe da Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (2017 - Fator de Impacto 0,743). Assessora para Assuntos Acadêmicos e de Pesquisa da Diretoria Nacional da Associação Brasileira de Enfermagem (Gestão 2016-2019).

UM ALERTA DE CABO VERDE

Este trabalho chega-nos em boa hora, na medida que nos é apresentada a violência nas relações de intimidade como um problema de saúde que deve ser levado em consideração pois, atualmente, campeia na nossa sociedade e há que pôr cobro à situação.

Segundo Minayo, 2010, a violência nas relações de intimidade é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013a, p. 7) como qualquer “comportamento por um parceiro íntimo que cause dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores”.

Acaba por se refletir como um problema social, tendo em conta que os atos praticados na intimidade provocam comportamentos não adequados no dia-a-dia de quem sofre. Danos físicos, psicológicos ou sexuais que acarretam custos elevados para o sistema de saúde e para a família, muitos acabam por enveredar pelo caminho da prostituição, do álcool e da droga para minimizar a sua dor e, para outros, o suicídio surge como fim da sua dor. Casos que vêm acontecendo e precisam atenção da nossa sociedade, de quem de direito.

Não se pode aceitar como natural a violência no namoro entre adolescentes e jovens, violência gratuita que já domina, ambos os géneros e se diz neste trabalho, a violência nas relações de intimidade na adolescência constitui um tipo de violência de género, uma vez que envolve relações de dominação-subordinação determinadas pela construção histórica e social do masculino e feminino (Guedes, Silva & Fonseca, 2009; Oliveira & Fonseca, 2014), e que, às vezes, termina em suicídio, ou porque a violência na família fez isso acontecer.

Este estudo científico que apresenta a situação dos nossos adolescentes, mostra como a maior parte viviam com padrasto, amigos e/ou colegas. Salientamos que 60,7% e 65,5% não vivem com o pai e com a mãe respetivamente, além de 74,4% não viverem com os irmãos, o que foge ao padrão de família. Vivem famílias numerosas em casas pequenas o que leva a comportamentos violentos e abusivos, sendo estes mais elevadas nos rapazes.

Também realça que a situação financeira da família acaba por ser responsável, levando os adolescentes à procura de meios e pessoas de outras classes sociais e mais velhas. A violência está presente nas relações íntimas entre géneros e gerações, ficando um apelo para desenvolver programas de prevenção primária nas escolas no início da adolescência, com a finalidade de promover relações de intimidade saudáveis e de trabalho com as famílias.

Um trabalho que todos nós educadores, famílias, sociedade cabo-verdiana, políticos e governo devemos ter em conta, pois esta situação acontece em qualquer parte do mundo. Temos a responsabilidade de trabalhar para impedir a violência em todos os seus aspetos em Cabo Verde, para termos famílias alegres onde reine a paz, o amor, o carinho e muita compreensão. Só assim teremos uma sociedade, um país e um mundo diferente.

Bem-haja por este estudo.

Dora Oriana Gomes Pires²

2 Vice-Reitora de Extensão Universitária da Universidade de Cabo Verde em S Vicente (2014 a 2016).
Deputada da Nação pelo Círculo de S Vicente.

UM RECONHECIMENTO DE ESPANHA

O princípio da igualdade entre mulheres e homens constitui a base obrigatória de uma sociedade saudável, justa, equitativa, democrática e respeitosa com o Estado de Direito. A transversalidade deste princípio, proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), também o torna um elemento essencial para o respeito dos direitos ao desenvolvimento e à paz, bem como para a consecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda de 2030. Por conseguinte, quando um estudo como o que lidamos agora conclui que os meninos justificam em maior proporção comportamentos violentos e controle sobre as meninas, que os meninos cometem violência sexual ou rejeitam menos do que as meninas violência de gênero, não podemos deixar de assumir com enorme preocupação e responsabilidade que as políticas e ações empreendidas para a realização efetiva dessa igualdade sejam insuficientes ou mal executadas, sendo imperioso e urgente uma implicação maior e mais firme no cumprimento do direito atual.

Se os nossos filhos reconhecem, em menor grau, as diferentes formas de violência de gênero, eles os praticam com um senso de impunidade e as aceitam como um comportamento normal quando ocorrem na sua presença ou têm notícias de sua comissão, promovendo assim a neutralização da reação adversa a essas violências e à sua persistência, o que significa que as gerações adultas presentes estão perdendo as suas obrigações para com seus adolescentes, a sua juventude e futuras gerações. Isso significa que estamos contribuindo para o surgimento de gerações perdidas para a realização de uma sociedade livre e igualitária e, com ela, para uma involução perigosa no nosso desenvolvimento social, cultural, ambiental e econômico. É importante lembrar que os direitos humanos são indivisíveis e interdependentes, o que implica que, se a desigualdade persistir entre mulheres e homens, sendo a violência de gênero a sua forma mais extrema, ou as conquistas alcançadas são diminuídas, o mesmo acontecerá com outros direitos humanos; se isso acontecer em lugar de nossa aldeia comum, as chances de isso acontecer em sua totalidade aumentarão, sem que ninguém se possa sentir seguro, não importa o quão pedregoso a fronteira se eleve ou constante o auto-engano a que se recorre.

Portanto, devemos reconhecer sinceramente e agradecer que a Faculdade de Enfermagem da Universidade de Múrcia tem uma sólida equipe de pessoas que desdobram todo o seu saber de pesquisa e ensino para determinar a verdadeira extensão da desigualdade e da violência de gênero, identificando as suas causas, revertendo as suas consequências,

prevenindo a sua manifestação e alcançando a transformação inevitável de uma realidade insustentável através da formação da nossa juventude. Trabalho persistente e exemplar, desenvolvido por muito tempo por esta Faculdade e que mereceu recentemente a Menção Especial das Distinções “25 de novembro”, concedida pela Comunidade Autónoma da Região de Múrcia. O seu exemplo e profissionalismo nutrem, sem dúvida, o compromisso coletivo com um melhor presente e futuro, cheio para todas as pessoas que compartilham este planeta.

Eva María Rubio Fernández³

3 Diretora da Unidade para a Igualdade entre Mulheres e Homens da Universidade de Múrcia, Espanha.

UM DESAFIO DE PORTUGAL

A violência de género é uma das mais graves violações dos Direitos Humanos, constituindo um desequilíbrio de poder entre homens e mulheres, que leva a uma grave discriminação contra estas, tanto na sociedade como na família, privando-as do exercício das liberdades fundamentais. Este tipo de violência prejudica a paz e representa um obstáculo à segurança e à democracia. O seu combate tem vindo a assumir-se como um dos objetivos nucleares para que se alcance uma sociedade mais justa e igualitária.

Dispomos hoje de um instrumento internacional jurídico inovador, aberto a qualquer país do mundo - A Convenção do Conselho da Europa para a prevenção e o combate à violência contra as mulheres e a violência doméstica, comumente designada Convenção de Istambul (2014) - que recomenda a promoção de abordagens integradas de prevenção e combate a este tipo de violência.

A violência de género, ou na especificidade deste estudo, a violência nas relações de intimidade, apesar de persistente, não é uma inevitabilidade, dado que, se foi socialmente construída pode ser socialmente eliminada, através de estratégias abrangentes (prevenção, proteção, condenação dos agressores e criminalização da violência) onde a mudança de valores, desde tenra idade, constitua uma prioridade, como as autoras defendem.

O desafio deste tipo de abordagens, onde se integra a educação para a igualdade e para a cidadania implica pensar o ser humano à luz da diversidade humana, estruturando o processo educativo em torno do desenvolvimento integral da pessoa.

A OMS, de igual modo, tem vindo a sublinhar que a violência doméstica constitui um grave problema de saúde pública, cujas consequências associadas «(...) são devastadoras para a saúde e para o bem-estar de quem a sofre (...) comprometendo o desenvolvimento da criança, da família, da comunidade e da sociedade em geral», referindo, desse modo, a necessidade de serem criados serviços na comunidade e aos níveis dos cuidados de saúde primários e secundários para apoiar as mulheres que sofrem violência doméstica, sexual ou outras formas de violência.

As intervenções integradas e interdisciplinares que as autoras propõem e a visão multicêntrica transnacional do estudo, salvaguardadas especificidades nacionais, salientam a importância de enquadramentos globais absolutamente integrados nos instrumentos internacionais mais inovadores de prevenção e combate à violência nas relações de intimidade.

Percebemos finalmente que este não é um combate das mulheres, mas um combate de homens e mulheres, que é uma questão de Direitos Humanos, e não apenas de conflitualidades familiares diversas, um compromisso que tem de ser partilhado pelo Estado e pela sociedade civil, pelos adultos e pelos jovens, por todos e todas sem exceção. Um combate onde a força da razão ponha fim às históricas relações de posse, controlo e dominação.

Parabéns às autoras pela excelência deste trabalho e pelo que ele pode representar na prevenção e combate a esta grave violação dos direitos humanos das mulheres e meninas.

Elza Pais⁴

4 Investigadora no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais - CICS - da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
Deputada, Presidente da Subcomissão da Igualdade e Não Discriminação da Assembleia da República.

APRESENTAÇÃO

A ideia de desenvolver um projeto conjunto iniciou-se nos contactos académicos entre docentes de enfermagem e pesquisadoras brasileiras e portuguesas, a partir de experiências existentes nos dois países. No Brasil, as pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa “Gênero, saúde e enfermagem”, há mais de duas décadas, consolidavam a categoria gênero como potente para a compreensão dos fenómenos que assolam a vida de homens e mulheres, entre as quais figura a violência nas relações afetivo-sexuais. Eram poucas as pesquisas com adolescentes. Em Portugal, há uma década era desenvolvido o projeto (O)Usar & Ser Laço Branco sobre a prevenção de violência nas relações de intimidade entre adolescentes. Este projeto, conduzido por docentes da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra possuía *expertise* em estabelecer relações educativas com adolescentes. Porém, fazia sentido um maior enfoque na abordagem de gênero. Assim, considerando estas experiências, resolvemos apresentar um projeto sobre violência nas relações de intimidade entre adolescentes, sob o olhar de gênero.

A esta altura, já nos conhecíamos o suficiente para fazer um *workshop* para a produção do projeto. Estávamos em outubro de 2013 e a reunião de três dias inspirada pelos eflúvios académicos de Coimbra, foi um sucesso. Elaborado o projeto, a primeira submissão para fomento não surtiu o resultado esperado, pois não foi aprovado para financiamento. No ano seguinte, no entanto, depois de reformulado, o projeto foi submetido ao CNPq, no Brasil, para concorrer na chamada para apoio a Projetos de Pesquisa / MCTI/CNPQ/ Universal 14/2014 e finalmente foi aprovado. Para nossa satisfação, agora tínhamos alguma condição financeira para o seu desenvolvimento, no Brasil.

Nesta altura, também, já contávamos com docentes da Universidade de Múrcia (Espanha) integrando o grupo de pesquisa, dadas as aparentes similaridades entre as realidades espanhola e portuguesa. A principal relevância científica do projeto estava em investigar a questão da violência nas relações de intimidade entre adolescentes em diferentes cenários internacionais, utilizando as categorias analíticas gênero e geração. Nos países envolvidos, tais estudos eram ainda em pequeno número. Para torná-lo ainda mais abrangente, a partir de 2016, foi agregado mais um país, Cabo Verde, e uma pesquisadora ao grupo.

Do ponto de vista prático, o estudo apresentava possibilidade de obtenção de elementos para transformar a qualidade da atenção à saúde no que se refere à prevenção e enfrentamento da violência nas relações de intimidade envolvendo adolescentes. Isto se

daria por meio do conhecimento das características dessa violência em diferentes cenários e do vislumbre de possibilidades de intervenção diretamente junto aos adolescentes ou junto aos profissionais responsáveis pela assistência à saúde a eles destinada.

Esperávamos também incremento dos conhecimentos dos pesquisadores e discentes envolvidos, tanto sobre o tema, como sobre as categorias analíticas a serem utilizadas (gênero, geração, violência nas relações de intimidade, adolescentes), trazendo concreta possibilidade de melhoria da capacidade crítica da equipa. Para as instituições envolvidas projetávamos aumento da produção e da divulgação de trabalhos científicos sobre o tema, com a elaboração de teses de doutoramento, dissertações de mestrado, trabalhos de iniciação científica, entre outros. Finalmente, para nossos países, em pequena ou grande monta, a contribuição seria a possibilidade de implementação das políticas públicas voltadas para adolescentes no que toca à violência nas relações de intimidade, ainda muito escassas e pouco efetivas nos cenários da pesquisa.

Diante de tudo isto, a publicação desta monografia representa a materialização do sucesso do empreendimento que, há menos de quatro anos atrás, não passava de um vislumbre. Os ganhos foram tanto acadêmicos como pessoais. Reuniões presenciais, *workshops* e muitos encontros por *skype* permitiram desenvolver um trabalho grupal intenso, prazeroso e profícuo.

Esperamos que esta seja a primeira de uma série de outras investigações multicêntricas que permitam expandir nossos limites de conhecimento sobre questões chaves da realidade de vida e saúde das populações que atendemos. Só assim, estaremos construindo uma enfermagem mais consistente e digna da confiança que lhe depositam os que por nós são cuidados.

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca

INTRODUÇÃO

A violência nas relações de intimidade (VRI) é um problema que tem impregnado as sociedades ao longo da história. É definida como “um comportamento de um parceiro íntimo que causa danos físicos, sexuais ou psicológicos, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controlo” (WHO, 2013, p. vii). Este comportamento procura estabelecer e manter o controlo sobre o parceiro⁵ íntimo.

Para além de um grave problema de saúde global, é, também, uma violação dos direitos humanos que interfere com a plena participação das pessoas na sociedade e no desenvolvimento social e económico dos respetivos países.

A VRI é um problema que atravessa todos os grupos socioeconómicos, religiosos e culturais e tem um impacto significativo na vítima, na família e na comunidade. Dependendo da gravidade e da frequência do ato, provoca alterações físicas, psicológicas e sexuais, que influenciam o projeto de vida e de saúde da pessoa (WHO, 2013). Dados obtidos numa revisão sistematizada de literatura e apresentados pela World Health Organization (WHO), estimam que 30% das mulheres sofreram violência física e/ou sexual perpetrada pelos seus parceiros íntimos, pelo menos uma vez na sua vida. Os agressores mais comuns são parceiros (ou ex-parceiros) íntimos do sexo masculino (2013).

Nos Estados Unidos, em 2011, o *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey National* aponta que mais de uma em cada quatro mulheres e mais de um em cada dez homens experimentaram violência sexual de contato, violência física ou perseguição por um parceiro íntimo. Revelam ainda que 15,2% das mulheres e 5,7% dos homens foram vítimas de perseguição durante a sua vida. As mulheres (81%) que são perseguidas por um parceiro íntimo são fisicamente agredidas e, 4 a 8% são abusadas por um parceiro íntimo pelo menos uma vez durante a gravidez (Schub, 2016).

Numa revisão de literatura realizada, por Caridade (2008), sobre VRI entre jovens verificou-se a existência de uma produção científica internacional nas duas décadas anteriores o que permitiu comprovar que se mantém como um fenómeno comum e transversal a nível mundial. Ocorre nas diferentes culturas e grupos étnicos, quer ao nível da vitimização,

5 Neste relatório sempre que se utilizar os termos parceiro e namorado, queremos-os referir as pessoas de ambos os sexos.

quer da perpetração, ainda que apresente indicadores de prevalência diferentes. A autora concluiu que a VRI não é um fenómeno exclusivo das relações maritais, sendo preponderante a violência psicológica (dos 49% aos 96%) normalmente desvalorizada, o que promove a manutenção das relações abusivas e a eventual escalada nos maus tratos praticados. A violência física oscilou entre 7,8% e 59%. Relativamente à violência sexual verificaram-se índices de prevalência entre 6,5% e 59%. Analisando a prevalência em função do género dos inquiridos a grande maioria dos estudos (80%) sugere indicadores de vitimização feminina superiores (de 28% a 39%), à masculina (10,5% a 19,3%). Estes são resultados estimados para 70% dos estudos. Contudo, para alguns estudos o inverso também é verdade, ou seja, verifica-se uma prevalência de vitimização maior entre os rapazes e de perpetração entre as raparigas. Por todos os resultados encontrados, a autora conclui que, ainda que os padrões de vitimização e perpetração da violência nas relações de intimidade juvenis apresentem menos diferenças de género comparativamente às relações maritais e, alguns resultados pareçam apoiar a tese da paridade da violência, esta está longe de ser uma leitura unânime entre os diferentes estudos.

As questões de género são marcadas por polaridades, procurando enquadrar o feminino e o masculino como categorias essencialistas ou naturais. Estas diferenças de género continuam no século XXI a reproduzir papéis estereotipados no exercício da sexualidade e na expressão de sentimentos. Em simultâneo, “os jovens de hoje ao mesmo tempo que repetem e reproduzem alguns modelos tradicionais e conservadores, recriam novas formas e novos meios de se relacionarem” (Minayo et al., 2011, p. 207-8), tais como o “ficar” e a internet.

As relações de intimidade entre adolescentes⁶ precisam também de serem analisadas com base no contexto social e histórico em que ocorrem, pois as mudanças sociais e culturais determinam a adolescência. Sabendo que a adolescência se insere na juventude e esta é compreendida como categoria permanente, isto não implica que a adolescência não mude ao longo das décadas e dos séculos, sendo a mudança determinada pelas transformações económicas, culturais e tecnológicas o que, de certo, se vai repercutir na transformação das relações de intimidade que os adolescentes estabelecem entre si (Qvortrup, 2010).

Assim, a análise da VRI entre adolescentes deve ter presente os aspetos históricos e sociais, sobretudo os referentes às relações de género e de geração (Minayo et al., 2011). A adolescência configura-se como um período da vida de grande potencial e ao

6 Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) adolescentes são as pessoas que se encontram nos limites cronológicos entre 10 e 19 anos (*adolescents*) (WHO, 2014)
Neste estudo, quando utilizamos o termo *adolescentes* estamos-nos a referir a indivíduos de ambos os sexos. Quando nos referimos às participantes do sexo feminino o termo utilizado é *as adolescentes* e quando nos referimos aos participantes do sexo masculino usamos o termo *adolescentes do sexo masculino*.

mesmo temo de significativa vulnerabilidade. É assumida como uma etapa estratégica para a promoção de relações de intimidade saudáveis e para a prevenção e resposta à VRI (Leitão, Fernandes, Fabião, Alegre de Sá, Veríssimo, & Dixe, 2013).

As experiências de VPI entre adolescentes tanto para Minayo et al. (2011) como para a WHO (2013) têm impacto na saúde física, psicológica e sexual e sugerem a construção de medidas de intervenção que ajudem a construir relações mais saudáveis e sem violência. Como atores de referência para proporcionar esta ajuda, são referidos os pais, os professores e os profissionais de saúde, que os poderão ajudar a compreender o problema, a superar os conflitos inter-relacionais e estimular relacionamentos afetivos promotores de bem-estar. Por outro lado, a intervenção na adolescência pode levar a mudanças nos comportamentos ao nível das relações de intimidade futuras (Bowen & Walker, 2015).

Por tudo o referido, entendemos que é importante conhecer e caracterizar a VRI entre adolescentes, em diferentes contextos e países – Brasil, Cabo Verde, Espanha e Portugal. Assim, desenvolvemos um estudo multicêntrico com adolescentes brasileiros, cabo-verdianos, espanhóis e portugueses com os seguintes objetivos: estimar a prevalência e tipificar as violências nas relações de intimidade, em função das características sociodemográficas; determinar o nível de conhecimentos sobre a violência nas relações de intimidade; determinar a relação entre a frequência de comportamentos de violência nas relações de intimidade e o nível de conhecimentos. Deste modo, pudemos também comparar os resultados obtidos e sustentar estratégias de enfrentamento do fenómeno.

Este relatório está organizado em duas partes. A parte um apresenta os conceitos que sustentam o estudo e algumas considerações teóricas relacionadas com a adolescência, género e, violência de género e por parceiro íntimo. A parte dois apresenta os estudos empíricos desenvolvidos nos diferentes países, terminando com a discussão conjunta dos resultados aí encontrados. O relatório termina com a conclusão do estudo.

PARTE I

CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

CAPÍTULO I

A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENTRE ADOLESCENTES

ROSA MARIA GODOY SERPA DA FONSECA
BIANCA DE CÁSSIA ALVAREZ BRANCAGLIONI

Neste capítulo será apresentado o fenômeno da violência enquanto problema de saúde pública, com referência a diferentes conceitos de violência bem como à sua natureza e tipologia. Será apresentada a problemática das relações de intimidade entre adolescentes e será dado um enfoque específico à violência neste tipo de relações à luz da categoria gênero.

1.1 A VIOLÊNCIA COMO PROBLEMA DE SAÚDE

A violência é um fenômeno histórico e social (Minayo, 2007) e, uma vez que ocorre no âmbito das relações sociais humanas e é inerente a estas, necessita ser compreendida de modo articulado à sociedade que a produz e ao período histórico considerado. Isto, a fim de que se possam entender os diferentes significados que assume e as particularidades das suas manifestações (Minayo, 2010). Por constituir um processo destrutivo à vida e saúde dos seres humanos e, portanto, determinar o surgimento de doenças e morte, a violência tem sido incluída na agenda do setor saúde. A violência é definida como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (World Health Organization, 2002, p. 5).

Devido à ampla gama de manifestações que o termo violência designa, as violências podem ser classificadas em diferentes tipos e naturezas. Quanto aos tipos, as violências podem ser subdivididas em: violências auto-inflingidas, interpessoais e coletivas. No que se refere à natureza, as expressões da violência incluem os abusos físicos, psicológicos e sexuais e as negligências (Minayo, 2010).

As violências auto-inflingidas abrangem os comportamentos suicidas e auto-abusos, sendo os primeiros relativos aos suicídios, às ideações suicidas e às tentativas de suicídio. Os auto-abusos incluem as auto-agressões e automutilações (Minayo, 2010). As violências interpessoais podem ser subdivididas em dois grupos: o da violência intrafamiliar e nas relações de intimidade, e o subgrupo da violência comunitária (World Health Organization, 2002). A violência intrafamiliar refere-se às violências que ocorrem entre membros da família, tendo como local privilegiado o ambiente doméstico. São exemplos de violência intrafamiliar a que ocorre contra crianças e adolescentes e contra idosos (Minayo, 2010).

A violência nas relações de intimidade é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013a, p. 7) como qualquer “comportamento por um parceiro íntimo que cause dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores”. A violência comunitária refere-se às violências que ocorrem no ambiente social, tendo como agressores pessoas conhecidas ou desconhecidas. A violência juvenil, os ataques sexuais e a violência institucional podem ser classificados como violência comunitária. A violência coletiva inclui as violências que ocorrem no âmbito macrossocial, político e econômico, contemplando, por exemplo, os atos terroristas, as guerras e a violência estrutural (Minayo, 2010).

No cenário brasileiro, observa-se que a violência contra crianças e adolescentes constituiu a primeira aproximação do setor da saúde com a temática da violência. Produzindo textos e promovendo debates, pediatras, epidemiologistas e psiquiatras têm denunciado a violência contra crianças e adolescentes e as suas consequências para o crescimento e desenvolvimento humano. Outra importante aproximação daquele setor em relação à temática da violência, ocorreu devido à pressão dos movimentos feministas que incluíram na agenda da saúde a necessidade de enfrentar a violência contra a mulher não a limitando ao tratamento das lesões e traumas (Minayo, 2007).

Os movimentos feministas têm evidenciado que a violência contra as mulheres está fundamentada no gênero, conceito que pressupõe que as diferenças biológicas existentes entre os sexos assumem distintos significados, de acordo com a sociedade e o momento histórico considerado (Fonseca, 2012). Esses movimentos têm atuado de modo a promover a incorporação da perspectiva de gênero nas diversas instituições sociais (Minayo, 2010), destacando o caráter histórico e social das relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, entre mulheres e entre homens. Isto tem permitido compreender que, de um modo geral, se observe no decorrer da história que as posições sociais de maior prestígio e poder têm sido ocupadas por homens (Oliveira, 2008).

Por consequência, as mulheres têm ocupado posições de subalternidade que lhes determinam condições de vida extremamente precárias, como a subvalorização do trabalho feminino, aumento da carga de trabalho, dificuldade de aceder aos serviços de saúde, agressões físicas, sexuais e psicológicas e feminicídios (Fonseca, 2012; OMS, 2009). Entre as violências que afetam as mulheres, a violência exercida nas relações de intimidade corresponde aos maus-tratos mais frequentes na vida das mulheres (Schraiber et al., 2007; WHO, 2013). Além de causar elevado número de mortes (Waiselfisz, 2012), esta violência caracteriza-se pelas frequentes agressões vivenciadas quotidianamente (Guedes, Silva & Fonseca, 2009; Oliveira, 2011).

1.2 A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

De acordo com revisão sistemática da literatura conduzida pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2013), estima-se que 30% das mulheres tenham sofrido violência física e/ou sexual perpetrada nas relações de intimidade ao menos uma vez na vida contudo, é frequente esta reincidência.

Deste modo, a contradição entre amor e violência contribui para o surgimento de sentimentos de impotência, decepção e desesperança frente às agressões (Guedes, Silva, & Fonseca, 2009). Embora nem sempre resultem em lesões visíveis, são marcadas por intenso sofrimento e danos à saúde física, mental, sexual e reprodutiva das mulheres (Guedes, Silva, & Fonseca, 2009; Oliveira, 2011).

Sob a perspectiva de género, compreende-se que a violência nas relações de intimidade está fundamentada na assimetria de poder existente nas relações sociais entre os sexos, sendo que tal assimetria se traduz em relações de força e dominação (Guedes, Silva, & Fonseca, 2009). A construção histórica e social do feminino e do masculino tem-se revelado como determinante de diversas formas de violência, entre elas a violência nas relações de intimidade. Assim, homens e mulheres encontram-se envolvidos na manutenção da violência, ao reproduzirem contravalores construídos socialmente e que contribuem para a manutenção da assimetria de poder entre os sexos (Oliveira & Fonseca, 2014).

Observa-se que a construção hegemónica da masculinidade vincula os homens à força e ao exercício do poder por meio da dominação, o que, por sua vez, leva ao maior envolvimento dos homens nas agressões às suas parceiras (Oliveira & Fonseca, 2014). Por outro lado, a construção hegemónica de feminilidade associa as mulheres à obediência e subordinação, podendo determinar, por exemplo, a naturalização da violência (Guedes, Silva, & Fonseca, 2009; Oliveira & Fonseca, 2014). Como aponta Oliveira (2011), em estudo sobre as necessidades de saúde de mulheres que vivenciaram violência de género, foi observado que a violência sexual perpetrada pelo parceiro assumia o significado de

“violência consentida”, devido à compreensão de que ter relações sexuais com o parceiro, ainda que contra a própria vontade, seria uma obrigação das esposas.

Em Portugal, os resultados obtidos no Inquérito Nacional sobre Violência de Género realizado em 2007 e representativo da população com 18 ou mais anos, permitiram verificar uma diminuição da prevalência da vitimização das mulheres – quer nos últimos 12 meses, quer nos anos anteriores – relativamente ao inquérito de 1995: 48% em 1995 e 38,1% em 2007. No inquérito de 2007 e considerando só as mulheres que foram vítimas no último ano (12,8% de todas as inquiridas), metade foram alvo de atos criminalizados sob a forma de violência doméstica. Levando mais longe a análise comparativa e considerando os mesmos atos praticados em 1995 e 2007, nos últimos 12 meses, e que ocorrem no espaço da casa ou são perpetrados por familiares (incluindo namorados e companheiros, atuais ou passados), nota-se uma diminuição da prevalência das vítimas (13,1% para 6,1%). Apesar da melhoria global na prevalência, a violência sobre as mulheres por parceiros íntimos continua a afetar, nos dois inquéritos, mais de 50% do total das vítimas do mesmo período de tempo (Lisboa, Barroso, Patrício, & Leandro, 2010). Tal como em 1995, em 2007, a natureza da violência exercida contra as mulheres assume pesos estatísticos diferentes em relação ao total de vítimas - física (22,6%), sexual (19,1%) e psicológica (53,9%), verificando-se uma diminuição da prevalência das sobreviventes / vítimas de violência sexual e um ligeiro aumento na violência física e psicológica.

A violação dentro das relações de conjugalidade, em Portugal, é ainda um fenómeno oculto e pouco assumido pelas próprias sobreviventes/vítimas (Lisboa et al., 2010). Os resultados relativos à vitimação, dos homens com 18 ou mais anos, revelam que estes também disseram terem sido vítimas de violência (49,7%). No entanto, se compararmos os atos relativos à violência doméstica nos últimos doze meses, verifica-se que a probabilidade de poder acontecer com os homens é cerca de três vezes menor do que com as mulheres. Os resultados revelam ainda que enquanto as mulheres são vítimas sobretudo de homens (mais de 75% dos casos), os autores da violência exercida contra os homens são também homens, em percentagens equivalentes às das mulheres. Mesmo na violência psicológica, que o senso comum e algumas ideologias atribuem às mulheres, são os homens os principais autores (70,9% nas mulheres sobreviventes / vítimas e 71,2% nos homens; Lisboa et al., 2010). Também existe diferença quanto ao tipo de reação das vítimas aos atos de violência: nos homens prevalece a “reação violenta” e a “participação às forças policiais”, enquanto as mulheres optam por “ir calando e não fazer nada”. Apesar do aumento do número de participações à polícia em relação a 1995, particularmente no que se prende com os atos de maior gravidade, a percentagem das denúncias feitas pelas mulheres raramente se situa acima dos 10% (Lisboa et al., 2009). Nos dados analisados é de salientar o peso dos atos que podem configurar situações de risco para as sobreviventes/vítimas, como sejam as “ameaças de morte” e as “ameaças de armas de fogo/brancas”. Estes casos podem aumentar de gravidade quando ocorrem

em contextos de crescente conflitualidade interpessoal, em que o autor, homem, sente afetada a sua masculinidade. As mudanças sociais verificadas nas últimas décadas, especificamente no domínio da igualdade de género e no combate da violência contra as mulheres, são normalmente acompanhadas de uma conflitualidade acrescida dos atores sociais envolvidos, particularmente quando estão em causa relações de poder. Tendo em consideração que os autores destas ameaças são sobretudo homens, cuja relação de parentesco com a vítima é de marido/companheiro (ou ex) namorado (ou ex), será por isso de admitir a hipótese que, nesta fase de transição, o reforço das ameaças de morte possa estar associado a condutas de resistência dos atores sociais que, em última análise, percebem que o seu poder e influência na relação está em causa (Lisboa et al., 2010).

Ao serem analisadas as taxas de mortalidade por feminicídio no Brasil, percebe-se que a violência possui desfechos trágicos para as mulheres brasileiras, tendo resultado, no ano de 2010, em 4.465 mortes (Waiselfisz, 2012). Tais taxas também revelam que as adolescentes e jovens com idade de 15 a 24 anos são as principais vítimas de feminicídio, apresentando, no ano de 2011, taxa de mortalidade de 7,1 a cada 100 mil mulheres nessa faixa etária. A taxa de mortalidade por feminicídio entre as mulheres com idade inferior a 15 anos e superior a 24 anos, foi de 4,1 a cada 100 mil mulheres (Waiselfisz, 2013).

Ainda no Brasil são encontrados resultados semelhantes ao serem analisados os atendimentos de mulheres devido à violência física registrados no SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação). Os dados indicam que no ano de 2011, na faixa etária dos 15 aos 19 anos, 30,9% dos atendimentos de mulheres devido à violência física foram realizados em consequência das agressões perpetradas pelo parceiro ou ex-parceiro. Ao considerarmos a faixa etária dos 20 aos 29 anos, esses números sobem para 63,3% dos atendimentos (Waiselfisz, 2012).

Os dados indicam a gravidade da violência perpetrada pelo parceiro íntimo e apontam para a magnitude desse fenómeno na vida das mulheres adolescentes e jovens. Uma vez que os dados apresentados representam apenas os casos cuja gravidade resultou na morte das vítimas ou em lesões que precisaram de atendimento em serviços de saúde, compreende-se que a violência vivenciada por essas mulheres nas relações de intimidade pode assumir dimensões ainda maiores.

Em Espanha no ano de 2016, de acordo com dados publicados pelo Instituto Nacional de Estadística (INE), a manifestação mais extrema da violência de género é o feminicídio em que os autores são os parceiros ou ex-parceiros. Neste ano morreram 44 mulheres, sendo em aproximadamente 50% dos casos atuais parceiros (cônjuges, companheiros sentimentais ou noivos) e na outra metade eram ex-companheiros ou estavam em fase de rutura da relação. As vítimas mortais com 30 ou menos anos foram 18% tendo a

maioria (72%) entre 31 e 64 anos. Com menos de 20 anos a percentagem de mortes foi de 2,3%. Tal como nos outros países a violência nas relações de intimidade em Espanha afetam as mulheres de todas as idades, classes sociais, situações laborais, escolaridade, ideologia e religião (INE, 2016).

Em Cabo Verde a violência doméstica é apresentada como a forma mais frequente de violência contra as mulheres. É também considerada como um dos sintomas mais visíveis da desigualdade de poder, mais registada em zonas urbanas, entre as mulheres que têm escolaridade e são divorciadas ou separadas. O risco de serem agredidas pelos maridos, ex-maridos ou companheiros é nove vezes maior do que sofrerem uma agressão na rua (Pina, 2010).

A VRI entre adolescentes em Cabo Verde é uma realidade frequente, de acordo com Monteiro (2017), no entanto a autora numa revisão de literatura que efetuou não encontrou estudos ou dados disponíveis sobre o tema.

Estudos internacionais têm abordado a violência nas relações de intimidade na adolescência, sendo percebido que as características das relações estabelecidas por adolescentes são distintas daquelas presentes nos relacionamentos de adultos e jovens (Cutter-Wilson & Richmond, 2011; Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004; Minayo, Assis, & Njaine, 2011) que frequentemente moram juntos, são casados, compartilham finanças e deveres em relação aos filhos (Cutter-Wilson & Richmond, 2011; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004). Além disso, as relações entre adolescentes também apresentam diferenças na duração, no compromisso, no grau de envolvimento sexual e na forma de resolução de conflitos, sendo tais características importantes para a compreensão da violência nesse contexto (Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Assim, é necessário compreender as peculiaridades das relações de intimidade entre adolescentes de modo articulado ao contexto histórico e social dos mesmos.

1.3 AS RELAÇÕES DE INTIMIDADE NOS ADOLESCENTES

Por se tratarem de relações sociais humanas, as relações de intimidade entre adolescentes necessitam ser analisadas de modo articulado à sociedade na qual eles estão inseridos, bem como ao contexto histórico em que ocorrem essas relações, uma vez que as mudanças sociais e culturais determinam a transformação da adolescência (Qvortrup, 2010) e, conseqüentemente, das relações que os adolescentes estabelecem (Bauman, 2004; Silva, 2002).

Nessa perspectiva, a juventude, categoria na qual se encontra inserida a adolescência, é compreendida como categoria permanente, ou seja, como um componente da estrutura

social. Portanto, a adolescência é constantemente preenchida e esvaziada pelos sujeitos que a compõem, o que caracteriza a sua continuidade no transcorrer da história. Apesar disso, a adolescência também muda, sendo essa mudança determinada, por exemplo, pelas transformações na economia, na cultura e na tecnologia (Qvortrup, 2010). Assim, a adolescência da segunda metade do século XX apresenta características muito diferentes da adolescência do século XXI, devido às transformações mencionadas anteriormente.

Por consequência, as relações de intimidade entre adolescentes também passaram por profundas transformações. As guerras mundiais colaboraram para a flexibilização das relações sexuais, uma vez que a intensificação do medo da morte fez com que fosse buscado o prazer imediato por meio dessas relações. O advento da psicanálise, que iniciou a discussão sobre a sexualidade desde a infância, considerando o prazer sexual como algo necessário e saudável, também propiciou as transformações ocorridas nos relacionamentos íntimos (Matos, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2005; Oliveira et al., 2007).

Outros eventos de grande importância foram os movimentos feministas, que possibilitaram a emancipação das mulheres, bem como o reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos. O surgimento da pílula anticoncepcional desvinculou sexo e reprodução biológica e o desenvolvimento dos meios de comunicação facilitou a circulação rápida das informações e possibilitou novas formas de interação, propiciadas principalmente pela internet (Bauman, 2004; Matos, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2005).

Atualmente, as relações de intimidade entre adolescentes brasileiros têm-se caracterizado pela tensão liberdade-responsabilidade, sendo o primeiro aspecto representado pelas relações denominadas “pegar” e “ficar”, e o segundo representado principalmente pelo namoro (Oliveira et al., 2007). O “pegar” pode ser caracterizado como um ato espontâneo, sem compromisso, centrado mais no interesse físico e motivado pela beleza ou pela sensualidade (Oliveira et al., 2007). Já o “ficar” pode ser caracterizado como uma fase de atração sem maiores compromissos e que pode envolver desde beijos até contactos sexuais. Situado em posição intermédia entre o “pegar” e o namorar, o “ficar” pode assumir características do primeiro ou do segundo (Oliveira et al., 2007). Entretanto, como destacam Minayo, Assis e Njaine (2011), ainda que para fins de estudo sejam formuladas definições sobre os relacionamentos de intimidade entre adolescentes, é observada uma confusão entre os limites dessas práticas que se atravessam e escapam a categorizações.

1.4 VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE EM ADOLESCENTES

A violência nas relações de intimidade na adolescência tem sido abordada predominantemente nos estudos científicos internacionais, sobretudo nos países norte-americanos, nos quais

é denominada “*dating violence*” ou “*courtship violence*”. Os termos violência no namoro, violência nas relações afetivas e violência nas relações afetivo-sexuais também têm sido utilizados quando se pretende referir as agressões psicológicas, sexuais e físicas vivenciadas e perpetradas por adolescentes nas suas relações de intimidade (Minayo, Assis, & Njaine, 2011; Murta et al., 2013; Ruzany et al., 2003; Taquette et al., 2003).

No presente estudo, optou-se pela utilização do termo violência nas relações de intimidade entre adolescentes, uma vez que esse termo também abrange parcerias informais (WHO, 2013), como o namoro e o “ficar”. É compreendida como qualquer violência psicológica, física ou sexual vivenciada ou perpetrada pelos adolescentes nas suas relações afetivas e sexuais.

Esta forma de violência é um fenómeno de elevada magnitude e gravidade (Cutter-Wilson & Richmond, 2011; Muñoz-Rivas et al., 2007; Ortega, Rivera, & Sánchez, 2008; Swart, Stevens, & Ricardo, 2002), sendo relatadas como consequências as lesões e mortes decorrentes das agressões, agravos à saúde sexual, à saúde reprodutiva e à saúde mental, tais como depressão, ansiedade e pensamentos suicidas, além de uso abusivo de álcool, drogas e cigarro (NCFV, 2006; Silverman et al., 2001). A literatura também tem apontado a relação entre a violência nas relações de intimidade na adolescência e juventude e a violência conjugal, indicando que casais jovens que perpetraram violência nas relações de namoro tendem a perpetrá-la também nos relacionamentos conjugais indicando, assim, uma aprendizagem da violência como forma de comunicação (Frieze, 2000; Prospero, 2006) e como resultado da desigualdade de poder existente entre homens e mulheres (OMS, 2012).

A perspetiva de género tem-se mostrado potente para a compreensão da violência nas relações de intimidade em qualquer momento da vida, inclusivé na adolescência. Entretanto, a articulação entre género e violência nas relações de intimidade na adolescência é um tema pouco abordado (Oliveira et al., 2016). Embora as relações de intimidade dos adolescentes tenham passado por transformações profundas, percebe-se que normas tradicionais de género continuam a ser reproduzidas pelos adolescentes, determinando as agressões que sofrem e perpetram independentemente do sexo estes (Castro, 2009; Minayo, Assis & Njaine; 2011).

Entre tais agressões, a violência psicológica tem sido a mais frequente, sendo relatadas a vivência e a perpetração de ameaças, insultos, humilhações, comportamentos hostis e controladores (Fernández-Fuertes, Fuertes, & Pulido, 2006; Jezl, Molidor, & Wright, 1996; Minayo, Assis, & Njaine, 2011; Muñoz-Rivas et al., 2007; Wolfe et al., 2001). Estudo realizado com 2416 adolescentes e jovens espanhóis revelou percentuais de perpetração e de vitimização de violência verbal superiores a 90% em ambos os sexos (Muñoz-Rivas et al., 2007).

Estudo realizado na Austrália (Murphy & Smith, 2010) evidenciou que 60% das adolescentes relataram terem vivenciado ciúmes e comportamentos possessivos perpetrados pelo parceiro. Resultados semelhantes foram encontrados entre adolescentes do sexo feminino da Tailândia, em estudo sobre as percepções das adolescentes quanto ao namoro e à violência nas relações de intimidade (Thongpriwan & McElmurry, 2009). Das 24 adolescentes entrevistadas, 81% declararam ter vivenciado comportamentos de controlo, tais como: dizer à parceira onde ela deveria ir; criticar a roupa da parceira e exigir que ela se trocasse antes de sair; proibir que tivesse amigos do sexo masculino; e negar à parceira a possibilidade de decidir o que fariam juntos. Com base nesses dados percebe-se que as mulheres ainda são vistas como objetos do poder masculino, o que tem determinado a vivência de privações frequentes nas suas vidas.

No Canadá, pesquisa com 1.259 adolescentes (Boivin et al., 2012) revelou que 13,6% dos participantes relataram terem vivenciado e também perpetrado violência física, sendo 16,6% do sexo feminino e 9,0% do sexo masculino. Entretanto, ao serem consideradas as agressões físicas severas, percebe-se que os adolescentes relatam maiores percentuais de perpetração (Foshee et al., 2011; Swart, Stevens, & Ricardo, 2002). Sob a perspectiva de género, compreende-se que esses dados são determinados pela construção social hegemónica de masculinidade, que tem a agressividade como um dos seus elementos centrais (Gessner, Brancaglioni, & Fonseca, 2015), sendo os adolescentes incentivados a resolver os conflitos de forma violenta.

Relativamente à violência nas relações de intimidade entre os adolescentes verifica-se que a investigação em Portugal não é representativa desta população. Contudo, os resultados obtidos são convergentes entre os diferentes estudos e corroboram os resultados internacionais – anteriormente referidos - ou seja, a violência existe não só entre os jovens adultos, mas também entre os adolescentes (Caridade, 2008).

No Brasil, estudo realizado em 2013, com adolescentes com uma média de idade de 14 anos, os autores verificaram que 35% já tinham sido vítimas de alguma forma de violência: 12% verbal, 8% psicológica e 4,5% física (Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães, Oliveira, & Ribeiro, 2015).

Embora as agressões tenham sido apresentadas separadamente a fim de facilitar a compreensão, a co-ocorrência de diversas violências nas relações de intimidade entre adolescentes é um fenómeno frequente (Miller et al., 2010; Thongpriwan & McElmurry, 2009; Minayo, Assis, & Njaine, 2011), sendo que 24,9% dos participantes relataram conviver com a violência física, sexual e psicológica em suas relações de intimidade, 32,3% com a violência psicológica e sexual e 7,9% com violência física e sexual (Minayo, Assis & Njaine, 2011).

Estes dados, pela sua magnitude, evidenciam que a violência entre adolescentes é, também, um fenómeno grave, envolve vários fatores e merece uma atenção específica, pois a violência praticada nas relações de namoro é preditiva da violência na conjugalidade. À semelhança da violência nas relações de intimidade entre adultos, entre adolescentes a violência atravessa e entranha-se em todos os grupos e segmentos das sociedades, está atravessada por questões culturais, em permanente tensão, bem como, produz e reproduz modelos e modos de ser e de estar no mundo e especificamente nas relações de intimidade (Minayo Assis & Njaine, 2011).

O género também determinou a vivência e perpetração de violência sexual nas relações de intimidade entre adolescentes em estudo canadiano realizado por Wolfe et al. (2001), que encontraram diferentes percentuais de vitimização sexual entre adolescentes de ambos os sexos. Entre os do sexo masculino, o percentual de vitimização foi de 36%, já as adolescentes relataram 43% de vitimização. Quanto à perpetração de violência sexual, 37% dos adolescentes do sexo masculino e 24% das adolescentes relataram terem perpetrado violência sexual contra o(a) parceiro(a) (Wolfe et al., 2001). Percebe-se que a visão da mulher como objeto a serviço do prazer masculino tem determinado a manutenção da violência sexual nas relações de intimidade (Fonseca, 2012).

Observa-se que a subalternidade de geração determina importante vulnerabilidade à violência nas relações de intimidade na adolescência, e, no caso das meninas, a subalternidade de geração conflui com a subalternidade de género. Deste modo, é interdito o diálogo entre adolescentes e adultos, o qual se tem mostrado importante para a prevenção da violência nas relações de intimidade na adolescência e para auxiliar os adolescentes que vivenciam relações violentas (Foshee et al., 2012; Minayo, Assis, & Njaine, 2011; Wiklund et al., 2010). Assim, os adolescentes de ambos os sexos têm vivenciado a desigualdade de poder existente entre as gerações, tanto no âmbito intrafamiliar quando as famílias são autoritárias, quanto no âmbito público, como pode ocorrer nos serviços de saúde em que as equipas estabelecem relações de poder hierárquicas e desiguais com os adolescentes. Em ambos os casos, resulta no desamparo dos adolescentes ao vivenciarem violência nas relações de intimidade.

Percebe-se também que, mesmo nas famílias que não assumem posturas autoritárias, o relacionamento inter geracional pode constituir um problema quando os pais ou outros adultos não conversam com os filhos sobre as relações que eles estabelecem (Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Assim, os adolescentes também não iniciam esses diálogos com os pais, por vergonha, medo da sua reação ou por acreditarem que os pais não saberiam aconselhá-los. Assim, os adolescentes de ambos os sexos relataram procurarem outros jovens nas situações em que necessitam de ajuda devido a problemas na relação (Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Entre as pessoas procuradas pelos participantes, os amigos e irmãos foram os mais mencionados, percebendo-se que na maioria das

vezes não souberam como auxiliar os adolescentes neste domínio (Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Assim, os adolescentes tem relatado que apenas compartilham sobre as agressões com os familiares nos momentos em que essas se tornam mais severas (Wiklund et al., 2010).

A situação das dolescentes tornase ainda mais desfavorável, pois, apesar delas considerarem o diálogo com os pais como algo importante, também relatam o controlo excessivo que estes exercem sobre os seus relacionamentos de intimidade. Esta situação não ocorre com os adolescentes do sexo masculino, que estabelecem com o pai uma relação de cumplicidade, baseada nas construções hegemónicas de masculinidade centradas na virilidade masculina (Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Assim, as relações de intimidade estabelecidas pelas adolescentes ainda são marcadas por normas tradicionais de género, que reservam às mulheres papéis de castidade e submissão (Amaral, 2005), os quais podem ser rompidos nas relações de intimidade, tendo como consequência possível os sentimentos de medo e culpa mencionados pelas adolescentes (Thongpriwan & McElmurry, 2009).

Outra dificuldade vivenciada pelos adolescentes diz respeito ao término das relações violentas, principalmente quando, apesar das agressões, os adolescentes ainda amam os parceiros (Thongpriwan & McElmurry, 2009; Wiklund et al., 2010). Estudo realizado na Tailândia, já referido, revelou que 83% das meninas relataram o amor como impeditivo do término das relações (Thongpriwan & McElmurry, 2009), sendo os pedidos de perdão, a convivência constante na escola, a ameaça de suicídio pelo parceiro e o entendimento de que a violência não se irá repetir, foram algumas das razões relatadas pelas adolescentes para manterem as relações. Tendo em vista esse resultado, é possível concluir que a construção hegemónica de feminilidade também pode dificultar a saída das adolescentes das relações violentas, uma vez que a idealização do amor pode impedi-las de terminarem a relação. Além disso, o facto de a mulher ser vista como responsável pelo desfecho das relações de intimidade também pode constituir outra dificuldade para as adolescentes, tal como observado por Minayo, Assis, e Njaine (2011), que indicaram que as participantes relataram com frequência o sentimento de culpa pela relação não ter dado certo.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A ADOLESCÊNCIA

ROSA MARIA GODOY SERPA DA FONSECA
BIANCA DE CÁSSIA ALVAREZ BRANCAGLIONI

De acordo com a WHO (2014), a adolescência é o período compreendido dos 10 aos 19 anos de idade. Frequentemente concebida como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, a adolescência tem sido caracterizada em diversos estudos pelas transformações fisiológicas ocorridas na puberdade, as quais desencadeariam mudanças psicológicas e sociais que resultariam na maturidade, essa última atribuída ao organismo adulto (Peres & Rosenburg, 1998; Oliveira & Eгры, 1997).

Percebe-se que essa concepção reforça a supremacia social do adulto, ao indicá-lo como auge do desenvolvimento humano e como um padrão de maturidade a ser alcançado. Nessa perspectiva, o adolescente é definido:

[...] por oposição à criança e ao adulto, por suas características e necessidades peculiares, é mais que um menos que o outro. Visto como um ser em transição, é de certo modo “desqualificado”, pois lhe faltam as habilidades e competências do adulto (Oliveira & Eгры, 1997, p. 12).

Outros aspetos a serem considerados são a suposta homogeneidade presente no conceito de adolescência e o papel dessa para ocultar as desigualdades sociais existentes entre os adolescentes (Oliveira & Eгры, 1997; Soares, Avila & Salvetti, 2000). Como apontam Peres e Rosenburg (1998, p. 64), essa concepção:

[...] traz implícita a idéia de uma evolução natural do ser humano, linear, independente das condições concretas de sua existência [...] ou seja, um processo que se opera segundo um determinismo pré-estabelecido, imanente ao desenvolvimento humano, apesar dos sujeitos em sua diversidade cultural e sua desigualdade social.

Deste modo, considera-se que tal concepção torna a adolescência homogênea devido à ideia central do conceito estar fundamentada na sua dimensão biológica, como se os seres humanos crescessem e se desenvolvessem isoladamente e de modo independente da organização social. Tal organização é reconhecidamente perpassada por sistemas de privilégios fundamentados na classe social, no gênero, na geração, na raça/etnia, entre outros sistemas. Assim, naturalizar tais questões contribui para ocultar as desigualdades sociais existentes entre os adolescentes, “[...] diluindo-se identidades e, portanto, percepções e ações críticas às suas lógicas” (Castro, 1992, p. 61).

Contrapõe-se a esse conceito a compreensão da adolescência como construção histórica, social e cultural, que considera que a dimensão biológica necessita ser compreendida à luz do contexto histórico e social no qual se insere o ser (Oliveira & Egry, 1997). As autoras compreendem que nas diferentes sociedades existem conceitos distintos de adolescência “[...] e que mesmo em uma dada sociedade, num determinado momento histórico, coexistem concepções diferenciadas de adolescente, segundo a classe social, a religião, a etnia, o gênero [...]” (1997, p. 17).

Trata-se, portanto, de uma concepção de adolescência que considera a pluralidade do ser adolescente, aspecto de fundamental importância para a análise da violência nas relações de intimidade, uma vez que é um fenômeno vivenciado por adolescentes do atual momento histórico, inseridos em diferentes sociedades e envolvidos em relações determinadas pelo gênero, geração, classe social, raça/etnia entre outras categorias sociais.

1.1 AS CATEGORIAS GÊNERO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO PARA A COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE NA ADOLESCÊNCIA

O conceito de gênero teve a sua origem nos movimentos feministas, tendo sido elaborado a fim de destacar o caráter histórico e social das desigualdades observadas entre homens e mulheres (Fonseca, 2012). Foi no final do século XVIII, período marcado por intensas lutas sociais pela cidadania, que as reivindicações das mulheres pela igualdade de direitos começaram a adquirir maior visibilidade. Publicada em 1790, a “Vindicação dos direitos da mulher”, escrita pela inglesa Mary Wollstonecraft, reivindicava às mulheres o direito de cidadania, incluindo a participação política, a educação feminina e a independência econômica (Fonseca, 1999; Fonseca, 2008; Jácome, 2007) .

No ano seguinte, no contexto da Revolução Francesa, Marie Gouze, conhecida como Olympe de Gouges, elaborou na França a “Declaração dos direitos da mulher e da

cidadã”. A autora criticava a conduta injusta da autoridade masculina por ter excluído as mulheres, crianças e homens pobres do contrato social civilizatório presente na “Declaração dos direitos do homem e do cidadão” e reivindicou também para as mulheres a igualdade de direitos (Fonseca, 1999; Fonseca, 2008; Jácome, 2007).

Apesar de tais manifestações, foi apenas no século XX que surgiram os movimentos organizados de mulheres, lutando inicialmente por importantes direitos políticos e civis, como o direito ao voto e à educação (Jácome, 2007; Meyer, 2004). Conhecida como primeira onda do feminismo, esses movimentos contribuíram para a revisão da “Declaração dos direitos do Homem e Cidadão”, substituída pela “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, assinada em 1948. Entretanto, apesar desse documento ter colaborado para que mulheres de diversos países conquistassem o direito ao voto, à educação, à segurança e ao lazer, elas ainda vivenciavam condições de vida e trabalho extremamente precárias. Assim, a segunda onda dos movimentos feministas chegou ao espaço acadêmico, inicialmente para descrever as relações entre os sexos, com o objetivo de denunciar as desigualdades entre homens e mulheres e, posteriormente, para compreender e explicar essas desigualdades (Fonseca, 1999; Jácome, 2007; Meyer, 2004).

Originada nos países ocidentais, no contexto pós-segunda guerra mundial, a segunda onda fortaleceu-se nas décadas de 60 e 70 do século XX. No Brasil, esses movimentos adquiriram destaque durante a redemocratização da sociedade brasileira, ocorrida na década de 1980 (Jácome, 2007; Meyer, 2004). Apesar das diferentes teorias e práticas adotadas pelas feministas, esses movimentos tiveram em comum a resistência à naturalização das relações hierárquicas, desiguais, entre homens e mulheres (Fonseca, 2008; Meyer, 2004), uma vez que, principalmente naquele momento histórico, as diferenças biológicas entre os sexos eram frequentemente utilizadas para legitimarem a subalternidade social das mulheres. Deste modo, o termo gênero passou a ser utilizado pelas feministas para enfatizar o caráter histórico e social das desigualdades entre os sexos, revelando assim possibilidades de transformação da realidade (Louro, 1996). Como destaca Fonseca (2008, p. 15), o conceito de gênero pressupõe:

[...] a compreensão das relações que se estabelecem entre os sexos na sociedade, diferenciando o sexo biológico do sexo social. Enquanto o primeiro refere-se às diferenças anatomo-fisiológicas, portanto, biológicas, existentes entre os homens e as mulheres, o segundo diz respeito à expressão que assumem essas diferenças nas distintas sociedades, no transcorrer da história.

No Brasil, o uso do gênero adquiriu visibilidade na literatura científica da área da saúde no início de 1990, período no qual os estudos passaram a abordar o aspeto relacional do conceito e a enfatizar as diferenças e assimetrias de poder, influenciados principalmente

pela historiadora Joan Scott. Utilizando o conceito foucaultiano de poder, que nega a existência de um poder único e centralizado, a historiadora utiliza o gênero como categoria de análise, ao explicar como foram produzidas e legitimadas as desigualdades de poder entre homens e mulheres no decorrer da história (Araújo, Schraiber, & Cohen, 2011).

Para Scott, a categoria gênero pode ser definida como um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos, e também como forma básica de representar as relações de poder (Scott, 1991). Deste modo, a autora confere ao conceito de gênero um estatuto teórico e metodológico (Meyer, 1996). Na primeira parte do conceito, na qual se refere ao gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, Scott (1991) estabelece que a compreensão dos efeitos do gênero nas relações sociais e na organização social, deve ocorrer a partir da relação entre: os símbolos culturalmente disponíveis; os conceitos normativos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas; a organização social e suas instituições; e a construção das identidades subjetivas. Por fim, a autora também discute como o gênero é um modo primeiro de significar as relações de poder. Como aponta Meyer (1996, p. 49-50):

“O que tal discussão concretamente indica é que essa perspectiva teórica parece permitir ampliar a compreensão da dinâmica de funcionamento dos processos pelos quais a hierarquia de gênero – que não só modula a relação de homens e mulheres, mas estrutura e recorta o social – é construída e, continuamente, reconstruída, reformulada e legitimada. Ela permite compreender que instâncias possuem a autoridade para *dizer* o que e em quais circunstâncias. Mais ainda, ela traz implícita a necessidade de desconstruir o processo pelo qual aquilo que é dito sobre mulheres e homens, feminino e masculino é produzido e como esta produção anuncia, endossa ou reformula construções de gênero”.

Deste modo, a categoria gênero é potente para a compreensão da violência nas relações de intimidade na adolescência por se tratar de relações de poder estabelecidas entre os sexos e determinadas pela construção histórica e social das feminilidades e masculinidades.

Também é necessário considerar que a violência nas relações de intimidade na adolescência constitui um tipo de violência de gênero, uma vez que envolve relações de dominação-subordinação determinadas pela construção histórica e social do masculino e feminino (Guedes, Silva, & Fonseca, 2009; Oliveira & Fonseca, 2014).

Embora os adolescentes do sexo masculino e as adolescentess adolescentes possam vivenciar violência de gênero nas relações de intimidade, este é um fenômeno que incide principalmente sobre as adolescentess (Minayo, Assis, & Njaine, 2011), uma vez que elas estão inseridas numa sociedade androcêntrica, na qual as mulheres ocupam posições de subalternidade social (Fonseca, 2012).

Como aponta Bourdieu (2014, p. 56), a visão androcêntrica está presente em toda a estrutura social e determina a incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, tanto por parte dos adolescentes de ambos os sexos, que podem aplicar “[...] categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais” e empregando “[...] a toda a realidade, e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder [...]” (Bourdieu, 2014, p. 54).

Num estudo realizado por Minayo, Assis e Njaine (2011), os adolescentes de ambos os sexos atribuíram aos homens maior poder e valor do que às mulheres. Desta maneira, percebe-se que a construção hegemônica de feminilidade, que tem como um dos seus elementos centrais a subordinação das mulheres aos homens, determina que as adolescentes vivenciem com mais frequência do que os dolescentes do sexo masculino a subordinação nas relações de intimidade (Fonseca, 2012; Minayo, Assis, & Njaine, 2011).

A violência de gênero também atinge os adolescentes do sexo masculino, que são pressionados a corresponderem à construção hegemônica de masculinidade, segundo a qual os homens precisam mostrar-se fortes e destemidos a todo o momento (Fonseca, 2008). Como aponta DaMatta (2010, p. 147-48) “Se os homens são superiores, a superioridade demanda coisas. Ela faz esperar gestos e sabedorias.”.

Os adolescentes do sexo masculino que não correspondem a tais estereótipos de gênero podem ser desqualificados, tal como relatado por Minayo, Assis, e Njaine (2011). Nesse estudo, os adolescentes também relataram não poderem expressar seus sentimentos em público, para que não fossem considerados efeminados, uma vez que a sensibilidade é associada ao feminino e a virilidade ao masculino.

As construções hegemônicas de masculinidade e feminilidade determinam a violência vivenciada e perpetrada pelos adolescentes (Fonseca, 2008). Porém, como aponta Meyer (1996), as relações de gênero não se restringem à subordinação-domação, é necessário compreendê-las como construções sociais relacionais, deslocando a análise da adolescente dominada vs o adolescente dominante para os

[...] grupos e/ou sociedades localizadas e datadas em que mulheres e homens vivem e se relacionam de formas específicas e particulares. Além disso, a ideia de uma construção social remete, necessariamente, a uma articulação com outras categorias sociais como classe, raça/etnia, religião, etc. Porque nessa perspectiva teórica, gênero se constrói com e nelas. Lida-se aqui com a ideia de múltiplas dominações que se atravessam, reforçam ou fragilizam um poder mais plural, por isso menos centralizado. Mais ainda, visualiza-se o poder como sendo essencialmente relacional, como exercício entre, o que permite pensar a dominação de forma complexa e não mais estabelecida de forma exclusivamente unilateral, pelo pólo dominante sobre o dominado. (Meyer, 1996, p. 43)

Portanto, a categoria violência de gênero foi utilizada na sua perspectiva relacional, a fim de compreender as múltiplas dominações que ocorrem nas relações de intimidade entre adolescentes e que os atingem.

1.2 A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE NA ADOLESCÊNCIA E A PERSPETIVA DE GERAÇÃO

No campo da sociologia, o conceito de juventude adquire destaque na análise dos fenômenos que envolvem adolescentes e jovens, sendo a categoria geração um recorte fértil para a sua análise. Assim, essa categoria tem sido utilizada nos estudos científicos tanto para abordar as desigualdades de poder existentes entre as gerações, quanto para se pensar nas gerações enquanto categorias estruturais (Qvortrup, 2010).

Realizando uma análise histórica sobre o conceito de geração nas teorias sobre juventude, Feixa e Leccardi (2010) apontam que as raízes desse conceito se encontram no século XIX, com os pensadores Comte e Dilthey. Fundamentado no positivismo, Augusto Comte definiu o conceito de geração de forma mecânica, estabelecendo um tempo quantitativo de, em média, 30 anos para que uma geração fosse substituída por outra mais nova na vida pública. Essa concepção de geração foi negada por Dilthey, que considerou que o elemento mais importante para a definição das gerações era a qualidade do vínculo que os indivíduos das gerações mantinham em conjunto. Deste modo, as gerações seriam definidas de acordo com o conjunto de experiências intelectuais, sociais e políticas, partilhadas pelas pessoas (Feixa & Leccardi, 2010).

A partir das teorias anteriores, Mannheim desenvolveu um conceito sociológico de geração, indicando que a data de nascimento não era suficiente para distinguir as gerações. Segundo o autor, o que forma uma geração

[...] é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-idade de fato compartilham [...] Há dois componentes centrais nesta partilha [...]: por um lado, a presença de eventos que quebram a continuidade histórica e demarcam o “antes” e o “depois” na vida coletiva; de outro, o fato que estas descontinuidades são experienciadas pelos membros de um grupo etário em uma conexão constitutiva particular, quando o processo de socialização não foi concluído, pelo menos no seu período crucial, e os esquemas utilizados para interpretar a realidade não são ainda totalmente rígidos ou – como coloca Mannheim – quando essas experiências históricas são “primeiras impressões” ou “experiências juvenis” (Feixa & Leccardi, 2010, p. 189-90).

Assim, Mannheim, contribuiu para a compreensão de que não é possível estabelecer padrões de tempo para prever o surgimento de uma nova geração sociológica, uma vez que é o processo de mudança histórico e social que determina o surgimento das mesmas (Feixa & Leccardi, 2010). Deste modo, a categoria geração envolve tanto continuidade como mudança, uma vez que é uma categoria permanente. A categoria geracional juventude, por exemplo, continua existindo, embora os sujeitos que a ela pertencem estejam num processo contínuo de preenchimento e esvaziamento da categoria (Qvortrup, 2010). Apesar dessa continuidade, é o processo de mudança histórico e social, como apontou Mannheim, que determina a transformação das características da juventude no transcorrer da história.

Entretanto, observa-se que, independentemente das mudanças que ocorrem nas categorias geracionais, as relações estabelecidas entre as gerações envolvem hierarquias e desigualdades (Castro, 1992). Os adultos correspondem à categoria geracional que detém maior poder. Portanto, os adolescentes encontram-se em posição de subalternidade social em relação aos adultos, sendo essa subalternidade determinada pela categoria geração (Saffioti, 1997).

Com base em tais considerações, a violência nas relações de intimidade também é determinada pelas transformações sociais, culturais e históricas que ocorrem na adolescência, uma vez que tais mudanças determinam manifestações específicas de perpetração e vivência da violência nas relações de intimidade (Minayo, Assis & Njaine, 2011). Além disso, a perspectiva de geração permite compreender que a posição social dos adolescentes também pode constituir vulnerabilidade à violência, pois, considerando que se trata de um lugar subalterno, os adolescentes - que estão inseridos em relações de poder desiguais com as gerações adultas - podem não receber o apoio necessário para superar a violência vivenciada, tanto em termos de escuta quanto de auxílio para enfrentar a violência (Foshee et al., 2012; Wiklund et al., 2010).

PARTE II

ESTUDOS EMPÍRICOS DESENVOLVIDOS NO BRASIL,
EM CABO VERDE, ESPANHA E PORTUGAL

CAPÍTULO I

MATERIAIS E MÉTODOS

ROSA MARIA GODOY SERPA DA FONSECA

RAFAELA GESSNER

MARIA DO LIVRAMENTO MONTEIRO

FLORENTINA PINA-ROCHE

MARIA DOS ANJOS RODRIGUES DIXE

MARIA ISABEL DOMINGUES FERNANDES

Neste capítulo será apresentado o processo de investigação empírica desenvolvido. Parte-se da caracterização do estudo e da apresentação dos instrumentos de colheita de dados que foram comuns aos quatro países que conduziram a investigação. Posteriormente, serão apresentados, população e amostra, colheita de dados – incluindo os contextos onde foram obtidos – análise dos dados e, procedimentos ético-legais. Essas informações possuem particularidades em cada um dos países onde se desenvolveu o estudo.

1.1 MATERIAIS E MÉTODOS COMUNS

Atendendo a que tínhamos como finalidade comparar os resultados dos diferentes países optou-se por construir um desenho de investigação comum e utilizar os mesmos instrumentos de colheita de dados, ainda que validados para os diferentes para os diferentes países.

1.1.1 Caracterização do estudo

Para conhecer as características da violência nas relações de intimidade entre adolescentes portugueses, espanhóis, brasileiros e cabo-verdianos optou-se por uma investigação de abordagem metodológica de natureza quantitativa, descritiva e exploratória, tendo como objeto de estudo a violência nas relações de intimidade na adolescência e a sua análise na perspectiva das categorias género e geração.

A opção metodológica deste estudo exploratório relaciona-se ao facto de se pretender conhecer um fenómeno social pouco explorado (Gil, 2008), sobretudo, no que se refere a género e geração. Justifica-se a eleição por um estudo descritivo devido à sua capacidade de identificação e descrição de características detalhadas, propriedades ou relações existentes sobre um determinado fenómeno ou situação (Richardson, 1999; Fortin, 2009). Já a abordagem quantitativa relaciona-se com a intenção de explicar e prever um fenómeno pela medida das variáveis e pela análise de dados numéricos (Fortin, 2009).

1.1.2 Instrumentos de colheita de dados

De acordo com relatório produzido em 2012 pela OMS a respeito da prevenção da violência perpetrada nas relações de intimidade e revisão de literatura empreendida em 2004 (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004), a técnica de colheita de dados pode influenciar o relato da violência vivenciada pelos adolescentes. Por isso, nos quatro países que conduziram esta investigação, a colheita de dados foi realizada através de um instrumento anónimo e autoaplicável, favorecendo, assim, o relato de possíveis situações de violência sem a necessidade do adolescente se identificar à investigadora, situação que poderia acarretar em alguma forma de inibição ou constrangimento.

A construção do instrumento de colheita de dados baseou-se na natureza do estudo e na seleção realizada a partir de uma pesquisa para identificação de questionários já existentes, testados e validados, para a população portuguesa, brasileira e espanhola que abordassem a temática da violência nas relações de intimidade entre adolescentes. Dessa forma, o instrumento foi constituído por quatro partes:

1 - Caracterização dos fatores sociodemográficos, académicos e familiares: inclui dez questões relativas às variáveis sexo, nacionalidade, localidade de residência, meio habitacional, religião, agregado familiar e número de elementos que o constituem, condições de habitação e nível de escolaridade dos pais e mães.

2 - Caracterização das relações afetivo-sexuais: integra um questionário constituído por: questões sobre as variáveis orientação sexual, idade de início de relações de intimidade, número de relações de intimidade, início de relações sexuais, idade de início de atividade sexual e número de parceiros sexuais; e questões em que o adolescente caracteriza uma relação de intimidade que mantém, no momento em que os dados são colhidos ou que teve no passado. Sobre essa relação foi solicitada a idade e sexo do/a parceiro/a, a duração do relacionamento, a existência de discussões e de alguma natureza de vitimização ou perpetração de violência.

3 - Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes

(CADRI): adaptado do inventário Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory, foi desenvolvido em 2001, pelos investigadores Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grastey e Straatman (Wolfe et al., 2001). Esta versão orientou a colheita de dados brasileiros. O estudo, português utilizou o inventário que foi validado por Saavedra (2010).

O estudo caboverdiano também utilizou a versão do instrumento validada para a população portuguesa. Embora a língua oficial dos participantes caboverdianos também seja o português, foi necessária a realização da validação transcultural e linguística do instrumento, para certificação da sua adaptação ao campo de estudo. Assim, com base nos resultados foi necessário realizar uma alteração no item 10 da primeira parte do instrumento CADRI, cuja questão era: “Qual é a escolaridade dos teus pais/encarregados de educação?”, pois muitos entrevistados respondiam à sua própria escolaridade. Foram adaptadas também as denominações da escolaridade, de acordo com o sistema educativo de Cabo Verde.

O estudo espanhol utilizou a versão validada para a língua espanhola por Fernandez Fuertes, Fuertes e Pulido (2006). Neste país a escala foi ainda submetida a validação por, equivalência linguística e conceitual, por especialistas bilíngues, e psicométrica. Além disso, os significados dos conceitos utilizados no estudo foram comparados, não tendo sido observado diferenças entre as duas versões.

O estudo brasileiro utilizou a CADRI que foi adaptada e validada para o português por Minayo, Assis e Njaine (2011).

A CADRI (Wolfe et al., 2001) é um inventário dirigido a adolescentes com idade igual ou superior a 14 anos com experiência atual ou passada de relações de intimidade (afetivo-sexuais). É constituída por 35 itens – cada um com uma dupla afirmação – que permitem estabelecer a distinção entre o comportamento próprio e o comportamento do/a parceiro/a.

Este instrumento permite avaliar a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas. Permite ainda avaliar as formas específicas de vitimização e perpetração de violência física, violência sexual e violência psicológica. A violência psicológica é subdividida em três itens: violência relacional, violência verbal/emocional e ameaças (Wolfe et al., 2001). Tal subdivisão constitui um diferencial da escala em relação a outros instrumentos utilizados para aferir a violência nas relações de intimidade na adolescência. Como demonstra a literatura científica (Fernández-Fuertes, Fuertes, & Pulido, 2006; Jezl, Molidor, & Wright, 1996; Wolfe et al., 2001), a violência

psicológica tem sido relatada como a mais prevalente nas relações entre adolescentes, sendo a subdivisão um recurso importante para aprofundar a análise do fenômeno, captando assim as suas variadas expressões.

A CADRI está dividido em duas subescalas: uma que permite a avaliação de estratégias de resolução de conflitos positivas e outra que avalia as estratégias de resolução de conflitos abusivas (Saavedra, 2010). A tabela 1 apresenta os itens que as integram.

Tabela 1

Itens que integram as sub-escalas da CADRI - Estratégias de resolução de conflitos positivas e estratégias de resolução de conflitos abusivas.

Subescalas	Itens
Estratégias de resolução de conflitos positivas	1; 6; 10; 11; 14; 16; 18; 22; 26; 27.
Estratégias de resolução de conflitos abusivas	2; 3; 4; 5; 7; 8; 9; 12; 13; 15; 17; 19; 20; 21; 23; 24; 25; 28; 29; 30; 31; 32; 33; 34; 35

A subescala de estratégias de resolução de conflitos abusivas avalia a ocorrência de formas específicas de violência, organizando-as em cinco sub-escalas (tabela 2) - abuso sexual, comportamento ameaçador, abuso relacional, abuso verbal e emocional e, abuso físico.

Tabela 2

Itens que integram as sub-escalas da CADRI - Formas específicas de violência

Subescalas	Itens
Abuso sexual	2; 13; 15; 19
Comportamento ameaçador	5; 29; 31; 33
Abuso relacional	3; 20; 35
Abuso verbal e emocional	4; 7; 9; 12; 17; 21; 23; 24; 28; 32
Abuso físico	8; 25; 30; 34

Cada item é pontuado de zero (0) a três (3), segundo a sua ocorrência e frequência. O zero (0) corresponde a *nunca*; o um (1) a *raramente* e refere-se à violência que ocorreu uma ou duas vezes; o dois (2) corresponde a, às vezes e refere-se à violência

que aconteceu entre três e cinco vezes; e o três (3) a *frequentemente* e significa que a violência ocorreu seis ou mais vezes. A cotação do resultado final é realizada pela soma dos valores obtidos nos itens. A pontuação das subescalas é realizada pela média e consequente ponto de corte, o que possibilita o conhecimento dos seguintes valores máximos para cada subescala: comportamento ameaçador = 12; abuso relacional = 9; abuso verbal e emocional = 30; abuso físico = 12; abuso sexual = 12. É importante salientar que na escala CADRI validada para utilização no Brasil ao invés de se utilizar a possibilidade de resposta *frequentemente* utiliza-se a opção *sempre*, no entanto não há alteração na pontuação das respostas. O inventário não apresenta itens invertidos (Wolfe et al., 2001).

4 - Escala de conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade (CVRI-S), dirigida a adolescentes com idade igual ou superior a 14 anos e avalia os conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade (Leitão et al., 2013).

O conhecimento é tido como uma variável qualitativa nominal e, corresponde aos conhecimentos que os participantes detêm acerca de violência nas relações de intimidade, é operacionalizada através de 47 proposições com alternativa de resposta verdadeira (V) ou falsa (F).

As proposições consideradas incorretas são: 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45 e 46. As restantes são consideradas corretas. Os itens são pontuados como um (1), para a resposta correta e zero (0) para a resposta incorreta, sendo o score máximo 47 pontos. Deste modo, quanto mais elevado o score obtido, mais elevado o nível de conhecimentos dos estudantes.

Ao fim do instrumento de colheita de dados há uma questão aberta, onde foi dada a possibilidade dos participantes apresentarem sobre outros aspetos que consideram importantes sobre a sua vida, sobre si ou sobre a temática dos relacionamentos de intimidade.

1.2 MATERIAIS E MÉTODOS POR PAÍSES

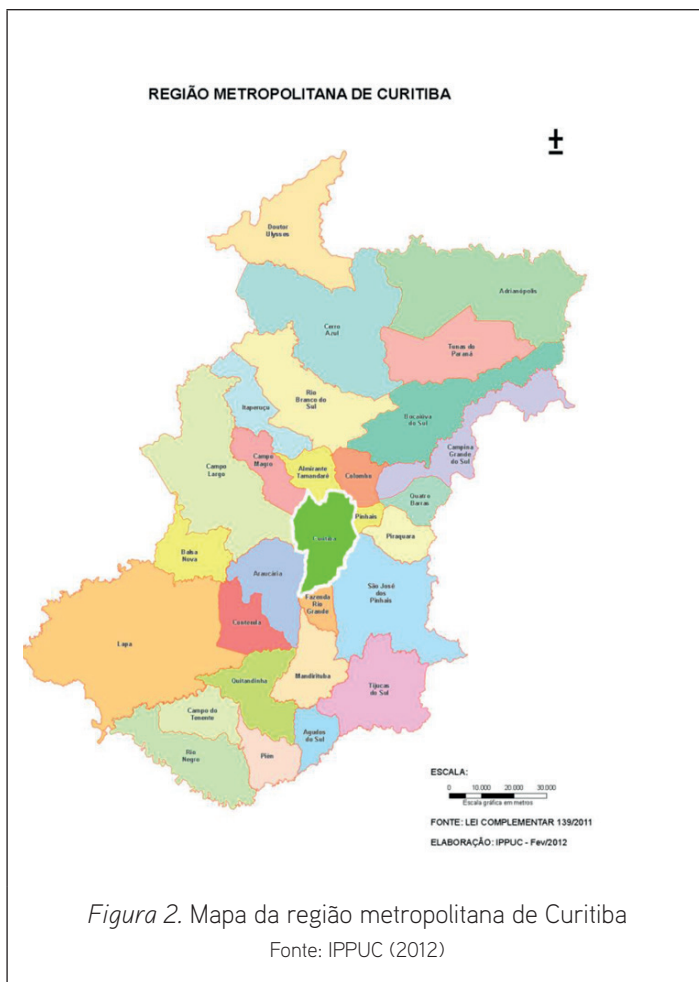
Ainda que se procurasse um desenho de investigação único houve necessidade de ajustar alguns aspetos pontuais de acordo com os condicionalismos de cada contexto e/ou país. Assim, apresenta-se uma caracterização das populações e amostras bem como da colheita de dados de cada país

1.2.1 Brasil

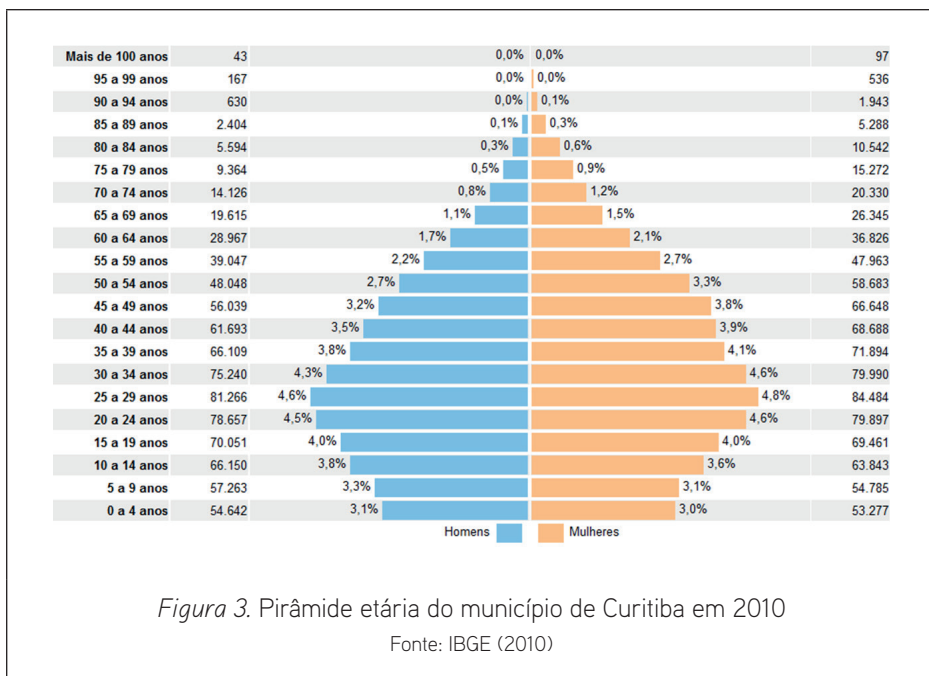
O contexto desta investigação foi o município de Curitiba, estado do Paraná, situado no sul do Brasil (Figura 1).



O município de Curitiba (Figura 2) possui uma área geográfica de 435,495 km² (IPARDES, 2019). A região metropolitana é composta por 29 municípios (IPPUC, 2012)



A população do município de Curitiba é de 1.751.907 habitantes (IPARDES, 2013), predominantemente adulta jovem e adulta, como pode ser observado na pirâmide etária da população do município (Figura 3). O censo populacional realizado no país em 2010 apontou que a faixa etária dos 15 aos 19 anos correspondia a 8% da população, ou seja, a 139.512 pessoas.



De entre os habitantes do município, 835.115 são do sexo masculino e 916.792 do sexo feminino (IPARDES, 2013). Quanto à cor, 78,88% da população se auto declara branca, 16,79%, parda, 2,85%, preta, 1,32%, amarela e 0,15%, indígena (IPPU, 2012).

Amostra

Participaram desta pesquisa estudantes de Ensino Técnico e de Ensino Superior de uma escola pública de Curitiba.

Trata-se de uma amostra por conveniência em que participaram adolescentes que reuniam os seguintes critérios: idade compreendida entre 15 a 19 anos e ter namorado ou “ficado”, independentemente do tempo de duração desta relação. Adotou-se o termo “ficar” para caracterizar a forma de relacionamento de intimidade marcado por uma atração sem maiores compromissos, que pode envolver desde beijos até contactos sexuais e que está situado em posição prévia ao namoro (Oliveira et al., 2007).

Justifica-se que a idade de 15 a 19 anos foi estabelecida como critério de inclusão por ser nessa faixa etária que a maioria dos adolescentes está envolvida em relações de intimidade (Minayo, Assis, & Njaine, 2011).

A amostra desta pesquisa correspondeu a 111 adolescentes matriculados na instituição pesquisada.

Colheita de dados

No município de Curitiba a colheita de dados foi realizada de maneira anônima e autoaplicável, a partir dos instrumentos descritos no início deste capítulo (item 1.2.1).

O pré-teste integrou 10 estudantes com características similares às da amostra estudada. Não foi necessário alterar nenhuma das questões do instrumento, contudo optou-se por não os incluir nos resultados finais.

Cerca de 40% dos instrumentos foram aplicados em sala durante uma atividade letiva. Os restantes, do ensino superior, foram entregues para que fossem preenchido em horário livre e posteriormente recolhidos.

Tratamento e análise dos dados

Os dados colhidos foram integrados e analisados por estatística descritiva e inferencial com recurso ao software SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences) versão 22. Todos os resultados apresentados incluem apenas os casos válidos.

A estatística descritiva incluiu absolutas e relativas, nomeadamente a média, mediana, desvio padrão, valor mínimo e máximo. A estatística inferencial - teste de Qui-quadrado, teste exato de Fisher e teste *t* ou teste Wilcoxon-Mann-Whitney - foi usada para verificar a associação entre variáveis.

A correlação entre as escalas do CADRI, foi obtida pelo coeficiente de correlação de Spearman. As categorias de análise utilizadas foram género, violência de género e geração.

As variáveis violência sofrida e perpetrada foram obtidas pela soma dos scores dos itens do CADRI para cada tipo de violência. Assim, quando a soma dos itens foi igual a zero, assumiu-se que não ocorreu violência na relação e, quando foi maior ou igual a 1, assumiu-se que ocorreu violência.

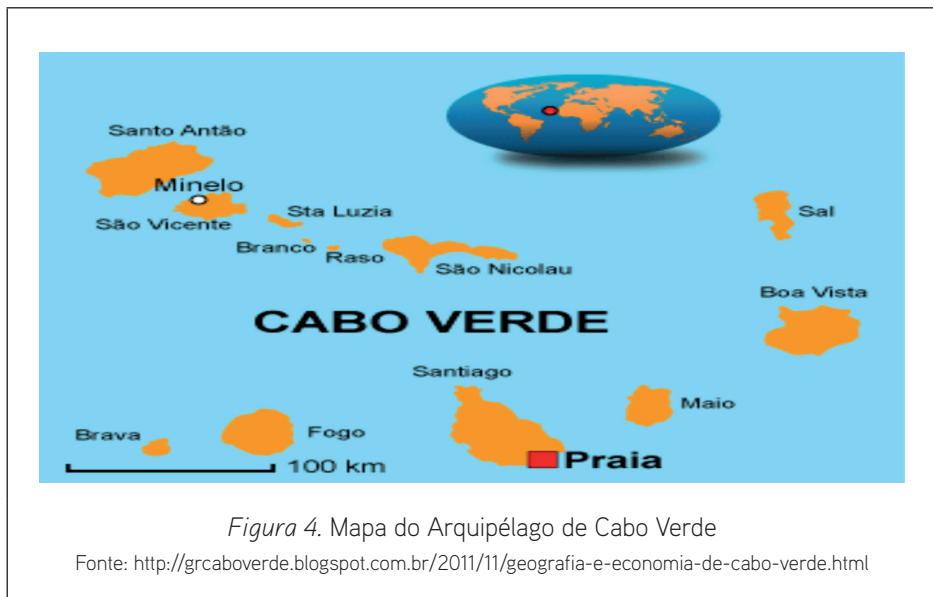
Procedimentos éticos e legais

A investigação salvaguardou os princípios previstos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Foi solicitado parecer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (protocolo nº 45573015.4.0000.5392), que mereceu parecer favorável.

Os adolescentes menores de 18 anos participaram no estudo após autorização do responsável legal e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Para os adolescentes maiores de 18 anos, foi solicitada a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido específico para estes.

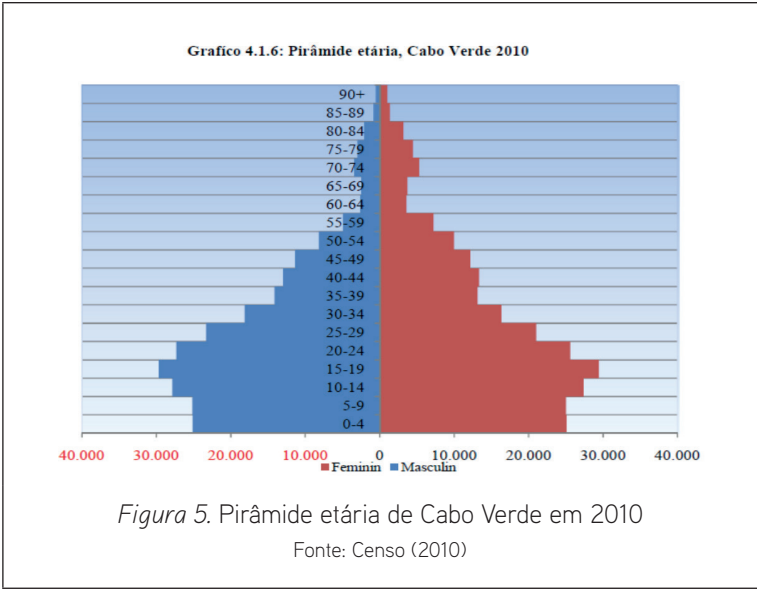
1.2.2 Cabo Verde

Em Cabo Verde esta estudo foi realizado na ilha de São Vicente. Cabo Verde é um país insular, está situado no oceano atlântico ao largo da costa da África ocidental. É, composto por dez ilhas e, no ano de 2010 tinha uma população residente de 491.575 habitantes (Figura 4).

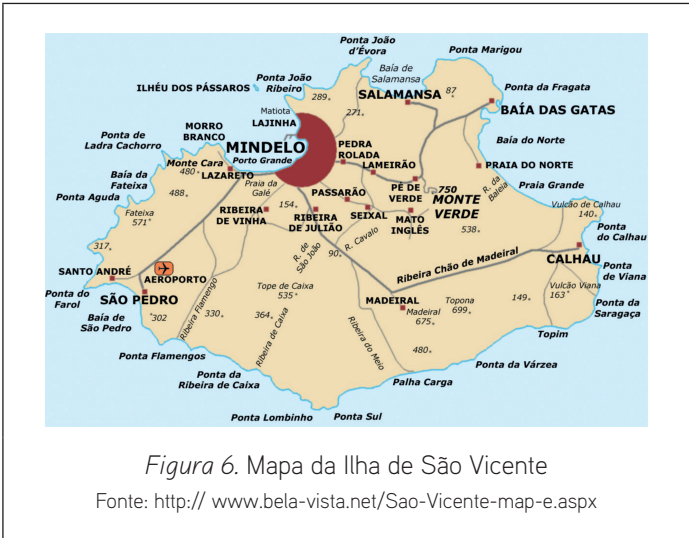


No que diz respeito ao número de residentes em Cabo Verde e segundo a pirâmide populacional (Figura 5) verifica-se que não existem diferenças em relação ao sexo nos vários grupos etários.

A idade média da população é 26,8 anos e 50% possui idade inferior a 22 anos. A análise por grupo etário permite verificar que cerca de 1/3 (31,7%) da população cabo-verdiana tem menos de 15 anos de idade, 61,9%, entre 15 e 65 anos, e 6,4% tem 65 anos e mais.



São Vicente (Figura 6) é a quarta maior ilha do arquipélago de Cabo Verde, alberga 76.107 habitantes, ou seja, 16% da população total do país, com uma ligeira predominância do sexo masculino (50,4%) em relação ao sexo feminino (49,6%).



Amostra

Participaram neste estudo estudantes de uma escola secundária pública da ilha de São Vicente. A amostra classifica-se como probabilística, acidental, por conveniência. Foram definidos os seguintes critérios de inclusão: ser adolescente com idade entre os 14 e 17 anos, frequentar o 9º ano de escolaridade na escola pública selecionada; ter autorização por escrito dos pais ou encarregados de educação; ser voluntário; e assinar o consentimento livre e esclarecido.

No período de colheita de dados a escola contava com 260 estudantes matriculados no 9º ano, distribuídos por 8 turmas. Destes, 10 estudantes participaram no pré teste, 20 recusaram participar no estudo e 24 foram excluídos (18 devido a preenchimento incompleto do questionário, 4 por terem idades inferiores e, 2 por terem idades superiores ao definido). Assim, a amostra foi constituída por 206 participantes

Colheita de dados

Na Ilha de São Vicente, a colheita de dados aconteceu de maneira anónima e autoaplicável, utilizando-se os instrumentos descritos no início deste capítulo.

Antes da colheita de dados foi realizado um pré-teste do instrumento com 10 adolescentes matriculados na escola, tal como já referido. A recolha de dados foi efetuada por uma das investigadoras em dezembro de 2016. O questionário foi aplicado a uma turma de cada vez utilizando um tempo letivo de 50 minutos, após acordo com a instituição escolar.

Tratamento e análise dos dados

Após a colheita de dados os questionários foram submetidos a leitura ótica, após análise cuidada quanto ao seu preenchimento, procurando assim evitar possíveis erros na leitura.

Os dados quantitativos resultantes da leitura ótica foram submetidos ao programa IBM SPSS® 23 (Statistical Package for the Social Sciences for Windows, versão 23). Utilizou-se como técnicas de estatística descritiva: frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central, medidas de dispersão e variabilidade.

Procedimentos éticos e legais

Todo o processo de investigação desenvolvido respeitou os princípios éticos propostos por Figueiredo (2009): direito à autodeterminação; direito à intimidade; direito ao anonimato e confidencialidade; direito à proteção contra o desconforto e prejuízo e o direito a um tratamento justo.

A realização desta pesquisa ocorreu após autorização da direção da escola selecionada, mediante a garantia de anonimato da instituição e dos seus estudantes. Os participantes, por terem idade inferior a 18 anos, receberam dois pedidos de consentimento: um endereçado aos pais ou encarregados de educação, e outro para os próprios adolescentes, ambos com conteúdos esclarecedores sobre o estudo, permitindo uma tomada de decisão livre e consciente.

O projeto obteve parecer favorável expedido pela Comissão de Ética da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem, da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (Parecer Nº P296-08_2015).

1.2.3 Espanha

Na Espanha esta pesquisa teve como cenário a Comunidade Autónoma da Região de Múrcia, localizada no sudeste do país (Figura 7).



Amostra

Os participantes foram adolescentes matriculados em três centros educativos vinculados ao Ministério da Educação, Formação e Emprego da comunidade de Múrcia. Foram selecionadas escolas secundárias (I.E.S.) por conveniência dos pesquisadores, bem como a sua disponibilidade para participar do estudo. Nesta investigação definiram-se os seguintes critérios de inclusão: ser adolescente estudante num dos centros selecionados; ter idade entre 13 e 18 anos; apresentar o consentimento informado dos pais ou responsáveis legais para os que tinham idade inferior a 16 anos e que concordaram em participar no estudo.

Nesta fase da pesquisa foram colhidos 330 questionários, dos quais 270 foram considerados válidos, constituindo, assim, a amostra deste contexto de investigação.

Colheita de dados

A colheita de dados foi realizada pela aplicação coletiva do instrumento durante o horário escolar. Os professores responsáveis pelas salas de aula selecionadas foram previamente informados do objeto da investigação e receberam instruções sobre como preencher o questionário. A colheita de dados ocorreu nos meses de novembro e dezembro de 2015, supervisionada pela equipa de investigação.

Tabela 3

Distribuição dos questionários por centro educativo selecionado. Múrcia

Centros educativos	Homens	Mulheres	Total
Gerardo Molina	47	39	86
Vega Thader	33	46	79
José Planes	50	54	105
Total	130	139	270

Tratamento e análise dos dados

Os dados referentes ao contexto espanhol foram analisados com recurso a estatística descritiva, de modo que, para as variáveis qualitativas, obteve-se o número de casos presentes em cada categoria e o percentual, e para as variáveis quantitativas, o mínimo, o máximo, os valores médio e desvio do padrão.

As comparações entre os grupos de variáveis qualitativas foi realizada pelo teste de Qui-quadrado. A correlação entre variáveis foi estudada utilizando o coeficiente de correlação linear do Pearson.

A comparação das variáveis dependentes entre os grupos foi realizada por análise multivariada de variância (MANOVA) sob as premissas de esfericidade (contraste de esfericidade de Barlett), matrizes homogêneas de variância-covariância (contraste M de Box) entre os grupos e homogeneidade univariada (test de Levene).

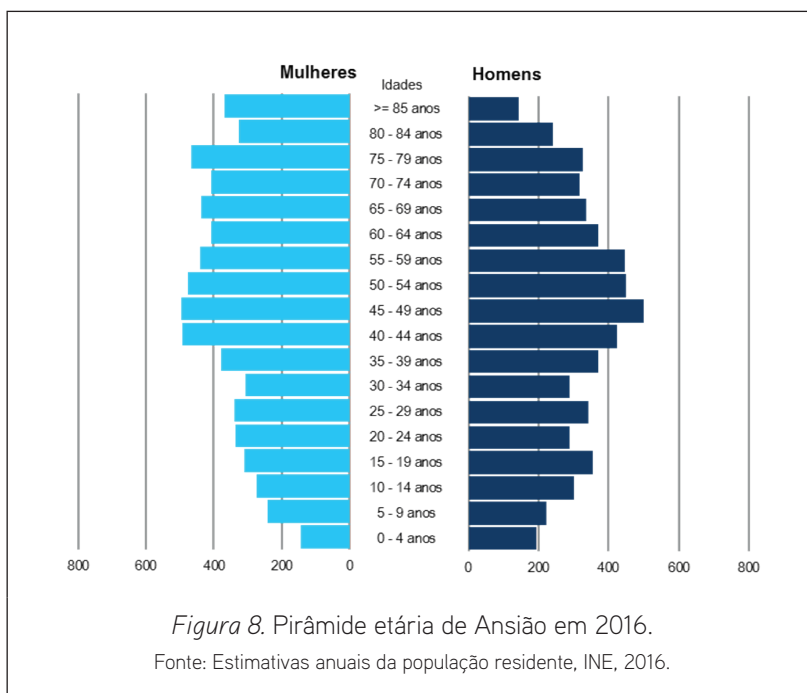
A análise estatística foi realizada com o auxílio do software SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences) versão 23.0. As diferenças consideradas significativas foram aqueles cujos $p < 0,05$.

Procedimentos éticos e legais

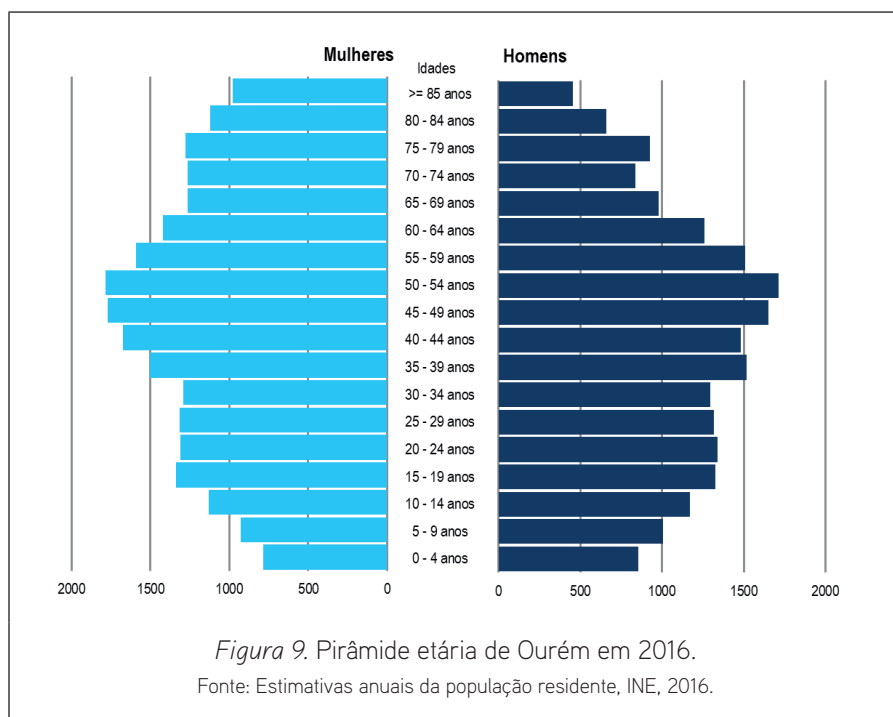
A pesquisa desenvolvida no território espanhol considerou os padrões éticos da Declaração de Helsínquia, mantendo o anonimato, voluntariedade, informação prévia e garantia de nenhum impacto após o instrumento aplicado. Todos os adolescentes forneceram o consentimento informado dos pais ou responsáveis legais. O estudo obteve aprovação do Comitê de Bioética da Universidade de Múrcia (Protocolo n 1189/2015).

1.2.4 Portugal

Em Portugal o estudo foi realizada na região centro do país, nos municípios de Ansião e Ourém. O município de Ansião está localizado na sub-região do Pinhal Interior Norte, tem uma área geográfica de 179,98 km² e uma população de 13.128 habitantes. A população de Ansião, como se ilustra na figura 8, é predominantemente adulta e idosa. As estimativas anuais da população residente (INE, 2016) apontam que as faixas etárias dos 40 aos 60 anos representam 29.66% da população. Nessa região o estrato etário dos adolescentes é composto por 665 indivíduos (5,29%), sendo 355 do sexo masculino e 310 do feminino.



Ourém está incluído na NUT II do Centro do país e, dentro desta, na NUT III Médio Tejo. Tem uma área geográfica de 416,68 Km² e uma população de 45.932 habitantes predominantemente adulta. O estrato etário dos 15 a 19 anos integra 2.663 indivíduos (5,79%) sendo a distribuição entre o sexo masculino (49,79%) e o feminino (50,21%) sensivelmente semelhante (Figura 9).



Amostra

No estudo realizado com a população portuguesa participaram três instituições de ensino, duas no o Agrupamento de Escolas de Ansião e uma no município de Ourém, Escola Profissional de Ourém.

Na investigação participaram adolescentes selecionados por conveniência, a partir dos seguintes critérios de inclusão: ser estudante das escolas; ter idade compreendida entre 14 e 18 anos; ser estudante do 9º ou 10º ano de escolaridade; ter autorização dos pais/ encarregados de educação; e aceitar participar voluntariamente.

As escolas participantes, no ano letivo 2015-2016 (Tabela 4), integravam:

- o Agrupamento de Escolas de Ansião, com uma comunidade estudantil de 840 estudantes, que frequentavam fundamentalmente o ensino regular (87.86%) como se apresenta na tabela 1. Os restantes (12,14%) frequentavam o ensino vocacional e profissional. Frequentavam o 9º ano 130 estudantes, integrados em 7 turmas;
- a Escola Profissional de Ourém, direcionada ao ensino profissional, tinha inscritos 260 estudantes nos vários anos de escolaridade (10º ao 12º). Frequentavam o 10º ano de escolaridade 76 estudantes.

Tabela 4

Distribuição dos estudantes por escola, ano de escolaridade e tipologia de ensino. Portugal.

Escola /Agrupamento escolar	Ano de Escolaridade	Tipo de Ensino	Nº de estudantes
Agrupamento de Escolas de Ansião			
• EB nº2 de Avelar	5º ao 9º	Regular	215
	5º ao 9º	Regular	285
• EB2,3/S Dr. Pascoal José de Mello	Equivalente ao 9º	Vocacional	25
	10º, 11º e 12º	Regular	238
	10º, 11º e 12º	Profissional	77
	10º, 11º e 12º	Profissional	260
Escola Profissional de Ourém	10º	Profissional	76

A amostra foi constituída pelos estudantes que frequentavam o 9º ano de escolaridade no Agrupamento de Escolas de Ansião e o 10º ano de escolaridade na Escola Profissional de Ourém. Não reuniram critérios de inclusão no estudo 21 estudantes, sendo 5 do Agrupamento e 15 da Escola Profissional.

Colheita de dados

A colheita de dados aconteceu de forma anónima e autoaplicável, no ano letivo 2015/2016, utilizando-se os instrumentos descritos no início deste capítulo (item 3.1.2).

O questionário foi aplicado a uma turma de cada vez utilizando um tempo letivo de 50 minutos, após acordo com a instituição escolar e o professor responsável pela atividade letiva. ocorreu em novembro de 2015, sob supervisão da equipa de investigadores

Tratamento e análise dos dados

O tratamento estatístico dos dados colhidos em Portugal foi realizado com recurso do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®), versão 21 para Windows, após leitura ótica dos questionários. Ao longo do relatório o tamanho da amostra, em cada país, varia em função do número de respostas às diferentes questões.

Para sistematizar e realçar a informação fornecida por estes mesmos dados, foram utilizadas técnicas de estatística descritiva: frequências absolutas (número) e relativas (percentagem), medidas de tendência central (média aritmética) e medidas de dispersão e variabilidade (desvio padrão, mínimos e máximos).

Na totalidade dos itens da escala CADRI, a percentagem de 'não respostas' foi inferior a 10%. Assim, para efeitos de tratamento estatístico, as não respostas foram substituídas pelo valor médio dos casos válidos da variável (Pestana & Gageiro, 2014).

Para compreender se as diferenças entre as variáveis em estudo são estatisticamente significativas utilizou-se a estatística inferencial adequada ao tipo de variável, nomeadamente Qui quadrado, U de Mann-Whitney e Correlação de Spearman.

Procedimentos éticos e legais

Em todo o processo de investigação a adesão aos princípios éticos e legais exigíveis na investigação científica estiveram presentes. De acordo com a legislação portuguesa, os dados colhidos em escolas públicas exigem o registo prévio e parecer favorável da Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPD) e autorização do Ministério da Educação através da Direção Geral de Educação. Assim, o projeto foi registado na CNPD em setembro de 2015. Após análise e parecer favorável desta comissão foi submetido o pedido de autorização, pela Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E) ao Ministério da Educação, a partir do registo no sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME) em outubro de 2015.

O projeto de pesquisa recebeu parecer favorável (Nº 296/09/2015) da Comissão de Ética da UICISA: E da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra sob parecer.

Aos pais/encarregados de educação dos estudantes após informação sobre o estudo, foi solicitada autorização para a sua participação. Foi fornecida cópia do consentimento informado com a assinatura dos investigadores, bem como, os seus contatos. Aos estudantes cujos pais/encarregados de educação tinham autorizado a participação, foi também apresentado, no momento da colheita de dados, documento para o seu consentimento informado.

CAPÍTULO II

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DO CONTEXTO BRASILEIRO

BIANCA DE CÁSSIA ALVAREZ BRANCAGLIONI

RAFAELA GESSNER

REBECA NUNES GUEDES DE OLIVEIRA

ROSA MARIA GODOY SERPA DA FONSECA

1.1 CARATERIZAÇÃO SÓCIO DEMOGRÁFICA DA AMOSTRA

No cenário brasileiro participaram 111 adolescentes, 69 do sexo feminino e 42 do sexo masculino. A média de idades foi de 18,2 anos. Cento e dez adolescentes eram brasileiros, o que correspondeu a 99,1% da amostra. Maioritariamente, os adolescentes declararam-se brancos ou pardos e procedentes de Curitiba, local da pesquisa. Entre todos os entrevistados, apenas um declarou residir na zona rural, os restantes vivem em zona urbana. A maioria dos participantes considerou ser católica, vivia com o pai e a mãe e o agregado familiar tinha em média 3,8 pessoas. No que diz respeito aos anos de escolaridade do pai a média foi de 12 anos e da mãe 12,3 anos. Alguns dos dados de caracterização da amostra estão apresentadas na tabela 5.

Tabela 5

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) de variáveis socio demográficas dos adolescentes.

Variáveis	n	%
Idade		
15	4	3,6
16	4	3,6
17	9	8,1
18	38	34,2
19	56	50,5

Tabela 5 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) de variáveis socio demográficas dos adolescentes.

Variáveis	n	%
Cor da pele		
Branca	89	80,2
Parda	14	12,6
Preta	5	4,5
Amarela/indígena	3	2,7
Procedência		
Curitiba	99	89,2
Região metropolitana de Curitiba	10	9
Outros	2	1,8
Religião		
Católica	46	41,8
Não tem	38	34,5
Evangélica	15	13,6
Protestante	3	2,7
Espírita	5	4,5
Outras	3	2,7
Vive com		
Pai e mãe	70	63,1
Mãe	24	21,6
Nenhum dos pais	12	10,8
Pai	5	4,5
Trabalha		
Não	68	61,3
Sim, com remuneração	40	36,0
Sim, sem remuneração	3	2,7

Entre os adolescentes que referiram trabalhar, 32,6% estavam realizar estágio ou outra atividade relacionada aos cursos que frequentavam. Outros 39,5% trabalhavam em áreas que não diziam respeito ao curso que estudavam. A remuneração média era de R\$ 923,86 (1,18 salários mínimos à época).

1.2 CARATERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ESTABELECIDAS PELOS ADOLESCENTES

As relações de intimidade mantidas pelos adolescentes foram majoritariamente heterossexuais (tabela 6). Entre todos os participantes, a idade média em que começaram a namorar ou “ficar” foi de 13,7 anos. Esse valor foi semelhante para meninos e meninas (médias de 13,8 anos e 13,6 anos, respectivamente). Os sujeitos de ambos os sexos iniciaram seus relacionamentos de intimidade em média aos 13,8 anos e tiveram, em média, 10 relacionamentos do tipo “ficar” ou namorar.

A maioria dos participantes já tinha iniciado relações sexuais, sendo que, em média, a idade foi de 16,4 anos. Os adolescentes do sexo masculino tiveram a primeira relação sexual em média aos 16,2 anos e as adolescentes aos 16,5 anos.

A média de parceiros sexuais foi de 2,4 para as adolescentes e 4,6 para os adolescentes do sexo masculino. A maioria afirmou que na época da pesquisa tinha relações sexuais com apenas um/a parceiro/a fixo/a, de sexo diferente.

Tabela 6

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) das características das relações de intimidade por sexo.

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
Já “ficou” ou namorou com pessoa¹							0,006*
De sexo diferente	46	66,7	38	90,5	84	75,7	
Do mesmo sexo e de sexo diferente	21	30,4	3	7,1	24	21,6	
Do mesmo sexo	2	2,9	1	2,4	3	2,7	
Teve relação sexual²							0,020*
Sim	49	74,2	22	52,4	71	65,7	
Não	17	25,8	20	47,6	37	34,3	
Atualmente tem relação sexual com¹							0,002*
Apenas com um parceiro/a fixo/a	4	87,8	11	50	54	76,1	
Com parceiros não fixos	3	6,1	8	36,4	11	15,5	
Com um/a parceiro/a fixo e com parceiros não fixos	3	6,1	3	13,6	6	8,5	

Tabela 6 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) das características das relações de intimidade por sexo.

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
Teve relação sexual com pessoas¹							0,730
Do sexo diferente	37	75,5	19	86,4	56	78,9	
Do mesmo sexo	6	12,2	2	9,1	8	11,3	
Ambos	6	12,2	1	4,5	7	9,9	

1. Teste exato de Fisher

2. Teste de Qui-quadrado

* Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Para preenchimento do instrumento, foi solicitado aos participantes que selecionassem uma pessoa com a qual tivessem “ficado” ou namorado e que respondessem as questões de relacionamento considerando esta pessoa (tabela 7).

A maior parte escolheu responder sobre a pessoa com quem namorava ou “ficava” no momento da colheita de dados (45,9%) ou com quem tinha ficado ou namorado há menos de um ano (31,2%).

Em relação à idade do parceiro selecionado, houve predomínio de parceiros mais velhos e foi encontrada associação estatisticamente significativa entre a idade do parceiro e o sexo dos participantes. A grande maioria dos parceiros era de sexo diferente, predominando as relações heterossexuais. Quando questionados quanto à frequência de discussões ou brigas com os parceiros, a maioria dos adolescentes relatou discutir ou brigar poucas vezes ou nenhuma.

Tabela 7

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) das características da pessoa selecionada pelos participantes, por sexo.

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
Pessoa em quem está a pensar¹							0,183
Em alguém que estou namorando ou “ficando” atualmente	35	52,2	15	35,7	50	45,9	
Na última pessoa com quem namorei ou “fiquei” há menos de um ano	17	25,4	17	40,5	34	31,2	
Na última pessoa com quem namorei ou “fiquei” há mais de um ano	13	19,4	10	23,8	23	21,1	
Em alguém de quem estou noivo ou casado atualmente	2	3	0	0	2	1,8	
Idade da pessoa escolhida²							<0,001*
Ela é ou era mais velha que você	40	58,8	8	19	48	43,6	
Ela tem ou tinha a mesma idade que você	25	36,8	17	40,5	42	38,2	
Ela é ou era mais nova que você	3	4,4	17	40,5	20	18,2	
Sexo da pessoa escolhida¹							0,525
Tem sexo diferente do seu	59	88,1	39	92,9	98	89,9	
Tem o mesmo sexo que você	8	11,9	3	7,1	11	10,1	
Frequência de discussão/brigas¹							0,005*
Poucas vezes	41	61,2	15	35,7	56	51,4	
Nunca	9	13,4	18	42,9	27	24,8	
Muitas vezes	14	20,9	8	19	22	20,2	
Sempre	3	4,5	1	2,4	4	3,7	

1. Teste exato de Fisher

2. Teste de Qui-quadrado

* Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Em média, os adolescentes iniciaram relacionamentos aos 16,5 anos e a duração média das relações estabelecidas foi de 55,3 semanas. O sexo e a duração da relação apresentou associação estatisticamente significativa, sendo que as adolescentes apresentaram o maior tempo médio de relação, 69 semanas. Entre os adolescentes do sexo masculino a média foi de 31,3 semanas. A natureza da violência que mais citaram como tendo sido vítimas ou perpetradores foi a psicológica (tabela 8).

Tabela 8

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das violências sofridas e perpetradas na relação com a pessoa selecionada, por sexo.

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
Vítimas de violência física ¹	2	3	2	4,8	4	3,7	0,641
Agressores de violência física ¹	4	6,1	1	2,4	5	4,6	0,647
Vítimas de violência psicológica ²	21	30,9	8	19	29	26,4	0,171
Agressores de violência psicológica ²	14	21,2	6	14,3	20	18,5	0,366
Vítimas de violência sexual ¹	5	7,5	2	4,8	7	6,4	0,705
Agressores de violência sexual ¹	0	0	1	2,4	1	0,9	0,389

Nota – 1. Teste exato de Fisher; 2. Teste de Qui-quadrado

1.3 COMPORTAMENTOS DOS ADOLESCENTES NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

Entre os participantes, 91% informaram já ter praticado alguma violência e 90,1% relataram ter sido vítimas, no mínimo de uma situação de violência. No que diz respeito à perpetração de violência, 95,7% das adolescentes e 83,3% dos adolescentes do sexo masculino informaram ter sido perpetradores pelo menos uma vez. Sobre ter sido vítima, 94,2% das adolescentes e 83,3% dos adolescentes do sexo masculino referiram ter tido esta vivência pelo menos uma vez. Como se pode observar na tabela 9, a violência verbal/emocional revelou-se predominante tanto no que se refere à perpetração quanto à vitimização. A violência relacional sofrida e a violência física perpetrada foram apontadas por 22,5% dos participantes. A violência física sofrida e a violência relacional perpetrada apresentaram as menores frequências.

Tabela 9

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) de perpetração e vitimização por subescala do CADRI, por sexo.

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Violência sexual perpetrada	15	21,7	16	38,1	31	27,9
Violência sexual sofrida	23	33,3	13	31	36	32,4
Violência física perpetrada	21	30,4	4	9,5	25	22,5
Violência física sofrida	11	15,9	9	21,4	20	18
Violência verbal/emocional perpetrada	66	95,7	34	81	100	90,1
Violência verbal/emocional sofrida	64	92,8	35	83,3	99	89,2
Violência relacional perpetrada	5	7,2	4	9,5	9	8,1
Violência relacional sofrida	15	21,7	10	23,8	25	22,5
Ameaças perpetradas	20	29	4	9,5	24	21,6
Ameaças sofridas	21	30,4	7	16,7	28	25,2
Comportamentos abusivos perpetrados	66	95,7	35	83,3	101	91
Comportamentos abusivos sofridos	65	94,2	35	83,3	100	90,1

Conforme se observa na tabela 10, foi identificada associação estatisticamente significativa entre o sexo e as variáveis violência sexual, violência verbal/emocional, comportamentos abusivos, violência física e ameaças perpetradas .

Os adolescentes do sexo masculino obtiveram um *score* médio de 0,7 no que se refere à violência sexual perpetrada, enquanto o *score* médio para as adolescentes foi de 0,4. Quando considerados os *scores* médios de violência física, violência verbal/emocional, ameaças e comportamentos abusivos perpetrados, observa-se que as médias das adolescentes foram superiores às médias dos adolescentes do sexo masculino.

No que se refere à violência física perpetrada, o *score* médio das adolescentes foi 0,8 e o dos adolescentes do sexo masculino foi 0,2. Em relação à violência verbal/emocional perpetrada, o *score* médio das adolescentes foi 9,3, enquanto o dos adolescentes foi 5,9. Quando consideradas as ameaças perpetradas, as adolescentes apresentaram *score* médio de 0,7 e os adolescentes do sexo masculino de 0,1. Os comportamentos abusivos perpetrados foram semelhantes com *scores* médios de 11,3 e 7,2, respetivamente.

Tabela 10

Médias, medianas e desvio padrão dos scores das subescalas do CADRI, por sexo.

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo	p*
Violência sexual perpetrada	0,5	0	1	0	6	0,053 ^A
Sexo feminino	0,4	0	0,9	0	6	
Sexo masculino	0,7	0	1,1	0	4	
Violência sexual sofrida	0,8	0	1,9	0	12	0,800
Sexo feminino	0,9	0	2,2	0	12	
Sexo masculino	0,6	0	1	0	4	
Violência física perpetrada	0,5	0	1,3	0	8	0,009**
Sexo feminino	0,8	0	1,5	0	8	
Sexo masculino	0,2	0	0,7	0	4	
Violência física sofrida	0,5	0	1,5	0	10	0,440
Sexo feminino	0,5	0	1,8	0	10	
Sexo masculino	0,5	0	1,1	0	4	
Violência verbal/emocional perpetrada	8	7	6,1	0	27	0,002**
Sexo feminino	9,3	9	6,1	0	27	
Sexo masculino	5,9	4,5	5,6	0	19	
Violência verbal/emocional sofrida	8,2	6	6,6	0	28	0,104
Sexo feminino	8,9	8	6,5	0	28	
Sexo masculino	7,1	6	6,7	0	23	
Violência relacional perpetrada	0,2	0	0,9	0	8	0,598
Sexo feminino	0,1	0	0,4	0	2	
Sexo masculino	0,4	0	1,4	0	8	
Violência relacional sofrida	0,5	0	1,3	0	8	0,963
Sexo feminino	0,5	0	1,4	0	8	
Sexo masculino	0,5	0	1,3	0	8	
Ameaças perpetradas	0,5	0	1,2	0	6	0,012**
Sexo feminino	0,7	0	1,4	0	6	
Sexo masculino	0,1	0	0,5	0	3	
Ameaças sofridas	0,7	0	1,8	0	12	0,091
Sexo feminino	0,9	0	2	0	12	
Sexo masculino	0,4	0	1,4	0	8	

Tabela 10 (Continuação)

Médias, medianas e desvio padrão dos scores das subescalas do CADRI, por sexo.

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo	p*
Comportamentos abusivos perpetrados	9,8	8	8	0	31	0,003**
Sexo feminino	11,3	9	8,1	0	31	
Sexo masculino	7,2	5	7,2	0	28	
Comportamentos abusivos sofridos	10,7	7	10,9	0	64	0,136
Sexo feminino	11,7	8	11,8	0	64	
Sexo masculino	9,1	6	9,3	0	38	

Nota - *Teste Wilcoxon-Mann-Whitney; **Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Com o objetivo de aprofundar a análise da VRI na adolescência, as tabelas de 11 a 20 apresentam as frequências absolutas e relativas dos itens da CADRI.

Em relação à violência sexual perpetrada e sofrida (tabelas 11 e 12), o item “beijar o/a parceiro/a quando ele/a não queria” foi o mais relatado pelos adolescentes, seguido do item “tocar sexualmente o/a parceiro/a quando ele/ela não queria”. Os itens “forçar o parceiro/a a fazer sexo quando ele/ela não queria”, e “ameaçar o/a parceiro/a numa tentativa de fazer sexo com ele/ela”, foram os menos relatados pelos participantes.

Embora não tenha sido encontrada associação estatisticamente significativa entre o sexo do adolescente e a violência sexual perpetrada e sofrida, percebe-se que as frequências de violência sexual perpetrada (tabela 11) foram maiores entre os adolescentes do sexo masculino, enquanto as frequências de violência sexual sofrida (tabela 12) foram maiores entre as adolescentes.

Tabela 11

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos itens da subescala de violência sexual perpetrada do CADRI, por sexo.

Itens de violência sexual perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p*
	n	%	n	%	n	%	
2.a. Eu o/a toquei sexualmente quando ele/ela não queria	4	5,8	6	14,3	10	9	0,149
13.a. Eu forcei ele/a a fazer sexo quando ele/ela não queria	1	1,4	1	2,4	2	1,8	1,000
15.a. Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela	0	0	2	4,8	2	1,8	0,141
19.a. Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria	12	17,4	11	26,2	23	20,7	0,580

Nota - *Teste exato de Fisher

Tabela 12

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos itens da subescala de violência sexual sofrida do CADRI, por sexo.

Itens de violência sexual sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p*
	n	%	n	%	n	%	
2.b. Ele/Ela me tocou sexualmente quando eu não queria	11	15,8	5	11,9	16	14,4	0,276
13.b. Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria	6	8,6	2	4,8	8	7,2	0,896
15.b. Ele/Ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo	2	2,8	1	2,4	3	2,7	1,000
19.b. Ele/Ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse	17	24,6	10	23,8	27	24,3	0,086

Nota - *Teste exato de Fisher

O item "Eu joguei algo nele/nela" foi o mais relatado pelos adolescentes na violência física perpetrada (tabela 13), seguido do item "Eu empurrei ou sacudi ele/ela", e "Eu dei um tapa nele/nela ou puxei o cabelo dele/dela". O item "Eu bati, chutei ou dei um soco nele/nela" foi o menos relatado.

Encontrou-se associação estatisticamente significativa entre o sexo e os itens “Eu bati, chutei ou dei um soco nele/nela”, e “Eu dei uma tapa ou puxei o cabelo dele/dela”, sendo que as adolescentes apresentaram as maiores frequências de perpetração.

Tabela 13

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência física perpetrada do CADRI, por sexo.

Itens de violência física perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p*
	n	%	n	%	n	%	
8.a. Eu joguei algo nele/nela	12	17,3	2	4,8	14	12,6	0,145
25.a. Eu bati, chutei ou dei um soco nele(a)	9	13,2	0	0	9	8,2	0,035**
30.a. Eu dei um tapa nele/nela ou puxei o cabelo dele(a)	11	15,9	1	2,4	12	10,8	0,008**
34.a. Eu empurrei ou sacudi ele/ela	10	14,4	3	7,1	13	11,7	0,817

*Teste exato de Fisher

**Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Em relação à violência física sofrida (tabela 14), o item “ele/ela me deu um tapa ou puxou o meu cabelo”, apresentou maior frequência, seguido do item “ele/ela me empurrou ou sacudiu”, e “ele/ela jogou algo em mim”. O item “ele/ela me bateu, chutou ou deu um soco” apresentou menor frequência.

Tabela 14

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência física sofrida do CADRI, por sexo.

Itens de violência física sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p*
	n	%	n	%	n	%	
8.b. Ele/Ela jogou algo em mim	4	5,8	5	11,9	9	8,1	0,255
25.b. Ele/Ela me bateu, chutou ou deu um soco	4	5,8	3	7,2	7	6,3	0,891
30.b. Ele/Ela me deu um tapa ou puxou o meu cabelo	6	8,7	6	14,3	12	10,8	0,128
34.b. Ele/Ela me empurrou ou me sacudiu	7	10,1	4	9,5	11	9,9	0,870

*Teste exato de Fisher

Em relação à violência verbal/emocional perpetrada e sofrida (tabelas 15 e 16), o item que apresentou maior frequência foi “Eu culpei ele/ela pelo problema”, seguido de “Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado” e “Eu fiz algo para provocar ciúmes nele/nela”. O item com menor frequência foi “Eu ridicularizei ou caçoei dele/dela na frente dos outros”.

Tabela 15

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos itens da subescala de violência verbal/emocional perpetrada do CADRI, por sexo.

Itens de violência verbal/ emocional perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
4.a. Eu fiz algo para provocar ciúmes nele/nela ¹	46	66,6	24	57,2	70	63	0,538
7.a. Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado ²	55	79,7	23	54,8	78	70,2	0,002*
9.a. Eu disse coisas somente para deixá-lo (a) com raiva ²	43	62,2	13	30,9	56	50,4	0,016*
12.a. Eu falei com ele/ela em um tom de voz hostil ou maldoso ¹	51	73,9	15	35,7	66	59,4	0,001*
17.a. Eu insultei ele/ela com depreciações ¹	26	37,6	9	21,4	35	31,5	0,339
21.a. Eu ridicularizei ou caçoei ele/ela na frente dos outros ¹	12	17,4	10	23,8	22	19,8	0,558
23.a. Eu vigiava com quem e onde ele/ela estava ¹	39	56,4	17	40,5	56	50,4	0,433
24.a. Eu culpei ele/ela pelo problema ¹	57	82,6	24	57,1	81	72,9	0,026*
28.a. Eu acusei ele/ela de paquerar outra(o) garota(o) ¹	34	49,2	14	33,4	48	43,2	0,418
32.a. Eu ameacei terminar o relacionamento ¹	34	49,2	17	40,5	51	45,9	0,787

1. Teste exato de Fisher

2. Teste de Qui-quadrado

* Diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$)

Quando consideradas as frequências de acordo com o sexo, observou-se que as adolescentes apresentaram maiores frequências do que os adolescentes do sexo masculino, com exceção do item “Eu ridicularizei ou caçoei ele/ela na frente dos outros”.

Foi encontrada associação estatisticamente significativa nos seguintes itens de violência verbal/emocional perpetrada: “Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado”; “Eu disse coisas somente para deixá-lo/a com raiva”; “Eu falei com ele/ela num tom de voz hostil ou maldoso”; e “Eu culpei ele/ela pelo problema”.

Tabela 16

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos itens da subescala de violência verbal/emocional sofrida do CADRI, por sexo.

Itens de violência verbal / emocional sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		P
	n	%	n	%	n	%	
4.b. Ele/Ela fez algo para me fazer ciúmes ¹	44	63,8	25	59,5	69	62,2	0,726
7.b. Ele/Ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado	52	76,5	24	57,1	76	69,1	0,201
9.b. Ele/Ela disse coisas somente para me deixar com raiva ¹	43	62,3	13	31	56	50,5	0,086
12.b. Ele/Ela falou comigo em um tom de voz hostil ou maldoso ¹	44	63,8	19	45,2	63	56,8	0,138
17.b. Ele/Ela me insultou com deprecições ¹	25	36,2	9	21,4	34	30,6	0,350
21.b. Ele/Ela me ridicularizou ou me caçoeu na frente dos outros ¹	14	20,3	9	21,4	23	20,7	0,774
23.b. Ele/Ela vigiava com quem e onde eu estava ¹	39	56,5	22	52,4	61	55	0,918
24.b. Ele/Ela me culpou pelo problema ¹	51	73,9	26	63,4	77	70	0,424
28.b. Ele/Ela me acusou de paquerar outro(a) garoto(a) ¹	30	43,5	16	38,1	46	41,4	0,627
32.b. Ele/Ela ameaçou terminar o relacionamento ¹	30	43,5	17	40,5	47	42,3	0,638

1. Teste exato de Fisher

2. Teste de Qui-quadrado

Na tabela 17, observa-se que “Eu tentei virar os seus amigos contra ele/ela” foi o item de violência relacional perpetrada mais relatado pelos participantes, seguido de “Eu disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos para virá-los contra ele/ela”. O item “Eu espalhei boatos sobre ele/ela” foi o menos relatado pelos participantes.

Tabela 17

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos itens da subescala de violência relacional perpetrada do CADRI, por sexo.

Itens de violência relacional perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p*
	n	%	n	%	n	%	
3.a. Eu tentei virar seus amigos contra ele/ela	3	4,3	4	9,5	7	6,3	0,110
20.a. Eu disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos, para virá-los contra ele/ela	1	1,4	2	4,8	3	2,7	0,468
35.a. Eu espalhei boatos sobre ele/ela	1	1,4	1	2,4	2	1,8	1,000

*Teste exato de Fisher

Em relação à violência relacional sofrida, observa-se que o item “Ele/ela tentou virar meus amigos contra mim”, foi o mais relatado pelos participantes, principalmente pelas adolescentes, sendo encontrada uma associação estatisticamente significativa com o sexo. O item “Ele/ela disse coisas sobre mim aos meus amigos, para virá-los contra mim”, foi o menos relatado.

Tabela 18

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos itens da subescala de violência relacional sofrida do CADRI, por sexo.

Itens de violência relacional sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p*
	n	%	n	%	n	%	
3.b. Ele/Ela tentou virar meus amigos contra mim	13	19,1	5	12,2	18	16,5	0,048**
20.b. Ele/Ela disse coisas sobre mim aos meus amigos, para virá-los contra mim	3	4,3	5	11,9	8	7,2	0,150
35.b. Ele/Ela espalhou boatos sobre mim	5	7,2	5	11,9	10	9	0,176

*Teste exato de Fisher

** Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

No tocante às ameaças perpetradas, o item “Eu tentei amedrontar ele/ela de propósito”, foi o mais relatado pelos participantes, sendo observado que as adolescentes relataram perpetrar esta violência mais do que os adolescentes do sexo masculino. Em seguida, “Eu ameacei bater nele/a ou joguei alguma coisa nele/a”, foi o segundo mais relatado. O item menos relatado foi “Eu ameacei machucar ele/ela”.

Tabela 19

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos itens da subescala de ameaças perpetradas do CADRI, por sexo.

Itens de ameaças perpetradas	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p*
	n	%	n	%	n	%	
5.a. Eu destruí ou ameacei destruir algo de valor para ele/ela	6	8,7	2	4,8	8	7,2	0,383
29.a. Eu tentei amedrontar ele/ela de propósito	16	23,1	2	4,8	18	16,2	0,053**
31.a. Eu ameacei machucar ele/ela	2	2,8	0	0	2	1,8	1,000
33.a. Eu ameacei bater nele (a) ou jogar alguma coisa nele (a)	10	14,4	0	0	10	9	0,062

*Teste exato de Fisher

**valor marginal (p= 0,05)

Quanto às ameaças sofridas (tabela 20), o item “Ele/ela tentou-me amedrontar de propósito”, apresentou a maior frequência, principalmente entre as adolescentes, sendo observada associação estatisticamente significativa com o sexo. O item “Ele/ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim”, foi o segundo mais relatado. O item “Ele/ela ameaçou me machucar”, foi o menos relatado.

Tabela 20

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos itens da subescala de ameaças sofridas do CADRI, por sexo.

Itens de ameaças sofridas	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p [*]
	n	%	n	%	n	%	
5.b. Ele/Ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim	9	13	5	11,9	14	12,6	0,782
29.b. Ele/Ela tentou me amedrontar de propósito	19	27,5	2	4,8	21	18,9	0,004**
31.b. Ele/Ela ameaçou me machucar	3	4,3	2	4,8	5	4,5	0,461
33.b. Ele/Ela ameaçou bater em mim ou jogar alguma coisa em mim	5	7,2	3	7,1	8	7,2	0,287

*Teste exato de Fisher

** Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

A fim de complementar a análise da VRI na adolescência, foi ainda verificada a associação entre as violências sofridas e perpetradas nas relações de intimidade entre adolescentes e o tempo de duração dessas relações (em número de semanas). Conforme a tabela 21, foi encontrada associação estatisticamente significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência: da perpetração de violência física; da violência verbal/emocional; e de comportamentos abusivos. Também foi encontrada associação estatisticamente significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência de ameaças. Em todas as associações, a média de duração das relações nas quais houve vivência ou perpetração de violência foi superior à média de duração das relações em que isto não ocorreu.

Tabela 21

Médias, medianas, desvio padrão e associação entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência e perpetração de violência entre parceiros íntimos adolescentes, por subescala da CADRI.

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo	p*
Violência sexual perpetrada						0,298
Sim	57,4	44,0	44,4	3	144	
Não	54,4	30,0	57,2	1	192	
Violência sexual sofrida						0,383
Sim	59,8	40,0	50,9	2	192	
Não	53,1	30,0	55,1	1	192	
Violência física perpetrada						0,026**
Sim	75,4	48,0	57,2	2	192	
Não	49,6	28,0	51,5	1	192	
Violência física sofrida						0,040**
Sim	71,3	48,0	47,9	8	144	
Não	51,9	28,0	54,4	1	192	
Violência verbal/emocional perpetrada						<0,001**
Sim	59,5	40,0	54,0	1	192	
Não	10,6	2,0	16,0	1	48	
Violência verbal/ emocional sofrida						<0,001**
Sim	60,4	40,0	54,2	1	192	
Não	11,6	3,0	14,9	1	48	
Violência relacional perpetrada						0,881
Sim	50,7	40,0	51,2	1	192	
Não	55,6	3,0	54,0	1	48	
Violência relacional sofrida						0,892
Sim	53,5	32,0	54,7	2	192	
Não	55,7	40,0	53,7	1	192	
Ameaças perpetradas						0,060
Sim	70,0	48,0	54,8	2	192	
Não	51,1	28,0	52,9	1	192	
Ameaças sofridas						0,033**
Sim	71,9	48,0	55,4	4	192	
Não	49,5	28,0	52,1	1	192	
Comportamentos abusivos perpetrados						0,001**
Sim	59,0	40,0	54,0	1	192	
Não	10,4	2,0	17,1	1	48	
Comportamentos abusivos sofridos						0,001**
Sim	59,8	40,0	54,3	1	192	
Não	12,5	5,5	15,4	1	48	

*Teste Wilcoxon-Mann-Whitney

**Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Identificou-se que a perpetração de violência psicológica foi associada à perpetração de outras naturezas de violência por 39,6% dos adolescentes, sendo que esses relataram perpetrar: violência psicológica e sexual (17,1%); violência psicológica e física (12,6%); e todas as naturezas de violência (9,9%).

Afirmaram perpetrar violência psicológica 50,5% e 0,9% violência sexual.

Quando consideradas as violências sofridas, percebe-se que a violência psicológica foi a violência sofrida mais frequente entre os adolescentes, tendo sido relatada por 89,2%.

A vivência de violência psicológica esteve acompanhada da vivência de outras violências por 36,9% dos adolescentes, sendo que 18,9% afirmaram sofrer violência psicológica e sexual, 12,6% afirmaram sofrer todas as naturezas de violência e 5,4% afirmaram sofrer violência psicológica e física.

Podemos ainda referir que 52,3% dos participantes, afirmaram sofrer violência psicológica e 9,9% afirmaram não sofrer nenhuma das naturezas de violência.

A análise da co-ocorrência entre as violências sofridas e perpetradas nas relações de intimidade entre adolescentes (tabela 22) permite observar que a maior correlação foi encontrada entre perpetrar e sofrer violência verbal/emocional (0,814), seguida da correlação entre sofrer e perpetrar violência sexual (0,672),

Tabela 22

Coefficientes de correlação de Spearman entre subescalas do CADRI.

Variáveis	V. física Perpetrada	V. Física sofrida	Ameaças perpetradas	Ameaças sofridas	V. Sexual perpetrada	V. Sexual Sofrida	V. relacional perpetrada	V. relacional Sofrida	V. verbal perpetrada	V. Verbal sofrida
V. física perpetrada	-									
V. física sofrida	0,484									
Ameaças perpetradas	0,544	0,260								
Ameaças sofridas	0,316	0,436	0,545							
V sexual perpetrada	0,211	0,452	0,140	0,203						

Tabela 22 (Continuação)

Coeficientes de correlação de Spearman entre subescalas do CADRI.

Variáveis	V. física Perpetrada	V. Física sofrida	Ameaças perpetradas	Ameaças sofridas	V. Sexual perpetrada	V. Sexual Sofrida	V. relacional perpetrada	V. relacional Sofrida	V. verbal perpetrada	V. Verbal sofrida
V sexual sofrida	0,445	0,452	0,250	0,328	0,672					
V relacional perpetrada	0,130	0,213	0,153	0,217	0,118	0,160				
V. relacional sofrida	0,236	0,464	0,233	0,435	0,242	0,326	0,405			
V. verbal perpetrada	0,444	0,381	0,475	0,492	0,289	0,404	0,119	0,341		
V. verbal sofrida	0,311	0,413	0,413	0,646	0,311	0,369	0,205	0,406	0,814	-

Os dados obtidos permitiram conhecer o número de adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar determinada natureza de violência (tabela 23). Entre os que afirmaram sofrer ou perpetrar violência verbal/emocional, 93,2% sofreram e perpetraram a mesma natureza de violência.

De forma similar verificou-se que 59,5% dos adolescentes sofreram e perpetraram violência sexual, em simultâneo.

Tabela 23

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que afirmaram perpetrar e sofrer violência nas relações de intimidade na adolescência, por sexo.

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Violência sexual	14	58,3	11	61,1	25	59,5
Violência física	9	39,1	4	44,4	13	40,6
Violência verbal/emocional	64	97	32	86,5	96	93,2
Violência relacional	4	25	3	27,3	7	25,9
Ameaças	14	51,9	3	37,5	17	48,6

A violência relacional foi a que apresentou a menor frequência de adolescentes que se declararam vítimas e agressores (25,9%).

1.4 CONHECIMENTOS DOS ADOLESCENTES SOBRE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

Em relação aos conhecimentos dos participantes sobre a violência nas relações de intimidade na adolescência, a média de respostas corretas foi de 40,7 com valor mínimo 30 e valor máximo 47. A média de respostas corretas das adolescentes foi igual a 41,3 e a média dos adolescentes do sexo masculino foi de 39,6. Verificou-se associação estatisticamente significativa do conhecimento com o sexo.

Na tabela 24 são apresentadas as frequências absoluta e relativa dos adolescentes que responderam corretamente a cada um dos itens da escala de conhecimentos. Os adolescentes do sexo masculino assumem com maior frequência ser verdade que: “a violência no namoro é uma situação pouco frequente” ($p < 0,001$); “o ciúme é sinal de amor” ($p = 0,053$); “quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro” ($p = 0,003$); “o/a namorado/a só controla o outro porque gosta muito dele/a” ($p = 0,007$); “zombar dos interesses do/a namorado/a não é violência” ($p = 0,052$); “os/as namorados/as devem vestir-se para agradar um/a ao/à outro/a” ($p = 0,051$).

As adolescentes apresentaram frequências maiores de respostas corretas nos itens: “as drogas são a principal causa de violência no namoro” ($p = 0,054$); “a violência entre parceiros não acaba após o casamento” ($p = 0,025$).

Salientam-se ainda os seguintes resultados: 41,4% dos adolescentes consideram que “quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro”; 36%, “a violência no namoro é facilmente identificável”; e 35,8%, consideram que “as drogas são a principal causa de violência no namoro”.

Tabela 24

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Item	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	N	%	n	%	
	1. O ciúme não é causa de violência no namoro ¹	11	15,9	9	22	20	

Tabela 24 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Item	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	N	%	n	%	
2. A violência no namoro acontece porque os/as namorados/as pensam que têm o direito de se imporem um ao outro ¹	62	89,9	34	81	96	86,5	0,183
3. O ciúme é uma das principais causas de violência no namoro ¹	57	82,6	35	83,3	92	82,9	0,922
4. Os rapazes são violentos por natureza ²	7	10,1	3	7,1	10	9	0,740
5. Existem casos de violência no namoro entre os jovens da minha idade ²	68	98,6	40	95,2	108	97,3	0,556
6. A violência no namoro é uma situação pouco frequente ¹	3	4,3	12	28,6	15	13,5	<0,001*
7. A violência no namoro não existe ²	1	1,4	0	0	1	0,9	1,000
8. O ciúme é sinal de amor ¹	11	15,9	13	31,7	24	21,8	0,053 ^A
9. Uma bofetada não faz mal a ninguém ²	2	2,9	1	2,4	3	2,7	1,000
10. O álcool é a principal causa de violência no namoro ¹	24	35,3	11	26,8	35	32,1	0,359
11. As drogas são a principal causa de violência no namoro ¹	29	42,6	10	24,4	39	35,8	0,054 ^A
12. A violência no namoro só aparece nos estratos sociais baixos ²	1	1,4	1	2,4	2	1,8	1,000
13. Quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro ¹	21	30,4	25	59,5	46	41,4	0,003*
14. O fim da relação de namoro significa o fim da violência ²	2	2,9	2	4,8	4	3,6	0,633
15. A violência pode manter-se após acabar o namoro ²	66	95,7	40	97,6	106	96,4	1,000
16. Um empurrão não é um comportamento violento ²	2	2,9	4	9,5	6	5,4	0,197
17. A violência no namoro é facilmente identificável ¹	23	33,3	17	40,5	40	36	0,447
18. Os/As namorados/as provocam a violência devido à forma como se vestem ²	3	4,3	6	14,3	9	8,1	0,080

Tabela 24 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Item	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	N	%	n	%	
19. Só mantém uma relação de namoro violento quem quer ¹	21	30,4	17	40,5	38	34,2	0,280
20. A violência no namoro provoca isolamento da vítima ²	62	89,9	38	90,5	100	90,1	1,000
21. O sentimento de culpa é frequente nas vítimas de violência ²	64	95,5	36	85,7	100	91,7	0,085
22. O baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro ¹	51	75	26	63,4	77	70,6	0,198
23. A violência no namoro é um problema que só diz respeito ao casal de namorados ²	1	1,4	3	7,3	4	3,6	0,145
24. O/a namorado/a só controla o outro porque gosta muito dela/e ²	0	0	5	11,9	5	4,5	0,007*
25. Um/a namorado/a que gosta do outro não agride ¹	62	89,9	35	83,3	97	87,4	0,316
26. Temos o direito de escolher os/as amigos/as do/a nosso/a namorado/a ²	3	4,3	1	2,4	4	3,6	1,000
27. Os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro ¹	8	11,6	8	20	16	14,7	0,232
28. Zombar das opiniões do/a namorado/a não é violência ¹	11	15,9	13	31	24	21,6	0,062
29. Zombar dos interesses do/a namorado/a não é violência ¹	8	11,8	11	26,2	19	17,3	0,052 ^A
30. Ainda que namore, tenho direito a manter os meus amigos	69	100	42	100	111	100	-
31. É difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas ¹	60	87	36	85,7	96	86,5	0,853
32. A violência entre parceiros não acaba após o casamento ²	67	97,1	35	83,3	102	91,9	0,025*
33. Exercer o poder sobre o/a namorado/a não é violência ²	2	2,9	1	2,4	3	2,7	1,000
34. Controlar o/a meu/minha namorado/a é uma manifestação de amor ²	1	1,4	0	0	1	0,9	1,000

Tabela 24 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Item	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		p
	n	%	N	%	n	%	
35. Tenho o direito de dar um beijo em meu/minha namorado/a sempre que quero ²	9	13	1	2,4	10	9,1	0,087
36. Se o/a meu/minha namorado/a me contrariar, tenho o direito de gritar com ele/ela, mesmo que seja em público ²	0	0	1	2,4	1	0,9	0,378
37. O sentimento de raiva gera violência ¹	59	85,5	33	80,5	92	83,6	0,491
38. A gravidez indesejada pode ser uma consequência da violência no namoro ¹	57	83,8	30	73,2	87	79,8	0,179
39. Quando um/a namorado/a diz que não quer ter atividade sexual está se fazendo de difícil ²	1	1,4	0	0	1	0,9	1,000
40. Os/As namorados/as só podem sair se forem juntos/as ²	1	1,4	0	0	1	0,9	1,000
41. Os/As namorados/as devem vestir-se para agradar um/a ao/à outro/a ²	2	2,9	6	14,3	8	7,2	0,051 ^A
42. Os/As namorados/as podem ler as mensagens de celular um/a do/a outro/a ¹	26	37,7	9	21,4	35	31,5	0,074
43. Os/As namorados/as devem informar os parceiros sempre onde estão ¹	27	39,7	11	26,2	38	34,5	0,148
44. Os/As namorados/as devem informar os parceiros sempre com quem estão ¹	23	33,8	9	21,4	32	29,1	0,164
45. A violência no namoro não tem consequências psicológicas ²	5	7,2	2	4,8	7	6,3	0,708
46. A violência no namoro só tem consequências físicas ²	2	2,9	1	2,4	3	2,7	1,000
47. Obrigar o/a namorado/a a iniciar a atividade sexual é uma forma de violência sexual ²	64	92,8	41	97,6	105	94,6	0,406

1. Teste de Qui-quadrado

2. Teste exato de Fisher

* Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

A: valor marginal (p= 0,05)

Verificou-se que os participantes que perpetraram ameaças apresentaram maior tendência a considerar verdade que “o ciúme é sinal de amor” (p= 0,035); os que

sofreram violência física apresentaram maior tendência a assumir como verdade que “o/a namorado/a só controla o outro porque gosta muito dela/e” ($p=0,040$).

Também foi observado que os participantes que perpetraram violência sexual e sofreram violência sexual e perpetraram violência física, apresentaram maior tendência a assumir como verdade que “os/as namorados/as devem informar os parceiros sempre onde estão”. Os que perpetraram violência sexual apresentaram maior tendência a assumir como verdade que “os/as namorados/as podem ler as mensagens de celular um/a do/a outro/a”. O mesmo acontece com os que perpetraram violência relacional que assumem como verdade que “zombar das opiniões do/a namorado/a não é violência”. Os que sofreram e perpetraram violência relacional e ameaças e, sofreram violência física, apresentaram maior frequência a assumir como verdade que “os rapazes são violentos por natureza”. Os que perpetraram violência relacional assumem mais frequentemente como verdade que “zombar dos interesses do/a namorado/a não é violência”.

Constatou-se que os adolescentes que sofreram violência relacional assumem como verdade mais frequentemente que “os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro”. Aqueles que perpetraram violência relacional apresentaram maior frequência que é verdade que “temos o direito de escolher os/as amigos/as do/a nosso/a namorado/a”.

Os participantes que não sofreram violência física apresentaram maior frequência a assumir como verdade que “a violência entre parceiros não acaba após o casamento”. Os que não sofreram violência relacional nem física apresentaram maior tendência a assumir como verdade que “o baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro”.

Observou-se, também, que os adolescentes que não sofreram violência sexual nem física e, não perpetraram violência física e ameaças, consideraram com maior frequência que “é difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas”.

1.5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A discussão dos resultados baseia-se no confronto dos resultados obtidos neste estudo com os obtidos na literatura, salientando, sempre que possível, os estudos realizados no Brasil.

1.5.1 Relações de intimidade entre adolescentes

A amostra foi composta predominantemente por adolescentes do sexo feminino, com idade igual ou superior a 18 anos, brancas, brasileiras e residentes na zona urbana de Curitiba. Em relação às condições de vida dos adolescentes, foi possível identificar potenciais de fortalecimento (Nakamura, et al., 2009; Trapé, 2011): residir com o pai e a mãe; domicílios com número de divisões superior ao número de pessoas residentes; e pais com ensino médio concluído (Brancaglioni & Fonseca, 2016). Tais achados revelam a violência enquanto fenômeno que atinge as vivências de adolescentes de todas as classes sociais (Minayo, et al., 2011). As conclusões destas autoras revelaram não haver diferença significativa na prevalência de violência nas relações de intimidade, quando comparados estudantes de escolas públicas e privadas, no que concerne à perpetração e à vitimização. Assim, as intervenções voltadas à prevenção e enfrentamento da violência nas relações de intimidade devem incluir adolescentes de todas as classes sociais.

Como apontado na literatura científica, os resultados também indicaram a categoria gênero como determinante da construção da sexualidade de adolescentes de ambos os sexos (Nogueira, et al., 2008; Minayo, et al., 2011; Oliveira et al., 2015). No presente estudo, os dados revelaram a heterossexualidade como orientação predominante, sobretudo entre os sujeitos do sexo masculino, o que converge com os resultados obtidos por Fernández-Fuertes & Fuertes (2010). A heterossexualidade declarada, pode estar vinculada à construção social heteronormativa, principalmente no universo masculino. (Da Matta, 2010). O presente estudo identificou um maior número de adolescentes que declararam ter relações afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo, quando comparado com outros estudos (Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Minayo, et al., 2011).

As primeiras relações de namoro ou “ficar”, registaram-se na adolescência, quando os participantes tinham 13,7 anos, em média. A partir deste período, os adolescentes relataram estabelecer relações de intimidade com 10 pessoas, em média, tendo sido observada grande variabilidade no número de pessoas com as quais os participantes “ficaram” ou namoraram. Estes resultados convergem com os obtidos noutros estudos realizados no Brasil (Minayo, et al., 2011; Campos, 2011).

A média de idade da primeira relação sexual foi semelhante em ambos os sexos (16.4 anos) e a frequência de adolescentes que tiveram relação sexual foi maior entre os adolescentes do que entre os adolescentes do sexo masculino. Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013) e por Minayo, et al., (2011) apontaram resultados divergentes, ou seja foram os adolescentes do sexo masculino, que apresentaram maior percentual de relações sexuais.

As adolescentes iniciaram relações sexuais predominantemente em relacionamentos estáveis, sendo estas permeadas por pensamentos românticos. Resultado diferente foi

identificado nos adolescentes do sexo masculino em que a iniciação sexual ocorreu predominantemente em relacionamentos não estáveis e permeados pela atração física pela parceira. Para ambos os sexos, observou-se que o contexto de iniciação sexual correspondeu às normas tradicionais de gênero para mulheres e homens, revelando assim a manutenção de construções sociais que restringem a sexualidade das adolescentes (Nogueira, et al., 2008) e impedem que os adolescentes do sexo masculino expressem os seus sentimentos pois, a sensibilidade é considerada uma característica feminina (DaMatta, 2010). Segundo Marinho, et al., (2009) e Bezerra et al., (2015) a iniciação sexual ocorre em diferentes contextos, dependendo do sexo dos adolescentes, evidenciando diferenças de gênero.

O número e tipo de parceiro sexual também evidenciaram diferenças de gênero. Embora sem associação estatisticamente significativa entre sexo e número de pessoas com as quais os adolescentes tiveram relação sexual, observa-se que os resultados podem estar relacionados com aspetos socialmente valorizados na construção da feminilidade e da masculinidade hegemónicas. Assim, a diferenciação de gênero implica diferentes possibilidades para os adolescentes no que se refere à vivência da sexualidade pois, é permitido aos homens e proibido às mulheres a manutenção de múltiplos parceiros sexuais (Brancaglioni & Fonseca, 2016; Fonseca, 2012).

O número de parceiros sexuais apontou para a dicotomia castidade/virilidade, dado que 87,8% das adolescentes afirmaram que tinham relações sexuais apenas com um parceiro fixo. Entre os adolescentes do sexo masculino essa frequência foi de 50%.

Observou-se que o/a parceiro/a da maioria das adolescentes era mais velho/a ou tinha a mesma idade. O mesmo não se verificou nos adolescentes do sexo masculino, que afirmaram terem parceiras/os da mesma idade que eles ou mais novas/os. Estes resultados convergem com o referido por Minayo, et al. (2011). Estas autoras verificaram que os adolescentes do sexo masculino mais velhos possuíam maior credibilidade entre as adolescentes, pois, teriam mais maturidade do que os mais novos, o que despertava interesse em estabelecerem os seus relacionamentos. Assim, dependendo da diferença de idade entre os parceiros, a desigualdade de gênero pode sobrepor-se à desigualdade de geração, o que aumenta a vulnerabilidade feminina à violência nos relacionamentos. (Schoenmaker et al., 2015).

Os resultados também mostraram que, apesar das transformações ocorridas nas relações de intimidade entre adolescentes, coexistem relações duradouras, registou-se uma duração das relações selecionadas pelos adolescentes de 13,8 meses, em média. Este valor foi superior ao obtido por Fernández-Fuertes & Fuertes (2010), que referem 7,9 meses, e Dixe & Fabião (2013), 8,9 meses. Salienta-se que estes estudos foram realizados com participantes com idade média de 17,2 anos e 16,2 anos, respectivamente.

Ainda em relação ao tempo de duração da relação de intimidade selecionada, as adolescentes estabeleceram relações mais duradouras que os adolescentes do sexo masculino, o que converge do referido por Minayo, et al., (2011). Numa perspectiva de compreende-se que, dadas as construções históricas e sociais, homens e mulheres carregam consigo distintas maneiras de pensar e agir no que diz respeito ao amor e às relações de intimidade (Fonseca, 2012).

Assim, compreende-se que as diferenças de duração das relações de intimidade por sexo são determinadas pelas construções de género, favorecendo a manutenção de relações duradouras pelas adolescentes, pois a construção hegemónica de feminilidade atribui o casamento e a constituição da família como valores para as mulheres (Fonseca, 2012). Segundo Thongpriwan e McElmurry (2009), tais construções também podem dificultar a saída das adolescentes de relações violentas.

Também foi observada, entre as adolescentes, maior frequência de discussões com o/a parceir/a e revelaram que 23,9% das adolescentes informaram discutir sempre ou muitas vezes com o/a parceiro/a, evidenciando assim a vivência de conflitos frequentes e de situações onde podem ocorrer a vivência e a perpetração de agressões.

1.5.2 Caraterização da violência nas relações de intimidade

Na análise das violências sofridas e perpetradas, os valores obtidos pela CADRI foram muito superiores aos referidos quando os adolescentes foram questionados sobre a sua percepção enquanto vítimas ou agressores, revelando que aproximadamente 90% dos adolescentes sofreram ou perpetraram violência verbal/emocional nas relações de intimidade, enquanto apenas 26,4% reconheceram ser vítimas de violência psicológica e 18,5% agressores.

Em relação à violência física 22,5% dos participantes perpetraram e 18% sofreram esta natureza de violência. Mas, apenas 4,6% reconheceram ser agressores e 3,7% vítimas. No que se refere à violência sexual 27,9% dos participantes eram perpetradores e 32,4% vítimas. Porém, apenas 0,9% dos adolescentes se reconheceram como agressores e 6,4% como vítimas. Resultados semelhantes foram obtidos por Dixe e Fabião (2013). Estes resultados evidenciam que agressões perpetradas e sofridas nas relações de intimidade podem não ser reconhecidas como violência, ainda que faça parte da realidade dos adolescentes. Sendo frequentemente relatada pelos próprios, ela é simultaneamente negada pela idealização das relações de intimidade como territórios de afeto e amor, o que não permite a existência de violência (Minayo, et al., 2011).

Os estudos de Castro (2009) e de Thongpriwan e McElmurry (2009) apontam que as construções hegemónicas de género conformam a naturalização e a legitimação da

violência vivida e perpetrada entre adolescentes. Foi constatado que, ambos os sexos, se fundamentavam em estereótipos de gênero sobre o papel de homens e mulheres nas relações de intimidade. As agressões vivenciadas e cometidas não eram percebidas como violências, porque os estereótipos de gênero eram entendidos como parte de uma suposta natureza feminina ou masculina, e não como determinados pela construção histórica e social das relações de poder estabelecidas entre os sexos (Brancaglioni & Fonseca, 2016). Resultados semelhantes foram obtidos por Schoenmaker et al. (2015), que observaram que as construções de masculinidade e feminilidade determinaram diferentes percepções e perspectivas em relação à violência nas relações de intimidade na adolescência.

Os resultados revelaram que as adolescentes perpetraram mais agressões que os adolescentes do sexo masculino, o que permite questionar se as adolescentes realmente perpetram mais agressões ou se as relatam mais facilmente. Esta hipótese surge atendendo a que na construção hegemônica de masculinidade, os adolescentes do sexo masculino são incentivados a perpetrar diversas formas de violência, facilitando a maior naturalização das agressões perpetradas.

A violência verbal/emocional é a natureza mais frequente de violência nas relações de intimidade entre adolescentes seguida da violência sexual e das ameaças. Verifica-se ainda convergência dos resultados deste estudo com o referido na literatura científica em que este fenómeno se caracteriza pela mutualidade das agressões, e não pela oposição dominador e dominada (Muñoz-Rivas et al., 2007; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Embora as adolescentes tenham apresentado frequência de violências sofridas (94,2%) superior à dos adolescentes do sexo masculino (83,3%), houve associação estatisticamente significativa entre o sexo feminino e perpetrar violência física, verbal/emocional e ameaças. Estes resultados parecem indicar que na adolescência, embora sejam vivenciadas desigualdades de gênero nas relações de intimidade, essas desigualdades parecem não se terem consolidado na vida da maioria das adolescentes (Thongpriwan & McElmurry, 2009; Sullivan et al., 2010; Minayo, et al., 2011).

A média de duração das relações nas quais houve perpetração de violência verbal/emocional foi superior à média de duração das relações em que tal não ocorreu. Os resultados vão ao encontro dos obtidos por Dixe e Fabião (2013), e por Minayo, et al., (2011). Esta convergência de resultados parece permitir afirmar que nas relações de intimidade com maior duração, a convivência e o compromisso entre os parceiros pode favorecer o surgimento de conflitos e de agressões.

Importa reforçar que a vitimização e perpetração de violência verbal são frequentes nas relações sociais e não se restringem apenas às relações de intimidade. É uma violência comumente vivenciada pelos adolescentes, o que contribui para que seja banalizada

e legitimada (Minayo, et al., 2011). Além disso, a crença de que as agressões verbais são menos prejudiciais do que as demais naturezas de violência (Minayo, et al., 2011) também contribui para a manutenção dos elevados percentuais encontrados e para a desvalorização dessa violência. Os adolescentes também percebem a gravidade dessas agressões, que são apontadas como mais graves e duradouras do que as agressões físicas (Nascimento & Cordeiro, 2011).

O ciúme apareceu entre as três agressões verbais/emocionais mais frequentes nas relações de intimidade e, quando associado a discussões entre parceiros íntimos adolescentes (Muñoz-Rivas et al., 2007; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010), é favorecedor da perpetração e vitimização de outras naturezas de violência tais como a física (Muñoz-Rivas et al., 2007; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Wiklund et al., 2010).

Estudo realizado por Minayo, et al., (2011) evidenciou a determinação de gênero na vitimização e perpetração de agressões entre adolescentes que mantinham relações de intimidade. Na referida pesquisa, as falas dos adolescentes remeteram à construção social do masculino e feminino. Enquanto a violência verbal apareceu como uma forma de agressão que é comumente praticada pelas adolescentes, a violência física surge associada ao sexo masculino. Essas distinções podem ser produzidas pela construção social hegemônica de masculinidade, em que aos homens é atribuída a força e o exercício do poder pela dominação (Oliveira & Fonseca, 2014). Corroborando os resultados de Minayo, et al., (2011) algumas adolescentes relataram gritar com os parceiros, na tentativa de impor a sua vontade, usando a violência como estratégia de não subjugação.

É necessário considerar que os insultos, as deprecições e a ridicularização praticados pelos adolescentes podem ser influenciadas pelo gênero. As agressões verbais perpetradas pelas adolescentes frequentemente envolvem injúrias sobre a masculinidade dos parceiros (Minayo, et al., 2011), enquanto as agressões perpetradas pelos adolescentes do sexo masculino envolvem a aparência física das adolescentes e injúrias sobre o seu comportamento sexual (Sullivan et al., 2010; Thongpriwan & McElmurry, 2009).

Em relação às ameaças perpetradas, o percentual obtido no estudo foi semelhante ao encontrado por Minayo, et al., (2011) bem como a frequência das ameaças perpetradas pelas adolescentes. Porém, as frequências obtidas entre os adolescentes do sexo masculino (9,5%) foram menores que as obtidas pelas mesmas autoras. Em ambos os estudos, foi encontrada associação estatisticamente significativa com o sexo.

No que se refere às ameaças sofridas o percentual também foi elevado e semelhante ao encontrado por Minayo et al., (2011). Porém, o mesmo estudo não revelou diferença de percentual de ameaças sofridas entre os sexos, aspecto que divergiu deste estudo em que a maioria das frequências obtidas pelas adolescentes foi mais elevada que nos adolescentes do sexo masculino.

As relações de intimidade entre adolescentes são permeadas pela tensão, medo e ansiedade produzidos pelas ameaças sofridas e perpetradas por ambos os parceiros, que parecem ocorrer principalmente nas situações de término do namoro (Thongpriwan & McElmurry, 2009; Sullivan et al., 2010).

Outra ameaça frequente entre adolescentes nas situações de término do namoro diz respeito à pornografia de vingança, termo utilizado para designar a divulgação de imagens e vídeos íntimos por meio da internet e redes sociais pelos parceiros ou ex-parceiros. Os vídeos e fotos obtidos com ou sem o consentimento das adolescentes durante relações com o parceiro, são usados para as ameaçar na tentativa de impedir o término da relação (Minayo et al., 2011; Mota, 2015). Trata-se de uma nova face da violência de gênero, cujo reconhecimento é recente.

Outra agressão que prejudica o convívio social dos adolescentes é a violência relacional. No presente estudo, observou-se que a frequência de violência relacional perpetrada foi muito semelhante à frequência obtida por Minayo et al. (2011), porém, essas autoras não encontraram diferenças entre os sexos.

Observou-se que, embora não tenha sido encontrada associação com sexo, as frequências de todas as agressões de violência relacional perpetrada foram maiores entre os adolescentes do sexo masculino do que entre as adolescentes. Deste modo, os resultados obtidos parecem convergir com os referidos na literatura quanto ao contexto das agressões e às diferenças de gênero. As agressões relacionais são frequentemente perpetradas em contextos de vingança pelo término da relação ou por atitudes que desagradaram o/a parceiro/a (Sullivan et al., 2010). Tais agressões são direcionadas à/ao parceira/o atual ou à/ao ex-parceira/o, sendo observado que, à semelhança do verificado em relação às agressões verbais, os estereótipos de gênero são utilizados para difamar adolescentes de ambos os sexos.

Em relação à violência relacional, destaca-se a diferença entre as frequências de violência relacional sofrida e de violência relacional perpetrada. As primeiras apresentaram valores muito superiores, achado também relatado por Minayo, et al. (2011).

A frequência de violência sexual perpetrada foi inferior ao percentual obtido por Minayo, et al., (2011). O mesmo ocorreu em relação às frequências por sexo, que foram menores entre as adolescentes, enquanto as obtidas por Minayo, et al. (2011) foram superiores nos adolescentes do sexo masculino. Semelhante aos achados obtidos por Minayo, et al., (2011), observou-se que os elevados percentuais de violência sexual sofrida e perpetrada foram ocasionados principalmente pelas altas frequências obtidas no item "beijar o(a) parceiro(a) quando ele/ela não queria".

Para a compreensão das relações de dominação e subordinação, é necessário repensar a análise das adolescentes dominadas, versus as dos adolescentes do sexo masculino dominadores passando para a reflexão acerca da construção histórica e social das relações de poder inter e intragéneros. A partir de estudo qualitativo realizado por Castro (2009), observa-se que os adolescentes do sexo masculino são frequentemente pressionados por outros adolescentes a serem agressivos e dominadores nas relações de intimidade, o que os faz conviver com a tensão entre corresponder à construção hegemônica de masculinidade ou sofrer humilhações e ser motivo de chacota entre os colegas ao ser questionada a sua masculinidade.

Verificou-se que as adolescentes são pressionadas por outros adolescentes a reprimirem-se nas relações de intimidade, convivendo com a tensão entre corresponder à construção hegemônica de feminilidade ou sofrer ofensas (Bourdieu, 2014).

Quando considerada violência sexual sofrida, observou-se que a frequência obtida foi inferior à obtida por Minayo et al., (2011), tendo sido encontrada discreta diferença entre os sexos.

Apesar dos resultados apontarem que os adolescentes vivenciam violência sexual nas relações de intimidade, esta violência não é mencionada pelos adolescentes do sexo masculino enquanto vítimas dessas agressões. Condutas normatizadas de gênero podem estabelecer a vitimização sexual dos adolescentes do sexo masculino, embora essa, muitas vezes, não seja percebida como violência ou seja admitida como violência psicológica (Minayo et al. 2011). Os resultados obtido no nosso estudo, permitiram concluir que os adolescentes do sexo masculino nem sempre tinham o desejo de manter relação sexual, todavia, o receio em ter a sua masculinidade colocada em xeque por ofensas e ultrajes de seus pares ou da parceira, determinou que se submetessem à pressão dos demais adolescentes e mantivessem relações sexuais indesejadas. Tornou-se claro que construções de gênero possibilitam a legitimação da violência sexual. O mesmo concluiu um estudo tailandês em que os adolescentes que não condiziam à construção hegemônica de feminilidade eram as principais vítimas de agressões sexuais (Thongpriwan & McElmurry, 2009).

Em relação à violência física perpetrada, a percentagem obtida foi similar à obtida por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) e por Minayo et al. (2011).

A literatura também revela o aumento da gravidade das agressões físicas perpetradas nos adolescentes com mais idade e nos jovens (Waiselfisz, 2012; Waiselfisz, 2013; Anacleto et al., 2009; Muñoz-Rivas et al., 2007). No estudo de Muñoz-Rivas et al. (2007), a frequência de agressões físicas diminuiu entre os adolescentes com maior idade, porém, aumentou a gravidade das lesões.

Ao serem consideradas as agressões físicas severas, observa-se que os percentuais obtidos pelos adolescentes do sexo masculino são superiores ao das adolescentes (Swart et al., 2002; Muñoz-Rivas et al., 2007). Foi observada associação estatisticamente significativa entre ser do sexo masculino e perpetrar agressões físicas severas, como tentativas de sufocamento ou estrangulamento e ameaças com faca ou arma (Muñoz-Rivas et al., 2007). No estudo de Castro (2009) os relatos de adolescentes de ambos os sexos revelaram a naturalização das agressões perpetradas pelos adolescentes do sexo masculino. A agressividade foi compreendida como inerente aos homens, reiterando a determinação histórica e social da masculinidade e negando, assim, as alternativas para a desconstrução desse estereótipo de gênero.

Em relação à frequência de violência física sofrida (18%), observou-se que foi discretamente inferior ao obtido por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) e Minayo, et al., (2011). O mesmo ocorreu em relação às frequências obtidas por sexo, ou seja, os adolescentes do sexo masculino apresentam valores superiores aos das adolescentes nos diferentes estudos.

Outro resultado preocupante prende com a forte correlação encontrada entre sofrer e perpetrar a mesma natureza de violência. As correlações mais elevadas foram observadas entre perpetrar e sofrer violência verbal/emocional, seguida de sofrer e perpetrar violência sexual. Estes resultados são convergentes com os de Minayo et al. (2011), Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) e, Swart et al. (2002).

Apesar desses achados, o presente estudo e o de Minayo, et al., (2011) apontam o papel central da violência psicológica nas relações de intimidade entre adolescentes. A vitimização e a perpetração de violências físicas e sexuais ocorrem maioritariamente associadas à violência psicológica, sendo menos frequente os casos em que houve perpetração ou vitimização dissociada de agressões físicas e sexuais.

Da mesma maneira, um elevado número de adolescentes é simultaneamente vítima e agressor das violências referidas, principalmente quando consideradas as agressões verbais e sexuais. Porém, destaca-se que a maioria das frequências de mutualidade das agressões foram inferiores às obtidas por Minayo, et al. (2011), tendo sido obtidos percentuais muito próximos apenas na frequência de violência verbal/emocional.

1.5.3 Conhecimentos dos adolescentes sobre violência nas relações de intimidade

No presente estudo, as adolescentes apresentaram média de respostas corretas superior à dos adolescentes do sexo masculino no que se refere aos conhecimentos sobre a violência nas relações de intimidade. Este resultado foi semelhante ao obtido

por Dixe e Fabião (2013), porém estas autoras não identificaram associação entre o número de respostas corretas e as natureza de violências sofridas nas relações de intimidade, situação identificada neste estudo. Foi ainda verificado que os adolescentes que sofreram violência relacional obtiveram menor número de respostas corretas, isto é, detêm menor conhecimento sobre o fenómeno.

Os resultados também revelaram que os adolescentes do sexo masculino apresentaram maiores frequências de respostas corretas do que as adolescentes nos seguintes itens “a violência no namoro é uma situação pouco frequente” e “zombar dos interesses do(a) namorado(a) não é violência”, verificando-se associação estatisticamente significativa. Estes achados estão relacionados à construção hegemônica de masculinidade, dado a agressividade ser um dos principais elementos da construção de género relacionado à masculinidade, acompanhado de maior naturalização da violência por parte dos adolescentes do sexo masculino.

Os adolescentes do sexo masculino também apresentaram maiores frequências de respostas corretas nos itens: “o ciúme é sinal de amor”, “quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro”, “o(a) namorado(a) só controla o outro porque gosta muito dele(a)” e “os(as) namorados(as) devem vestir-se para agradar um(a) ao(à) outro(a)”. Também aqui se verificou associação estatisticamente significativa. Esses conhecimentos podem ser utilizados para legitimar ou naturalizar comportamentos controladores perpetrados ou vivenciados nas relações de intimidade. Além disso, os participantes que sofreram violência física ou perpetraram ameaças, apresentaram maior tendência a responder corretamente. Isto indica que esses conhecimentos, fundamentados nas referidas construções de género, parecem determinar a vivência e a perpetração de agressões e a naturalização e legitimação de violências sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes.

No presente estudo, também se observou entre as adolescentes, elevados percentuais de conhecimentos que podem determinar a naturalização e a legitimação de comportamentos controladores, tais como: “agradar ao namorado(a)”, “informar sempre onde estão”, “poderem ler as mensagens do telemóvel”, e “o ciúme como sinal de amor”. Estes resultados parecem estar relacionados às elevadas percentagens de provocação de ciúmes entre adolescentes verificados também noutros estudos (Murphy & Smith, 2010; Minayo, Assis & Njaine, 2011), Nascimento e Cordeiro (2011) e Dixe e Fabião (2013). Os conhecimentos supracitados parecem ainda estar relacionados aos elevados percentuais de comportamentos controladores observados neste estudo e revelados na literatura (Thongpriwan & McElmurry, 2009; Murphy & Smith, 2010).

Destaca-se que uma considerável percentagem de adolescentes respondeu corretamente no item “os(as) namorados(as) podem ler as mensagens de celular um(a) do(a) outro(a)”. Deste modo, com uso da internet e redes sociais, os comportamentos

controladores ocorrem também nas interações virtuais estabelecidas pelos adolescentes. Estes resultados são também referidos por Minayo, Assis e Njaine (2011) e Nascimento e Cordeiro (2011). Observou-se também que os participantes que perpetraram violência sexual apresentaram maior tendência a responder corretamente a este item.

Uma percentagem elevada de adolescentes respondeu correto ao item “a violência no namoro é facilmente identificável”, o que diverge de outros resultados obtidos neste estudo pois, muitas agressões sofridas e perpetradas não foram percebidas como violência.

Outro resultado divergente dos referidos na literatura prende-se com o item “só mantém uma relação de namoro violento quem quer”. É um conhecimento que nega as dificuldades impostas pelas desigualdades de poder presentes nas relações de intimidade entre adolescentes e por outros aspetos que dificultam que se libertem da situação violenta (Thongpriwan & McElmurry, 2009; Wiklund et al., 2010). Além disso, esse conhecimento também pode influenciar a culpabilização dos adolescentes pela situação de violência que vivenciam.

Quanto aos conhecimentos sobre o que está na origem da violência nas relações de intimidade, verificou-se que as drogas e o álcool foram relatados como as principais causas. Embora a literatura aponte a relação entre o uso de álcool e drogas e a perpetração de violência nas relações de intimidade na adolescência (Swart, Stevens, & Ricardo, 2002; Cutter-Wilson & Richmond, 2011), Oliveira e Fonseca (2014), referem ainda que a violência de género aparece em contextos que agregam outros fenómenos destrutivos à vida e à saúde dos seres humanos, como a violência estrutural e a exclusão social. Deste modo, não se pode estabelecer uma relação unicausal entre o fenómeno da violência nas relações de intimidade na adolescência e o abuso de álcool ou drogas. Estabelecer este tipo de relação contribui para ocultar a determinação social deste fenómeno.

Outros conhecimentos relatados pelos participantes também determinam a naturalização e legitimação de violências sofridas e perpetradas nas relações de intimidade entre adolescentes, como “gozar das opiniões do(a) namorado(a)”, “os rapazes serem violentos por natureza”, “os(as) namorados(as) provocarem a violência pela forma de se vestir” e “ter o direito de beijar sempre que quiser”. Também aqui os participantes que perpetraram ou vivenciaram violências psicológicas e aqueles que sofreram violência física apresentaram maior tendência de responder como verdadeiros alguns destes itens. Estes resultados apontam para a determinação de género das agressões sofridas e perpetradas nas relações de intimidade entre adolescentes.

Alguns itens evidenciam uma relação com construções de género que desculpabilizam os homens e culpabilizam as mulheres pela violência sofrida. Referimo-nos concretamente aos itens: “os rapazes são violentos por natureza”; e “os(as) namorados(as) provocam

a violência devido à forma como se vestem”. Afirma-se, assim, que a agressividade faz parte da “natureza” masculina, conhecimento que nega a construção histórica e social de gênero e interdita possibilidades de transformação dos comportamentos dos homens, contribuindo também para a manutenção do poder masculino (Oliveira & Fonseca, 2014).

Observou-se que considerável número de adolescentes concordou que “os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro”. Este conhecimento pode determinar a vivência e perpetração de comportamentos controladores, como restringir o convívio social do(a) parceiro(a), aspeto também apontado com frequência na literatura (Thongpriwan & McElmurry, 2009; Wiklund et al., 2010; Murphy & Smith, 2010). Este é compreendido por alguns adolescentes como um direito dos(as) parceiros(as), à escolha dos(as) amigos(as) do(a) namorado(a). Os participantes que perpetraram ou sofreram violência relacional apresentaram também maior tendência a responder como verdadeiro a este item, o que indica que estes conhecimentos podem determinar a naturalização e legitimação dessas agressões.

Alguns participantes consideram correto os itens “a violência no namoro não tem consequências psicológicas” e “a violência no namoro só tem consequências físicas”; resultados semelhantes aos obtidos por Dixe e Fabião (2013) e Nascimento e Cordeiro (2011).

Embora os percentuais de respostas verdadeiras na legitimação das agressões sofridas e perpetradas - bofetadas, empurrões, exercício de poder, saírem sempre juntos, gritar no caso de ser contrariado, não ceder a pressão sexual - não tenham sido elevados, o fato de alguns adolescentes concordarem com essas afirmações é preocupante. Estes conceitos podem aumentar a possibilidade de sofrer e perpetrar agressões (Miller et al., 2013) e dificultar a busca de ajuda para enfrentar a violência.

Ainda que o questionário tenha sido anônimo, os resultados podem sofrer a influência do desejo de autoaceitação. Isto pode fazer com que os adolescentes escolham as respostas com o intuito de serem aceites, ocasionando o sub-relato de concordância com esses itens. Outro aspecto preocupante, em relação a esses conhecimentos é que, considerando que houve concordância em afirmações explícitas de naturalização da violência, é possível que um percentual maior de adolescentes concorde parcialmente com essas afirmações ou que tragam esses conhecimentos implícitos, conforme observado por Minayo, Assis e Njaine (2011).

A concordância de alguns participantes com o item: “a violência no namoro é um problema que só diz respeito ao casal de namorados” também desperta preocupação, uma vez que pode impedir ou dificultar a procura de ajuda nestas situações (Thongpriwan & McElmurry, 2009).

Foram identificados conhecimentos que favorecem o reconhecimento e o enfrentamento da violência nas relações de intimidade na adolescência. Destaca-se a elevada frequência dos que concordaram que “a violência entre parceiros não acaba após o casamento”, e os que não sofreram violência física apresentaram maior tendência a responder como verdadeiro a este item.

Verificou-se que os adolescentes que não sofreram violência física e relacional apresentaram maior tendência a responder como verdadeiro o item “o baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro”. Os participantes que não sofreram ou perpetraram as diversas naturezas de violência, apresentaram maior tendência em responder como verdadeiro ao item “é difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas”. Estes achados confirmam a importância do conhecimento sobre VRI para a sua prevenção, reconhecimento e enfrentamento.

Salientam-se algumas contradições nos resultados obtidos. A totalidade dos participantes concordam que, “ainda que namore, tenho direito a manter meus amigos” e uma parte deste também concorda com “tenho o direito de escolher os(as) amigos(as) do(a) namorado(a)”.

Uma elevada percentagem de adolescentes reconhecem que “obrigar o(a) namorado(a) a iniciar a atividade sexual é uma forma de violência sexual”, é uma agressão. Desconhecer as consequências da VRI pode ocultar a gravidade deste fenómeno e contribuir para a manutenção da perpetração e vivência de agressões nas relações de intimidade (Murphy & Smith, 2010). Há diferença entre os conhecimentos e os comportamentos dos participantes, pois, apesar de conhecerem as consequências da VRI, não evita que sejam vítimas ou agressores.

Algumas adolescentes não partilham com os pais o início das relações de intimidade devido ao medo de serem proibidas de “ficar” ou namorar, ou devido a terem estabelecido tais relações apesar da proibição dos pais (Amaral, 2005). Considera-se que as dificuldades referidas são determinadas pela subalternidade de género e geração a que os adolescentes estão submetidos. A construção hegemónica de feminilidade determina menor liberdade às adolescentes, legitimando práticas de carácter restritivo à sua sexualidade (Amaral, 2005). Os adolescentes do sexo masculino desfrutam da, construção hegemónica de masculinidade, ou seja, de maior liberdade, concedida pela família e por outras instituições sociais, quanto ao exercício da sexualidade, uma vez que a virilidade é uma característica desejável entre os homens (Amaral, 2005; DaMatta, 2010).

Confluindo com a subalternidade de género, há a subalternidade de geração, determinando o estabelecimento de relações hierárquicas e desiguais entre adultos e adolescentes. Essas relações dificultam o desenvolvimento da autonomia dos adolescentes e de intervenções que poderiam auxiliá-los, além de aumentar a vulnerabilidade dos mesmos à violência (Gessner, Brancaglioni, & Fonseca, 2015).

1.6 CONCLUSÕES

Este estudo permitiu concluir que a VRI na adolescência é determinada pelas categorias género, violência de género e geração. Sabendo que género é um elemento constitutivo das relações sociais e que contribui para a construção histórica e social das masculinidades e feminilidades, ele tem de ser equacionado nos estudos das relações de intimidade entre adolescentes. O género determinou ainda as agressões sofridas e perpetradas de acordo com as construções hegemónicas na sociedade, pelo que a vitimização e perpetração da violência é determinada pela construção histórica e social do masculino e do feminino. As construções de género também influenciam a naturalização e a legitimação das agressões sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes.

A categoria geração permitiu constatar que o contexto histórico e social dos adolescentes, marcado por desigualdades de poder, determina maior vulnerabilidade à VRI. Embora os resultados apontem que a VRI na adolescência é um fenómeno predominantemente intrageracional, a perspectiva de geração possibilitou a compreensão de que nas relações em que há diferença de idade, a desigualdade de poder pode determinar maior vulnerabilidade.

As possibilidades de contactos on-line promovem novas formas de interação entre os adolescentes, facilitando/potenciando a perpetração e a vitimização da VRI.

Assim, observa-se que as desigualdades de género e geração potenciam a vulnerabilidade dos adolescentes à VRI pois, frequentemente, não encontram o apoio necessário para enfrentar tais situações. Estes resultados são preocupantes, pois tal como referido na literatura, a VRI tem implicações no desenvolvimento saudável dos adolescentes e, também, pode ser preditiva da VRI na vida adulta.

A literatura científica tem, também, indicado a importância dos conhecimentos e crenças dos adolescentes sobre a VRI para compreender as agressões sofridas e perpetradas, assim como as construções de género perpassam e determinam os conhecimentos sobre a violência nas relações de intimidade na adolescência.

Assim, entendemos que a perspectiva de género constitui um enfoque estruturante para transformar as relações hierárquicas e desiguais entre sexos e ampliar o conhecimento sobre VRI, diminuindo a sua naturalização e legitimação.

A reflexão crítica sobre esses conhecimentos e sobre a determinação de género das agressões deve ser incluída no enfrentamento da violência nas relações de intimidade na adolescência, para possibilitar a compreensão da construção histórica e social das masculinidades e feminilidades, bem como das desigualdades de poder determinadas por essas construções.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DO CONTEXTO CABO-VERDIANO

MARIA DO LIVRAMENTO MONTEIRO
ARMANDO MANUEL MARQUES SILVA
MARIA NETO DA CRUZ LEITÃO

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos no contexto cabo-verdiano que vão ser apresentados de acordo com os objetivos desta investigação, pelo que o capítulo se encontra estruturado nos seguintes subcapítulos: características da amostra e das relações de intimidade entre adolescentes cabo-verdianos; conflitos nos relacionamentos de namoro entre os adolescentes e conhecimentos dos adolescentes cabo-verdianos sobre violência nas relações de intimidade. De seguida será feita discussão dos resultados obtidos e apresentadas as conclusões.

1.1 CARATERIZAÇÃO SÓCIO DEMOGÁFICA DA AMOSTRA

Em primeiro lugar fazemos uma caracterização resumida dos participantes, com a finalidade de clarificar as suas características principais, que são elementares neste estudo.

Os participantes são 206 adolescentes (tabela 25), todos de nacionalidade cabo-verdiana, maioritariamente são adolescentes do sexo feminino (61,2%). Entre os adolescentes a idade mais frequente é a de 15 anos com 31,6% e a maioria (76,2%) vive numa zona urbana. Relativamente à religião quase a totalidade refere não ter religião (44,2%) ou assume ser católico (41,3%). A maior percentagem de adolescentes refere não saber qual a escolaridade do pai (35,4%) e da mãe (46,6%). Entre os que referem a escolaridade dos progenitores verifica-se que a maior frequência é o 1º ciclo quer para o pai (24,8%) quer para a mãe (16,5%).

Tabela 25

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das características sociodemográficas académicas e familiares.

Variável		n	%
Sexo	Masculino	80	38,8
	Feminino	126	61,2
Idade	14	56	27,2
	15	65	31,6
	16	53	25,7
	17	32	15,5
Nacionalidade	Cabo-verdiana	206	100,0
Local de residência	M. Sossego	39	18,9
	Fonte Francês	20	9,7
	Fernando Pó	16	7,8
	Outra	131	63,6
Zona	Urbana	157	76,2
	Rural	37	18,0
Religião	Não tenho religião	91	44,2
	Católica	85	41,3
	Protestante	2	1,0
	Evangélica	3	1,4
	Espírita	15	7,3
	Não responde	10	4,8
Escolaridade pai	Não sabe ler ou escrever	6	2,9
	1º Ciclo	51	24,8
	2º Ciclo	33	16,0
	3º Ciclo	25	12,1
	Superior	14	6,8
	Não sei	73	35,4
	Não responderam	4	1,9
Escolaridade Mãe	Não sabe ler ou escrever	3	1,5
	1º Ciclo	34	16,5
	2º Ciclo	20	9,7
	3º Ciclo	12	5,8
	Superior	23	11,2
	Não sei	96	46,6
	Não responderam	18	8,7

Como podemos verificar na tabela 26, a maioria dos adolescentes que participaram no estudo (82,0%) referiram que viviam com padrasto, 80,6% vivem com amigos e ou colegas. Salientamos que 60,7% e 65,5% não vivem com o pai e com a mãe respectivamente. Podemos ainda referir que 74,4% não vive com os irmãos.

Tabela 26

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das respostas dos participantes, quanto às pessoas que moram na mesma casa.

			Nº	%
Com quem vive	Pai	sim	79	38,3
		não	125	60,7
	Mãe	sim	64	31,1
		não	135	65,5
	Padrasto	sim	169	82,0
		não	36	17,5
	Madrasta	sim	39	18,9
		não	159	77,2
	Avós	sim	5	2,4
		não	192	93,2
	Irmãos	sim	56	27,2
		não	145	70,4
	Amigos/colegas	sim	166	80,6
		não	35	17,0
	Marido/Esposa	sim	7	3,4
		não	191	92,7
	Sozinho	sim	4	1,9
		não	191	92,7
	Outros parentes	sim	0	0,0
		não	197	95,5

Segundo a tabela 27 podemos constatar que a média de pessoas por habitação é de 5,62 (desvio padrão 2,65), e quanto ao número de divisões da casa a média é 6,36 com um desvio padrão de 2,90.

Tabela 27

Média e desvio padrão das variáveis número de pessoas que vivem na mesma casa e número de divisões da casa

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Nº de pessoas que vivem na mesma casa	0	20	5,62	2,65
Número de divisões da casa	0	18	6,36	2,90

1.2 CARATERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ESTABELECIDAS PELOS ADOLESCENTES

De acordo com a tabela 28, podemos constatar que as relações de intimidade dos estudantes que participaram neste estudo são maioritariamente relações heterossexuais (95,1%). A maioria dos adolescentes afirmam já ter iniciado a atividade sexual (70,3%), a maioria também referiu que a sua atividade sexual era com um parceiro fixo (78,0%). Verificamos ainda que 67,0% dos participantes afirmam que já tiveram atividade sexual com pessoas de sexo diferente.

Tabela 28

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das respostas dos adolescentes, quanto as relações afetivo-sexuais.

		Nº	%
Com quem namorou	Pessoa do mesmo sexo	1	0,5
	Pessoa de sexo diferente	196	95,1
	Pessoa do mesmo sexo e de sexo diferente	2	1,0
	Não respondeu	7	3,4
Início da atividade sexual	Sim	145	70,3
	Não	61	29,7
Tenho sexo com	apenas com um parceiro fixo	113	78,0
	com parceiros não fixos	12	8,3
	com um parceiro fixo e com parceiros não fixos	15	10,3
	Não respondeu	5	3,4

Tabela 28 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das respostas dos adolescentes, quanto as relações afetivo-sexuais.

		Nº	%
Tive sexo com	pessoas do mesmo sexo	5	2,4
	pessoas do sexo diferente	138	67,0
	ambos	2	1,0

Foi solicitado aos participantes que escolhessem uma pessoa com quem já namoraram, ou, com quem à data estavam a namorar, para responderem a algumas questões relacionadas com as relações de intimidade estabelecidas com essa pessoa escolhida. Tal como o apresentado na tabela 29, podemos constatar que 63,6% dos adolescentes escolheram a pessoa com quem estavam a namorar na altura desta pesquisa para responder às referidas questões.

Em relação à idade dos namorados escolhidos 47,1% dos adolescentes afirmam que estes são mais velhos. Verificamos ainda uma predominância de relações com pessoas de sexo diferente, o que confirma a predominância de relações heterossexuais entre estes adolescentes (92,7%). Na questão sobre a frequência das discussões 38,3% afirmam que nunca aconteceu e 49,5% dos adolescentes assinalam que acontece poucas vezes.

Tabela 29

Distribuição absoluta (nº) e relativa (%) das respostas acerca da pessoa seleccionada pelos adolescentes.

		n	%
Estou pensando em	Em alguém que estou namorando	131	63,6
	Na última pessoa com quem namorei há menos de um ano	49	23,8
	Na última pessoa com quem namorei há mais de um ano	12	5,8
	Em alguém de quem estou noivo ou casado atualmente	3	1,5
	Em alguém de quem fui noivo ou casado	1	,5
Idade da pessoa em que está pensando	Ela tem ou tinha a mesma idade que você	72	35,0
	Ela é ou era mais velha que você	97	47,1
	Ela e ou era mais nova que você	25	12,1

Tabela 29 (Continuação)

Distribuição absoluta (n^o) e relativa (%) das respostas acerca da pessoa selecionada pelos adolescentes.

		n	%
Sexo da pessoa em que está pensando	Tem o mesmo sexo que você	4	1,9
	Tem sexo diferente do seu	191	92,7
Frequência de discussões	Sempre	3	1,5
	Muitas vezes	16	7,8
	Poucas vezes	102	49,5
	Nunca	79	38,3

Tal como o apresentado na tabela 30, a média da idade do início do namoro dos adolescentes é de 12,42 com desvio padrão 2,45 anos. O tempo de duração dos relacionamentos foi em média 4,08 anos com desvio padrão de 6,92 meses. Quanto ao início da atividade sexual dos participantes a média é 13,14 e desvio padrão de 2,49 anos. Podemos ainda verificar que a média de parceiros sexuais por cada adolescente é 3,91 pessoas com um desvio padrão de 5,25.

Tabela 30

Médias e desvios padrões da idade do início do namoro, da atividade sexual e duração do relacionamento.

	Média	Desvio Padrão
Idade de namoro	12,79	6,30
Idade da 1^o vez	13,14	2,49
Número de pessoas com quem teve sexo	3,91	5,25
Quanto tempo dura/durou o relacionamento	4,08	6,92

Procurou-se também conhecer a auto-percepção dos participantes, quanto a serem vítimas ou agressores na relação de intimidade escolhida e qual a natureza dessa violência. A tabela 31 permite-nos verificar que a maioria refere não ter sido vítima ou agressor. Os que referem ter sofrido ou perpetrado violência, assumem que a violência psicológica foi a mais frequente, seguida da violência física e por último a violência sexual. Contudo, podemos afirmar que o número de adolescentes que referem terem sido agressores é mais elevado em relação aos que assumem ter sido vítimas, em todas as dimensões da natureza da violência.

Tabela 31

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) da tipologia da violência sofrida e perpetrada pelos adolescentes, na relação de intimidade.

			Nº	%
Vitima	Física	Sim	12	5,8
		Não	189	91,7
	Psicológica	Sim	25	12,1
		Não	175	85,0
	Sexual	Sim	7	3,4
		Não	193	93,7
Agressor	Física	Sim	15	7,3
		Não	186	90,3
	Psicológica	Sim	34	16,5
		Não	165	80,1
	Sexual	Sim	9	4,4
		Não	191	92,7

1.3 COMPORTAMENTOS DOS ADOLESCENTES NAS RELAÇÕES DE INTMIDADE

Neste capítulo vamos apresentar os resultados obtidos com o autopreenchimento do CADRI, apresentados por subescalas. Cada subescala está composta por vários itens que nos permitem avaliar a capacidade dos participantes quanto às estratégias abusivas e não abusivas na resolução de conflitos nas suas relações íntimas.

Na tabela 32 apresentamos os dados referentes às frequências absolutas e relativas, em relação aos itens da subescala “Violência sexual perpetrada e sofrida”.

Segundo os resultados apresentados nesta tabela quanto à perpetração, constatamos que o item “*Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria*”, foi o mais descrito por 33,4% das adolescentes e 32,5% dos adolescentes. Também constatamos que o item “*Eu o/a toquei sexualmente quando ele/ela não queria*” foi auto relatado por 23,1% adolescentes e 22,5% dos adolescentes do sexo masculino, seguido do item “*Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela*” com 18,8% pelos adolescentes do sexo masculino e

4,8% pelas adolescentes. Por último 16,2% dos adolescentes do sexo masculino e 4,0% das adolescentes afirmam que “Eu forcei ele(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria”. Contudo, ao analisarmos esta subescala do ponto de vista da violência sexual sofrida observou-se que 41,3% das adolescentes e 31,3% dos adolescentes do sexo masculino afirmam “Ele/Ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse”, enquanto 19,9% das adolescentes e 21,3% dos adolescentes do sexo masculino relataram que “Ele/Ela me tocou sexualmente quando eu não queria” e o item “Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria” - com 21,3% dos adolescentes do sexo masculino e 9,5% das adolescentes. Por fim, 16,3% e 8,0% dos adolescentes do sexo masculino e das adolescentes respetivamente, afirmaram que “Ele/Ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo”.

Tabela 32

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência sexual sofrida e perpetrada por item da CADRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Não		Sim		Não		Sim	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
2.Eu o/a toquei sexualmente quando ele/ela não queria	62	77,5	18	22,5	97	76,9	29	23,1
13.Eu forcei ele(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria	67	83,8	13	16,2	121	96,0	5	4,0
15.Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela	65	81,2	15	18,8	120	95,2	6	4,8
19.Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria	54	67,5	26	32,5	84	66,6	42	33,4
2.1Ele/Ela me tocou sexualmente quando eu não queria	63	78,7	17	21,3	101	80,1	25	19,9
13.1Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria	63	78,7	17	21,3	114	90,5	12	9,5
15.1Ele/Ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo	67	83,7	13	16,3	116	92,0	10	8,0
19.1Ele/Ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse	55	68,7	25	31,3	74	58,7	52	41,3

A tabela 33 apresenta os resultados da subescala “Ameaças perpetradas e sofridas”.

Observamos que os itens que apresentaram uma maior frequência foram: “Eu tentei assustá-lo(a) de propósito” (37,3%) e “Ele(a) tentou assustar-me de propósito” (38,9%), ambos referidos pelas adolescentes.

Quanto ao item “Eu ameacei magoá-lo(a)” foi referido por adolescentes de ambos os sexos, quase exequo, 15,1% para as adolescentes 15% para os adolescentes do sexo masculino. No item “Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa”, as adolescentes apresentaram maior frequência (23,1%) em relação aos adolescentes do sexo masculino (10,0%). Quanto a “Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava” foi relatado por 19,1% das adolescentes e 17,5% dos adolescentes do sexo masculino, seguido do item “Ele(a) ameaçou magoar-me” descrito por 18,3% das adolescentes e 12,5% dos adolescentes do sexo masculino. Verificamos ainda que 16,7% das adolescentes e 10,0% dos adolescentes do sexo masculino afirmam que “Destruíram ou ameaçaram destruir alguma coisa que o parceiro(a) gostava”. Assim podemos verificar que em relação ao sexo, as adolescentes tiveram uma maior frequência em quase todos os itens que compõem a subescala de “Ameaças” exceto no item “Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa” onde a maior frequência, verificou-se nos adolescentes do sexo masculino (17,5%).

Tabela 33

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência do tipo ameaça sofrida e perpetrada, por item da CADRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Não		Sim		Não		Sim	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele/a gostava.	72	90,0	8	10,0	105	83,3	21	16,7
29. Eu tentei assusta-lo/a de propósito	58	72,5	22	27,5	79	62,7	47	37,3
31. Eu ameacei magoá-lo/a	68	85,0	12	15,0	107	84,9	19	15,1
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.	72	90,0	8	10,0	97	76,9	29	23,1
5.1 Ele/a destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.	66	82,5	14	17,5	102	80,9	24	19,1
29.1 Ele/a tentou assustar-me de propósito.	64	80,0	16	20,0	77	61,1	49	38,9
31.1 Ele/a ameaçou magoar-me	70	87,5	10	12,5	103	81,7	23	18,3
33.1 Ele/a ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.	66	82,5	14	17,5	105	83,3	21	16,7

Na tabela 34 apresentam-se os resultados dos itens da subescala “*Violência relacional perpetrada e sofrida*”. Os resultados apresentados permitem-nos constatar que os adolescentes do sexo masculino apresentam uma frequência maior em todos os itens em relação às adolescentes. O item em que as adolescentes apresentam maior frequência é “Ele(a) tentou pôr os amigos contra mim” (13,5%). É de salientar que o item “Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os por contra mim” foi o mais descrito pelos adolescentes do sexo masculino e o menos descrito pelas adolescentes com (16,2%) e (4,8%) respetivamente.

Tabela 34

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência relacional sofrida e perpetrada por item da CADRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Não		Sim		Não		Sim	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
3. Eu tentei por os amigos dele/a contra ele/a.	71	88,7	9	11,3	114	90,4	12	9,6
20. Eu contei coisas aos amigos dele/a para os por contra ele/a.	71	88,7	9	11,3	119	94,4	7	5,6
35. Eu espalhei boatos contra ele/a.	73	91,2	7	8,8	118	93,7	8	6,3
3.1 Ele/a tentou por os amigos contra mim.	68	85,0	12	15,0	109	86,5	17	13,5
20.1 Ele/a contou coisas aos meus amigos para os por contra mim.	67	83,8	13	16,2	120	95,2	6	4,8
35.1 Ele/a espalhou boatos contra mim	68	85,0	12	15,0	118	93,7	8	6,3

Segundo os resultados apresentados na tabela 35 referentes à subescala “*Violência verbal-emocional sofrida e perpetrada*” observamos que as adolescentes apresentam maior frequência em 15 dos itens. Nos restantes 5 itens, são os adolescentes do sexo masculino que apresentam maior frequência: “Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes”; “Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente dos outros”; “Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes”; “Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros”; e “Ele(a) ameaçou terminar o namoro”.

O item “Eu fiz alguma coisa para provocar ciúmes”, foi o mais referido por 63% das adolescentes e 53% dos adolescentes do sexo masculino. Por sua vez o que apresenta menor frequência por ambos os sexos foi o item “Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente dos outros”, (7% dos adolescentes do sexo masculino e 3% das adolescentes).

Tabela 35

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência verbal-emocional sofrida e perpetrada por item da CADRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Não		Sim		Não		Sim	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
4. Eu fiz alguma coisa para provocar ciúmes.	35	43,8	45	56,2	47	37,3	79	62,7
7. Eu lembrei uma coisa ma que ele(a) tinha feito no passado.	49	61,2	31	38,8	68	54,0	58	46,0
9. Eu disse coisas só para o/a deixar furioso/a.	43	53,7	37	46,3	55	43,7	71	56,3
12. Eu falei com ele/a num tom de voz agressivo e mau.	51	63,7	29	36,3	66	52,4	60	47,6
17. Eu insultei-o/a com coisas humilhantes.	64	80,0	16	20,0	110	87,3	16	12,7
21. Eu gozei-o/a ou fiz pouco dele/a em frente dos outros.	74	92,5	6	7,5	122	96,8	4	3,2
23. Eu controlo com quem ele/a está e onde está.	48	60,0	32	40,0	61	48,4	65	51,6
24. Eu culpei-o/a pelo problema	53	66,2	27	33,8	81	64,3	45	36,7
28. Eu acusei-o/a de se meter com outros/as rapazes /raparigas	59	73,7	21	26,3	63	50	63	50
32. Eu ameacei terminar o namoro.	46	57,5	34	42,5	68	53,9	58	46,1
4.1 Ele/a fez alguma coisa para me provocar ciúmes.	34	42,5	46	57,5	52	41,3	74	58,7
7.1 Ele/a lembrou uma coisa ma que eu fiz no passado.	48	60,0	32	40,0	72	57,1	54	42,8
9.1 Ele/a disse coisas só para me deixar furioso(a).	37	46,2	43	53,8	52	41,3	74	58,7
12.1 Ele/a falou comigo num tom de voz agressivo e mau.	47	58,7	33	41,3	73	57,9	53	42,1
17.1 Ele/a insultou-me com coisas humilhantes.	64	80,0	16	20,0	109	86,5	17	13,5
21.1 Ele/a gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.	66	82,5	14	17,5	119	94,4	7	5,6
23.1 Ele/a controla com quem estou e onde estou.	38	47,5	42	52,5	52	41,3	74	58,7
24.1 Ele/a culpou-me pelo problema.	53	66,3	27	33,7	92	73,1	34	26,9
28.1 Ele/a acusou-me de se meter com outros/as rapazes/raparigas.	50	62,5	30	37,5	71	56,3	55	43,7
32.1 Ele/a ameaçou terminar o namoro.	53	66,2	27	33,8	86	68,3	40	31,7

Os resultados apresentados na tabela 36 permitem-nos constatar que na subescala violência física sofrida, os itens que apresentam maior frequência são: “Eu atirei-lhe alguma coisa” referido pelos adolescentes do sexo masculino e “Ele(a) atirou-me alguma coisa” referido pelas adolescentes apresentando uma frequência de 22,5% e 26,2%, respetivamente.

Ao analisarmos as frequências de cada item por sexo, constatamos que os adolescentes do sexo masculino apresentam frequências mais altas na maioria dos itens, exceto nos itens, “Ele(a) atirou-me alguma coisa” e “Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo”, onde as adolescentes revelaram maior frequência.

Tabela 36

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência física sofrida e perpetrada por item da CADRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Não		Sim		Não		Sim	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
8. Eu atirei-lhe alguma coisa.	64	80,0	16	20,0	93	73,8	33	26,2
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.	71	88,7	9	11,3	115	91,3	11	8,7
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.	72	90,0	8	10,0	99	78,6	27	21,4
34. Eu empurrei-o/a dei-lhe encontrões ou abanei-o/a.	67	83,7	13	16,2	114	90,5	12	9,5
8.1 Ele/a atirou-me alguma coisa.	62	77,5	18	22,5	97	76,9	29	23,1
25.1 Ele/a deu-me pontapés bateu-me, ou deu um murros	69	86,2	11	13,8	115	91,3	11	8,7
30.1 Ele/a deu-me bofetada ou puxei-lhe o cabelo.	69	86,2	11	13,8	111	88,1	15	11,9
34.1 Ele/a empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me	69	86,2	11	13,8	111	88,1	15	11,9

De acordo com a tabela 37 podemos comparar os resultados das diferentes subescalas do CADRI, cujos adolescentes afirmam terem sido vítimas e/ou perpetradores independentemente da natureza da violência.

A subescala que atingiu maior frequência foi a “Violência verbal/emocional”, sendo que na vertente da perpetração foi 93,8% para os adolescentes do sexo masculino e 92,1% para as adolescentes, e na de vitimização, 92,5% dos adolescentes do sexo masculino afirmam serem vítimas e nas adolescentes a percentagem foi de 92,1%.

A violência sexual perpetrada com 53,8% para os adolescentes do sexo masculino e 48,4% para as adolescentes, sendo a sofrida similar para ambos os sexos, com valores superiores a 50%. A violência física foi a subescala que apresentou uma maior diferença entre a violência perpetrada (32,5% sexo masculino e 42,8% sexo feminino) e a sofrida (23,7% sexo masculino e 21,4% sexo feminino).

Esta discrepância entre as frequências e o sexo é um ponto a considerar nas demais subescalas, como é o caso da “Violência sexual perpetrada” em que os adolescentes do sexo masculino apresentam 53,8% comparativamente aos 48,4% referidos pelas adolescentes. Consta-se ainda que na subescala de “Ameaças perpetradas” as adolescentes apresentaram valores de 54,8% e os adolescentes do sexo masculino 41,3% e na “Violência física sofrida” surge com 23,7% para os adolescentes do sexo masculino e 21,4% para as adolescentes.

Em síntese, os resultados permitem-nos afirmar que os adolescentes do sexo masculino obtiveram frequências mais elevadas nas subescalas: violência sexual perpetrada, violência relacional perpetrada e sofrida, violência emocional perpetrada e sofrida e violência física sofrida. Tendo as adolescentes apresentado frequências mais elevadas nas restantes subescalas.

Tabela 37

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar, determinada natureza de violência, por sexo

Subescalas	Masculino				Feminino			
	Não		Sim		Não		Sim	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Violência sexual perpetrada	37	46,2	43	53,8	65	51,6	61	48,4
Violência sexual sofrida	38	47,5	42	52,5	60	47,6	66	52,4
Ameaças perpetradas	47	58,7	33	41,3	57	45,2	69	54,8
Ameaças sofridas	48	60,0	32	40,0	59	46,8	67	53,2
Violência relacional perpetrada	62	77,5	18	22,5	105	83,3	21	16,7
Violência relacional sofrida	58	72,5	22	27,5	102	81,0	24	19,0
Violência emocional perpetrada	5	6,2	75	93,8	10	7,9	116	92,1
Violência emocional sofrida	6	7,5	74	92,5	10	7,9	116	92,1
Violência física perpetrada	54	67,5	26	32,5	72	57,2	54	42,8
Violência física sofrida	61	76,3	19	23,7	99	78,6	27	21,4

Ao observarmos a tabela 38, constatamos que os adolescentes do sexo masculino obtiveram uma média superior nas seguintes subescalas em relação às adolescentes: violência sexual perpetrada, violência relacional perpetrada e sofrida e violência física sofrida. Enquanto que nas subescalas de violência sexual sofrida, ameaças perpetradas e sofridas, violência emocional perpetrada e sofrida e violência física perpetrada, as adolescentes apresentam uma média dos scores superior aos adolescentes do sexo masculino.

Sendo assim de acordo com os resultados apresentados na tabela 38, a subescala da violência sexual perpetrada obteve o *score* médio igual a $1,38 \pm 1,94$ nos adolescentes do sexo masculino e $0,93 \pm 1,27$ nas adolescentes. Quanto a ameaças perpetradas o *score* médio para os adolescentes do sexo masculino foi igual a $1,08 \pm 1,92$ e nas adolescentes foi igual a $1,21 \pm 1,62$. Em relação à violência relacional perpetrada os adolescentes do sexo masculino obtiveram um *score* igual a $0,45 \pm 1,19$ e nas adolescentes do sexo feminino a média foi igual a $0,22 \pm 0,64$. Na violência emocional perpetrada os adolescentes do sexo masculino apresentaram um *score* médio igual de $5,32 \pm 3,67$ e $6,42 \pm 4,52$ nas adolescentes do sexo feminino, respetivamente. Em relação à violência física perpetrada nos adolescentes do sexo masculino obteve-se um *score* médio de $0,85 \pm 1,81$ e nas adolescentes do sexo feminino uma media de $0,93 \pm 1,55$.

Tabela 38

Média e desvio padrão dos scores das subescalas da CADRI, por sexo

Subescalas	Masculino			Feminino		
	n	Média	Dp	n	Média	Dp
Violência sexual perpetrada	80	1,38	1,94	126	,93	1,27
Violência sexual sofrida	80	1,64	2,08	126	1,76	1,83
Ameaças perpetradas	80	1,08	1,92	126	1,21	1,62
Ameaças sofridas	80	1,03	1,91	126	1,39	1,85
Violência relacional perpetrada	80	0,45	1,19	126	0,22	0,64
Violência relacional sofrida	80	0,52	1,30	126	0,29	0,67
Violência emocional perpetrada	80	5,32	3,67	126	6,42	4,52
Violência emocional sofrida	80	5,89	4,22	126	6,19	4,76
Violência física perpetrada	80	0,85	1,81	126	0,93	1,55
Violência física sofrida	80	1,09	2,07	126	0,77	1,34

Como podemos constatar na tabela 39, elencamos os resultados da subescala dos comportamentos abusivos tanto os perpetrados como os sofridos nas relações de intimidade dos adolescentes que participaram neste estudo.

Os resultados das estatísticas centrais, média e desvio padrão, das variáveis perpetração e vitimização dos comportamentos abusivos, a média mais elevada é a dos comportamentos abusivos sofridos ($10,05 \pm 9,42$) constatadas nos adolescentes do sexo masculino.

Tabela 39

Média e desvio padrão dos scores das subescalas da CADRI, relativas aos comportamentos abusivos dos adolescentes, por sexo.

Subescalas	Masculino			Feminino		
	N	Média	Dp	n	Média	Dp
Comportamentos Abusivos perpetrados	80	9,02	8,43	126	9,90	7,47
Comportamentos abusivos sofridos	80	10,05	9,41	126	9,90	8,10

1.4 CONHECIMENTOS SOBRE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE DOS ADOLESCENTES

Na avaliação dos conhecimentos sobre a violência nas relações de intimidade através da escala CVRI-S, verificaram-se que os adolescentes evidenciam algum conhecimento sobre esta temática embora se constate a existência de discrepâncias no que tange aos conhecimentos entre o sexo feminino e masculino.

Ao analisarmos as frequências das respostas corretas dos adolescentes (tabela 40) constatamos que tanto as adolescentes como os adolescentes do sexo masculino responderam corretamente e com percentagens semelhantes, a vários itens. Destacamos os seguintes itens: “O ciúme é uma das principais causas da violência no namoro” (88,1% do sexo feminino e 86,2% do sexo masculino); “Existem casos de violência no namoro entre jovens da minha idade” (88,1% sexo feminino e 88,7% do sexo masculino); “Um/a namorado/a que gosta do outro não agride” (82,5% do sexo feminino e 81,2% do sexo masculino); “O sentimento de raiva gera violência” (83,7% do sexo feminino e 78,7% do sexo masculino); “Obrigar a/o namorada/o a iniciar a atividade sexual é uma forma de violência sexual” (73,8% adolescentes do sexo feminino e 71,2% do sexo masculino). Contudo, verificámos algumas diferenças entre o percentual de respostas corretas e

o sexo dos adolescentes em alguns itens como por exemplo: “A violência no namoro provoca isolamento da vítima” (85,7% do sexo feminino e 68,7% do sexo masculino); “É difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas” (56,3% do sexo feminino e 73,4% do sexo masculino); “A gravidez indesejada pode ser uma consequência da violência no namoro” (70,6% dos adolescentes do sexo feminino e 56,2% do sexo masculino).

Analisando a mesma tabela, nas respostas incorretas, as adolescentes apresentaram uma frequência superior em relação aos adolescentes em 26 proposições. Como podemos constatar, os itens que mais se evidenciaram foram: “A violência no namoro não existe” (88,8% do sexo feminino e 78,7 do sexo masculino); “Uma bofetada não faz mal a ninguém” (88,1% do sexo feminino e 78,7 do sexo masculino); “A violência no namoro só tem consequências físicas” (85,7% do sexo feminino e 77,5% do sexo masculino). Já os adolescentes do sexo masculino apresentaram maior frequência de respostas incorretas em 8 itens. Podemos destacar: “O álcool é a principal causa de violência no namoro” (por 8,7% do sexo masculinos e 30,1% do sexo feminino); “O ciúme não é causa de violência no namoro” (85,0% do sexo masculinos e 30,1% do sexo feminino); “A violência no namoro é facilmente identificável” (63,7% do sexo masculino e 24,6% do sexo feminino); “As/Os namoradas/os provocam a violência pela forma como se vestem” (51,2% do sexo masculino e 23,0% do sexo feminino), “As/Os namoradas/os devem informar as/os parceiras/os sempre com quem estão”, (63,7% do sexo masculino e 61,9% do sexo feminino).

Tabela 40

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que responderam incorreta e corretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Incorreto		Correto		Incorreto		Correto	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. O ciúme não é causa de violência no namoro	12	15,0	68	85,0	88	69,9	38	30,1
2. A violência no namoro acontece porque as/os namoradas/os pensam que têm o direito de se imporem um ao outro	22	27,5	58	72,5	35	27,8	91	72,2
3. O ciúme é uma das principais causas de violência no namoro	11	13,8	69	86,2	15	11,9	111	88,1
4. Os rapazes são violentos por natureza	23	28,8	57	71,2	39	31,0	87	69,0
5. Existem casos de violência no namoro entre os jovens da nossa idade	9	11,3	71	88,7	15	11,9	111	88,1

Tabela 40 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam incorreta e corretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Incorreto		Correto		Incorreto		Correto	
	N	%	N	%	N	%	N	%
6. A violência no namoro é uma situação pouco frequente	31	38,8	49	61,2	31	24,7	95	75,3
7. A violência no namoro não existe	17	21,3	63	78,7	14	11,2	112	88,8
8. O ciúme é sinal de amor	53	66,3	27	33,7	77	61,2	49	38,8
9. Uma bofetada não faz mal a ninguém	18	22,5	62	77,5	15	11,9	111	88,1
10. O álcool é a principal causa de violência no namoro	49	61,3	31	38,7	88	69,9	38	30,1
11. As drogas são a principal causa de violência no namoro	51	63,8	29	36,2	93	73,9	33	26,1
12. A violência no namoro só aparece nos estratos sociais baixos	18	22,5	62	77,5	26	20,6	100	79,4
13. Quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro	54	67,5	26	32,5	63	50,0	63	50,0
14. O fim da relação de namoro significa o fim da violência	30	37,5	50	62,5	46	36,5	80	63,5
15. A violência pode manter-se após acabar o namoro	32	40,0	48	60,0	45	35,8	81	64,2
16. Um empurrão não é um comportamento violento.	25	31,3	55	68,7	31	24,6	95	75,4
17. A violência no namoro é facilmente identificável	29	36,3	51	63,7	95	75,4	31	24,6
18. As/Os namoradas/os provocam a violência pela forma como se vestem	39	48,8	41	51,2	97	77,0	29	23,0
19. Só mantém uma relação de namoro violento quem quer.	64	80,0	16	20,0	64	50,8	62	49,2
20. A violência no namoro provoca isolamento da vítima	25	31,3	55	68,7	18	14,3	108	85,7
21. O sentimento de culpa é frequente nas vítimas de violência	25	31,3	55	68,7	24	19,1	102	80,9

Tabela 40 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que responderam incorreta e corretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Incorreto		Correto		Incorreto		Correto	
	N	%	N	%	N	%	N	%
22. O baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro	54	67,5	26	32,5	71	56,4	55	43,6
23. A violência no namoro é um problema que só diz respeito ao casal de namorados	33	41,3	47	58,7	52	41,3	74	58,7
24. A/O namorada/o só controla o outro porque gosta muito dela/e	42	52,5	38	47,5	57	45,3	69	54,7
25. Um/a namorada/o que gosta da/o outra/o não agride	15	18,8	65	81,2	22	17,5	104	82,5
26. Temos o direito de escolher as/os amigas/os da/o nossa/o namorada/o	37	46,3	43	53,7	31	24,6	95	75,4
27. Os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro.	55	68,8	25	31,2	67	53,2	59	46,8
28. Gozar com as opiniões da/o namorada/o não é violência	32	40,0	48	60,0	45	35,8	81	64,2
29. Gozar com os interesses da/o namorada/o não é violência	33	41,3	47	58,7	49	38,9	77	61,1
30. Ainda que namore tenho direito a manter os meus amigos	21	26,3	59	73,7	19	15,0	107	85,0
31. É difícil terminar uma relação de namoro violenta porque a/o outra/o faz ameaças drásticas	21	26,3	59	73,7	55	43,7	71	56,3
32. A violência entre as/os parceiras/os não acaba após o casamento	31	38,8	49	61,2	42	41,3	74	58,7
34. Controlar a/o minha/meu namorada/o é uma manifestação de amor	34	41,3	46	58,7	40	31,8	86	68,2
35. Tenho o direito de dar um beijo à/ao minha/meu namorada/o sempre que quero	39	48,8	41	51,2	52	41,3	74	58,7
36. Se a/o minha/meu namorada/o me contrariar tenho o direito de lhe gritar mesmo que seja em público	17	21,3	63	78,7	24	19,1	102	80,9
37. O sentimento de raiva gera violência	17	21,3	63	78,7	23	16,3	103	83,7

Tabela 40 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam incorreta e corretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Itens	Masculino				Feminino			
	Incorreto		Correto		Incorreto		Correto	
	N	%	N	%	N	%	N	%
38. A gravidez indesejada pode ser uma consequência da violência no namoro	35	43,8	45	56,2	37	29,4	89	70,6
39. Quando um/a namorada/o diz que não quer ter atividade sexual está a fazer-se difícil	30	37,0	50	63,0	33	26,2	93	73,8
40. As/Os namoradas/os só podem sair se forem juntos	24	30,0	56	70,0	24	19,1	102	80,9
41. As/Os namoradas/os devem vestir-se para agradar um/a à/ao outra/o.	51	63,8	29	36,2	38	30,2	88	69,8
42. As/Os namoradas/os podem ler as mensagens de telemóvel um do outro.	24	30,0	56	70,0	32	25,4	94	74,6
43. As/Os namoradas/os as/devem informar os parceiros/os sempre onde estão.	44	55,0	36	45,0	50	39,7	76	60,3
44. As/Os namoradas/os devem informar as/os parceiras/os sempre com quem estão.	29	36,3	51	63,7	48	38,1	78	61,9
45. A violência no namoro não tem consequências psicológicas.	26	32,5	54	67,5	25	19,8	101	80,2
46. A violência no namoro só tem consequências físicas	18	22,5	62	77,5	18	14,3	108	85,7
47. Obrigar a/o namorada/o a iniciar a atividade sexual é uma forma de violência sexual	23	28,8	57	71,2	33	26,2	93	73,8

Analisando a totalidade dos itens que compõem o CVRI-S, a média global para a totalidade da amostra foi de 23,32±5,25. Contudo, quando analisamos os resultados por sexo, os adolescentes do sexo masculino apresentam uma média de conhecimentos de 24,31±5,82, média superior à das adolescentes (22,69±4,78). Verificando-se, assim, um valor médio de conhecimentos sobre a VRI, mais elevado nos adolescentes do sexo masculino (tabela 41).

Tabela 41

Média e desvio padrão do total da CVRI e por sexo.

VRI	Mínimo	Máximo	Media	D. Padrão
Total de conhecimentos	0	42	23,32	5,25
Masculino	0	42	24,31	5,82
Feminino	11	35	22,69	4,78

Contudo, importa salientar que existe uma maior amplitude no nível de conhecimento entre os adolescentes do sexo masculino (0 a 42) relativamente às adolescentes (11 a 35).

1.5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Após a apresentação dos resultados importa interpretar e refletir sobre os mesmos, com base no referencial teórico anteriormente apresentado.

A amostra dos adolescentes que participaram, neste estudo tinha idade compreendida entre catorze e dezassete anos (média de 15,29 anos), predominantemente composta por adolescentes do sexo feminino.

Verifica-se que existe uma discrepância em relação ao grau académico do pai e da mãe: os pais apresentam uma frequência mais elevada nos 1º, 2º e 3º ciclos; as mães apresentam o grau académico “ensino superior” mais elevado. Este achado vai ao encontro da realidade cabo-verdiana em que há mais mulheres com um nível superior de ensino (INE, 2012).

1.5.1 Caracterização da violência nas relações de intimidade

A média de idade do início do namoro dos adolescentes que participaram no estudo foi $12,42 \pm 2,45$ anos. Comparando este resultado com o estudo de Brancaglioni (2016), realizado em Curitiba, em que a média de idades em relação ao início do namoro foi de 13,7 anos, há diferença de resultados, eventualmente atribuível ao tamanho e características da amostra bem como questões culturais, visto serem estudos realizados em países diferentes.

À luz do conhecimento atual, considera-se existirem vários domínios que influenciam a construção da identidade sexual do indivíduo. No que se refere ao tipo de relação afetivo-sexual estabelecida pelos adolescentes, neste estudo constatou-se que é maioritariamente heterossexual (95,1%) e apenas 1% refere uma relação bissexual e 0,5% uma relação homossexual. Estes resultados estão em consonância com os do estudo de Brancaglioni (2016), numa amostra de 111 adolescentes em que a maioria referiu ter uma relação heterossexual (90,5%).

Os resultados deste estudo evidenciaram que 69,9% dos adolescentes já haviam iniciado a atividade sexual e a média de idade em que ocorreu foi 13,14 anos, isto é, uma média inferior ao do estudo europeu realizado, em 2014, pelo HBSC (Health Behaviour in School – aged Children) em que a maioria dos adolescentes (76,2%) iniciou a atividade sexual aos 14 anos ou mais. Confrontando também com dois estudos realizados no Brasil, os resultados obtidos quanto ao início da atividade sexual foram superiores aos deste estudo. O realizado por Silva, et al. (2010), revelou que 49,25% dos adolescentes já haviam iniciado a sua atividade sexual, em média, aos 15 anos. O realizado por Brancaglioni (2016), a média de idade foi ainda mais elevada aos 16,7 anos.

Quanto ao número de parceiros sexuais, este estudo revelou que os adolescentes têm em média 3,91 parceiros, o que é superior ao do estudo realizado por Ribeiro et al. (2011), em 10 cidades brasileiras, em que a média foi de 2 parceiros sexuais.

A duração das relações de intimidade estabelecidas pelos adolescentes participantes no estudo foi de 4,08 meses, em média. Este valor difere do resultado encontrado nos estudos realizados tanto em Portugal por Dixe e Fabião (2013), como no Brasil no estudo de Brancaglioni (2016), em que as médias do tempo de namoro foram de 8,9 meses e 13,8 meses respetivamente.

Em relação aos parceiros sexuais a maioria dos adolescentes (78,0%), afirmou ter parceiro fixo; os que assumiram as relações sexuais com parceiros não fixos foram 8,3% e os que mantiveram relações mistas (fixo e não fixo) foi 10,3%. Saliente-se que 32% destes não responderam a esta questão. Estes resultados são ligeiramente superiores aos encontrados num estudo de Ribeiro et al. (2011), em que 72,3% dos adolescentes afirmou que tiveram relações sexuais com parceiro fixo; quanto a parceiro não fixo os nossos resultados são inferiores, e por ultimo no que tange a relação com um parceiro fixo e com parceiros não fixos os resultados encontrados em ambos os estudos são semelhantes.

No que se refere à diferença de idade entre os parceiros de relações íntimas, constatou-se que 47,1% dos adolescentes se relacionava com parceiros mais velhos, 35% com parceiros da mesma idade e 12,1% com parceiros mais novos. Estes resultados próximos ao estudo de Brancaglioni (2016), onde a autora afirma que a maioria dos relacionamentos eram estabelecidos com parceiros de mais idade.

Na análise da frequência das discussões nas relações de intimidade, os adolescentes reportaram que acontece poucas vezes (49,5%), seguida dos que afirmaram nunca terem tido uma discussão (38,3%). Comparando com os resultados apresentados no estudo de Brancaglioni (2016), encontramos alguma discrepância, uma vez que 23,9% adolescentes informaram que as discussões eram sempre ou muitas vezes.

Ao confrontar este resultado com o obtido na caracterização das relações afetivo-sexuais na questão “Já foste vítima ou agrediste a pessoa com quem namoras ou já namoraste” constatamos que apenas 12,1% dos adolescentes deste estudo se assumem como vítimas de violência psicológica e 16,5% como agressores, valores estes muito inferiores aos apresentados pelo que se consideram não vítimas nem agressores nos três tipos de violência apontada.

Em relação à violência psicológica nas relações de intimidade, estes adolescentes não adotam a postura de agressor ou de vítima, apenas referido por 4,4% e 3,4%, respetivamente. Estes resultados remetem-nos para a possibilidade de os adolescentes não terem conhecimento, e ou não considerarem determinados comportamentos como sendo violência sexual ou violência relacional. Se valorizarmos a questão cultural, percebemos que estes comportamentos são aceites entre os adolescentes.

Ao avaliar a violência quanto à perpetração e vitimização por subescala do Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI) em relação ao sexo, os resultados encontrados estão pautados por diferenças na frequência da perpetração e da vitimização, entre as subescalas da CADRI e por sexo. A subescala com maior frequência, foi a violência emocional, quer na violência perpetrada, quer na sofrida no sexo masculino (93,8% e 92,5%) e no sexo feminino (92,1% ex équo).

No que diz respeito aos resultados obtidos nas subescalas do CADRI, no que concerne à subescala violência sexual, os adolescentes apontam este tipo de violência, como agressores (48%) ou como vitimas (52%).

Ao interpretar os resultados acerca das diferentes naturezas da violência, concluímos que a violência perpetrada e a sofrida fazem parte das relações de intimidade dos adolescentes do nosso estudo, embora os adolescentes não se identifiquem no papel de perpetradores ou vítimas de violência, mantendo desta forma a dicotomia entre o pensado e o vivenciado nas suas relações de intimidade. Mas, segundo Minayo, Assis e Njaine (2011), esta negação está relacionada com o facto de os adolescentes perspetivarem as suas relações de intimidade como sendo partilha de afeto e amor, onde a violência não tem vez.

De entre as várias naturezas da violência, a violência física foi a menos relatada pelos adolescentes do sexo feminino, uma vez que 43% afirmam ser perpetradores e 22% vítimas. É de salientar que estes resultados geram controvérsia, porque quanto a assumir-se como agressor ou vitima o resultado é muito inferior 7,3% e 5,8%.

Num estudo realizado em Lisboa com 629 participantes com idades compreendidas entre os 14 e 20 anos, por Gonçalves (2012), verificou-se que os resultados diferem dos encontrados no estudo que realizamos, quanto à frequência da violência emocional / verbal (87,5%), na violência sexual (44,7%) e na física (20,1%).

Os resultados obtidos neste estudo apresentam alguma semelhança com o estudo de Brancaglioni (2016), no que se refere à violência verbal / emocional uma vez que aproximadamente 90% dos adolescentes participantes confirmam ser perpetradores ou vítimas; contudo, estes resultados apresentam uma dissonância sequencial nas naturezas da violência, física e a sexual, pois segundo Brancaglioni (2016), a violência verbal / emocional vem em primeiro lugar seguida da violência física e por último a sexual. Comparando os resultados do estudo da autora referida anteriormente com os nossos resultados, constatamos que ambos, apresentam disparidade em todas as variações da natureza de violência entre os adolescentes que perpetram e são vítimas em relação aos que assumem ser perpetradores e vítimas.

Em relação à subescala de perpetração e vitimização, observamos neste estudo que os comportamentos abusivos perpetrados nas relações de intimidade entre os adolescentes, têm valor elevado tanto nos adolescentes do sexo masculino como nas adolescentes (Média=9,2±8,43; Média=9,9±7,47, respetivamente). Relativamente aos comportamentos abusivos sofridos os valores também são elevados tanto nos adolescentes do sexo masculino como nas adolescentes (Média=10,0±9,41; Média=9,9±8,10, respetivamente).

Estes resultados diferem de um estudo realizado em Portugal por Cristóvão (2012), com 629 adolescentes/jovens com idade compreendida 14 e 20 anos, em que a prevalência dos adolescentes que perpetraram comportamentos abusivos nas relações de intimidade foram de 95,8% da amostra e 61,2% foram vítimas de comportamentos abusivos. Como podemos constatar estas divergências referem-se também a nível da perpetração e vitimização de comportamentos abusivos, uma vez que a maioria dos adolescentes relataram ser perpetradores ao contrário do nosso estudo onde os relatos referem mais a vitimização.

Ao olharmos para esta questão dos comportamentos abusivos nas relações de intimidade, os resultados obtidos permitem-nos afirmar que, quanto aos comportamentos abusivos perpetrados existe simetria entre os adolescentes do sexo masculino e os do sexo feminino (95% ex aequo), contrariamente ao resultado encontrado a nível dos comportamentos abusivos sofridos em que as adolescentes apresentam maior valor que os adolescentes do sexo masculino (98% ex aequo). Estes resultados vão de encontro aos de Cristóvão (2012), em que no seu estudo, os adolescentes do sexo masculino, referem ser menos vítimas quanto aos comportamentos abusivos do que as adolescentes, pois de acordo com os resultados que obteve, 61,7% dos participantes do sexo feminino e 60,6% do sexo masculino relataram serem vítimas de comportamentos abusivos nas relações de intimidade.

Relativamente aos comportamentos de violência sexual sofrida e perpetrada constatamos que a maioria da amostra afirma não ser vítima e nem perpetrador desses comportamentos, principalmente as adolescentes do sexo feminino que apresentam percentagens que variam de (77%) a (96%) sendo que os adolescentes do sexo masculino apresentam frequências relativas entre (77%) a (83%), Sendo o item “Ele/ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse” o que apresentou percentagens mais baixas indicando que este comportamento é mais frequente quer no sexo feminino (41%) quer no sexo masculino (31%).

1.5.2 Conhecimentos dos adolescentes sobre violência nas relações de intimidade

No que tange ao nível de conhecimentos sobre a violência nas relações de intimidade os adolescentes que participaram no estudo revelaram um nível médio de conhecimento sobre violência nas relações de intimidade (Média=23,32±5,25). Os adolescentes do sexo masculino mostraram um nível de conhecimento superior (Média=24,3±5,82) ao das adolescentes, (Média=22,69±4,78). Este resultado diverge de um estudo realizado em Portugal por Dixe e Fabião (2013), numa amostra de 13135 estudantes de idade entre 16 e 24 anos e com o mesmo instrumento de recolha de dados. As diferenças são ao nível do conhecimento global, superior ao do nosso estudo (Média=37,3±5,9), como também em maior nível de conhecimento tanto das adolescentes (Média=39,5±4,3) como dos adolescentes do sexo masculino (Média=35,6±5,7). Estes resultados também evidenciam diferença relativamente ao nosso estudo, visto que, quem detém mais conhecimento são os adolescentes do sexo masculino. De acordo com o resultado obtido nas respostas consideradas corretas do CVRI’S (70%) leva-nos a pensar que os adolescentes têm conhecimento da temática violência. Contudo ao reportarmos aos resultados do CADRI constatamos alguma incongruência dado que os resultados encontrados neste estudo, evidenciaram que em várias proposições a percentagem obtida nas respostas consideradas certas ultrapassam os 70% mas, por outro lado, evidenciaram algumas incongruências nas respostas em proposições consideradas erradas, confirmando alguns resultados obtidos nas respostas à escala CADRI nomeadamente nos comportamentos abusivos perpetrados mais frequentes pelos adolescentes do sexo masculino (Média=9,02±8,43) e pelas adolescentes (Média=9,90±7,47).

1.6 CONCLUSÕES

Os resultados demonstraram que os adolescentes cabo-verdianos também vivem a problemática da violência nas suas relações de intimidade, da mesma forma que

a literatura internacional a tem vindo a descrever, sugerindo quer a existência de indicadores significativos de vitimização e agressão, quer a manutenção de discursos legitimadores deste tipo de violência.

Os resultados obtidos apontam para que as adolescentes perpetraram mais agressões do que os adolescentes do sexo masculino, contrariando o que seria espectável tendo em conta que a cultura cabo-verdiana é considerada “machista”, embora não assumida, principalmente no seio dos mais jovens. Contudo para uma melhor compreensão desta realidade seria preciso desenvolver novos estudos, para responder de maneira mais ampla e aprofundada a esta inferência.

Concluimos que grande parte das adolescentes, afirmaram que se relacionam ou já relacionaram com parceiros com idade superior. Este resultado levou-nos a pensar nas implicações da idade na violência das relações de intimidade, uma vez que a disparidade de idade entre parceiros acaba muitas vezes por fomentar relações desiguais de vulnerabilidade e de submissão, baseadas no poder assumido pelo mais velho, agravadas pelo contexto social e cultural que legitima, determina e banaliza a violência tornando-a um comportamento aceitável no seio das relações de intimidade.

Acresce a esta constatação, outro facto conhecido na cultura cabo-verdiana relacionado com o poder que homens mais velhos e com dinheiro, exercem sobre as “meninhas” de famílias carenciadas, utilizando-as como objeto sexual a troco de ajuda pecuniária às suas famílias ou a elas próprias. Esta realidade precisa ser investigada para se poderem sustentar intervenções aos diferentes níveis de prevenção.

Quanto á geração concluímos que há relação entre violência e género. Embora, não sendo utilizado os mesmos instrumentos e as amostras pertencem a geração diferentes. Parece haver mudanças de comportamento a nível geracional, pois as mulheres são menos vtimas e/ou agressoras.

Em relação ao número de parceiros sexuais concluímos que a maioria dos adolescentes afirmaram ter parceiro fixo, apesar de alguns referirem que têm vários parceiros sexuais.

Quanto a ser vítima ou agressor nas suas relações afetivo-sexuais, os resultados apontam globalmente para que as adolescentes e os adolescentes do sexo masculino se identificam mais como agressores do que como vítimas, sendo a violência psicológica a mais referida.

Contudo, pelo inventário de conflitos CADRI, os resultados revelaram que as adolescentes usam mais a violência emocional e as ameaças e os adolescentes do sexo masculino a violência emocional e sexual. As adolescentes são mais vítimas de violência emocional e sexual e os adolescentes do sexo masculino são igualmente vítimas de violência emocional e sexual.

Portanto, concluímos que a violência está presente nas relações de intimidade entre os adolescentes, de ambos os sexos, quer como agressores quer como vítimas, de forma isolada ou em simultâneo, generalizando desta forma a existência de relações de intimidade violentas.

O comportamento abusivo global foi outra dimensão analisada neste estudo e verificamos que os adolescentes do sexo masculino são mais vitimizados no seio das suas relações de intimidade do que as adolescentes.

Apesar destas constatações, concluímos que os adolescentes que participaram neste estudo evidenciaram bom conhecimento no que tange à violência nas relações de intimidade, embora os adolescentes do sexo masculino apresentem um nível superior de conhecimento em relação às adolescentes, o que contraria muitos resultados encontrados na literatura.

O presente estudo mostrou que o início da vida sexual ocorrido entre 10 - 14 anos de idade foi frequente entre os adolescentes investigados, principalmente entre os do sexo masculino, com menor escolaridade dos progenitores e com baixo nível económico. Esses dados apontam uma relação entre a prática sexual antes dos 15 anos de idade e a ocorrência - concomitante ou não - de alguns comportamentos considerados de risco para a saúde. A idade da primeira relação sexual entre os participantes no estudo (10 - 14 anos) acontece num período em que os adolescentes não possuem condições emocionais e/ou conhecimentos que lhes permita gerir a situação e eventuais consequências para a sua saúde.

Salienta-se que os adolescentes do sexo masculino se iniciam sexualmente antes das adolescentes e relatam ter tido mais parceiros/as sexuais do que elas. Este resultado leva-nos a concluir que este comportamento pode ser explicado por questões sociais e culturais. A valorização da masculinidade ainda passa, pela idade da iniciação sexual e pelo número de relacionamentos vivenciados. Sendo esta uma prática incentivada pelos pares e a nível familiar, em que muitas vezes a família questiona quando o adolescente não prioriza as relações de namoro e ou o início das atividades sexuais.

Assim, importa desenvolver programas de prevenção primária no início da adolescência, nas escolas, cuja finalidade se centre na promoção de relações de intimidade saudáveis.

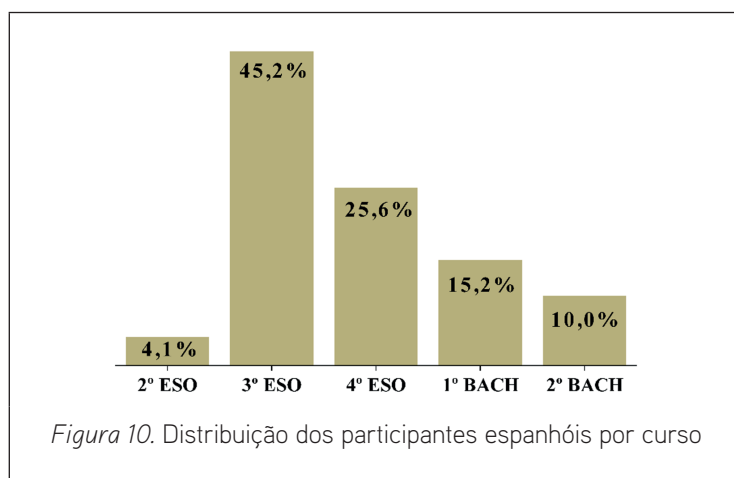
CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DO CONTEXTO ESPANHOL

FLORENTINA PINA-ROCHE
MARIA DEL MAR PASTOR BRAVO
ANA MYRIAM SEVA LLOR
CARMEN BALLESTEROS MESEGUER

1.1 CARATERIZAÇÃO SÓCIO DEMOGRÁFICA DA AMOSTRA

A amostra do estudo foi composta por 270 estudantes, dos quais 48,5% são adolescentes do sexo masculino e 51,5% adolescentes do sexo feminino, com idade média de 15,3 anos, que varia entre 13 a 18anos e um desvio padrão de 1,1. Verificamos que 74,9% da amostra frequenta o ensino secundário obrigatório (ESO) e 25,2% o bacharelato (BACH). A distribuição por curso é apresentada na figura 10.



A maioria dos adolescentes são de nacionalidade espanhola (84,8%), vivem em áreas urbanas (72,6%), apesar de um quarto residirem em áreas rurais. Há uma predominância de participantes que referem ser católicos (69,3%) e quase todos (85,2%) vivem com os pais e irmãos (tabela 43).

Tabela 43

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das características sócio demográficas dos adolescentes

Variável		n	%
Nacionalidade	Espanhola	229	84,8
	Marroquina	11	4,1
	Outra	30	11,1
Área	Urbana	196	72,6
	Rural	74	27,4
Religião	Não	55	20,4
	Católica	187	69,3
	Outra	28	10,4
Convivência	Família (pais e irmãos)	230	85,2
	Outros	40	14,8

Em relação à formação dos pais apresentam uma frequência semelhante. No caso da mãe regista-se no nível básico 37,4% e no nível médio 32,9% (associando a formação profissional e o bacharelato). Os níveis mais elevados de escolaridade têm uma menor frequência, verificando-se tanto para o pai como para a mãe deterem a escolaridade “superior” respetivamente 14,4% e 17,8% (tabela 44).

Tabela 44

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) do nível de escolaridade dos pais/tutores.

Nível de escolaridade	Pai		Mãe	
	n	%	n	%
Não sabem ler/escrever	1	0,4	3	1,1
Básico	81	30	101	37,4
Formação profissional	70	25,9	53	19,6
Bacharel	39	14,4	36	13,3
Superior	39	14,4	48	17,8

1.2 CARATERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ESTABELECIDAS PELOS ADOLESCENTES

Em relação às características das relações afetivo-sexuais o número total de adolescentes que respondeu a cada questão foi diferente. No que se refere à experiência de namoro, identificamos que a primeira experiência ocorreu, em média, aos 13,1 anos e, que iniciaram atividade sexual aos 14,7 anos, em média. O número de pessoas com quem os adolescentes tiveram relações sexuais foi, em média, de 2,1 com um desvio padrão de 1,8. Estes valores são semelhantes ao número de namorados identificados (média - 2,7 e desvio padrão - 1,8).

Para 94,5% dos adolescentes que referiram ter relação amorosa (n=202) o relacionamento amoroso era heterossexual, embora a maioria (65,9%) tenha referido ainda não ter tido relações sexuais (n=208). Entre os que tinham relações sexuais (n=71), 77,5% referiram terem um único parceiro e, quase a totalidade, refere ser de sexo diferente (95,8%). Salientamos que 14,1% referiu ter atividade sexual com parceiros não estáveis (tabela 45).

Tabela 45

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das opiniões sobre as experiências de namoro. Inclui estatística resumo.

Variável	Amplitude	Média	Desvio Padrão
Idade	10-17	13,1	1,3
Nº namorados	0-10	2,7	1,8
Idade da 1ª actividade sexual	12-17	14,7	1,1
Nº de pessoas-relações sexuais	1-10	2,1	1,8

Variável		n	%
Relação amorosa com ... (n=202)	Do mesmo sexo	4	2,0
	Do sexo diferente	191	94,5
	Do mesmo sexo e do sexo diferente	7	3,5
Actividade sexual (n=208)	Sim	71	34,1
	Não	137	65,9
Relações sexuais atualmente (n=71)	Apenas um parceiro	55	77,5
	Com parceiros não estáveis	10	14,1
	Com um parceiro estável e com parceiros não estáveis	6	8,4
Tive sexo (n=71)	Com pessoas do mesmo sexo	2	2,8
	Com pessoas do sexo diferente	68	95,8
	Ambos	1	1,4

Quando solicitados a selecionarem uma pessoa com quem já haviam namorado ou com quem à data estavam a namorar, para caracterizarem essa relação a maioria (43,2%) escolheu o namorado atual. Quase metade dos participantes refere que o/a parceiro/a era mais velho (49,2%) e, 96,5% eram de sexo diferente. O tempo médio dos relacionamentos afetivo-sexuais situou-se em 7,1 meses com 7,9 de desvio padrão. Mais de metade dos participantes (58,8%), referiu discutir poucas vezes com o seu/sua namorado/a.

Por outro lado, dezasseis adolescentes (8,0%) assumiram ser vítimas e entre estes dez (62,5%) referem terem sofrido violência psicológica. Sete dos adolescentes (3,5%) referem ter sido agressores predominando a agressão psicológica com 57,1% (n=4) como se pode analisar na tabela 46.

Tabela 46

Distribuição absoluta (n^o) e relativa (%) das respostas acerca da pessoa selecionada pelos adolescentes. Inclui estatística resumo.

Variável		N=199	%
Pessoa	Meu namorado/a atual	86	43,2
	No último namorado /a que eu tive, há menos de um ano	68	34,2
	No último namorado /a que eu tive, há mais de um ano	44	22,1
	Alguém com quem eu prometi ou casei atualmente	1	0,5
Eleição	Ele tem ou teve a mesma idade que você	74	37,2
	Ele era mais velho do que você	98	49,2
	Ele era mais jovem do que você	27	13,6
Sexo da pessoa	Do mesmo sexo	7	3,5
	Do sexo diferente	192	96,5
Frequência de discussões	Sempre	3	1,5
	Muitas vezes	33	16,6
	Poucas vezes	117	58,8
	Nunca	46	23,1
Vítima (n=16)	Física	1	6,2
	Psicológica	10	62,5
	Sexual	2	12,5
	Física e Psicológica	3	18,8
Agressor	Física	1	14,3
	Psicológica	4	57,1
	Sexual	2	28,6
	Amplitude	Media	Desvio Padrão
Tempo relação (Meses)	1-36	7,1	7,9
Idade	10-18	14,3	1,4

1.3 COMPORTAMENTOS DOS ADOLESCENTES NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

A tabela 47 mostra, a média, o desvio padrão e o coeficiente de correlação de Pearson (r) no que se prende com as formas de violência dos agressores e das vítimas. Observa-se que há uma associação direta entre o assédio e a vitimização.

Tabela 47
Médias, desvios padrão e o coeficiente de correlação das formas de violência

Violência	Agressor	Vítima	R
Sexual	0,2 (0,36)	0,26 (0,4)	0,616***
Relacional	0,07 (0,25)	0,18 (0,46)	0,462***
Verbal	0,5 (0,48)	0,54 (0,5)	0,715***
Ameaças	0,13 (0,29)	0,16 (0,35)	0,608***
Física	0,14 (0,34)	0,18 (0,41)	0,619***

***p < 0,001

Para comparação das dimensões ou formas de violência da escala CADRI, foi realizada a análise multivariada de variância (MANOVA), verificando anteriormente as suposições: o contraste da esfericidade de Barlett e o contraste M de Box para verificar a homogeneidade das matrizes da variância-covariância entre os grupos. A homogeneidade univariada e a homogeneidade das matrizes da variância-covariância (tabela 48) também foi cumprida.

Tabela 48
Análise da variância e covariância das várias formas de violência perpetrada e sofrida.

Violência	Prova de igualdade de variâncias de erro (Levene)	Prova de homogeneidade das matrizes da variância-covariância
Perpetrada		
Sexual	F(1,196) = 2,87, p = 0,092	M de Box = 18,21, p = 0,327
Relacional	F(1,196) = 1,75, p = 0,187	
Verbal	F(1,196) = 1,21, p = 0,273	
Ameaças	F(1,196) = 1,83, p = 0,178	
Física	F(1,196) = 0,42, p = 0,519	

Tabela 48 (Continuação)

Análise da variância e covariância das várias formas de violência perpetrada e sofrida.

Violência	Prova de igualdade de variâncias de erro (Levene)	Prova de homogeneidade das matrizes da variância-covariância
Sofrida		
Sexual	F(1,197) = 0,87, p = 0,352	M de Box = 25,91, p = 0,127
Relacional	F(1,197) = 0,87, p = 0,351	
Verbal	F(1,197) = 2,05, p = 0,154	
Ameaças	F(1,197) = 0,47, p = 0,494	
Física	F(1,197) = 1,08, p = 0,299	

As ANOVAs de continuação para o MANOVA (tabela 49) mostraram que os efeitos significativos foram apresentados como violência sexual nos adolescentes do sexo masculino e como violência verbal nas adolescentes.

Tabela 49

Médias e desvios padrão das formas de violência cometida por sexo.

Violência perpetrada Média (DT)	Sexo		ANOVA	
	masculino (n = 99)	feminino (n = 99)	F(g.l.); p-valor	eta²
Sexual	0,29 (0,44)	0,10 (0,20)	F(1,196) = 14,23, p < 0,001***	0,068
Relacional	0,08 (0,30)	0,06 (0,19)	F(1,196) = 0,32, p = 0,573	0,002
Verbal	0,36 (0,38)	0,63 (0,53)	F(1,196) = 16,69, p < 0,001***	0,078
Ameaças	0,14 (0,34)	0,12 (0,25)	F(1,196) = 0,23, p = 0,632	0,001
Física	0,15 (0,37)	0,13 (0,31)	F(1,196) = 0,10, p = 0,754	0,001

Os ANOVAs de continuação para o MANOVA (Tabela 50) mostraram que efeitos significativos foram apresentados em violência verbal, onde as adolescentes sofrem significativamente mais do que os adolescentes.

Tabela 50

Médias e desvios padrão das formas de violência sofrida por sexo.

Violência sofrida Média (DT)	Sexo		ANOVA	
	Masculino (n = 99)	Feminino (n = 99)	F(g.l.); p-valor	eta ²
Sexual	0,27 (0,43)	0,25 (0,37)	F(1,197) = 0,16, p = 0,689	0,001
Relacional	0,15 (0,46)	0,21 (0,46)	F(1,197) = 0,80, p = 0,371	0,004
Verbal	0,44 (0,44)	0,64 (0,54)	F(1,197) = 8,41, p = 0,004**	0,041
Ameaças	0,17 (0,37)	0,16 (0,33)	F(1,197) = 0,06, p = 0,816	0,001
Física	0,23 (0,47)	0,13 (0,32)	F(1,197) = 3,19, p = 0,076	0,016

1.4 CONHECIMENTOS SOBRE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE DOS ADOLESCENTES

Em relação ao conhecimento que os participantes têm sobre violência nas relações de intimidade dos adolescentes as respostas por sexo são apresentados na tabela 51.

Tabela 51

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Ítem	Resposta	Total	Sexo		Teste Qui-quadrado	
			Masculino	Feminino	$\chi^2(1)$	p-valor
P1	V	128 (47,6)	67 (51,1)	61 (44,2)	1,30	0,254
	F	141 (52,4)	64 (48,9)	77 (55,8)		
P2	V	205 (76,2)	91 (69,5)	114 (82,6)	6,40	0,011*
	F	64 (23,8)	40 (30,5)	24 (17,4)		
P3	V	203 (75,7)	87 (66,4)	116 (84,7)	12,15	0,000*
	F	65 (24,3)	44 (33,6)	21 (15,3)		
P4	V	39 (14,6)	22 (16,8)	17 (12,4)	1,04	0,309
	F	229 (85,4)	109 (83,2)	120 (87,6)		
P5	V	220 (82,1)	98 (75,4)	122 (88,4)	7,72	0,005*
	F	48 (17,9)	32 (24,6)	16 (11,6)		

Tabela 51 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Ítem	Resposta	Total	Sexo		Teste Qui-quadrado	
			Masculino	Feminino	$\chi^2(1)$	p-valor
P6	V	101 (37,7)	65 (49,6)	36 (26,3)	15,54	0,000*
	F	167 (62,3)	66 (50,4)	101 (73,7)		
P7	V	21 (7,8)	13 (10)	8 (5,8)	1,64	0,201
	F	247 (92,2)	117 (90)	130 (94,2)		
P8	V	108 (40,1)	60 (45,8)	48 (34,8)	3,40	0,065
	F	161 (59,9)	71 (54,2)	90 (65,2)		
P9	V	25 (9,3)	16 (12,2)	9 (6,5)	2,58	0,108
	F	244 (90,7)	115 (87,8)	129 (93,5)		
P10	V	125 (46,6)	62 (47,3)	63 (46)	0,05	0,826
	F	143 (53,4)	69 (52,7)	74 (54)		
P11	V	132 (49,3)	60 (45,8)	72 (52,6)	1,22	0,269
	F	136 (50,7)	71 (54,2)	65 (47,4)		
P12	V	30 (11,2)	22 (16,8)	8 (5,8)	8,20	0,004*
	F	239 (88,8)	109 (83,2)	130 (94,2)		
P13	V	94 (35,1)	64 (49,2)	30 (21,7)	22,22	0,000*
	F	174 (64,9)	66 (50,8)	108 (78,3)		
P14	V	63 (23,4)	37 (28,2)	26 (18,8)	3,31	0,069
	F	206 (76,6)	94 (71,8)	112 (81,2)		
P15	V	220 (81,8)	108 (82,4)	112 (81,2)	0,07	0,785
	F	49 (18,2)	23 (17,6)	26 (18,8)		
P16	V	34 (12,7)	17 (13)	17 (12,4)	0,02	0,889
	F	234 (87,3)	114 (87)	120 (87,6)		
P17	V	156 (58)	76 (58)	80 (58)	0,00	0,994
	F	113 (42)	55 (42)	58 (42)		
P18	V	87 (32,5)	38 (29)	49 (35,8)	1,40	0,238
	F	181 (67,5)	93 (71)	88 (64,2)		
P19	V	161 (60,3)	82 (63,1)	79 (57,7)	0,82	0,366
	F	106 (39,7)	48 (36,9)	58 (42,3)		

Tabela 51 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Ítem	Resposta	Total	Sexo		Teste Qui-quadrado	
			Masculino	Feminino	$\chi^2(1)$	p-valor
P20	V	227 (85,3)	108 (83,7)	119 (86,9)	0,52	0,469
	F	39 (14,7)	21 (16,3)	18 (13,1)		
P21	V	206 (76,9)	98 (75,4)	108 (78,3)	0,31	0,577
	F	62 (23,1)	32 (24,6)	30 (21,7)		
P22	V	166 (61,7)	80 (61,1)	86 (62,3)	0,04	0,833
	F	103 (38,3)	51 (38,9)	52 (37,7)		
P23	V	58 (21,6)	29 (22,1)	29 (21,2)	0,04	0,847
	F	210 (78,4)	102 (77,9)	108 (78,8)		
P24	V	61 (22,7)	37 (28,2)	24 (17,4)	4,51	0,034*
	F	208 (77,3)	94 (71,8)	114 (82,6)		
P25	V	191 (71,5)	89 (69)	102 (73,9)	0,79	0,373
	F	76 (28,5)	40 (31)	36 (26,1)		
P26	V	37 (13,8)	24 (18,3)	13 (9,5)	4,39	0,036*
	F	231 (86,2)	107 (81,7)	124 (90,5)		
P27	V	51 (19)	29 (22,1)	22 (16,1)	1,61	0,205
	F	217 (81)	102 (77,9)	115 (83,9)		
P28	V	76 (28,3)	41 (31,3)	35 (25,4)	1,17	0,280
	F	193 (71,7)	90 (68,7)	103 (74,6)		
P29	V	87 (32,3)	47 (35,9)	40 (29)	1,46	0,227
	F	182 (67,7)	84 (64,1)	98 (71)		
P30	V	251 (93,3)	117 (89,3)	134 (97,1)	6,53	0,011*
	F	18 (6,7)	14 (10,7)	4 (2,9)		
P31	V	207 (77,8)	99 (76,2)	108 (79,4)	0,41	0,523
	F	59 (22,2)	31 (23,8)	28 (20,6)		
P32	V	188 (69,9)	83 (63,4)	105 (76,1)	5,17	0,023*
	F	81 (30,1)	48 (36,6)	33 (23,9)		
P33	V	46 (17,1)	32 (24,4)	14 (10,1)	9,67	0,002*
	F	223 (82,9)	99 (75,6)	124 (89,9)		

Tabela 51 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens da CVRI, por sexo.

Ítem	Resposta	Total	Sexo		Teste Qui-quadrado	
			Masculino	Feminino	$\chi^2(1)$	p-valor
P34	V	26 (9,7)	18 (13,7)	8 (5,8)	4,86	0,028*
	F	243 (90,3)	113 (86,3)	130 (94,2)		
P35	V	78 (29,1)	39 (30)	39 (28,3)	0,10	0,754
	F	190 (70,9)	91 (70)	99 (71,7)		
P36	V	23 (8,6)	17 (13)	6 (4,3)	6,40	0,011*
	F	246 (91,4)	114 (87)	132 (95,7)		
P37	V	207 (77,2)	92 (70,8)	115 (83,3)	6,01	0,014*
	F	61 (22,8)	38 (29,2)	23 (16,7)		
P38	V	170 (63,4)	78 (60)	92 (66,7)	1,28	0,257
	F	98 (36,6)	52 (40)	46 (33,3)		
P39	V	41 (15,3)	24 (18,3)	17 (12,4)	1,81	0,179
	F	227 (84,7)	107 (81,7)	120 (87,6)		
P40	V	18 (6,7)	12 (9,2)	6 (4,3)	2,49	0,114
	F	251 (93,3)	119 (90,8)	132 (95,7)		
P41	V	23 (8,6)	15 (11,5)	8 (5,8)	2,75	0,097
	F	246 (91,4)	116 (88,5)	130 (94,2)		
P42	V	63 (23,4)	32 (24,4)	31 (22,5)	0,14	0,704
	F	206 (76,6)	99 (75,6)	107 (77,5)		
P43	V	33 (12,4)	17 (13)	16 (11,8)	0,09	0,763
	F	234 (87,6)	114 (87)	120 (88,2)		
P44	V	25 (9,4)	12 (9,2)	13 (9,6)	0,01	0,911
	F	242 (90,6)	119 (90,8)	123 (90,4)		
P45	V	62 (23,1)	31 (23,7)	31 (22,6)	0,04	0,841
	F	206 (76,9)	100 (76,3)	106 (77,4)		
P46	V	54 (20,1)	30 (22,9)	24 (17,4)	1,27	0,260
	F	215 (79,9)	101 (77,1)	114 (82,6)		
P47	V	219 (81,4)	97 (74)	122 (88,4)	9,16	0,002*
	F	50 (18,6)	34 (26)	16 (11,6)		

*p<0,05 **p<0,01 ***p<0,001

Na tabela 52 apresentamos a relação entre conhecimento sobre VRI e sexo dos participantes. A aplicação do teste χ^2 permite-nos concluir que existe relação estatisticamente significativa entre o sexo feminino e o conhecimento sobre VRI nos quinze itens apresentados na tabela 52. De entre estes salientamos o conhecimento no que se prende com: o ciúme é uma das principais causas de violência no namoro ($p < 0,001$); a violência no namoro é uma situação pouco frequente ($p < 0,001$); quando se namora devemos fazer aquilo que agrada ao outro ($p < 0,001$); existem casos de violência no namoro entre jovens da minha idade ($p < 0,005$); a violência no namoro só aparece nos extratos sociais baixos ($p < 0,004$); exercer o poder sobre o/a namorado/a não é violência ($p < 0,002$); obrigar o/a namorado/a a iniciar a atividade sexual é uma forma de violência sexual ($p < 0,002$).

Tabela 52

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%), dos itens da CVRI com significado estatístico, por sexo.

Ítem	Resposta	Sexo		Teste Qui-quadrado	
		Masculino	Feminino	$\chi^2(1)$	p-valor
P2	V	91 (69,5)	114 (82,6)	6,40	0,011*
	F	40 (30,5)	24 (17,4)		
P3	V	87 (66,4)	116 (84,7)	12,15	< 0,001***
	F	44 (33,6)	21 (15,3)		
P5	V	98 (75,4)	122 (88,4)	7,72	0,005**
	F	32 (24,6)	16 (11,6)		
P6	V	65 (49,6)	36 (26,3)	15,54	< 0,001***
	F	66 (50,4)	101 (73,7)		
P12	V	22 (16,8)	8 (5,8)	8,20	0,004**
	F	109 (83,2)	130 (94,2)		
P13	V	64 (49,2)	30 (21,7)	22,22	< 0,001***
	F	66 (50,8)	108 (78,3)		
P24	V	37 (28,2)	24 (17,4)	4,51	0,034*
	F	94 (71,8)	114 (82,6)		
P26	V	24 (18,3)	13 (9,5)	4,39	0,036*
	F	107 (81,7)	124 (90,5)		
P30	V	117 (89,3)	134 (97,1)	6,53	0,011*
	F	14 (10,7)	4 (2,9)		

Tabela 52 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%), dos itens da CVRI com significado estatístico, por sexo.

Ítem	Resposta	Sexo		Teste Qui-quadrado	
		Masculino	Feminino	$\chi^2(1)$	p-valor
P32	V	83 (63,4)	105 (76,1)	5,17	0,023*
	F	48 (36,6)	33 (23,9)		
P33	V	32 (24,4)	14 (10,1)	9,67	0,002**
	F	99 (75,6)	124 (89,9)		
P34	V	18 (13,7)	8 (5,8)	4,86	0,028*
	F	113 (86,3)	130 (94,2)		
P36	V	17 (13)	6 (4,3)	6,40	0,011*
	F	114 (87)	132 (95,7)		
P37	V	92 (70,8)	115 (83,3)	6,01	0,014*
	F	38 (29,2)	23 (16,7)		
P47	V	97 (74)	122 (88,4)	9,16	0,002**
	F	34 (26)	16 (11,6)		

*p<0,05 **p<0,01 ***p<0,001

Concluída a apresentação dos resultados descritivos e analíticos importa proceder à sua discussão a partir dos resultados obtidos noutras investigações com especial enfoque às realizadas em contexto espanhol.

1.5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Quanto à violência nas relações de intimidade exercida por sexo, os resultados mostram que os adolescentes do sexo masculino perpetram mais violência sexual enquanto as adolescentes perpetram mais violência verbal para com os seus parceiros. Outros estudos também mostram que a violência sexual é mais exercida pelos adolescentes do sexo masculino (Leen et al., 2013, Fernández-Fuertes, Orgaz, & Fuertes, 2011, Ortega et al., 2008) enquanto as adolescentes usam mais frequentemente a violência psicológica ou verbal e emocional (Muñoz-Riva et al., 2007). Estes resultados podem ser confrontados com os obtidos por Pazos-Gómez, Oliva Delgado e Hernando Gómez, (2014) em que as adolescentes eram mais perpetradoras de violência física, verbal e emocional enquanto os adolescentes do sexo masculino perpetraram mais violência relacional e sexual.

Além disso, o estudo de Boivin et al. (2012) mostra-nos que ser assediado sexualmente pelos parceiros é violência no namoro o que está associado com a perpetração de violência física.

Os dados mostram que os adolescentes têm dificuldade em reconhecer as diferentes formas de violência e legitimam mais frequentemente o controlo de comportamentos violentos e exercício de poder. Estes resultados vão ao encontro com o referido por De la Osa Escudero, Andrew e Gomez (2013), quando afirma que, apesar da alta rejeição da violência têm crenças tolerantes especialmente as adolescentes, no entanto são os adolescentes do sexo masculino que estão mais de acordo com as crenças sexistas e legitimam a violência doméstica. Esta ideia é reforçada pelo trabalho de Garaigordobil, Aliri e Martinez-Valderrey (2013), que também reflete uma correlação entre o sexo masculino e a legitimação da violência doméstica. Além disso, Cabelo Viniegra (2007) relaciona crenças tolerantes e rejeição da violência com as estudantes do ensino médio do sexo feminino.

A rejeição da violência é maior nas adolescentes do que nos adolescentes do sexo masculino da mesma faixa etária, de acordo com o relatório do Ministério da Saúde, Serviços Sociais e Igualdade espanhol de 2015.

De acordo com o defendido por Viniegra Cabello (2007), estas diferenças entre adolescentes em função do sexo, referentes a crenças erróneas e legitimação da violência no casal podem ser explicadas pela aprendizagem - em contexto familiar - pelos modelos veiculados pela família e, em contexto social, pelos meios de comunicação.

A idade de início das relações sexuais nos adolescentes espanhóis tem vindo a diminuir nos últimos tempos. Uma explicação apresentada por Mejias et al. já em 2005, passa por as crianças e adolescentes espanhóis, seguirem modelos de socialização sexual veiculados pela televisão, filmes, pornografia, entre outros. Todos estes são modelos de adultos e que podem provocar uma abreviação da fase infantil, dando lugar a uma imitação dos comportamentos sexuais de adultos pelos adolescentes. Nesta linha, Vidal Vanaclocha (2015) afirma que a recriação de estereótipos em muitas narrativas audiovisuais com os que os adolescentes socializam, mesmo desde a infância, provoca dessensibilização a certos estereótipos de género. As respostas de conhecimento de indicadores de abuso são mais elevadas em adolescentes do sexo feminino.

No entanto, os adolescentes justificam a violência de género, com indicadores tais como: é uma mensagem de amor; não ter direito a manter suas amizades durante o namoro; e que o exercício do poder sobre o outro não é uma forma de violência. É, neste domínio, onde nós entendemos que o estereótipo machista é apresentado. Estes dados são semelhantes aos do estudo por Diaz-Aguado et al. (2014) que demonstram a mentalidade machista, com base na dominação e submissão prevalente nos adolescentes espanhóis.

1.6 CONCLUSÕES

Conclui-se que os adolescentes do sexo masculino evidenciam maior dificuldade em reconhecer, as formas de violência e legitimam mais frequentemente comportamentos violentos, nomeadamente o controle e o poder sobre as adolescentes.

Outra constatação é o assumir pelos adolescentes, em simultâneo, o papel de vítima e perpetrador da violência. Os adolescentes de ambos os sexos perpetuam a violência, sendo mais frequente os do sexo masculino perpetrarem a violência sexual enquanto as adolescentes perpetram mais a violência verbal.

Quanto à rejeição da violência de género, é maior nas adolescentes do que nos adolescentes do sexo masculino da mesma idade.

Conclui-se ainda que há relação estatisticamente significativa entre conhecimentos sobre VRI e o sexo feminino.

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DO CONTEXTO PORTUGUÊS

MARIA NETO DA CRUZ LEITÃO
MARIA ISABEL DOMINGUES FERNANDES
MARIA DOS ANJOS DIXE
ARMANDO MANUEL MARQUES SILVA
ISABEL MARIA PINHEIRO BORGES MOREIRA
CRISTINA MARIA FIGUEIRA VERÍSSIMO
MARIA DA CONCEIÇÃO ALEGRE DE SÁ

Iniciamos a apresentação dos resultados pela caracterização dos adolescentes que participaram no estudo passando depois a apresentar a caracterização do tipo de relações de intimidade que estabelecem e o tipo de violência sofrida ou perpetrada nessas relações.

1.1 CARATERIZAÇÃO SÓCIO DEMOGRÁFICA DA AMOSTRA

O número de adolescentes envolvidos no estudo foi de 152 (tabela 53), sendo que mais de 50% são do sexo masculino, residem maioritariamente em zona rural e são católicos. A média de idades situa-se nos $14,96 \pm 1,1$ anos, sendo o grupo com 14 anos o mais prevalente (36,2%).

Em média vivem $4,2 \pm 2,0$ pessoas em cada agregado familiar em habitações com $10,18 \pm 3,9$ divisões (em média). Vivem com os pais e com irmãos 55,2% dos adolescentes do sexo masculino e 62,5% das adolescentes.

Relativamente aos anos de escolaridade dos pais/encarregados de educação verifica-se que as mães estudaram em média $10,32 \pm 3,8$ e os pais $8,77 \pm 3,6$ anos, para um mínimo de 4 e um máximo de 17 anos, para ambos os progenitores.

Tabela 53

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das características sócio demográficas dos adolescentes. Inclui estatística resumo

Variáveis		n	%	Média	Desvio Padrão
Idade (n=129)	13 anos	2	1,3	14,96	1,19
	14 anos	55	36,2		
	15 anos	40	26,3		
	16 anos	19	12,5		
	17 anos	11	7,2		
	19 anos	2	1,3		
Sexo (n=152)	Masculino	96	63,2		
	Feminino	56	36,8		
Nacionalidade (n=150)	Portuguesa	148	98,7		
	Outra	2	1,3		
Cidade onde vive (n=152)	Ansião	76	50,0		
	Leiria	28	18,4		
	Coimbra	1	,7		
	Outra	15	9,9		
	Ourém	32	21,1		
Zona onde vive (n=146)	Urbano	28	18,4		
	Rural	118	77,6		
Religião (n=151)	Não tem religião	16	19,3		
	Católica	134	69,3		
	Espirita	1	,7		
Nº de pessoas em cada agregado familiar (n=130)				4,20	2,01
Nº de divisões da casa (n=143)				10,18	3,97
Anos de escolaridade do Pai (n=133)				8,77	3,97
Anos de escolaridade da Mãe (n=141)				10,32	3,92

A quase totalidade dos participantes era de nacionalidade portuguesa (98,7%) vivendo em localidades de pequena dimensão.

1.2 CARATERIZAÇÃO DOS TIPOS DE RELAÇÕES DE INTIMIDADE ESTABELECIDAS PELOS ADOLESCENTES

A maior parte dos adolescentes namora (ou namorou) com pessoas de sexo diferente (tabela 54) e iniciou estas relações com $11,3 \pm 2,8$ anos, em média.

A percentagem de adolescentes do sexo masculino que já tinham iniciado atividade sexual foi superior à das adolescentes, respetivamente 34,8% e 14,5%. Estas diferenças revelaram-se estatisticamente significativas ($p < 0,01$). Entre estes adolescentes a maioria refere ter relacionamento sexual com um parceiro/a fixo. Salientamos que 4 (16,7%) dos adolescentes do sexo masculino referem que, têm sexo com parceiros/as não fixos e, o mesmo percentual considera que este relacionamento acontece tanto com parceiros fixos como não fixos.

No caso das adolescentes 36,4% refere ter sexo com parceiro fixo e não fixo e para 87,5% o relacionamento é com pessoas de sexo diferente. Saliente-se que 6,7% dos adolescentes do sexo masculino afirmaram ter sexo com pessoas de ambos os sexos e 93,3% com pessoas de sexo diferente.

Tabela 54

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) por sexo dos adolescentes, quanto às relações afetivo-sexuais estabelecidas.

Relações afetivo-sexuais		Masculino		Feminino		χ^2	p
		n	%	n	%		
Com quem namorou	Pessoa do mesmo sexo	0	0	0	0	7,117 ^a	,008
	Pessoa de sexo diferente	95	99,0	55	98,2		
	Pessoa do mesmo sexo e de sexo diferente	1	1,0	1	1,8		
Início da atividade sexual	Sim	32	34,8	8	14,5	7,117 ^a	,008
	Não	60	65,2	47	85,5		
Tenho sexo com	Um parceiro fixo	16	66,6	7	63,6	4,307 ^a	,116
	Parceiros não fixos	4	16,7	0	0		
	Parceiro fixo e com parceiros não fixos	4	16,7	4	36,4		
Tive sexo com	Pessoas do mesmo sexo	0	0,0	1	12,5	4,307 ^a	,116
	Pessoas de sexo diferente	28	93,3	7	87,5		
	Ambos	2	6,7	0	0,0		

Relativamente aos dados apresentados na tabela 54 foram realizadas análises relativamente aos valores médios. A idade média de início do namoro foi idêntica para os adolescentes de ambos os sexos ($U=1814,5$; $p=0,599$).

Os adolescentes do sexo masculino já tinham namorado com $4,0\pm 3,8$ pessoas e as adolescentes com $3,1\pm 2,3$ pessoas, não havendo diferenças com significado estatístico entre os dois grupos ($U=1790,50$; $p=0,184$).

Os adolescentes do sexo masculino iniciaram, em média ($13,5\pm 1,9$) mais cedo a atividade sexual do que as adolescentes ($15,0\pm 1,5$), não tendo esta diferença significado estatístico ($U=73,500$; $p=0,133$).

O número médio de pessoas com os quais os adolescentes tiveram relações sexuais foi de $2,8 \pm 4,4$ parceiros/as, sendo a média de parceiros/as sexuais das adolescentes inferior ($1,1\pm 0,3$) à dos adolescentes do sexo masculino ($3,3\pm 4,9$), não tendo as diferenças significado estatístico ($U=71,00$; $p=0,06$).

Na segunda parte do questionário da caracterização das relações afetivo-sexuais, solicitámos aos participantes que ao responderem o fizessem em função de uma (única) pessoa com a qual tivessem namorado ou namorem atualmente (tabela 55).

O maior percentual dos adolescentes do sexo masculino respondeu que estava a pensar “em alguém com quem namoro atualmente” (36,1%) e as adolescentes na “última pessoa com quem namorei há menos de um ano” (38,5%).

Em relação à idade do parceiro/a selecionado/a, houve predomínio de parceiros/as com a mesma idade, tanto para os adolescentes do sexo masculino (54,5%) como para as adolescentes (51,9%).

Mais de metade (58,2%) dos adolescentes do sexo masculino e 70,4% das adolescentes referiram discutir poucas vezes com o seu/sua namorado/a. Em média os participantes namoram ou namoraram $5,6\pm 6,3$ meses, sendo que os adolescentes do sexo masculino namoram ou namoraram ($5,4\pm 6,1$) menos tempo que as adolescentes ($5,8\pm 6,5$), não tendo as diferenças significado estatístico ($U=1418,00$; $0,92$).

A média de idade dos adolescentes quando iniciaram a relação com a pessoa selecionada foi de $13,6 \pm 2,1$, sendo que a das adolescentes foi de $13,6 \pm 2,3$ e a dos adolescentes do sexo masculino foi de $13,7\pm 1,9$ ($U=1418,000$; $p=0,75$).

Tabela 55

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) por sexo dos adolescentes, quanto à pessoa selecionada.

Relações afetivo-sexuais		Masculino		Feminino		χ ²	P
		n	%	n	%		
Estou a pensar	Em alguém com que namoro atualmente	30	36,1	19	35,5	825	0,843
	Na última pessoa com quem namorei há menos de um ano	29	34,9	20	38,5		
	Na última pessoa com quem namorei há mais de um ano	23	27,7	13	25,0		
	Em alguém de quem estou noivo ou casado atualmente	0	0	0	0		
	Em alguém de quem fui noivo ou casado	1	1,2	0	0		
Idade da pessoa em que pensei	Ela tem/tinha a mesma idade que tu	48	54,5	28	51,9	6,406	,041
	Ela é / era mais velha que tu	24	27,3	23	42,6		
	Ela é/era mais nova que tu	16	18,2	3	5,6		
Sexo da pessoa em que pensei	Tem o mesmo sexo que tu	1	1,1	2	3,9	1,259 ^a	,262
	Tem sexo diferente do meu	90	98,9	49	96,1		
Frequência de discussões	Sempre	2	2,2	0	0		
	Muitas vezes	6	6,6	3	5,6		
	Poucas vezes	53	58,2	38	70,4		
	Nunca	30	33,0	13	24,1		

Quando questionados sobre a violência nesta relação, a quase totalidade dos adolescentes assumiu não ter sido vítima nem agressor. Nos que referiram ter sido vítimas, a natureza de violência mais relatada foi a violência psicológica (2,2% os adolescentes do sexo masculino e 7,4% as adolescentes) (tabela 56). Como agressores verificamos que os adolescentes do sexo masculino exerceram mais frequentemente a violência sexual (2,2%) e as adolescentes a violência física e psicológica, com igual valor percentual (1,9%).

Tabela 56

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) quanto natureza da violência sofrida e perpetrada pelos adolescentes, na relação de intimidade.

Natureza da violência			Masculino		Feminino	
			n	%	n	%
Vítimas	Violência física	Sim	0	0	1	1,9
		Não	91	100	52	98,1
	Violência psicológica	Sim	2	2,2	4	7,4
		Não	90	97,8	50	92,6
	Violência Sexual	Sim	1	1,1	0	0
		Não	90	98,8	53	100
Agressores	Violência física	Sim	0	0	1	1,9
		Não	90	100	52	98,1
	Violência psicológica	Sim	0	0	1	1,9
		Não	90	100	52	98,1
	Violência Sexual	Sim	2	2,2	0	0
		Não	89	97,8	53	100

1.3 COMPORTAMENTOS DOS ADOLESCENTES NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

Neste estudo procurámos caracterizar a VRI entre adolescentes através do Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI), que permite avaliar diferentes formas de abuso: físico, relacional, sexual, emocional ou verbal e comportamento ameaçador. Através do CADRI identificámos também as estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas, utilizadas pelos adolescentes (tabela 57).

Dos 152 participantes do estudo, 93,8% dos adolescentes do sexo masculino e 92,9% das adolescentes referiram perpetrar pelo menos uma das naturezas de abuso/violência mensuradas neste estudo. No que se refere à violência sofrida, 99,0% dos adolescentes do sexo masculino e 96,4% das adolescentes afirmaram ter vivenciado pelo menos uma das naturezas de violência, não tendo estas diferenças significado estatístico.

Os adolescentes que sofreram violência verbal/emocional (tabela 57) apresentaram as maiores frequências de perpetração e vitimização. Destacam-se também os elevados percentuais de violência sexual sofrida e perpetrada e de ameaças sofridas e perpetradas. Salientamos que em ambas as situações e tipos de violência as diferenças têm significado estatístico ($p < 0,01$).

Tabela 57

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) de perpetração e vitimização dos adolescentes, por sexo.

Comportamentos de violência		Masculino				Feminino				p
		Não		Sim		Não		Sim		
		n	%	n	%	n	%	n	%	
Violência sexual	Perpetrada	35	36,5	61	63,5	36	64,3	20	35,7	,001
	Sofrida	38	39,6	58	60,4	38	67,9	18	32,1	,001
Comportamento ameaçador	Perpetrado	42	43,8	54	56,3	38	67,9	18	32,1	,004
	Sofrido	42	43,8	54	56,3	39	69,6	17	30,4	,002
Violência relacional	Perpetrada	43	44,8	53	55,2	38	67,9	18	32,1	,006
	Sofrida	42	43,8	54	56,3	39	69,6	17	30,4	,002
Violência emocional	Perpetrada	7	7,3	89	92,7	7	12,5	49	87,5	,284
	Sofrida	7	7,3	89	92,7	6	10,7	50	89,3	,467
Violência física	Perpetrada	42	43,8	54	56,3	36	64,3	20	35,7	,015
	Sofrida	43	44,8	53	55,2	43	76,8	13	23,2	,000
Comportamento abusivo	Perpetrado	6	6,3	90	93,8	4	7,1	52	92,9	,830
	Sofrido	1	1,0	95	99,0	2	3,6	54	96,4	,279

Na tabela 58 apresentamos os valores da média e do desvio padrão das subescalas de perpetração e de vitimização obtidos através da aplicação do CADRI. Encontramos diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos adolescentes em todas as subescalas da violência - tanto da perpetrada como da sofrida - sendo que as médias referentes aos adolescentes do sexo masculino são superiores às das adolescentes, em todos os tipos de violência.

Tabela 58

Médias e desvios padrão de perpetração e vitimização por sexo dos adolescentes e subescalas do CADRI.

		Masculino			Feminino			P
		n	Média	Dp	n	média	Dp	
Violência sexual	Perpetrada	96	5,5	5,4	56	2,8	4,9	,002
	Sofrida	96	5,4	5,4	56	2,6	4,7	,001
Comportamento ameaçador	Perpetrado	96	5,7	5,7	56	2,8	5,0	,003
	Sofrido	96	5,7	5,7	56	2,8	4,9	,002
Violência relacional	Perpetrada	96	4,2	4,3	56	2,1	3,7	,006
	Sofrida	96	4,2	4,2	56	2,1	3,7	,003
Violência emocional	Perpetrada	96	14,3	12,3	56	7,7	10,3	,006
	Sofrida	96	14,2	12,1	56	7,9	10,2	,005
Violência física	Perpetrada	96	5,8	5,7	56	2,8	4,8	,005
	Sofrida	96	5,8	5,6	56	2,9	4,8	,006
Comportamento Abusivo	Perpetrado	96	35,6	33,3	56	18,4	28,6	,011
	Sofrido	96	35,5	32,7	56	18,4	28,3	,005

Com o objetivo de aprofundar a análise da VRI na adolescência, as tabelas seguintes apresentam as frequências absolutas e relativas dos itens do CADRI, por subescala.

Em relação à *violência sexual* perpetrada (tabela 59), observamos que os itens mais relatados foram: para os adolescentes do sexo masculino “Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria”; e para as adolescentes “Eu toquei-o(a), sexualmente contra a vontade dele(a)”. Já para a violência sexual sofrida, os adolescentes do sexo masculino referem com maior frequência “Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade” e “Ele(a) beijou-me quando eu não queria”. As frequências de todos os itens de violência sexual perpetrada e sofrida foram maiores nos adolescentes do sexo masculino do que nas adolescentes, tendo as diferenças significado estatístico.

Tabela 59

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) de comportamentos de violência sexual sofrida e perpetrada por item da CADRI.

	Masculino				Feminino				p
	Não		Sim		Não		Sim		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a)	46	47,9	50	52,1	38	67,9	18	32,1	,017
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria	46	47,9	50	52,1	43	76,8	13	23,2	,000
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a)	46	47,9	50	52,1	42	75,0	14	25,0	,001
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria	41	42,7	55	57,3	40	71,4	16	28,6	,001
2.1 Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade	45	46,9	51	53,1	41	73,2	15	26,8	,002
13.1 Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria	51	53,1	45	46,9	43	76,8	13	23,2	,004
15.1 Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo	47	49,0	49	51,0	42	75,0	14	25,0	,002
19.1 Ele(a) beijou-me quando eu não queria	41	42,7	55	57,3	41	73,2	15	26,8	,000

Na sub-escala relacionada com os comportamentos de *ameaça* sofrida e perpetrada (tabela 60) para os adolescentes do sexo masculino os itens mais referidos foram: “Eu tentei assustá-lo(a) de propósito”; “Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava”; e “Ele(a) ameaçou magoar-me”. Para as adolescentes os itens mais referidos foram: “Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava” e “Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava”, respetivamente, como agressores e como vítimas. As frequências de todos os itens de ameaças perpetradas e sofridas foram mais elevadas nos adolescentes do sexo masculino. As diferenças têm significado estatístico.

Tabela 60

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos comportamentos de violência do tipo de ameaça sofrida e perpetrada, por item do CADRI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p
	Não		Sim		Não		Sim		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava	48	50,0	48	50,0	38	67,9	18	32,1	,032
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito	44	45,8	52	54,2	43	76,8	13	23,2	,000
31. Eu ameacei magoá-lo(a)	46	47,9	50	52,1	43	76,8	13	23,2	,000
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa	49	51,0	47	49,0	43	76,8	13	23,2	,002
5.1 Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.	47	49,0	49	51,0	39	69,6	17	30,4	,013
29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito	43	44,8	53	55,2	42	75,0	14	25,0	,000
31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me	47	49,0	49	51,0	43	76,8	13	23,2	,001
33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa	48	50,0	48	50,0	43	76,8	13	23,2	,001

No que se refere à sub-escala de *violência relacional* (tabela 61), verificou-se que a forma mais frequente de vitimização e perpetração foi a mesma para ambos os sexos. Relativamente à vitimização o item mais referido foi: “Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim”. A perpetração mais exercida foi: “Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a)”.

As frequências de todos os itens de violência relacional perpetrada e sofrida, foram maiores nos adolescentes do sexo masculino do que nas adolescentes, tendo as diferenças significado estatístico.

Tabela 61

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos comportamentos de violência relacional sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p
	Não		Sim		Não		Sim		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a)	46	47,9	50	52,1	38	67,9	18	32,1	,017
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a)	47	49,0	49	51,0	43	76,8	13	23,2	,001
35. Eu espalhei boatos contra ele(a)	46	47,9	50	52,1	43	76,8	13	23,2	,000
3.1 Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim	43	44,8	53	55,2	39	69,6	17	30,4	,003
20.1 Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.	45	46,9	51	53,1	43	76,8	13	23,2	,000
35.1 Ele(a) espalhou boatos contra mim	47	49,0	49	51,0	43	76,8	13	23,2	,001

No que concerne à *violência verbal-emocional* (tabela 62), constatámos que os adolescentes do sexo masculino apresentaram maior frequência quanto á perpetração no item “Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado”. As adolescentes apresentaram maior frequência de perpetração nos seguintes itens: “Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado”; e “Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes”, com igual percentual. A violência emocional mais sofrida pelos adolescentes do sexo masculino foi: “Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado”, enquanto as adolescentes referiram: “Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes”.

Verificámos ainda que os adolescentes do sexo masculino apresentaram maior percentual de vitimização e de perpetração em todos os itens de violência verbal-emocional. Em todos os itens há diferença estatisticamente significativa, à exceção dos itens 4, 7 e 9, como perpetradores, e 4,1; 7,1 e 9,1, como vítimas ($p > 0,05$).

Tabela 62

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência verbal-emocional sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p
	Não		Sim		Não		Sim		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes	28	29,2	68	70,8	19	33,9	37	66,1	,540
7. Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado	21	21,9	75	78,1	19	33,9	37	66,1	,104
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a)	35	36,5	61	63,5	28	50,0	28	50,0	,102
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau	43	44,8	53	55,2	41	73,2	15	26,8	,001
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes	45	46,9	51	53,1	43	76,8	13	23,2	,000
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros	49	51,0	47	49,0	43	76,8	13	23,2	,002
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está	43	44,8	53	55,2	44	78,6	12	21,4	,000
24. Eu culpei-o(a) pelo problema	43	44,8	53	55,2	40	71,4	16	28,6	,001
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes	40	41,7	56	58,3	35	62,5	21	37,5	,013
32. Eu ameacei terminar o namoro	45	46,9	51	53,1	42	75,0	14	25,0	,001
4.1 Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes	23	24,0	73	76,0	16	28,6	40	71,4	,530
7.1 Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado	21	21,9	75	78,1	18	32,1	38	67,9	,162
9.1 Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o).	33	34,4	63	65,6	23	41,1	33	58,9	,409
12.1 Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau	43	44,8	53	55,2	41	73,2	15	26,8	,001
17.1 Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes	47	49,0	49	51,0	43	76,8	13	23,2	,001
21.1 Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros	45	46,9	51	53,1	43	76,8	13	23,2	,000
23.1 Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou	43	44,8	53	55,2	44	78,6	12	21,4	,000

Tabela 62 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência verbal-emocional sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p
	Não		Sim		Não		Sim		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
	24.1 Ele(a) culpou-me pelo problema	42	43,8	54	56,3	39	69,6	17	
28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas	39	40,6	57	59,4	36	64,3	20	35,7	,005
32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro	45	46,9	51	53,1	42	75,0	14	25,0	,001

Relativamente à subescala de *violência física* (tabela 63), apurámos que não há diferença entre os sexos nos itens mais referidos, quer quanto à perpetração, quer quanto à vitimização. O comportamento de perpetração mais frequente foi: “Eu atirei-lhe alguma coisa” e o que referem ter sofrido em maior número foi: “Ele(a) atirou-me alguma coisa”.

Encontramos diferenças com significado estatístico em todos os itens, sendo que os adolescentes do sexo masculino apresentam maior percentual de comportamentos de violência física sofrida e perpetrada, do que as adolescentes.

Tabela 63

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência física sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p
	Não		Sim		Não		Sim		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
	8. Eu atirei-lhe alguma coisa	44	45,8	52	54,2	36	64,3	20	
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros	46	47,9	50	52,1	43	76,8	13	23,2	,000
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo	47	49,0	49	51,0	43	76,8	13	23,2	,001
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a)	46	47,9	50	52,1	43	76,8	13	23,2	,000
8.1 Ele(a) atirou-me alguma coisa	43	44,8	53	55,2	35	62,5	21	37,5	,035

Tabela 63

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos comportamentos de violência física sofrida e perpetrada por item do CADRI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p
	Não		Sim		Não		Sim		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
25.1 Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.	45	46,9	51	53,1	43	76,8	13	23,2	,000
30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo	44	45,8	43	76,8	52	54,2	13	23,2	,000
34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me	48	50,0	48	50,0	43	76,8	13	23,2	,001

Os dados obtidos no CADRI também permitiram verificar o número de adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar simultaneamente determinada natureza de violência (tabela 64). Assim, entre os adolescentes que afirmaram sofrer ou perpetrar algum tipo de violência, a verbal-emocional foi a mais referida quer pelos adolescentes do sexo masculino, quer pelas adolescentes (88,5% e 85,7%, respetivamente). A violência verbal-emocional foi a única natureza de violência em que não se verificaram diferenças com significado estatístico.

Tabela 64

Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar, determinada natureza de violência, por sexo.

	Masculino				Feminino				p
	Não		Sim		Não		Sim		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Violência sexual	39	40,6	57	59,4	39	69,6	17	30,4	,001
Violência física	46	47,9	50	52,1	43	76,8	13	23,2	,000
Violência verbal e emocional	11	11,5	85	88,5	8	14,3	48	85,7	,611
Violência relacional	44	45,8	52	54,2	39	69,6	17	30,4	,004
Comportamento ameaçador	43	44,8	53	55,2	40	71,4	16	28,6	,001

No que se refere às estratégias de resolução de conflitos, os resultados apresentados na tabela 65 permitem constatar que os *scores* médios de estratégias de resolução de conflitos negativas e positivas (quer como agressor, quer como vítima), por parte dos adolescentes do sexo masculino são mais elevados relativamente às adolescentes, sendo que essas diferenças entre sexo, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Tabela 65

Teste de Mann Whitney às estratégias de resolução de conflitos por sexo dos adolescentes.

Estratégias	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	U	p
Positivas como agressor	Masculino	96	15,3	7,5	1671,500	,000
	Feminino	56	10,5	4,3		
Positivas como vítima	Masculino	92	15,0	8,1	1559,500	,001
	Feminino	52	10,2	4,9		
Abusivas como agressor	Masculino	96	18,5	16,6	1988,000	,007
	Feminino	56	9,9	13,9		
Abusivas como vítima	Masculino	96	18,4	16,2	1973,500	,006
	Feminino	56	10,0	13,8		

Na tabela 66 apresentamos os coeficientes de correlação de Spearman entre as diversas subescalas da CADRI. Observamos que há uma correlação muito forte, positiva e muito significativa entre todas as subescalas sendo que o valor mais baixo é de 0,832. Isto significa que todas as naturezas de violência se relacionam entre si de forma estatisticamente significativa.

Tabela 66

Coefficientes de correlação de Spearman entre subescalas da CADRI.

		VSP	VSS	AP	AS	VRP	VRS	VEP	VES	VFP	VFS
Violênciasexual	perpetrada	---									
	sofrida	,962**	---								
Comportamento ameaçador	Perpetrado	,920**	,937**	---							
	sofrido	,913**	,939**	,977**	---						

Tabela 66 (Continuação)

Coefficientes de correlação de Spearman entre subescalas da CADRI.

		VSP	VSS	AP	AS	VRP	VRS	VEP	VES	VFP	VFS
Violência relacional	perpetrada	,913**	,925**	,958**	,970**	__					
	sofrida	,898**	,913**	,937**	,948**	,972**	__				
Violência emocional	perpetrada	,867**	,871**	,847**	,849**	,869**	,873**	__			
	sofrida	,832**	,851**	,836**	,846**	,851**	,870**	,945**	__		
Violência física	perpetrada	,894**	,901**	,922**	,935**	,933**	,915**	,857**	,840**	__	
	sofrida	,903**	,922**	,923**	,933**	,923**	,912**	,854**	,847**	,971**	__

VSP - Violência sexual perpetrada; **VSS** - Violência sexual sofrida; **AP** - Ameaças perpetrados; **AS** - Ameaças sofridas; **VRP** - Violência relacional perpetrada; **VRS** - Violência relacional sofrida; **VEP** - Violência emocional perpetrada; **VES** - Violência emocional sofrida; **VFP** - Violência física perpetrados; **VFS** - Violência física sofrida

Verificámos ainda relação entre as violências sofridas e perpetradas nas relações de intimidade entre adolescentes com a duração (em número de semanas) dessas relações, por sexo dos adolescentes. Conforme observamos na tabela 67, regista-se diferença estatisticamente significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a violência sexual perpetrada nos adolescentes do sexo masculino. Os que namoravam há mais tempo apresentavam comportamentos de violência sexual quando comparados com os que não tinham esses comportamentos e que apresentavam menor tempo de namoro.

Tabela 67

Média e desvio padrão da duração da relação de intimidade e a vitimização e perpetração de violência, por subescala do CADRI e por sexo dos adolescentes.

		Masculino					Feminino				
		Não		Sim		p	Não		Sim		p
		média	Dp	média	Dp		média	Dp	média	Dp	
Violência sexual	perpetrada	4,8	7,0	6,1	5,3	,044	4,9	6,0	7,7	7,5	,128
	sofrida	4,8	6,8	6,2	5,5	,073	5,2	5,9	7,4	8,0	,459
Comportamento ameaçador	perpetrado	4,9	6,7	6,2	5,5	,065	4,9	5,8	8,5	8,1	,127
	sofrido	5,0	6,7	6,1	5,6	,146	4,7	5,7	9,2	8,1	,052

Tabela 67 (Continuação)

Média e desvio padrão da duração da relação de intimidade e a vitimização e perpetração de violência, por subescala do CADRI e por sexo dos adolescentes.

		Masculino				P	Feminino				P
		Não		Sim			Não		Sim		
		média	Dp	média	Dp		média	Dp	média	Dp	
Violência relacional	perpetrada	4,9	6,6	6,3	5,6	,075	5,1	5,9	7,9	8,1	,179
	sofrida	4,9	6,6	6,2	5,6	,165	5,6	6,6	6,6	6,7	,402
Violência emocional	perpetrada	3,6	4,7	5,6	6,3	,356	8,3	7,6	5,5	6,4	,121
	sofrida	2,7	1,7	5,8	6,5	,357	7,5	8,3	5,6	6,4	,472
Violência física	perpetrada	5,0	6,8	6,0	5,5	,147	5,9	6,8	5,7	6,3	,963
	sofrida	4,9	6,6	6,2	5,6	,088	5,3	6,4	8,1	7,2	,138

1.4 CONHECIMENTOS DOS ADOLESCENTES SOBRE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

Com este estudo procuramos identificar os conhecimentos dos adolescentes sobre a violência nas relações de intimidade. Na tabela 68 são apresentadas as frequências absolutas e relativas dos adolescentes que responderam correta e incorrectamente aos itens da Escala de Conhecimentos sobre a Violência nas Relações de Intimidade (CVRI-S). Os resultados permitem-nos verificar que as adolescentes, em media, responderam corretamente a mais itens ($35,5 \pm 5,3$) do que os adolescentes do sexo masculino ($30,8 \pm 6,8$), tendo essas diferenças significado estatístico ($U= 1591,000$; $p < 0,001$). De notar que, em 20 dos 47 itens, as diferenças tem significado estatístico. Os 6 itens (respetivamente 1, 8, 11, 28, 30 e 35) onde as adolescentes acertaram menos que os adolescentes do sexo masculino, apenas no item “Ainda que namore tenho direito a manter os meus amigos”, as diferenças têm significado estatístico.

Tabela 68

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens do CRVI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p*
	incorrecto		correto		incorrecto		correto		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
1. O ciúme não é causa de violência no namoro.	42	43,8	54	56,3	30	53,6	26	46,4	,242
2. A violência no namoro acontece porque os (as) namorados (as) pensam que têm o direito de se imporem um ao outro.	29	30,2	66	68,8	5	8,9	51	91,1	,007
3. O ciúme é uma das principais causas de violência no namoro.	29	30,2	67	69,8	12	21,4	44	78,6	,239
4. Os rapazes são violentos por natureza.	18	18,8	78	81,3	10	17,9	46	82,1	,891
5. Existem casos de violência no namoro entre os jovens da minha idade.	42	43,8	54	56,3	13	23,2	43	76,8	,011
6. A violência no namoro é uma situação pouco frequente.	35	36,5	61	63,5	8	14,3	48	85,7	,003
7. A violência no namoro não existe.	19	19,8	77	80,2	3	5,4	53	94,6	,015
8. O ciúme é sinal de amor.	61	63,5	35	36,5	38	67,9	18	32,1	,590
9. Uma bofetada não faz mal a ninguém.	28	29,2	68	70,8	6	10,7	50	89,3	,008
10. O álcool é a principal causa de violência no namoro.	48	50,0	48	50,0	27	48,2	29	51,8	,832
11. As drogas são a principal causa de violência no namoro.	47	49,0	49	51,0	28	50,0	28	50,0	,901
12. A violência no namoro só aparece nos estratos sociais baixos.	17	17,7	79	82,3	6	10,7	50	89,3	,246
13. Quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro.	66	68,8	30	31,3	25	44,6	31	55,4	,003
14. O fim da relação de namoro significa o fim da violência.	23	24,0	73	76,0	13	23,2	43	76,8	,917
15. A violência pode manter-se após acabar o namoro.	28	29,2	68	70,8	3	5,4	53	94,6	,000

Tabela 68 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens do CRVI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p*
	incorrecto		correto		incorrecto		correto		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
16. Um empurrão não é um comportamento violento.	29	30,2	67	69,8	6	10,7	50	89,3	,006
17. A violência no namoro é facilmente identificável.	52	54,2	44	45,8	28	50,0	28	50,0	,620
18. Os (As) namorados (as) provocam a violência pela forma como se vestem.	25	26,0	71	74,0	13	23,2	43	76,8	,698
19. Só mantém uma relação de namoro violento quem quer.	60	62,5	36	37,5	32	57,1	24	42,9	,515
20. A violência no namoro provoca isolamento da vítima.	22	22,9	74	77,1	3	5,4	53	94,6	,005
21. O sentimento de culpa é frequente nas vítimas de violência.	22	22,9	74	77,1	4	7,1	52	92,9	,013
22. O baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro.	54	56,3	42	43,8	25	44,6	31	55,4	,167
23. A violência no namoro é um problema que só diz respeito ao casal de namorados.	30	31,3	66	68,8	14	25,0	42	75,0	,412
24. O (A) namorado (a) só controla o outro porque gosta muito dela (e).	26	27,1	70	72,9	5	8,9	51	91,1	,007
25. Um (a) namorado (a) que gosta do outro não agride.	27	28,1	69	71,9	5	8,9	51	91,1	,005
26. Temos o direito de escolher os (as) amigos (as) do (a) nosso (a) namorado (a).	30	31,3	66	68,8	10	17,9	46	82,1	,070
27. Os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro.	45	46,9	51	53,1	21	37,5	35	62,5	,261
28. Gozar com as opiniões do (a) namorado (a) não é violência.	31	32,3	65	67,7	20	35,7	36	64,3	,666
29. Gozar com os interesses do (a) namorado (a) não é violência.	33	34,4	63	65,6	18	32,1	38	67,9	,779

Tabela 68 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens do CRVI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p*
	incorrecto		correto		incorrecto		correto		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
30. Ainda que namore tenho direito a manter os meus amigos.	71	74,0	25	26,0	54	96,4	2	3,6	,000
31. É difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas.	26	27,1	70	72,9	10	17,9	46	82,1	,197
32. A violência entre parceiros não acaba após o casamento.	38	39,6	58	60,4	15	26,8	41	73,2	,110
33. Exercer o poder sobre o (a) namorado (a) não é violência.	29	30,2	67	69,8	4	7,1	52	92,9	,001
34. Controlar o (a) meu (minha) namorado (a) é uma manifestação de amor.	25	26,0	71	74,0	10	17,9	46	82,1	,248
35. Tenho o direito de dar um beijo ao (á) meu (minha) namorado (a) sempre que quero.	38	39,6	58	60,4	29	51,8	27	48,2	,144
36. Se o (a) meu (minha) namorado (a) me contrariar tenho o direito de lhe gritar mesmo que seja em público.	22	22,9	74	77,1	7	12,5	49	87,5	,115
37. O sentimento de raiva gera violência.	22	22,9	74	77,1	8	14,3	48	85,7	,197
38. A gravidez indesejada pode ser uma consequência da violência no namoro.	38	39,6	58	60,4	11	19,	45	80,4	,011
39. Quando um (a) namorado (a) diz que não quer ter actividade sexual está a fazer-se difícil.	26	27,1	70	72,9	7	12,5	49	87,5	,035
40. Os (As) namorados (as) só podem sair se forem juntos (as).	18	18,8	78	81,3	1	1,8	55	98,2	,002
41. Os (As) namorados (as) devem vestir-se para agradar um (a) ao (á) outro (a).	38	39,6	58	60,4	6	10,7	50	89,3	,000
42. Os (As) namorados (as) podem ler as mensagens de telemóvel um (a) do (a) outro (a).	32	33,3	64	66,7	17	30,4	39	69,6	,705

Tabela 68 (Continuação)

Distribuição das frequências absolutas (n^o) e relativas (%) dos adolescentes que responderam correta e incorretamente aos itens do CRVI, por sexo.

	Masculino				Feminino				p*
	incorrecto		correto		incorrecto		correto		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
43. Os (As) namorados (as) devem informar os parceiros sempre onde estão.	30	31,3	66	68,8	8	14,3	48	85,7	,020
44. Os (As) namorados (as) devem informar os parceiros sempre com quem estão.	30	31,3	66	68,8	8	14,3	48	85,7	,020
45. A violência no namoro não tem consequências psicológicas.	22	22,9	74	77,1	3	5,4	53	94,6	,005
46. A violência no namoro só tem consequências físicas.	13	13,5	83	86,5	3	5,4	63	94,	,113
47. Obrigar o (a) namorado (a) a iniciar a actividade sexual é uma forma de violência sexual.	29	30,2	67	69,8	10	17,9	46	82,1	,093

* Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Ao analisarmos se as diferenças encontradas na frequência de comportamentos de perpetração ou de vitimização de violência por parte dos adolescentes estavam relacionadas com o número de respostas corretas, verificamos que não existem diferenças com significado estatístico em nenhum dos itens, à exceção de “Ainda que namore tenho o direito a manter os meus amigos”.

Mas verificamos que as adolescentes que não apresentaram comportamentos de abuso sexual sofrido tiveram um maior número de respostas corretas (36,4±5,3) do que as que referiram ter sido vítimas de abuso sexual (33,5±4,8) tendo estas diferenças significado estatístico (U= 217.000; p=0,028).

De salientar, igualmente, que as adolescentes perpetradoras de violência demonstraram, em média, menor nível de conhecimentos (33,4±5,5) do que as que referiram não ser perpetradoras (36,6±4,8), tendo as diferenças significado estatístico (U=: 242,500; p=0.044).

1.5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos o confronto dos resultados obtidos no nosso estudo com os referidos na literatura, dando especial enfoque aos resultados obtidos em estudos realizados em Portugal.

1.5.1 Relações de intimidade entre adolescentes

Os 152 participantes no presente estudo tinham uma média de idades de 14,9 anos. No que se prende com as suas relações afetivo-sexuais expressaram, na sua quase totalidade, já terem vivenciado relações de intimidade. Ainda que exista alguma diferença na média de idades, estes resultados convergem com os referidos no estudo de Leitão et al. (2013) realizado com 4158 adolescentes da região centro de Portugal, que tinham uma média 16,3 anos, dos quais 84,5% já tinham namorado.

Verificamos que os adolescentes que participaram no estudo iniciaram relações de intimidade com 11,3 anos (em média). Estes resultados indicam um início de relações de intimidade numa idade ainda mais precoce, comparativamente com os resultados de estudos com adolescentes da mesma faixa etária da zona centro do país, onde, neste caso, apresentaram o início de relações de intimidade com idade média de 13 anos (Fonseca, 2015).

Também se verifica que as suas relações afetivo-sexuais foram, na sua quase totalidade, com pessoas do sexo diferente do seu. Estes resultados reforçam o predomínio da hétero normatividade que rege a socialização de homens e mulheres, que aprendem que a sexualidade deve ocorrer entre pessoas de sexos diferentes (Gomes, 2008). Apenas dois adolescentes (um de cada sexo) referiram ter comportamentos bissexuais.

Quanto à atividade sexual, os adolescentes do sexo masculino iniciaram mais cedo esta atividade comparativamente às adolescentes, sendo esta diferença estatisticamente significativa. Estes resultados são convergentes com os obtidos num estudo com uma amostra representativa da população portuguesa (Matos, 2014). No entanto, salientamos que no referido estudo, os adolescentes do sexo masculino referem que gostariam de ter começado mais cedo, enquanto as adolescentes referiram, umas que o início ocorreu na altura certa, outras preferiam que este tivesse acontecido mais tarde e, outras ainda que não queriam ter iniciado atividade sexual.

Este estudo permitiu constatar que maioritariamente os adolescentes apresentam uma monogamia sequencial, pois referiram ter atividade sexual com parceiro fixo. No entanto, em média, os adolescentes do sexo masculino já tiveram 3,6 namoradas/os, sendo menor o número de parceiros/as sexuais. Contudo, estes resultados indiciam

a existência de relacionamentos muito efêmeros. As adolescentes tiveram uma média de parceiros/as sexuais inferior à dos adolescentes (1,1 e 3,3, respetivamente). Estes valores convergem com o referido por Fonseca (2015) e reforçam a existência das normas de género no contexto sexual, quer para as adolescentes – menos parceiros sexuais e início mais tardio da atividade sexual – quer para os adolescentes do sexo masculino – mais parceiras e início mais precoce – verificando-se um reforço do duplo padrão sexual e a manutenção dos estereótipos da feminilidade e da masculinidade, bem como uma construção hegemónica da vivência da sexualidade.

Estes resultados parecem expressar diferenças de género, quanto ao padrão sexual e às relações afetivo-sexuais, convergindo com resultados obtidos noutra estudo realizado com adolescentes portuguesas com 13,8 anos (média), verificando-se também que mais de metade já haviam tido relacionamentos amorosos, sendo as adolescentes quem mais referiu nunca terem tido estes relacionamentos (Matos, 2014). Ou seja, os adolescentes do sexo masculino iniciaram mais cedo as relações de intimidade e a atividade sexual, e têm maior número de namoradas/os e de parceiras/os sexuais, comparativamente às adolescentes com a mesma idade. Esta convergência de resultados ainda nos parece poder afirmar que alguns adolescentes do sexo masculino gostariam de iniciar mais cedo a sua atividade sexual – o que pode estar relacionado com uma prova de virilidade socialmente muito valorizada na construção da masculinidade – enquanto algumas adolescentes preferiam ter começado mais tarde ou ainda não terem começado.

Face a todo o exposto salientamos ainda o início muito precoce de relações afetivo-sexuais e o número elevado de parceiros referidos pelos adolescentes, o que reforça os resultados obtidos por Antunes e Machado (2012). Questionamo-nos também sobre a (i)maturidade para assumirem as consequências dos seus comportamentos, bem como, o baixo conhecimento que detêm, o que pode comprometer uma comunicação assertiva que permita interpretar os desejos e as intenções de cada um dos parceiros na relação. Alguns autores referem que estes fatores são facilitadores da ocorrência de violência nestas relações (Caridade, 2008; Schütt, Frederiksen, & Helweg-Larsen, 2008).

Sustendadas em vários autores, Antunes e Machado (2012) referem que os comportamentos violentos nas relações de intimidade tendem a aumentar com o número de relacionamentos mantidos. Esta situação poderá ser explicada de duas formas: pelo facto do envolvimento em várias relações ocasionais poder levar à desvalorização no plano emocional, ou pelo maior número de relações conduzir à maior probabilidade de encontrar conflitos nestas relações e ter mais oportunidades para perpetrar e/ou sofrer violência.

O tempo médio da relação de intimidade que os adolescentes selecionaram para responder ao CADRI, foi 5,6 meses. As/Os suas/seus parceiras/os tinham maioritariamente a mesma idade. Comparando estes resultados com os referidos na literatura (Leitão et al.,

2013; Fonseca, 2015; Beserra, Leitão, Fabião, Dixe, Veríssimo & Ferriani, 2016) em que participaram adolescentes da região norte e centro de Portugal com 16 anos (média), verificamos que no estudo atual a duração da relação é menor comparativamente aos estudos referidos (9, 11 e 12 meses, respetivamente), o que poderá indicar que o aumento da idade tende a aumentar o tempo da relação.

1.5.2 Caracterização da violência nas relações de intimidade

A maioria dos adolescentes que participou no nosso estudo referiu ter uma baixa frequência de discussões nas suas relações afetivo-sexuais. Ou seja, 70,4% das adolescentes referiram que não discutem ou discutem pouco e nos adolescentes do sexo masculino este valor é menor (58,2%).

Relativamente à violência nessa relação de intimidade, globalmente os adolescentes referiram uma muito baixa frequência de vitimização, sendo esta, essencialmente de natureza psicológica (2,2% os adolescentes do sexo masculino e 7,4% as adolescentes). Os resultados permitiram também verificar que como agressores estes valores ainda são menores em ambos os sexos, pois somente 2,2% dos adolescentes consideram ter agredido sexualmente o seu/sua parceiro/a.

Esta baixa perceção auto-relatada sobre VRI – quer como vítima, quer como agressor/a – é convergente com os resultados encontrados por Leitão et al. (2013), onde 4% do total dos estudantes afirmaram terem sido vítimas – 5,2% das estudantes e 2,5% dos estudantes do sexo masculino – havendo uma diferença por sexo com significado estatístico.

Estes resultados parecem indiciar que os adolescentes, à priori, não reconhecem, ou não identificam, ou não valorizam os comportamentos de violência, quer enquanto agressores, quer enquanto vítimas. Este desconhecimento ou desvalorização, pode ainda ser justificado por estereótipos de género em que os comportamentos são ofuscados pela “natureza” feminina e masculina, ou seja, é esperado e “normal” que os adolescentes do sexo masculino tenham comportamentos agressivos, e por outro lado são desvalorizados os comportamentos agressivos por parte das adolescentes.

Estes baixos valores poderiam efetivamente corresponder ao que os adolescentes vivenciam nas suas relações de intimidade. Contudo, ao responderem ao CADRI – que nos permite caracterizar as suas relações face à violência e às estratégias que utilizam para resolver os seus conflitos – verificamos que mais de 90% dos adolescentes perpetraram ou sofreram pelo menos uma das naturezas da violência. Estes resultados são convergentes com os referidos por Minayo, Assis e Njaine (2011) – num estudo realizado no Brasil – que revelou que 86,9% dos participantes já tinham sido vítimas e 86,8% já tinham praticado algum tipo de agressão – física, sexual ou psicológica –

durante as relações de intimidade. As mesmas autoras verificaram ainda que 76,6% dos adolescentes foi ao mesmo tempo vítima e agressor, o que também vem de encontro aos resultados encontrados no presente estudo.

Sabendo que a literatura refere que a ocorrência de violência no namoro se assume como referência para as relações futuras - sendo predictoras de violência conjugal - e sabendo que vários estudos convergem nas elevadas percentagens de vitimização e/ou perpetração em fases tão precoces da vida, consideramos estes resultados muito preocupantes (Minayo et al., 2011; Leitão et al., 2013) e que nos devem conduzir a intervenções de prevenção primária.

As maiores frequências de perpetração e vitimização, referidas pelos adolescentes, referem-se à violência verbal/emocional, o que converge com o referido por Fonseca (2015). Consideramos estes resultados preocupantes não só pelo seu impacto na saúde e bem-estar das vítimas, como por ser um precursor de violência física e sexual (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002).

Destacam-se também os elevados percentuais de violência sexual sofrida e perpetrada e de ameaças sofridas e perpetradas. Salientamos que em ambas as situações e natureza de violência, as diferenças têm significado estatístico. Estes resultados convergem com os obtidos por Paiva e Figueiredo (2004). Pensamos ser ainda oportuno salientar que num estudo desenvolvido em vários países, quase metade das jovens com vida sexual ativa referiram que tiveram a sua primeira experiência sexual de forma forçada (Krug et al., 2002) e, como refere Matos (2014) num estudo desenvolvido em Portugal, muitas adolescentes iniciam atividade sexual antes de o desejarem.

Identificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos/as adolescentes em todas as subescalas da violência – sexual, relacional, emocional, física e comportamento ameaçador - tanto da perpetrada quanto da sofrida. Salientamos que as médias referentes aos adolescentes do sexo masculino são superiores às das adolescentes em todas as sub-escalas. Estes resultados confirmam os obtidos por Moura (2012) em que são os adolescentes do sexo masculino quem mais legitima e tolera a violência no namoro. Uma possível justificação pode estar relacionada com o facto de as adolescentes responderem à violência com violência, ou seja, a violência é a forma que sabem utilizar para responderem à violência de que são alvo. Por outro lado, alguns comportamentos de violência podem ser entendidos como uma demonstração de amor e cuidado do/a parceiro/a, tal como o ciúme, controlo – nas suas diferentes formas – ou os insultos a amigos/as.

Estes resultados parecem-nos também indiciar uma diferença de género associada à diferença de geração. Ou seja, a quase totalidade dos estudos realizados com adultos

a nível global, referem uma maior vitimização pelas mulheres e uma maior perpetração pelos homens (WHO, 2013), o que não se verificou neste estudo nem em diferentes estudos realizados com adolescentes, tanto a nível nacional como internacional.

À semelhança de outros estudos verificou-se também um padrão bi-direcional de violência, onde o mesmo indivíduo agride e é agredido (Antunes & Machado, 2012; Minayo et al., 2011). Segundo Cauffman, Feldman, Jensen e Arnett (2000) este padrão bi-direcional é explicado como resposta a uma provocação ou como mecanismo de auto-defesa. Face a estes resultados parece-nos poder afirmar que a violência se apresenta como uma forma de comunicação entre os adolescentes, que alternam os papéis de perpetrador e de vítima (Minayo et al., 2011).

Para além da VRI se apresentar como um fenómeno intergeracional, a categoria geração parece reforçar as desigualdades de poder e a maior vulnerabilidade dos adolescentes para a VRI. Ou seja, ser adolescente está normalmente associado a um menor poder para pedir ajuda a pessoas adultas de referência, quer no âmbito familiar, quer no âmbito profissional, o que facilita a revitimização na mesma relação e em relações futuras (Soares, 2012). Por outro lado, a natureza e os comportamentos de violência podem perdurar nas diferentes gerações, mas as mudanças socio-históricas e tecnológicas, permitem recriar novas formas de relações de intimidade com violência, tais como a internet/redes sociais e os telemóveis (Qvortrup, 2010; Minayo et al., 2011).

Os adolescentes participantes no nosso estudo referiram ter relações afetivas heterossexuais e com pessoas da mesma idade. Constatamos, que existe correlação entre a duração da relação afetivo-sexual com a perpetração de violência sexual pelos adolescentes do sexo masculino. Estes resultados parecem-nos poder concluir que a evolução das relações de intimidade conduz a que os adolescentes do sexo masculino aumentem os seus comportamentos de violência sexual sobre as adolescentes. Estes resultados são, em parte, convergentes com os referidos por Leitão et al. (2013), onde referem que com o aumento da idade e da duração da relação de namoro entre adolescentes, aumenta a probabilidade de ocorrer violência, tornando-se vítimas e/ou perpetradores. No estudo referido e no que se refere à vitimização, as autoras referem diferenças de género, ou seja, nas adolescentes o aumento da idade e do tempo de namoro aumenta o risco de violência, enquanto nos adolescentes do sexo masculino a probabilidade de se tornarem vítimas aumenta apenas com o tempo de namoro. No que se refere à perpetração as referidas autoras não identificaram diferenças de género. Justificam ainda, que o aumento da duração da relação de namoro parece conduzir ao aumento da intimidade e do compromisso, o que poderá conduzir ao aumento de conflitos, de isolamento e de dependência, fatores propícios ao surgimento de dinâmicas relacionais pautadas pelo exercício do poder de um/a namorada/o sobre a/o outra/o e a consequente violência. Contudo, mesmo em relações íntimas de curta duração a violência

sexual parece estar muito presente. Disso são exemplo os resultados encontrados por Antunes & Machado (2012) num estudo desenvolvido com jovens portugueses onde a duração das relações era, em média, um mês, verificando que 12,4% perpetrou e 16,5% foi vítima de violência sexual do/da parceiro/a.

A convergência de resultados sobre a violência sexual nas relações de intimidade continua a reforçar a cultura do poder e do controlo dos homens sobre o corpo e a sexualidade das mulheres, assumindo-se como expoente máximo do patriarcado e retirando às mulheres a possibilidade de exercerem autonomia sobre os seus corpos. Deste modo, o corpo feminino continua a ser um corpo para a satisfação dos desejos masculinos (Fonseca, 2012).

Como já fizemos referência, ao confrontarmos os resultados do CADRI com os do auto-relato sobre a ocorrência de VRI, verificamos que os valores obtidos são muito diferentes: no CADRI encontramos 90% de adolescentes que referiram comportamentos de vitimização e/ou perpetração, enquanto no auto-relato apenas 21% referiu ser agressor e/ou vítima de violência. É muito relevante verificar que sem uma avaliação objetiva dos comportamentos pelas respostas no CADRI, os participantes não percebem a vitimização e a perpetração exercida por si e pelo parceiro/a, em todos os domínios estudados.

Quanto à utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas/negativas e positivas, verificamos um padrão assimétrico. Ou seja, os adolescentes do sexo masculino utilizam mais estratégias de resolução de conflitos - abusivas/negativas e positivas - quer como agressores, quer como vítimas, comparativamente com as adolescentes, tendo esta diferença significado estatístico. No estudo realizado por Saavedra (2010) também se verificaram diferenças comportamentais em função do género, mas neste caso diferentes das encontradas no nosso estudo. Ou seja, as adolescentes relataram maior utilização de estratégias negativas e consideraram, também em maior grau, que os seus parceiros faziam uso destas estratégias. Relataram ainda utilizar mais estratégias de resolução de conflitos positivas, considerando que os seus parceiros também faziam mais uso destas estratégias.

Os resultados referidos por Saavedra (2010) corroboram os encontrados noutros estudos de âmbito nacional e internacional, justificando-os como as adolescentes terem menores sanções sociais por exercerem violência (Machado, Matos, & Moreira, 2003; Machado, Caridade, & Martins, 2010; Magdol, Moffitt, Caspi, Newman, & Fagan, 1997; Paiva & Figueiredo, 2004).

Por outro lado, a banalização e naturalização de comportamentos violentos por parte dos adolescentes do sexo masculino, pode levar a não terem relutância em assumi-la, e assim, desvalorizarem quer os comportamentos que as parceiras/os exercem sobre eles, quer os comportamentos que eles exercem sobre as suas parceiras/os (Minayo et al., 2011).

1.5.3 Conhecimentos dos adolescentes sobre violência nas relações de intimidade

No que se refere aos conhecimentos sobre VRI verificou-se diferença estatisticamente significativa, tendo em média as adolescentes mais conhecimentos do que os adolescentes do sexo masculino. Estes resultados convergem com os referidos por Leitão et al. (2013) e Dixe e Fabião (2013) em que as adolescentes apresentam maior percentual de respostas corretas, comparativamente com os adolescentes do sexo masculino.

As adolescentes revelaram menor conhecimento nos itens relacionados com o ciúme (como sinal de amor e não causa de violência), com o direito a manter os amigos, e considerarem o álcool e drogas como causa da violência. Os adolescentes do sexo masculino também apresentaram menor conhecimento nos mesmos itens, e ainda, na necessidade de agradar ao outro, a facilidade de identificar a violência no namoro, a facilidade de sair de uma relação de violência, o baixo rendimentos escolar como consequência da violência e a baixa frequência de violência no namoro.

Confrontando estes resultados com os do estudo desenvolvido por Leitão et al. (2013) e Dixe e Fabião (2013) registamos convergência em alguns itens, pois nos diferentes estudos, os adolescentes revelam mitos e crenças associadas às causas da violência, das quais se destaca o ciúme como uma prova de amor – mito do amor romântico - e o álcool e outras drogas como a principal causa de violência. Este menor conhecimento sustentado em crenças, mitos ou estereótipos de género podem ser razões para não identificarem, banalizarem ou legitimarem a violência sofrida e ou perpetrada, aumentando a vulnerabilidade para a sua ocorrência e manutenção.

Tendo presente os conhecimentos apresentados na escala e cruzando com a elevada ocorrência de VRI, identificada pelo CADRI (mais de 90%), parece-nos haver uma discrepância, ou seja, os conhecimentos que detinham não foram suficientes para os “proteger” da VRI.

Por sua vez, não encontramos relação entre o nível de conhecimentos e a vitimização/perpetração da VRI nos adolescentes do sexo masculino, o que indicia que o conhecimento não tem o mesmo efeito nos adolescentes de sexos diferentes.

Suportada em diferentes autores, Saavedra (2010) justifica que esta diferença de género pode ser explicada pelo facto dos adolescentes do sexo masculino serem socializados para uma maior agressividade nas suas relações interpessoais, exercendo ou “consentindo” a ocorrência de comportamentos violentos, tolerando-os e eventualmente banalizando-os. Suportada em diferentes autores, Guerreiro et al. (2015) refere que estas diferenças justificam a necessidade de programas de intervenção centrados nas questões de igualdade de género.

1.6 CONCLUSÕES

Em conclusão este estudo permitiu verificar que os adolescentes iniciaram relações de intimidade numa idade muito precoce, sendo estas quase na totalidade com pessoas de sexo diferente. Caraterizam-se por serem relações monogâmicas sequenciais, com curta duração, embora com um número de parceiros/as elevado, sendo este número maior nos adolescentes do sexo masculino. Reforça-se assim o duplo padrão sexual e uma construção hegemónica da vivência da sexualidade.

As adolescentes detêm mais conhecimentos sobre VRI do que os adolescentes do sexo masculino e esta diferença tem significado estatístico. Concluímos ainda, que revelam mitos e crenças associados às principais causas da violência tais como o ciúme, o álcool e outras drogas.

Ainda que o conhecimento demonstrado por si só não seja suficiente para prevenir a VRI, verificando-se que existe relação inversa entre o nível de conhecimentos demonstrados pelas adolescentes e a perpetração da violência e, uma vitimização por violência sexual menor para as que detêm mais conhecimentos.

Emerge ainda dos resultados que mais de 90% dos adolescentes perpetraram ou sofreram uma das naturezas da violência sendo a mais frequente a verbal/emocional. Neste âmbito verificou-se também um padrão bi-direcional da violência onde a mesma pessoa agride e é agredido.

A associação destes resultados permite questionar sobre a (i)maturidade na construção de relações de intimidade facilitando a ocorrência de violência nestas relações.

Face a todo o exposto, parece-nos poder afirmar que as desigualdades de género e geração se assumem como fatores de vulnerabilidade para a ocorrência e manutenção de VRI nos adolescentes, uma vez que quer a construção social das assimetrias de poder em torno das diferenças sexuais, quer as mudanças socio-históricas que tem implicações na forma de ser e viver a adolescência, quer, ainda, as diferenças de poder intergeracional, parecem perpetuar, e quiçá, potencializar a ocorrência deste problema em fases cada vez mais precoces da vida dos adolescentes. Se associarmos o afirmado pela OMS de que a VRI na adolescência é preditora da VRI na vida adulta, continuaremos a mantê-la nas próximas décadas com impacto global, mantendo-se assim, como uma pandemia.

Consideramos fundamental atuar o mais precocemente possível com vista a prevenir e controlar este problema. Para isso as respostas de prevenção secundária ou terciária e, em fases da vida mais avançada, ainda que necessárias, não serão as mais adequadas. É preciso conceber e implementar programas de prevenção primordial/universal e

primária, que integrem a categoria género e geração, ajudem a desconstruir as relações de desigualdade de poder e a capacitar os adolescentes para a construção de relações de intimidade mais saudáveis.

CAPÍTULO VI

ANÁLISE CONJUNTA DOS RESULTADOS OBTIDOS NOS DIFERENTES PAÍSES: SIMILITUDES E DIVERGÊNCIAS

MARIA DOS ANJOS RODRIGUES DIXE

ARMANDO MANUEL MARQUES SILVA

RICARDO MATTOS

LÚCIA HELENA GARCIA PENNA

Neste capítulo apresentamos a análise dos resultados obtidos nos estudos observacionais e transversais realizados nos diferentes centros que integraram este projeto - Brasil, Cabo Verde, Espanha e Portugal.

1.1 CARATERIZAÇÃO SÓCIO DEMOGRÁFICA DOS ADOLESCENTES

A população do estudo compreendeu adolescentes entre 14 e 20 anos de idade, regularmente inscritos em escolas do ensino básico e médio. Participaram 676 adolescentes, dos quais 111 no Brasil, 211 em Cabo Verde, 202 na Espanha e 152 em Portugal.

A amostra apresentou predomínio de adolescente do sexo feminino no Brasil (62,2%), Espanha (51,0%) e Cabo Verde (60,7%), situação que foi diferente para Portugal em que participaram 63,2% de adolescentes do sexo masculino. A faixa etária predominante foi de 13 a 16 anos em todos os estudos, com exceção do Brasil, que apresentou 92,8% dos sujeitos entre 17 e 19 anos. A maior parte dos sujeitos vivia em zona urbana, exceto em Portugal, onde 80,8% dos participantes residiam em zona rural. A escolaridade paterna e materna dos adolescentes foi superior a oito anos

1.2 CARATERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ESTABELECIDAS PELOS ADOLESCENTES

Para esta caracterização foram agrupados os adolescentes de todos os centros em função do sexo. Assim, no que se refere à idade de namoro verificamos uma diferença entre a média de idades dos adolescentes do sexo masculino (11.7 anos), das adolescentes (12.79 anos), isto é, os adolescentes do sexo masculino começaram a namorar, em média, um ano mais cedo.

No que se refere ao número de pessoas com quem namoraram verificamos que, em média, tiveram 4,74 e 4,75 parceiras/os, isto é, não se regista diferença entre os sexos.

Os adolescentes do sexo masculino iniciaram relações sexuais em média aos 13,46 anos e as adolescentes aos 14,98 anos, havendo uma diferença de aproximadamente um ano e meio no início das relações sexuais. Quanto ao número de parceiros sexuais os adolescentes do sexo masculino tiveram em média (4,42) mais parceiros/as que as adolescentes (2,13).

No que se refere à questão sobre as relações sexuais serem com parceiro/a fixo ou não fixo, mais de 50% dos participantes não responderam e verificamos, entre os que responderam, percentuais muito diferentes entre os sexos. Assim, 61,3% dos adolescentes do sexo masculino afirmou ter parceiro/a fixo, 23,1% parceiros/as não fixos e os restantes 15,6% com parceiros/as fixos e não fixos. No que se prende com as adolescentes 92,8% referiram ter parceiro/a fixo, 2,4% parceiro/a não fixo e, 4,8% parceiro/a fixo e não fixo.

Relativamente ao sexo das pessoas com quem os adolescentes tiveram relações sexuais houve uma taxa de resposta de 51,8% dos adolescentes. Verificamos que a maioria tiveram relações sexuais com pessoas de sexo diferente do seu. Para os adolescentes do sexo masculino, 94,9% tiveram relações sexuais com pessoas de sexo diferente do seu, 2,6% do mesmo sexo e igual valor para ambos os sexos. Para as adolescentes 88,2% tiveram relações sexuais com pessoas de sexo diferente, 7,1% com pessoas do mesmo sexo e 4,7% de ambos os sexos.

1.3 COMPORMENTOS DOS ADOLESCENTES NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

A tabela 69 apresenta a prevalência da violência e respetivas naturezas entre os adolescentes que integraram o estudo. Observa-se uma baixa perceção dos entrevistados em relação às práticas abusivas no namoro, especialmente quando comparada com a positividade nas

escalas de aferição do CADRI. Em Cabo Verde verifica-se o maior percentual de percepção de práticas de vitimização e perpetração nas relações de intimidade. Por outro lado, analisando a vitimização por violência relacional, física e sexual, foi possível observar que as prevalências foram mais elevadas em Portugal. Na análise da condição de perpetração, também foi identificada a maior prevalência, quase na totalidade, de abusos em Portugal. O estudo de Cabo Verde foi o que apresentou maior magnitude de vítimas por abusos relacionais e por ameaças e, conseqüentemente, de abusos psicológicos.

Estima-se que 94,8% (IC95%: 90,7/97,1) dos adolescentes foi vítima de algum tipo de VRI em Cabo Verde, 93,3% (IC95%: 88,0/96,4) em Portugal, 91,0% (IC95%: 83,9/95,1) no Brasil e 87,6% (IC95%: 82,3/91,5) em Espanha. Analisando os comportamentos de perpetração observa-se que 94,8% (IC95%: 90,8/97,1) dos adolescentes em Cabo Verde, 92,7% (87,3/96,0) em Portugal, 91,5% (IC95%: 86,8/94,7) em Espanha e, 90,1% (IC95%: 83,9/95,1) no Brasil.

Tabela 69

Prevalência de comportamentos de vitimização e perpetração de violência nas relações de intimidade, segundo a sua natureza na percepção dos adolescentes, aferidas pelas subescalas do CADRI (n=676)

Variáveis	Brasil		Portugal		Espanha		Cabo Verde	
	n	p% (IC95%)	n	p% (IC95%)	n	p% (IC95%)	n	p% (IC95%)
Vítimas de violência								
Por ameaça								
Escala positiva	111	21,6(14,8/30,4)	150	46,7(38,7/54,7)	199	26,7(20,9/33,3)	203	46,8(40,0/53,7)
Relacional								
Escala positiva	110	8,2(4,3/15,1)	150	46,0(38,1/54,1)	199	11,6(7,8/16,8)	199	14,1(9,9/19,7)
Verbal-Emocional								
Escala positiva	111	90,1(82,8/94,5)	144	90,3(84,2/94,2)	198	84,8(79,1/89,2)	176	90,9(85,6/94,4)
Psicológica								
Per. positiva	110	26,4(18,9/35,5)	146	4,1(1,8/8,9)	202	5,5(3,0/9,6)	205	12,2(8,3/17,5)
Escala positiva	111	90,1(82,8/94,5)	152	91,5(85,7/95,0)	202	86,6(81,1/90,7)	211	93,4(89,1/96,5)
Física								
Perc. Positiva	108	3,7(1,4/9,6)	144	0,7(0,09/4,9)	201	0,5(0,06/3,5)	206	5,8(3,3/10,0)
Escala positiva	110	22,7(15,7/31,6)	150	48,0(40,0/56,1)	199	22,1(16,8/28,5)	200	35,0(28,6/41,9)
Sexual								
Per. Positiva	109	6,4(3,0/13,0)	144	0,7(0,09/4,9)	201	1,0(0,2/3,9)	205	3,4(1,6/7,0)
Escala positiva	111	27,9(20,3/37,1)	141	49,6(41,4/57,9)	200	37,0(30,5/44,0)	188	43,1(36,1/50,3)

Tabela 69 (Continuação)

Prevalência de comportamentos de vitimização e perpetração de violência nas relações de intimidade, segundo a sua natureza na percepção dos adolescentes, aferidas pelas subescalas do CADRI (n=676)

Variáveis	Brasil		Portugal		Espanha		Cabo Verde	
	n	p% (IC95%)	n	p% (IC95%)	n	p% (IC95%)	n	p% (IC95%)
Perpetrador de violência								
Por ameaça								
Escala positiva	111	25,2(17,9/34,3)	151	46,4(38,5/54,4)	199	28,7(22,7/35,4)	199	44,2(37,4/51,3)
Relacional								
Escala positiva	109	22,9(15,9/31,9)	151	46,4(38,5/54,4)	199	22,1(16,8/28,5)	199	18,1(13,3/24,1)
Verbal-Emocional								
Per. positiva								
Escala positiva	109	89,0(81,5/93,7)	145	91,0(85,1/94,7)	198	88,4(83,1/92,2)	181	90,6(85,3/94,1)
Psicológica								
Per. positiva								
Escala positiva	108	18,5(12,2/27,1)	143	0,7(0,09/4,9)	201	2,0(0,7/5,2)	204	16,7(12,1/22,5)
Escala positiva								
Escala positiva	111	90,1(82,8/94,5)	152	91,4(85,7/95,0)	202	90,1(85,1/93,5)	211	91,9(87,4/94,9)
Física								
Per. positiva								
Escala positiva	108	4,6(1,9/10,8)	143	0,7(0,09/4,9)	201	2,5(1,0/5,9)	206	7,3(4,4/11,8)
Escala positiva								
Escala positiva	111	18,0(11,8/26,4)	150	50,0(42,0/58,0)	198	24,7(19,2/32,3)	204	33,8(27,6/40,6)
Sexual								
Perc. positiva								
Escala positiva	108	0,9(0,1/6,4)	142	1,4(0,3/5,5)	201	1,0(0,2/3,9)	205	4,9(2,6/8,9)
Escala positiva								
Escala positiva	111	32,4(24,3/31,8)	150	49,3(31,3/57,4)	200	42,5(35,8/49,5)	196	48,0(40,9/55,0)

As figuras 11 e 12 apresentam a natureza dos casos de violência psicológica, física e sexual segundo comportamentos de vítimas e perpetradores. Salientamos a sobreposição dos abusos, especialmente em Portugal e Cabo Verde, onde houve predomínio em simultâneo das três naturezas de violência.

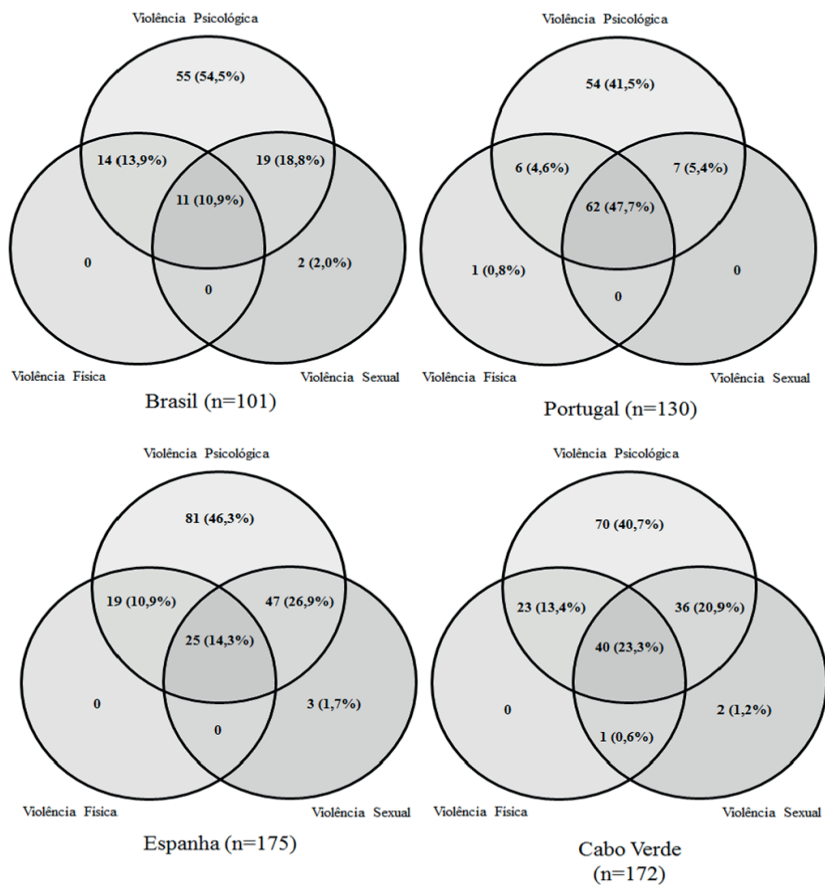


Figura 11. Tipificação e justaposição da violência psicológica, física e sexual segundo comportamento de vitimização (n=578)

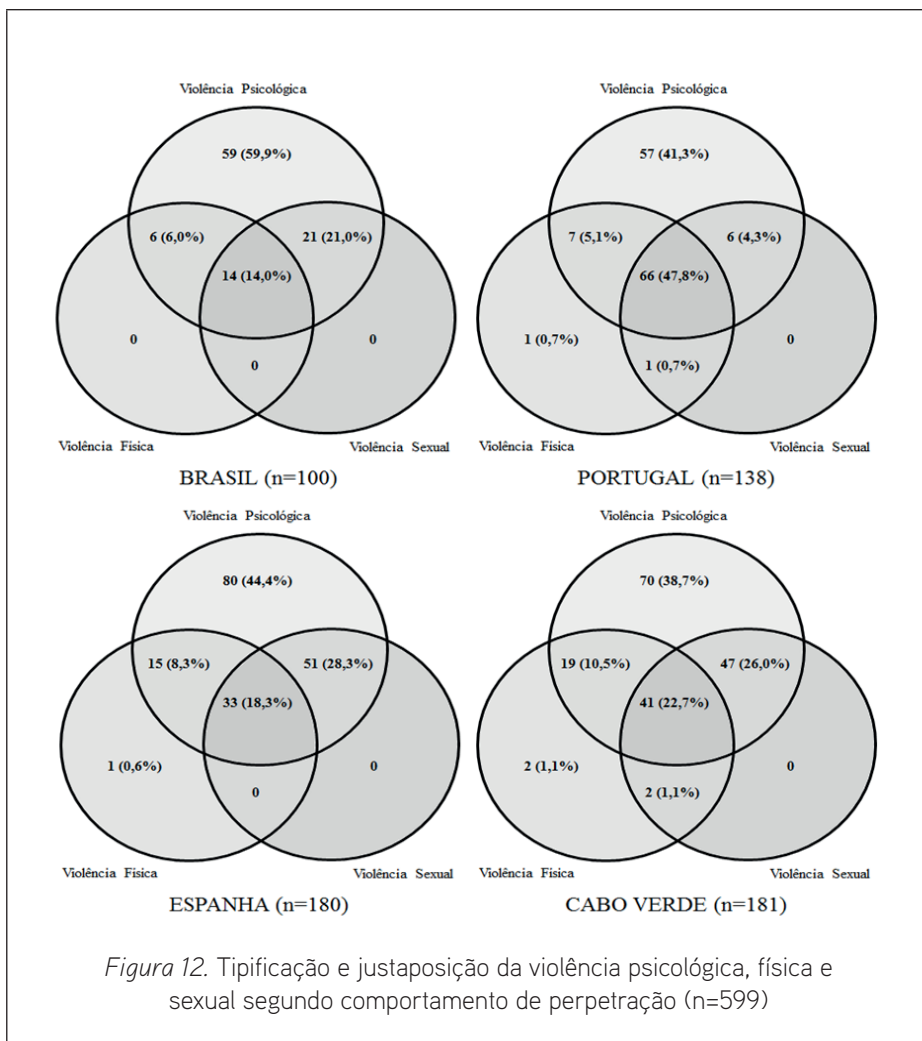


Figura 12. Tipificação e justaposição da violência psicológica, física e sexual segundo comportamento de perpetração (n=599)

A tabela 70 demonstra o resultado das análises entre as características sociodemográficas, a natureza da violência nos estudos realizados nos diferentes países e, a condição de vítima. Observa-se relações estatisticamente significativas entre o sexo, predominantemente feminino, a ausência de religião e as formas de abuso. A faixa etária, em geral de 13 a 16 anos e a maior escolaridade materna, também apresentaram algumas associações com a natureza da violência, principalmente no estudo realizado em Portugal.

Tabela 70

Análise entre as características sociodemográficas, a natureza da violência e o comportamento de vitimização durante as relações de intimidade, por estudo (n=578)

Variáveis	Brasil			Portugal			Espanha			Cabo Verde		
	P*	F**	S***	P*	F**	S***	P*	F**	S***	P*	F**	S***
Sexo												
Masculino	34,0	16,0	51,6	64,7	72,2	77,1	45,1	50,0	62,2	39,1	30,0	43,2
Feminino	66,0	84,0	48,4	35,3	27,8	22,9	54,9	50,0	37,8	60,9	70,0	56,8
p-valor	0,016	0,007	0,051	0,152	0,015	0,001	0,004	0,553	0,005	0,494	0,048	0,255
Faixa etária												
13 a 16 anos	7,0	8,0	9,7	88,9	78,4	79,2	76,0	72,7	73,0	83,6	80,0	77,8
17 a 20 anos	93,0	92,0	90,3	11,1	21,6	20,8	24,0	27,3	27,0	16,4	20,0	22,2
p-valor	0,579	0,581	0,395	0,578	0,002	0,006	0,101	0,259	0,159	0,595	0,188	0,038
Zona onde vive												
Urbana	99,0	96,0	100,0	20,3	23,9	26,1	71,4	77,3	71,6	80,6	80,9	82,0
Rural	1,0	4,0	0,0	79,7	76,1	73,9	28,6	22,7	28,4	19,4	19,1	18,0
p-valor	0,901	0,227	0,721	0,243	0,148	0,066	0,098	0,324	0,382	0,533	0,533	0,508
Religião												
Sim	35,0	12,0	38,7	10,9	15,3	15,9	16,0	11,4	17,6	45,6	53,9	53,2
Não	65,0	88,0	61,3	89,1	84,7	84,1	84,0	88,6	82,4	54,4	47,1	46,8
p-valor	0,525	0,006	0,359	0,588	0,071	0,082	0,005	0,085	0,369	0,284	0,085	0,081
Composição familiar												
Com parentes	100,0	80,0	77,4	94,2	93,0	94,2	99,4	100,0	98,6	14,0	12,1	15,6
Outros	0,0	20,0	22,6	5,8	7,0	5,8	0,6	0,0	1,4	86,0	87,9	84,4
p-valor	0,186	0,228	0,080	0,568	0,449	0,509	0,865	0,782	0,374	0,612	0,296	0,454
Escolaridade paterna												
<8 anos de estudo	15,0	20,0	12,9	36,7	41,7	45,7	0,6	0,0	1,4	44,7	44,3	51,8
Mais de 8 anos	85,0	80,0	87,1	63,3	58,3	54,3	99,4	100,0	98,6	55,3	55,7	48,2
p-valor	0,529	0,279	0,455	0,461	0,111	0,023	0,866	0,779	0,370	0,186	0,452	0,058

Tabela 70 (Continuação)

Análise entre as características sociodemográficas, a natureza da violência e o comportamento de vitimização durante as relações de intimidade, por estudo (n=578)

Variáveis	Brasil			Portugal			Espanha			Cabo Verde		
	P*	F**	S***	P*	F**	S***	P*	F**	S***	P*	F**	S***
Escolaridade materna												
<8 anos de estudo	12,0	16,0	0,0	21,6	31,9	31,4	1,7	2,3	1,4	28,9	27,1	28,4
Mais de 8 anos	88,0	84,0	100,0	78,4	68,1	68,6	98,3	97,7	98,6	71,1	72,9	71,6
p-valor	0,418	0,335	0,007	0,457	0,002	0,003	0,649	0,394	0,604	0,064	0,550	0,374

Legenda:*P: prevalência (%) de violência psicológica; **F: prevalência (%) de violência física

***S: prevalência (%) de violência sexual

Os comportamentos de perpetração, tabela 71, evidenciam algumas associações com o sexo masculino, a ausência de religião e a escolaridade materna acima de 8 anos de estudo. A idade inferior aos 16 anos também apresentou relações estatisticamente significativas com a ocorrência de violência.

Tabela 71

Análise entre as características sociodemográficas e a natureza da violência, segundo os diferentes estudos e o comportamento de perpetração nas relações de intimidade (n=599)

Variáveis	Brasil			Portugal			Espanha			Cabo Verde		
	P*	F**	S***	P*	F**	S***	P*	F**	S***	P*	F**	S***
Sexo												
Masculino	36,0	45,0	36,1	64,0	72,0	77,0	47,3	61,2	49,4	39,2	36,2	35,1
Feminino	64,0	55,0	63,9	36,0	28,0	23,0	52,7	38,8	50,6	60,8	63,8	64,9
p-valor	0,189	0,314	0,482	0,329	0,014	0,001	0,102	0,042	0,548	0,532	0,357	0,279
Faixa etária												
13 a 16 anos	7,0	15,0	2,8	88,9	79,6	78,9	76,9	69,4	70,6	83,3	73,9	75,3
17 a 20 anos	93,0	85,0	97,2	11,1	20,4	21,1	23,1	30,6	29,4	16,7	26,1	24,7
p-valor	0,579	0,154	0,200	0,578	0,004	0,001	0,306	0,095	0,033	0,454	0,007	0,003

Tabela 71 (Continuação)

Análise entre as características sociodemográficas e a natureza da violência, segundo os diferentes estudos e o comportamento de perpetração nas relações de intimidade (n=599)

Variáveis	Brasil			Portugal			Espanha			Cabo Verde		
	P*	F**	S***	P*	F**	S***	P*	F**	S***	P*	F**	S***
Zona onde vive												
Urbana	99,0	100,0	100,0	20,3	24,3	24,6	71,4	75,5	70,6	80,9	80,9	88,7
Rural	1,0	0,0	0,0	79,7	75,7	75,4	29,6	24,5	29,4	19,1	19,1	13,3
p-valor	0,901	0,820	0,676	0,243	0,112	0,097	0,057	0,415	0,260	0,636	0,656	0,066
Religião												
Sim	35,0	35,0	30,6	10,9	14,9	15,1	18,1	12,2	16,5	46,0	48,5	52,7
Não	65,0	65,0	69,4	89,1	85,1	84,9	81,9	87,8	83,5	54,0	51,5	47,3
p-valor	0,525	0,577	0,347	0,588	0,088	0,079	0,163	0,093	0,228	0,493	0,355	0,083
Composição familiar												
Com parentes	85,0	80,0	80,6	94,2	93,2	94,4	99,4	100,0	98,8	14,2	14,9	15,6
Outros	15,0	20,0	19,4	5,8	6,8	5,6	0,6	0,0	1,2	95,8	85,1	84,4
p-valor	0,186	0,270	0,166	0,568	0,500	0,525	0,900	0,750	0,429	0,565	0,463	0,348
Escolaridade paterna												
≤ 8 anos de estudo	15,0	10,0	13,9	35,3	41,3	43,2	0,6	0,0	1,2	44,8	46,4	50,0
Mais de 8 anos	85,0	90,0	86,1	64,8	58,7	56,8	99,4	100,0	98,8	55,2	53,6	50,0
p-valor	0,529	0,368	0,506	0,310	0,117	0,049	0,901	0,753	0,425	0,165	0,302	0,065
Escolaridade materna												
≤ 8 anos de estudo	12,0	10,0	5,6	20,9	32,0	31,1	1,6	2,0	2,4	28,9	34,7	30,9
Mais de 8 anos	88,0	90,0	94,4	79,1	68,0	68,9	98,4	98,0	97,6	71,1	65,2	69,1
p-valor	0,418	0,518	0,103	0,543	0,001	0,003	0,730	0,435	0,179	0,104	0,066	0,202

Legenda: *P: prevalência (%) de violência psicológica; **F: prevalência (%) de violência física; ***S: prevalência (%) de violência sexual

Pela análise dos resultados da tabela 72 verificamos que o nível de conhecimentos dos adolescentes é diferente consoante o país do estudo tendo essa diferença significado estatístico ($F_4=236,842$; $p<0,001$). Salientamos que o valor mais elevado se encontra no Brasil.

Ao aplicarmos o teste de *pos-hoc* de Scheffe (tamanho diferente das amostras) verificamos que há diferenças nos estudos realizados no Brasil e em Cabo Verde. O mesmo não se regista em Portugal e Espanha.

Tabela 72

Teste ANOVA ao nível de conhecimentos dos adolescentes sobre a violência nas relações de intimidade.

País	Média	DP	F	Sig.
Brasil	39,6	3,6		
Portugal	32,5	6,6	236,842	,000
Espanha	34,2	6,2		
Cabo Verde	23,3	5,2		

Na tabela 73 poderemos confirmar que ao maior conhecimento sobre VRI (em Portugal, Espanha e Brasil) correspondem menor vitimização ou perpetração. Para os adolescentes espanhóis essas diferenças tem significado estatístico.

Com os adolescentes de Cabo Verde verifica-se que apesar das diferenças não terem expressão estatística melhores conhecimentos não correspondem a menores comportamentos de violência nas relações de intimidade

Tabela 73

Relação entre a frequência de comportamentos de violência nas relações de intimidade e o nível de conhecimentos dos adolescentes

	Brasil	Portugal	Espanha	Cabo Verde
Vítima de violência				
Sexual	-,122	-,084	-,180*	,130
Ameaça	,143	-,106	-,222**	,074
Relacional	-,108	-,088	-,164*	,148*
Emocional	-,092	-,129	-,105	,192**
Física	,115	-,117	-,251**	,107

Tabela 73 (Continuação)

Relação entre a frequência de comportamentos de violência nas relações de intimidade e o nível de conhecimentos dos adolescentes

	Brasil	Portugal	Espanha	Cabo Verde
Perpetrador de violência				
Sexual	-,084	-,086	-,121	,109
Ameaça	-,016	-,109	-,199**	,085
Relacional	-,121	-,121	-,086	,145*
Emocional	-,140	-,135	-,088	,160*
Física	-,030	-,130	-,204**	,095

*A correlação é significativa ao nível de significância de 0,05

1.4 SIMILITUDES E DIVERGÊNCIAS

A amostra apresentou predomínio de adolescentes do sexo feminino em três dos quatro países, sendo que em Portugal são maioritariamente do sexo masculino. Esta diferença provavelmente ficará a dever-se ao facto da amostra portuguesa incluir estudantes dos cursos profissionais como, técnico de gestão e equipamentos informáticos, Técnico de Produção em Metalomecânica, cursos maioritariamente frequentadas por adolescentes do sexo masculino.

A maioria dos pais e mães dos entrevistados frequentou mais de oito anos de escolaridade em todos os contextos dos estudo, isto é, a maioria dos pais/mães frequentou a escolaridade mínima obrigatória para o seu país.

Regista-se uma diferença de género no que se refere às relações afetivo-sexuais nomeadamente os adolescentes do sexo masculino começam a namorar mais cedo (em média um ano), iniciaram mais cedo relaçãoes sexuais (um ano e meio mais cedo), tiveram um número de parceiros/as sexuais mais elevado (mais do dobro) e têm um maior número de parceiros/as sexuais não fixos. No que se prende com o sexo da pessoa com quem já tiveram relações sexuais, as adolescentes apresentam um maior percentual de relações homossexuais comparativamente aos adolescentes do sexo masculino. Os valores são similares entre sexos no que se prende com o número de pessoas com quem já namoraram.

Em Cabo Verde verificou-se o maior percentual de perceção de práticas de vitimização e perpetração nas relações de intimidade. Por outro lado, analisando a vitimização por

violência relacional, física e sexual, foi possível observar que as prevalências foram mais elevadas em Portugal.

Tal como é referido por González e Santana, (2001), González-Ortega et al., (2008), Díaz-Aguado, Martínez-Arias e Martín-Babarro, (2013), Niolon et al, (2015), Wincentak et al. (2017), nos últimos anos tem sido demonstrado que o fenómeno da VRI está muito presente na vida dos adolescentes. Tem-se verificado igualmente a presença de comportamentos violentos como uma forma de resolver conflitos entre os jovens. Este estudo também nos permitiu tirar esta conclusão pois 94,8% foi vítima de alguma natureza de violência em Cabo Verde, 93,3% em Portugal, 91,0% no Brasil e 87,6% em Espanha. Relativamente ao comportamento de perpetração, observou-se em 94,8% dos adolescentes do estudo de Cabo Verde. Em 92,7% de Portugal, em 91,5% de Espanha e em 90,1% do Brasil.

Para além destes valores de prevalência muito elevada é de realçar a sobreposição da vitimização e perpetração nos mesmos adolescentes. Estes valores são ainda mais elevados para os estudos de Portugal e Cabo-Verde.

Quando abordamos a VRI (vitimização ou perpetração) consoante o sexo dos participantes verificamos que vários estudos têm demonstrado que a mesma é bidirecional (Harned, 2001; Palmetto et al. 2013; Rubio-Garay, López-González, & Sánchez-Elvira, 2012). Contudo, os resultados não são consensuais no que se refere à natureza da violência por sexo. Especificamente a violência sexual em que a maioria dos estudos mostra valores elevados de agressão a mulheres e elevadas percentagens de vitimização feminina (Foshee et al., 2009).

Esta bidirecionalidade na VRI pode tal como nos refere Palmeito et al. (2013) ser uma resposta à violência iniciada pelo/a parceiro/a ambos assumindo a perpetração e a vitimização (Menesini et al., 2011; Ortega et al 2008). Tendo por base esta constatação e apesar do CADRI ter a perspetiva do indivíduo como agressor e como vítima seria importante realizar estudos com a díade do relacionamento.

De realçar que neste estudo também não encontramos consensos na vitimização e perpetração das diferentes naturezas da violência nomeadamente na vitimização sexual e na perpetração psicológica quando comparamos adolescentes por sexo.

Em algumas naturezas de violência não se encontram diferenças com significado estatístico nomeadamente a: vitimização, física em Portugal e Cabo Verde, psicológica em Espanha e sexual em Cabo Verde; perpetração física, psicológica e sexual no Brasil; física em Portugal, Espanha e Cabo Verde e, sexual em Cabo Verde. Resultados idênticos são apresentados por Foshee e Reyes (2009) contudo, noutros estudos essas diferenças são evidentes (Carroll et al., 2011; Rothman et al., 2010; Singh et al., 2014).

Quanto à relação da prevalência da VRI com a idade várias investigações têm demonstrado valores mais elevados nos adolescentes quando comparados com jovens adultos (Capaldi et al., 2012; Hokoda, Martin del Campo, & Ulloa 2012, Palmeito et al., 2013). Também nesta variável os resultados deste estudo não foram convergentes entre países pois, no Brasil os adolescentes mais velhos apresentaram prevalências mais elevadas de vitimização e perpetração física, psicológica e sexual, contrariamente ao verificado em Portugal, Espanha e Cabo Verde.

Nos quatro países verificou-se que os adolescentes que tinham uma prática religiosa apresentaram valores mais baixos de prevalência de comportamentos de vitimização e perpetração. Excetuam-se os adolescentes de Cabo Verde em relação à violência sexual, onde esta relação tem significado estatístico. Neste domínio também Halpern et al. (2001) e Howard e Boekeloo (2003) concluíram que a religião era um fator protetor dos comportamentos de violência. O mesmo não é confirmado pelos estudos de Swart et al. (2002).

O nível de conhecimentos dos adolescentes são diferentes consoante o país onde foi realizado o estudo tendo essa diferença significado estatístico. Os adolescentes do Brasil têm um nível de conhecimentos mais elevado provavelmente devido a uma média de idades superior à dos restantes países. Verificando-se ainda que o nível de conhecimento mais elevado não correspondeu a menor frequência de práticas de vitimização e perpetração, à exceção dos adolescentes em Espanha.

Tendo presente o numero de respostas certas assinaladas pelos participantes verificamos uma media de 34,21 (DP=6,26 sendo que os adolescentes do sexo masculino (33,30, DP= 6,05) apresentam em media menos conhecimento que as adolescentes (35,08; DP=6,37) com um $p = 0,044$

As diferenças encontradas entre países, sexo, idade e conhecimentos sobre a violência nas relações afetivo-sexuais tem implicações para a organização, planeamento e início dos programas de prevenção dos comportamentos de violência. Programas educacionais de prevenção primária e secundária nesta área devem ser iniciados o mais precocemente possível.

CONCLUSÃO

Este estudo demonstra o interesse por conhecer e caracterizar a violência nas relações de intimidade entre adolescentes, tendo como principal enfoque de leitura as categorias gênero e geração. Na sua gênese esteve o interesse em desenvolver um estudo multicêntrico transnacional tendo em vista comparar resultados e poder contribuir para a elaboração de programas de prevenção primordial / universal e primária. Assim, integrou este estudo uma equipa internacional constituída por investigadores, académicos e clínicos, de diferentes centros, de quatro países - Portugal, Cabo Verde, Brasil e Espanha.

O contacto que temos estabelecido com adolescentes na última década, quer com objetivos de intervenção clínica e de prestação de serviços à comunidade, quer com objetivos de investigação - fazendo sensibilização / formação para a prevenção da violência no namoro - tem-nos permitido verificar que a VRI persiste e apresenta-se com velhos e novos contornos que precisam ser (re)conhecidos para sustentar novas intervenções.

Os resultados obtidos com o presente estudo permitiram-nos conhecer melhor a VRI entre adolescentes, especificamente as características das relações afetivo-sexuais, as estratégias de resolução de conflitos positivas / não abusivas e abusivas que utilizam, bem como, os conhecimentos que detinham sobre a VRI. Sempre com enfoque nas categorias gênero e geração.

Embora se verifiquem algumas diferenças entre países salientamos como conclusões principais e globais que:

- Participaram no estudo 676 adolescentes com idades compreendidas entre 14 e 20 anos, maioritariamente do sexo feminino. A maioria vivia em zona urbana e a escolaridade paterna e materna era a considerada mínima obrigatória nos respetivos países.
- Há diferença entre sexos na idade de início da primeira relação afetivo-sexual, em que os adolescentes do sexo masculino iniciaram em média (11,7 anos) esta relação um ano mais cedo. Contudo, não se verificam diferenças estatística entre sexos no número de parceiros, que foi em média 4,74 e 4,75 pessoas.
- Os adolescentes do sexo masculino iniciaram relações sexuais em média um ano e meio mais cedo que as adolescentes, aos 13,46 e 14,98 anos, respetivamente. No que se refere ao número de parceiros sexuais os adolescentes do sexo masculino

tiveram em média mais do dobro (4,42) de parceiros/as sexuais comparativamente às adolescentes (2,13). Assim, constatamos que os adolescentes do sexo masculino iniciam mais cedo relações afetivo-sexuais e sexuais e, têm um maior número de parceiros/as sexuais, sendo em 61,3% dos casos parceiros/as fixos. Para as adolescentes uma relação afetivo-sexual não significou ter relações sexuais, ocorrendo estas quase sempre com parceiro fixo (92,8%). As relações sexuais dos adolescentes foram estabelecidas quase na totalidade com pessoas de sexo diferente.

- Há baixa percepção dos adolescentes em relação às práticas abusivas nas suas relações de intimidade, especialmente quando comparada com os obtidos na escala de aferição do CADRI. Analisando os diferentes tipos de vitimização estimou-se que estes oscilavam entre 87,6% em Espanha e 94,8% em Cabo Verde. Quanto aos comportamentos de perpetração o valor mais baixo registou-se entre os adolescentes brasileiros (90,1%) e o mais elevado nos caboverdianos (94,8%). Em síntese, conclui-se que mais de 87% dos adolescentes são simultaneamente vítimas e agressores;
- As sub escalas do CADRI permitem concluir que a natureza da violência que ocasionou maior vitimização foi a psicológica (93,4%) e a verbal/emocional (90,9%) em Cabo Verde;
- Há sobreposição de comportamentos de abuso e de vitimização quanto à natureza da violência, especialmente em Portugal e Cabo Verde onde houve predomínio em simultâneo de violência física, psicológica e sexual. Estes resultados confirmam os de outros estudos em que se regista uma bidirecionalidade nos comportamentos de vitimização e perpetração eventualmente como resposta à violência iniciada pelo/a parceiro/a, ambos assumindo os comportamentos de vitimização e perpetração;
- No que se refere à condição de vítima observa-se relações estatisticamente significativas entre o sexo feminino, a ausência de religião e as formas de abuso. A faixa etária, dos 13 aos 16 anos e a maior escolaridade materna, também apresentaram algumas associações com a natureza da violência;
- No que refere a comportamentos de perpetração verificou-se relação estatisticamente significativa com o sexo masculino, ausência de religião, escolaridade materna e idade inferior a 16 anos;
- Os conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade são diferentes entre países, apresentando o Brasil o valor mais elevado. Ao maior conhecimento sobre VRI corresponde menor vitimização ou perpetração, embora os resultados de Cabo Verde não confirmem esta relação.

Os resultados encontrados permitem verificar que a categoria género atravessa e marca a violência nas relações de intimidade, assumindo-se como um determinante na construção das relações afetivo-sexuais dos adolescentes de ambos os sexos,

ainda que de forma diferente. São resultados que reforçam os achados referidos na literatura sobre as hegemonias tradicionais de género e da sexualidade, nesta faixa etária, mantendo as desigualdades que, até à data parecem perdurar nos contextos de intimidade, sustentando, uma grande parte da intergeracionalidade da VRI.

Muita desta violência continua a não ser identificada pelos adolescentes nas suas relações de intimidade, pois, à priori não se assumem nem como agressores nem como vítimas. Esta identificação só foi possível através da pesquisa de comportamentos muito específicos de vitimização e perpetração. Questionamos se a naturalização e / ou banalização destes comportamentos os poderão estar a legitimar, tornando ainda mais difícil evitá-los e/ou eliminá-los. Ou, ainda, se esta ocultação se prende com a preocupação em responder com o que é socialmente esperado. Ou o medo, receio e vergonha em assumir para si e para os demais – especialmente os adultos – aquilo que de menos bem ocorre na relação que idealizam como perfeita.

A categoria género permitiu a compreensão que o contexto histórico e social, no qual estão inseridos os adolescentes, marcado por desigualdades de poder entre géneros e gerações, determina maior vulnerabilidade à vitimização e perpetração da VRI. Sabendo que o género absorve os símbolos culturais e os conceitos normativos – religiosos, educativos, científicos, políticos, jurídicos, entre outros – acredita-se que as construções de género atravessam e determinam os conhecimentos e os comportamentos na VRI na adolescência, tal como tem sido largamente referido na literatura.

A perspetiva de geração possibilitou a compreensão de que a diferença de idade nas gerações aumenta a desigualdade de poder conduzindo também à maior vulnerabilidade à VRI

Independentemente das possíveis razões, entendemos que esta ocultação aumenta a vulnerabilidade e reforça a ideia que as desigualdades de poder decorrentes do género e da geração se assumem como facilitadoras da ocorrência da VRI entre adolescentes, e como dificultadoras do terminus desta relação.

Limitações

As principais limitações que entendemos importante salientar prendem-se com questões de ordem metodológica. Assim queremos referir que embora tivéssemos realizado um estudo quantitativo a amostra é limitada, foi escolhida por conveniência e não é representativa das populações dos diferentes países. Por isso os resultados devem ter uma leitura situada. Dado tratar-se de participantes de menor idade, onde o acesso foi feito através de escolas públicas que requer um conjunto de autorizações muito vasto,

não foi possível uma aleatorização e ter uma amostra de maior dimensão. Contudo, a maioria dos resultados são convergentes entre os diferentes países e com o referido na literatura, sendo por isso possível considerá-los noutras populações.

Relativamente aos instrumentos de colheita de dados, embora validados, não podemos assegurar que as diferentes interpretações dos comportamentos apresentados não pudessem ter uma diferente interpretação pelos participantes, especialmente influenciadas pelo género. A preocupação com o “socialmente correto” face às relações de intimidade poderá também ter conduzido a respostas nem sempre coincidentes com as opiniões / vivências dos adolescentes. Tentamos minimizar esta situação com a presença de uma investigadora em todas as colheitas de dados, que apelou sempre para a máxima concentração e para respostas fidedignas e individuais. Como limitação também referimos a heterogeneidade das amostras por países quanto á idade e sexo, duas variáveis relevantes neste estudo. Salientamos ainda, a não validação cultural do CVRI para os adolescentes do Brasil e Espanha. Contudo, entendemos que estiveram reunidas as condições adequadas para a obtenção dos dados e a realização do estudo.

Implicações e sugestões

À semelhança de outros estudos concluímos que a perpetração e a vitimização da VRI entre adolescentes é um fator preocupante que necessita de intervenções preventivas. Contudo, consideramos importante ser realizado um diagnóstico que identifique os fatores individuais, familiares e socio-comunitários que se assumem como risco e / ou proteção para a ocorrência desta violência e que devem suportar os programas a implementar.

Importa então desenvolver intervenções de prevenção primordial / universal e primária com os adolescentes, de modo a controlar os fatores de risco e a potencializar os fatores protetores da VRI. Atendendo ao início cada vez mais precoce das relações de intimidade é fundamental que as intervenções decorram antes dos adolescentes iniciarem as relações afetivo-sexuais, repletas de vulnerabilidades, que poderão vir a constituir uma referência para as suas relações conjugais futuras.

A prevenção da VRI não se pode limitar à informação sobre o fenómeno. Ela deve sustentar-se em abordagens integradas tais como o modelo ecológico apresentado pela OMS (2012). No que se refere aos adolescentes importa motivar e conscientizar para a adoção de comportamentos saudáveis na vivência das relações afetivo-sexuais, isto é, capacitar para a construção de relações de intimidade saudáveis, tais como: a categoria género com ênfase no patriarcado; as relações de poder hierárquico com ênfase na categoria geração; as construções de masculinidade e feminilidade; conhecimento e respeito dos direitos e liberdades do/a outro/a (igualdade, não discriminação, estar

livre de tortura, privacidade e direito ao mais alto padrão de saúde); tomada de decisão partilhada; conhecimentos sobre relações de intimidade saudáveis; estratégias de construção de relações igualitárias; capacidade de resolução de conflitos sem violência; capacidade de comunicação assertiva e eficaz; capacidade de negociação; capacidade de cooperação; conhecimentos sobre sexualidade e saúde sexual, entre outros. Sempre com o objetivo de empoderamento dos adolescentes e esbatendo todas as desigualdades de gênero e geração, entendemos que o contexto mais adequado para a prevenção primordial / universal e primária é a escola e deve ser integrada nos programas de educação para a saúde, podendo estar associado à educação sexual. Para isso, deverão existir programas devidamente sustentados teoricamente, desenhados e com avaliação de eficácia e adaptado a contextos / públicos específicos. Importa, ainda, que sejam incluídas intervenções com pais e mães, professores, professoras e outros/as educadores/as e profissionais de saúde, entre outros públicos estratégicos. Estas devem ter como *setting* a escola e a comunidade onde esta se insere. É importante que a construção e implementação destes programas seja realizado por equipas multidisciplinares que integrem, também, as populações chave – os adolescentes – afetadas. Conhecendo o impacto da VRI na saúde, a médio e longo prazo, os programas terão de ser estruturados no domínio da literacia em relações de intimidade saudáveis e liderados em cooperação pelos profissionais da saúde e da educação.

No que se refere à prevenção secundária consideramos que pode / deve ser feito o rastreio da VRI quando os adolescentes fazem vigilância de saúde e especificamente quando procuram as consultas de atendimento de jovens - essencialmente para a saúde reprodutiva – em contexto de serviços de saúde ou nas escolas ou, nas organizações governamentais direcionadas a estes públicos. Sugerimos ainda o desenvolvimento de respostas socioeducativas e psicoterapêuticas adequadas às situações de VRI entre adolescentes.

Para a construção destas respostas e, para que elas sejam de sucesso, é fundamental a formação intersectorial conjunta da saúde e da educação, visto existir um enorme potencial de qualificação destes profissionais nesta área de preocupação comum, nas quais estes dois setores podem e devem realizar ações de formação conjuntas.

Ainda que tivéssemos atingido os objetivos a que nos propusemos com este estudo, muito ficou por conhecer. Dos vários desconhecimentos salientamos a necessidade de aprofundar e compreender muitas das razões e das consequências da VRI, bem como, encontrarmos sugestões que ajudem a construir respostas mais adequadas a estas populações, desenvolvendo estudos qualitativos com os adolescentes – por sexo e mistos. Entendemos ainda ser necessário conhecer as características das relações afetivo-sexuais, a comunicação sexual que estabelecem desde o seu início e as razões que os levam a iniciar tão cedo estas relações. Importa ainda que os programas de

intervenção sejam acompanhados de investigação sobre os seus resultados promovendo o conhecimento científico e contribuindo paa a qualidade, inovação e progresso na saúde dos adolescentes.

Percorremos o caminho previsto. Chegados aqui, importa redesenhar o caminho ... rumo à prevenção da VRI e à promoção de relações de intimidade saudáveis nos adolescentes.

Continuemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, M. A. (2005). *Entre o desejo e o medo: Oficinas de trabalho como espaço de reflexão e empoderamento de adolescentes* (Tese de doutoramento). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/83/83131/tde-13092012-084259/pt-br.php>
- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de intimidade de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a09.pdf>
- Araújo, M. F., Schraiber, L. B., & Cohen, D. D. (2011). Penetração da perspectiva de gênero e análise crítica do desenvolvimento do conceito na produção científica da saúde coletiva. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 15(38), 805-818. doi: 10.1590/S1414-32832011005000039
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A metaanalytic review. *Psychological Bulletin*, 126(5), 651-680. doi: 10.1037/0033-2909.126.5.651
- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edição 70.
- Barreiros, S. F. (2009). *Diferenças de gênero nas percepções dos jovens acerca do uso da violência no namoro* (Dissertação de mestrado). Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Portugal.
- Barroso, Z. (2007). *Violência nas relações amorosas: Uma análise sociológica dos casos detetados nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e do Porto*. Lisboa, Portugal: Edições Colibri.
- Barroso, Z. (2008). Violência nas relações amorosas. In *VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Portugal, 25-28 junho 2008* (pp. 2-11). Recuperado de <http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/597.pdf>
- Beserra, M. A., Leitão, M. N., Fabião, J. A., Dixe, M. A., Veríssimo, C. M., & Ferriani, M. G. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191. doi: 10.5935/1414-8145.20160024
- Bohn, R., & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: A intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, 11(2), 229-237. doi: 10.1590/S1413-82712006000200011
- Boivin, S., Lavoie, F., Hébert, M., & Gagné, M. H. (2012). Past victimizations and dating violence perpetration in adolescence: The mediating role of emotional distress and hostility. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(4), 662-684. doi: 10.1177/0886260511423245
- Bourdieu, P. (2014). *A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro, Brasil: BestBolso.
- Bowen, E., & Walker, K. (2015). *The psychology of violence in adolescent romantic relationships*. London, England: Palgrave Macmillan.

- Brancaglioni, B., & Fonseca, R. (2016). Intimate partner violence in adolescence: Analysis of gender and generation. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), 890-898. doi: 10.1590/0034-7167-2016-0408
- Brancaglioni, B. A., (2016). *Violência por parceiro íntimo: Uma análise na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, Brasil.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Brookes, K., Davidson, P., Daly, J., & Halcomb, E. (2007). Role theory: A framework to investigate the community nurse role in contemporary health care systems. *Contemporary Nurse: A journal for the Australian Nursing Profession*, 25(1-2), 146-155. doi: 10.5172/conu.2007.25.1-2.146
- Capaldi, D., Knoble, N., Shortt, J., & Kim, H. (2012). A systematic review of risk: Factors for intimate partner violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231-280. doi: 10.1891/1946-6560.3.2.231
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens* (Tese de doutoramento). Recuperado de <http://hdl.handle.net/1822/9493>
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493. doi: 10.14417/ap.541
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v22n1/v22n1a04.pdf>
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113. doi: 10.17575/rpsicol.v27i1.244
- Carroll, B., Raj, A., Noel, S., & Bauchner, H. (2011). Dating violence among adolescents presenting to a pediatric emergency department. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 165(12), 1101-1106. doi: 10.1001/archpediatrics.2011.191
- Castro, M. (1992). Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos: Gênero, raça e geração entre líderes do sindicato de trabalhadores domésticos em Salvador. *Estudos Feministas*, 0(0), 57-73. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/309847/mod_resource/content/1/alquimia%20cat%20soc.pdf
- Cauffman, E., Feldman, S., Jensen, L., & Arnett, J. (2000). The (un)acceptability of violence against peers and dates. *Journal of Adolescent Research*, 15(6), 652-672. doi: 10.1177/0743558400156003
- Centers for Disease Control, & Department of Health and Human Services. (2008). *Strategic direction for intimate partner violence prevention: Promoting respectful, nonviolent intimate partner relationships through individual, community, and societal change*. Recuperado de https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/IPV_Strategic_Direction_Full-Doc-a.pdf
- Claes, M. (1990). *Os problemas da adolescência* (2ª ed.). Lisboa, Portugal: Verbo.
- Coker, A., McKeown, R., Sanderson, M., Davis, K., Valois, R., & Huebner, E. (2000). Severe dating violence and quality of life among South Carolina High School students. *American Journal of Preventive Medicine*, 19(4), 220-227. doi: 10.1016/S0749-3797(00)00227-0

- Coker, A., Smith, P., McKeown, R., & King, M. (2000). Frequency and correlates of intimate partner violence by type: Physical, sexual, and psychological battering. *American Journal Public Health, 90*(4), 553-559. doi: 10.2105/ajph.90.4.553
- Collière, M. F. (2003). *Cuidar... A primeira arte da vida*. Loures, Portugal: Lusociência.
- Conselho Internacional de Enfermeiras. (2008). *Servir a comunidade e garantir qualidade: Os enfermeiros na vanguarda dos cuidados de saúde primários*. Lisboa, Portugal: Ordem dos Enfermeiros.
- Conselho Internacional de Enfermeiras. (2010). *Servir a comunidade e garantir qualidade: Os enfermeiros na vanguarda dos cuidados na doença crónica*. Recuperado de http://www.ordemenfermeiros.pt/publicacoes/documents/kit_die_2010.pdf
- Conselho Internacional de Enfermeiras. (2011). *Classificação internacional para a prática de enfermagem: CIPE versão 2*. Lisboa, Portugal: Ordem dos Enfermeiros.
- Connolly, J., McIsaac, C., Shulman, S., Wincentak, K., Joly, L., Heifetz, M., & Bravo, V. (2014). Development of romantic relationships in adolescence and emerging adulthood: Implication for community mental health. *Canadian Journal of Community Mental Health, 33*(1), 7-19. doi: 10.7870/cjcmh-2014-002
- Cristóvão, C. M. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti: Um estudo exploratório sobre a violência no namoro* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/2310>
- Cutter-Wilson, E., & Richmond, T. (2011). Understanding teen dating violence: Practical screening and intervention strategies for pediatric and adolescent healthcare providers. *Current Opinion in Pediatrics, 23*(4), 379-383. doi: 10.1097/MOP.0b013e32834875d5
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2002). Violence: A global public health problem. In E. G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zwi & R. Lozano (Eds.), *World report on violence and health* (pp. 3-21). Recuperado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf;jsessionid=EFA8ADB9770B9FDAA9D00DE68F832E2D?sequence=1
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva, 11*(Supl.), 1163-1178. doi: 10.1590/S1413-81232006000500007
- DaMatta, R. (2010). Tem pente aí?: Reflexões sobre a identidade masculina. *Enfoques, 9*(1), 134-151. Recuperado de <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/104/96>
- De la Osa Escudero, Z., Gómez, S. A., & Pascual Gómez, I. (2013). Creencias adolescentes sobre la violencia de género: Sexismo en las relaciones entre adolescentes. *European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education, 3*(3), 265-275. doi: 10.1989/ejihpe.v3i3.49
- Dessen, M., & Polonia, A. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia, 17*(36), 21-32.
- Díaz-Aguado Jalón, M. J., & Carvajal Gomez, M. I. (2011). *Igualdad y prevención de la violencia de género en la adolescencia*. Recuperado de http://www.mscbs.gob.es/va/ssi/violenciaGenero/publicaciones/colecciones/PDFS_COLECCION/libro8_adolescencia.pdf

- Díaz-Aguado Jalón, M., Martínez Arias, R., & Martín Babarro, J. (s.d.). *La evolución de la adolescencia española sobre la igualdad y la prevención de la violencia de género*. Recuperado de https://www.uah.es/export/sites/uah/es/conoce-la-uah/.galleries/Galeria-de-descarga-de-Conoce-la-UAH/Unidad-de-Igualdad/Libro_19_Evoluc_Adolescencia_Igualdad.pdf
- Díaz-Aguado Jalón, M. J., Martínez Arias, R., & Martín Babarro, J. (2014). *La evolución de la adolescencia española sobre la igualdad y la prevención de la violencia de género*. Madrid, España: Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad.
- Dixe, M., & Fabião, J. (2013). N(amor)o (im)perfeito: Avaliação de resultados. In M. Leitão, M. Fernandes, J. Fabião, M. Alegre de Sá, C. Veríssimo & M. Dixe (Eds.), *Prevenir a violência no namoro: N(amor)o (im)perfeito: Fazer diferente para fazer a diferença* (pp. 71-97). Coimbra, Portugal: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Fabião, J. A., Sá, M. A., Veríssimo, C. M., & Felizardo, H. M. (2011). Conhecimento dos jovens do ensino superior sobre violência nas relações de namoro. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(Supl. 4, vol. 2), 103. Recuperado de https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwjv3NHHstThAhWIDWMBHW3SBtMQFjAAegQIABAC&url=https%3A%2F%2Fwww.esenfc.pt%2Fevent%2Fevent%2Fabstracts%2FexportAbstractPDF.php%3Fid_abstract%3D3256%26id_event%3D64&usg=AOvVaw1reo4Sjnu4kQ_OqnKv4Scj
- Feixa, C., & Leccardi, C. (2010). O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, 25(2), 185-204. doi: 10.1590/S0102-69922010000200003
- Fernández-Fuertes, A. A., & Fuertes, A. (2010). Physical and psychological aggression in dating relationships of spanish adolescents: Motives and consequences. *Child Abuse and Neglect*, 34(3), 183-191. doi: 10.1016/j.chiabu.2010.01.002
- Fernández-Fuertes, A., Fuertes, A., & Pulido, R. (2006). Evaluación de la violencia en las relaciones de pareja de los adolescentes: Validación del *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI)*: Version española. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(2), 339-358. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/337/33760208.pdf>
- Fernández-Fuertes, A., Orgaz, B., & Fuertes, A. (2011). Características del comportamiento agresivo en las parejas de los adolescentes españoles. *Psicología Conductual*, 19(3), 501-522.
- Ferraz, S., & Pereira, B. (2012). Comportamentos de bullying: Estudo numa escola técnico profissional. In I. Condessa, B. Pereira & C. Carvalho (Coords.), *Atividade física, saúde e lazer: Educar e formar* (pp. 93-99). Braga, Portugal: Universidade do Minho, Instituto de educação, Centro de Investigação em Estudos da Criança.
- Ferreira, M. (2011). *A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reações dos adolescentes face a violência* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://hdl.handle.net/1822/18651>
- Ferreira, T., & Farias, M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. doi: 10.1590/S0102-37722010000200004
- Fiebert, M. (2004). References examining assaults by women on their spouses or male partners: An annotated bibliography. *Sexuality and Culture*, 8(3-4), 140-177. doi: 10.1007/s12119-004-1001-6

- Filho, M. M., Eufrásio, C., & Baptista, M. A. (2011). Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 Anos. *Saúde e Sociedade*, 20(3), 554-567. doi: 10.1590/S0104-12902011000300003
- Filipe, S. A. (2013). *Modelos percebidos de causalidade da violência entre parceiros íntimos* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10451/10440>
- Fisher, H. (2016). Broken hearts: The nature and risk of romantic rejection. In A. Booth, A. C. Crouter & A. Snyder (Eds.), *Romance and sex in adolescence and emerging adulthood: Risk and opportunities* (pp. 3-28). New York, NY: Routledge.
- Flake, T. A. (2013). *Violência no namoro entre jovens universitários no estado de São Paulo* (Tese de doutoramento). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-02082013-152354/pt-br.php>
- Fonseca R. M. (1999). Mulher, direito e saúde: Repensando o nexco coesivo. *Saúde e Sociedade*, 8(2), 3-32. doi: 10.1590/S0104-12901999000200002
- Fonseca, C. C. (2015). *Violência no namoro e atitudes associadas: Estudo comparativo entre adolescentes institucionalizados e adolescentes não-institucionalizados* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10316/31902>
- Fonseca, H. (2012). *Compreender os adolescentes: Um desafio para os pais e educadores* (2ª ed.). Lisboa, Portugal: Presença.
- Fonseca, R. (2007). Gênero e saúde da mulher: Uma releitura do processo saúde doença das mulheres. In R. Fernandes & N. Narchi (Orgs.), *Enfermagem e saúde da mulher* (pp. 30-61). Santana do Parnaíba, Brasil: Manole.
- Fonseca, R. (2008). *Gênero como categoria para a compreensão e intervenção no processo saúde-doença: PROENF – Programa de Atualização em Enfermagem na Saúde do Adulto* (Vol. 3, pp. 9-39). Porto Alegre, Brasil: Artmed/Panamericana.
- Fonseca, R. (2012). Gênero e saúde da mulher: Uma releitura do processo saúde doença das mulheres. In R. A. Fernandes & N. Z. Narchi (Orgs.), *Enfermagem e saúde da mulher* (2ª ed., pp. 30-61). Santana do Parnaíba, Brasil: Manole.
- Fonseca, R., Egry, E., Nóbrega, C., Apostólico, M., & Oliveira, R. (2012). Reincidência da violência contra crianças no município de Curitiba: Um olhar de gênero. *Acta Paulista de Enfermagem*, 25(6), 895-901. doi: 10.1590/S0103-21002012000600011
- Fortin, M. F. (1999). *Processo de investigação: Da concepção à realização*. Loures, Portugal: Lusociência.
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas no processo de investigação*. Loures, Portugal: Lusodidacta.
- Foshee, V. A., & Reyes, H. (2009). Primary prevention of adolescent dating abuse perpetration: When to begin, whom to target, and how to do it. In D. J. Whitaker & J. R. Lutzger (Eds.), *Preventing partner violence: Research and evidence-based intervention strategies* (pp. 141-168). Washington, DC: American Psychological Association.

- Foshee, V. A., Benefield, T., Suchindran, C., Ennett, S. T., Bauman, K. E., Karriker-Jaffe, K. J., . . . Mathias, J. (2009). The development of four types of adolescent dating abuse and selected demographic correlates. *Journal of Research on Adolescence, 19*(3), 380-400. doi: 10.1111/j.1532-7795.2009.00593.x
- Foshee, V. A., McNaughton, R. H., Ennett, S. T., Cance, J. D., Bauman, K. E., & Bowling, J. M. (2012). Assessing the effects of families for safe dates: A family-based teen dating abuse prevention program. *The Journal of Adolescent Health, 51*(4), 349-356. doi: 10.1016/j.jadohealth.2011.12.029
- Foshee, V. A., & Reyes, H. L. (2011). Dating abuse. In *Encyclopedia of adolescence* (Vol. 3, pp. 119-126). doi: 10.1016/B978-0-12-373951-3.00124-1
- Fundo de Populações das Nações Unidas, Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, & Escritório do Aconselhamento Especial sobre Questões do Gênero e Avanço das Mulheres. (2005). *Combater a violência baseada em gênero: Uma chave para alcançar os objetivos de desenvolvimento do milênio*. Recuperado de https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siic-combating_gbv_por.pdf
- Garaigordobil, M., Aliri, J., & Martínez-Valderrey, V. (2013). Justificación de la violencia durante la adolescencia : Diferencias en función de variables sociodemográficas. *European Journal of Education and Psychology, 6*(2), 83-93. doi: 10.1989/ejep.v6i2.105
- Gessner, R. (2013). *Violência contra o adolescente: Uma análise à luz das categorias gênero e geração* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-11082014-133921/en.php>
- Gessner, R., Brancaglioni, B., & Fonseca, R. (2015) Considerações sobre a saúde do adolescente na Atenção Básica à Saúde. In C. E. Kalinowski, K. Crozeta & M. Costa (Orgs.), *PROENF Programa de Atualização em Enfermagem: Atenção primária à saúde e saúde da família: Ciclo 4* (pp. 75-106). Porto Alegre, Brasil: Artmed Panamericana.
- Gil, A. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo, Brasil: Atlas.
- Gomes, N., Diniz, N., Araújo, A., & Coelho, T. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem, 20*(4), 504-508. doi: 10.1590/S0103-21002007000400020
- Gomes, R. (2008). *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro, Brasil: Fio Cruz.
- Gonçalves, H., Machado, E. C., Soares, A. L., Camargo-Figuera, F. A., Seering, L. M., Mesenburg, M. A., . . . Menezes, A. M. (2015). Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 18*(1), 25-41. doi: 10.1590/1980-5497201500010003
- González Méndez, R., & Santana Hernández, J. D. (2001). La violencia en parejas jóvenes. *Psicothema, 13*(1), 121-131. Recuperado de <http://www.psicothema.es/pdf/423.pdf>
- González-Ortega, I., Echeburúa, E., & Corral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: Una revisión. *Psicología Conductual, 16*(2), 207-225.

- Grown, C., Gupta, G. R., Kes, A., & UN Millennium Project, Task Force on Education and Gender Equality. (Eds.). (2005). *Taking action: Achieving gender equality and empowering women*. Recuperado de <https://www.undp.org/content/dam/aplaws/publication/en/publications/poverty-reduction/poverty-website/taking-action-achieving-gender-equality-and-empowering-women/Taking%20Action-%20Achieving%20Gender%20Equality%20and%20Empowering%20Women.pdf>
- Guedes, R. N., Silva, A. T., & Fonseca, R. M. (2009). A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. *Escola Anna Nery*, 13(3), 625-631. doi: 10.1590/S1414-81452009000300024
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M. J., Oliveira, E., Ribeiro, P., & UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta. (2015). Intimidade e violência no namoro: Reflectir a problemática nos/as jovens. In P. Casaleiro & P. Branco (Orgs.), *Cescontexto: Atas do Colóquio Internacional @/s jovens e o crime: Transgressões e justiça social, Coimbra, Portugal, 7 Novembro 2014* (pp.14-26). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10316/81021>
- Halpern, C., Oslak, S., Young, M., Martin, S., & Kupper, L. (2001). Partner violence among adolescents in opposite-sex romantic relationships: Findings from the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *American Journal of Public Health*, 91(10), 1679-1685. doi: 10.2105/AJPH.91.10.1679
- Harned, M. (2001). Abused women or abused men?: An examination of the context and outcomes of dating violence. *Violence and Victims*, 16(3), 269-285. doi: 10.1891/0886-6708.16.3.269
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2002). Intergenerational transmission of intimate partner violence: A behavioural genetic perspective. *Trauma, Violence & Abuse*, 3(2), 210-225. doi: 10.1177/15248380020033004
- Hokoda, A., Martin del Campo, M., & Ulloa, E. (2012). Age and gender differences in teen relationship violence. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 21(3), 351-364. doi: 10.1080/10926771.2012.659799
- Honro, P. (2009). *Amor e violência*. Bilbao, Espanha: Editorial Desclée de Brouwer.
- Howard, D., & Boekeloo, B. (2003). Personal and social contextual correlates of adolescent dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 33(1), 9-17. doi: 10.1016/S1054-139X(03)00061-2
- Howard, D., & Wang, M. (2005). Psychosocial correlates of U.S. adolescents who report a history of forced sexual intercourse. *Journal of Adolescent Health*, 36(5), 372-379. doi: 10.1016/j.jadohealth.2004.07.007
- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. (2012). *População: Análise censo 2010*. Recuperado de <http://www.ippuc.org.br/default.php>
- Instituto Nacional Estatística. (2016). *Estimativas anuais da população residente*. Recuperado de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008273&contexto=bd&selTab=tab2
- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2010). *Relatório dos resultados preliminares do recenseamento geral da população e habitação, 2010*. Praia, Cabo Verde: Autor.

- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. (2011). *Região metropolitana de Curitiba: PAND*. Recuperado de <http://www.ippuc.org.br/default.php>
- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. (2012). *População: Análise Censo 2010*. Recuperado de <http://www.ippuc.org.br/default.php>
- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2013). *Anuário estatístico do estado do Paraná*. Recuperado de http://www.ipardes.pr.gov.br/anuario_2013/index.html
- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2019). *Caderno estatístico: Município Curitiba*. Recuperado de <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=80000>
- Jácome, M. (2007). Apontamentos sobre a ação dos movimentos de mulheres por direitos no Brasil na segunda metade do século XX. In J. Romano & R. Athias (Orgs.), *Olhar crítico sobre participação e cidadania: Trajetórias de organização e luta pela redemocratização e governança no Brasil* (pp. 187-221). São Paulo, Brasil: Expressão Popular.
- Jezl, D. R., Molidor C. E., & Wright, T. L. (1996). Physical, sexual and psychological abuse in high school dating relationships: Prevalence rates and self-esteem issues. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 13(1), 69-87. doi: 10.1007/BF01876596
- Kelly, K. D. (2006). *Violence in dating relationships: An overview paper*. Recuperado de <http://publications.gc.ca/collections/Collection/HP20-3-2006E.pdf>
- Krug, E. (2002). *Informe mundial de la violencia y la salud*. Ginebra, Suiza: Organizacion Mundial de la Salud.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A., & Lozano, R. (Dirs.) (2002). *World report on violence and health*. Geneva, Switzerland: World Health Organization.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A., & Lozano-Ascencio, R. (Dirs.) (2002). *Rapport mondial sur la violence et la santé*. Recuperado de https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_fr.pdf
- Langhinrichsen-Rohling, J., & Turner, L. A. (2012). The efficacy of an intimate partner violence prevention program with high-risk adolescent girls: A preliminary test. *Prevention Science*, 13(4), 384-394. doi: 10.1007/s11121-011-0240-7
- Leen, E., Sorbring, E., Mawer, M., Holdsworth, E., Helsing, B., & Bowen, E. (2013). Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: An international review. *Aggression and Violent Behavior*, 18(1), 159-174. doi: 10.1016/j.avb.2012.11.015
- Leitão, M. N., Fernandes, M. I., Fabião, J. A., Sá, M. C., Veríssimo, C. M., & Dixe, M. A. (2013). *Prevenir a violência no namoro: N(amor)o (im)perfeito: Fazer diferente para fazer a diferença*. Coimbra, Portugal: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Lisboa, M. (Coord.). (2008). *Memorando síntese: Resultados do inquérito de violência de género*. Recuperado de http://www.apf.pt/sites/default/files/media/2015/memorando_v-genero.pdf
- Lisboa, M. (Coord.). (2009). *Violência e género: Inquérito Nacional sobre a violência exercida contra mulheres e homens*. Recuperado de <http://fabricadesites.fcs.unl.pt/onvg/wp-content/uploads/sites/31/2016/12/violencia-e-genero.pdf>

- Lisboa, M. (Coord.). (2010). *Sistema Integrado de Informação e Conhecimento*. Lisboa, Portugal: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Lourenço, N., & Carvalho, M. J. (2001). Violência doméstica: Conceito e âmbito: Tipos e espaços de violência. *Themis*, 2(3), 95-121. Recuperado de https://repositoriocientifico.ualantica.pt/bitstream/10884/407/1/2001_THEMIS.pdf
- Louro, G. (1996). Nas redes do conceito de gênero. In M. Lopes, D. Meyer & V. Waldow (Orgs.), *Gênero e saúde* (pp. 7-18). Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43-52. doi: 10.1007/s10896-009-9268-x
- Machado, C., Gonçalves, M., Almeida, L., & Simões, M. (Eds.) (2011). *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (Vol. 1). Coimbra, Portugal: Almedina.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psicológica*, 33, 69-83.
- Machado, L. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal*. Porto, Portugal: Universidade Fernando Pessoa.
- Magdol, L., Moffitt, T., Caspi, A., Newman, D., Fagan, J., & Silva, P. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21 year olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(1), 68-78.
- Martin, E., Taft, C., & Resick, P. (2007). A review of marital rape. *Aggression and Violent Behavior*, 12(3), 329-347. doi: 10.1016/j.avb.2006.10.003
- Martins, S. (2012). *Vitimização e perpetração sexual em jovens adultos: Da caracterização da prevalência às atitudes* (Tese de doutoramento). Recuperado de <http://hdl.handle.net/1822/24405>
- Martins, S., & Machado, C. (2010). Violência sexual em jovens adultos: Caracterização e implicações para a investigação. In C. Machado (Coord.), *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 61-120). Braga, Portugal: Psiquilíbrios Edições
- Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes: Adultos* (Vol. 1, pp 81-130). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v8n1/v8n1a05.pdf>
- Matos, M., Negreiros J., Simões, C., & Gaspar, T., (2009). *Violência, bullying e delinquência*. Lisboa, Portugal: Coisas de Ler Edições.
- Matos, M. A. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher* (Tese de doutoramento Recuperado de <http://hdl.handle.net/1822/5735>
- Matos, M. G., Simões, C., Camacho, I., Reis, M., & Equipa Aventura Social. (2015). *A saúde dos adolescentes portugueses em tempos de recessão: Dados nacionais do estudo HBSC de 2014*. Recuperado de http://aventurasocial.com/arquivo/1437158618_RELATORIO%20HBSC%202014e.pdf

- Mejías, E., & Elzo, J. (2006). *Jóvenes y sexo*. Madrid, España: Fundación de Ayuda contra la Drogadicción.
- Mendes, F. M. (2006). *Percursos da violência: Da família de origem à conjugalidade: Um estudo com jovens adultos a frequentarem o ensino superior* (Dissertação de mestrado). Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Portugal.
- Menesini, E., Nocentini, A., Ortega-Rivera, F. J., Sanchez, V., & Ortega, R. (2011). Reciprocal involvement in adolescent dating aggression: An Italian–spanish study. *European Journal of Developmental Psychology*, 8(4), 437–451. doi: 10.1080/17405629.2010.549011
- Meyer, D. (1996). Do poder ao gênero: Uma articulação teórico-analítica. In M. Lopes, D. Meyer & V. Waldow (Orgs.), *Gênero e saúde* (pp. 41-51). Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Meyer, D. (2004). Teorias e políticas de gênero: Fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(1), 13-18. doi: 10.1590/S0034-71672004000100003
- Minayo, M. C. (2010). *Violência e saúde*. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>
- Minayo, M. C. (2007). A inclusão da violência na agenda da saúde: Trajetória histórica. *Ciência e Saúde Coletiva*, 11(Supl.), 1259-1267. doi: 10.1590/S1413-81232006000500015
- Minayo, M. C. (Org.). (2010). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (29ª ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Minayo, M., Assis, S., & Njaine, K. (Orgs.). (2011). *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. doi: 10.7476/9788575413852
- Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad. (2015). *Percepción de la violencia de género en la adolescencia y la juventud*. Recuperado de http://www.violenciagenero.igualdad.mpr.gob.es/violenciaEnCifras/estudios/investigaciones/2015/pdf/Libro20_Percepcion_Social_VG_.pdf
- Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad, & Instituto Nacional de Estadística. (2016). *Mujeres e hombres en España*. Recuperado de http://www.ine.es/ss/Satellite?L=es_ES&c=INEPublicacion_C&cid=1259924822888&p=1254735110672&pagename=ProductosYServicios%2FPYSLayout¶m1=PYSDetalleGratis
- Monteiro, M. L. (2017). *Violência nas relações de intimidade entre os adolescentes de Cabo Verde à luz de gênero e geração* (Dissertação de mestrado não publicada). Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Portugal.
- Mota, B. G. (2015). *Pornografia de vingança em redes sociais: Perspectivas de jovens vitimadas e as práticas educativas digitais* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11358>
- Moura, G. A. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/2280>

- Mouraz, M., & Magalhães, T. (2010). A perícia médico-legal em casos de violência nas relações de intimidade: Contributo para a qualidade. *Revista Portuguesa do Dano Corporal*, 21, 09–35. doi: 10.14195/1647-8630_21_1
- Muñoz-Rivas, M. J., Graña, J. L., O’Leary, K. D., & González, M. P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: Prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, 40(4), 298-304. doi: 10.1016/j.jadohealth.2006.11.137
- Murphy, K., & Smith, D. (2010). Adolescent girls’ responses to warning signs of abuse in romantic relationships: Implications for youth-targeted relationship violence prevention. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(4), 626-647. doi: 10.1177/0886260509334392
- Niolon, P. H., Vivolo-Kantor, A. M., Latzman, N. E., Valle, L. A., Kuoh, H., Burton, T., . . . Tharp, A. T. (2015). Prevalence of teen dating violence and co-occurring risk factors among middle school youth in high-risk urban communities. *Journal of Adolescent Health*, 56(Suppl. 2), S5-S13. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.07.019
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2001). *Teen dating violence: A literature review and annotated bibliography*. Recuperado de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/235368.pdf>
- O’Leary, K. D., Tintle, N., Bromet, E. J., & Gluzman, S. F. (2008). Descriptive epidemiology of intimate partner aggression in Ukraine. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 43(8), 619–626. doi: 10.1007/s00127-008-0339-8
- O’Leary, K. D., Smith Slep, A. M., Avery-Leaf, S., & Cascardi, M. (2008). Gender differences in dating aggression among multiethnic high school students. *Journal of Adolescent Health*, 42(5), 473–479. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.09.012
- Oliveira D. C., Gomes, A. M., Marques, S. C., & Thiengo, M. A. (2007). “Pegar”, “ficar” e “namorar”: Representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(5), 497-502. doi: 10.1590/S0034-71672007000500003
- Oliveira, A., & Manita, C. (2003). Prostituição, violência e vitimização. In C. Machado & R. Gonçalves (Coords.). *Violência e Vitimas de crime* (Vol. 1, pp. 213-239). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Oliveira, M., & Egry, E. (1997). A adolescência como um constructo social. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7(2), 20-27. doi: 10.7322/jhgd.38391
- Oliveira, M., & Sani, A. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162-170. Recuperado de https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf
- Oliveira, R., & Fonseca, R. (2014). A violência como objeto de pesquisa e intervenção no campo da saúde: Uma análise a partir da produção do Grupo de Pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem. *Revista Escola Enfermagem USP*, 48(Esp. 2), 32-39. doi: 10.1590/S0080-623420140000800006
- Ordem dos Enfermeiros. (2006). Tempo de mudança. *Revista da Ordem dos Enfermeiros*, 72, 29-31.
- Organização Mundial de Saúde. (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência*. Recuperado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf?sequence=3

- Organización de las Naciones Unidas. (2008). *Campaña del Secretario General de las Naciones Unidas: Unidos para poner fin a la violencia contra las mujeres: Marco de acción: Programa de actividades de las Naciones Unidas y resultados previstos, 2008-2015*. Ginebra, Suiza: Autor.
- Organización Mundial de la Salud. (2005). *Estudio multipaíses de la OMS sobre salud y violencia doméstica: Primeros resultados sobre prevalencia, eventos relativos a la salud y respuestas de las mujeres a dicha violencia: Resumen del informe* Recuperado de <http://www.who.int/iris/handle/10665/43390>
- Organização Mundial da Saúde. (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. Recuperado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf?sequence=3
- Organización Mundial de la Salud. (2013). *Estimaciones mundiales y regionales de la violencia contra la mujer: Prevalencia y efectos de la violencia conyugal y de la violencia sexual no conyugal en la salud: Resumen de orientación*. Recuperado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85243/WHO_RHR_HRP_13.06_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Organización Panamericana de la Salud. (1993). *Genero, mujer y salud en las Américas* (Publicación Científica, 541). Washington, DC: Autor.
- Ortega, R., Ortega-Rivera, F., & Sánchez, V. (2008). Violencia sexual entre compañeros y violencia en parejas adolescentes. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8(1), 63-72.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v4n2/v4n2a01.pdf>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Paleari, F., Regalia, C., & Fincham, F. (2010). Forgiveness and conflict resolution in close relationships: Within and cross partner effects. *Universitas Psychologica*, 9(1), 35-56. doi: 10.11144/Javeriana.upsy9-1.frcr
- Palmeito, N., Davidson, L., Breitbart, V., & Rickert, V. (2013). Predictors of physical intimate partner violence in the lives of young women: Victimization, perpetration, and bidirectional violence. *Violence and Victims*, 28(1), 103-121. doi: 10.1891/0886-6708.28.1.103
- Pazos Gomez, M., Oliva Delgado, A., & Hernando Gómez, A. (2014). Violencia en relaciones de pareja de jóvenes y adolescentes. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 46(3), 148-159. Recuperado de <http://www.scielo.org.co/pdf/rlps/v46n3/v46n3a02.pdf>
- Pepler, D. (2012). The development of dating violence: What doesn't develop, what does develop, how does it develop, and what can we do about it? *Prevention Science*, 13(4), 402-409. doi: 10.1007/s11121-012-0308-z
- Peres, F., & Rosenburg, C. (1998). Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. *Saúde e Sociedade*, 7(1), 53-86. doi: 10.1590/S0104-12901998000100004

- Pestana, M., & Gageiro, J. (2014). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (6ª ed.). Lisboa, Portugal: Edições Silabo.
- Pinheiro, F. (2011). *Violência no namoro entre jovens imigrantes cabo-verdianos em Portugal* (Dissertação de mestrado). Instituto Superior da Maia, Portugal.
- Pinto, V. (2013). *Violência sexual na conjugalidade: O papel da agressividade* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://hdl.handle.net/1822/25420>
- Polit, D., Beck, C., & Hungler, B. (2004). *Fundamentos da pesquisa em enfermagem: Métodos, avaliação e utilização* (5ª ed.). Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Prati, L., Couto, M., Moura, A., Poletto, M., & Koller, S. (2008). Revisando a inserção ecológica: Uma proposta de sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 160-169. doi: 10.1590/S0102-79722008000100020
- Qvortrup, J. (2010). A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, 36(2), 631-643. doi: 10.1590/S1517-97022010000200014
- Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diário Oficial da União de 13 de Junho*. Recuperado de <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- ReyAnacona, C. A. (2013). Prevalence and types of dating violence in adolescents and young adults. *Terapia Psicológica*, 31(2), 143-154. Recuperado de <http://www.teps.cl/index.php/teps/article/view/31/33>
- Ribeiro, M. C., & Sani, A. I. (2008). Crenças dos adolescentes sobre a violência interpessoal. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 5, 176-186. Recuperado de <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/909/1/176-186.pdf>
- Richardson, R. (1999). *Pesquisa social: Métodos e técnicas* (3ª ed.). São Paulo, Brasil: Atlas.
- Richman, J. M., & Fraser, M. W. (2001). *The context of youth violence: Resilience, risk and protection*. Westport, CT: Greenwood Publishing Group.
- Rodríguez-Franco, L., Antuña-Bellerín, M. L., López-Cepero Borrego, J., Rodríguez-Díaz, F. J., & Bringas Molleda, C. (2012). Tolerance towards dating violence in spanish adolescents. *Psicothema*, 24(2), 236-242. Recuperado de <http://www.psicothema.com/pdf/4005.pdf>
- Rothman, E. F., Johnson, R. M., Azrael, D., Hall, D. M., & Weinberg, J. (2010). Perpetration of physical assault against dating partners, peers, and siblings among a locally representative sample of high school students in Boston, Massachusetts. *Archives of Pediatric and Adolescent Medicine*, 164(12), 1118-1124. doi: 10.1001/archpediatrics.2010.229
- Rubio-Garay, F., López-González, M., Saúl, L., & Sánchez-Elvira-Paniagua, A. (2012). Direccionalidad y expresión de la violencia en las relaciones de noviazgo de los jóvenes. *Acción Psicológica*, 9(1), 61-70. doi: 10.5944/ap.9.1.437
- Rush, M. E. (2000). Young woman's experiences of dating violence: A phenomenological study. *Dissertation Abstracts International, section B: The Sciences and Engineering*, 60, 4524.
- Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 109-130. doi: 10.14417/ap.536

- Saavedra, R. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis* (Tese de doutoramento). Recuperado de <http://hdl.handle.net/1822/14248>
- Saffioti, H. (1997). No fio da navalha: Violência contra crianças e adolescentes no Brasil. In F. Madeira (Ed.), *Quem mandou nascer mulher?: Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil* (pp. 137-211). Rio de Janeiro, Brasil: Record/Rosa dos Tempos.
- Sanches de Pina, N. S. (2010). *Violência contra a mulher no Brasil e em Cabo Verde* (Trabalho de conclusão de graduação Recuperado de <http://hdl.handle.net/10183/27169>
- Santos, J. C. (2013). *Violência no namoro: Concepções e percepções dos jovens em função do género* (Dissertação de mestrado não publicada). Escola Superior de Enfermagem Coimbra, Portugal.
- Schoen-Ferreira, T., & Aznar-Farias, M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. doi: 10.1590/S0102-37722010000200004
- Schoenmaker, M., Fonseca, R., Fornari, L., & Gessner, R. (2015). Percepções de adolescentes sobre a violência nas relações de intimidade. In *XIX Mostra de monografias, São Paulo, Brasil, 7-8 dezembro 2015*. São Paulo, Brasil: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem.
- Schub, T., (2016). *Intimate partner violence: An overview*. Glendale, CA: Cinahl Information Systems.
- Schütt, N., Frederiken, M., & Helweg-Larsen, K. (2008). *Dating violence in Denmark: English summary: A nationwide survey of prevalence, character and consequences of exposure to violence among 16-24 year-olds*. Copenhagen, Denmark: National Institute of Public Health/University of Southern Denmark/Ministry of Gender Equality.
- Scott J. (1991). *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*. Recife, Brasil: SOS Corpo.
- Silva, P. V., Lopes, J. E., & Carvalho, A. (Orgs.). (2008). *Por uma escola que protege: A educação e o enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes*. Paraná, Brasil: UEPG.
- Simon, T., Miller, S., Gorman-Smith, D., Orpinas, P., & Sullivan, T. (2010). Physical dating violence norms and behavior among sixth-grade students from four U.S. sites. *The Journal of Early Adolescence*, 30(3), 395-409. doi: 10.1177/0272431609333301
- Singh V., Walton, M., Whiteside, L., Stoddard, S., Epstein-Ngo, Q., Chermack, S., & Cunningham, R. (2014). Dating violence among male and female youth seeking emergency department care. *Annals of Emergency Medicine*, 64(4), 405-412. doi: 10.1016/j.annemergmed.2014.05.027
- Siqueira, R. (2001). *Representações sociais de jovens estudantes do ensino médio em Itajaí/SC, sobre relações de intimidade no contexto da AIDS* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Soares, C. B., Avila, L. K., & Salvetti, M. G. (2000). Necessidades (de saúde) de adolescentes do D.A. Raposo Tavares, SP, referidas à família, escola e bairro. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8(2), 19-34. doi: 10.7322/jhgd.39622
- Soares, J. S. (2012). *Violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes do ensino médio de escolas públicas e privadas de Porto Alegre: Prevalência e redes de apoio* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10183/56234>

- Sobral, V., Tavares C., & Silveira, M. (2004). Acolhimento como instrumento terapêutico. In I. Santos, N. Figueiredo, M. Padilha, S. Souza, W. Machado & A. Cupello (Eds.), *Enfermagem assistencial no ambiente hospitalar: Realidade, questões, soluções* (pp. 65-70). São Paulo, Brasil: Atheneu.
- Stain, T. (2000). *Gênero feminino no contexto do trabalho fabril: Setor eletroeletrônico em Curitiba e região metropolitana na década de 90* (Dissertação de mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, Brasil.
- Straus, M. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Children & Youth Services Review, 30*(3), 252-275. doi: 10.1016/j.childyouth.2007.10.004
- Straus, M., & Ramirez, I. (2007). Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. *Aggressive Behavior, 33*(4), 281-290. doi: 10.1002/ab.20199
- Sullivan, T., Erwin, E., Helms, S., Masho, S., & Farrell, A. (2010). Problematic situations associated with dating experiences and relationships among urban african american adolescents: A qualitative study. *The Journal of Primary Prevention, 31*(5-6), 365-378. doi: 10.1007/s10935-010-0225-5
- Sutherland, M. A. (2011). Implications for violence in adolescent dating experiences. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing, 40*(2), 225-234. doi: 10.1111/j.1552-6909.2011.01223.x
- Swart, L., Seedat, M., Stevens, M., & Ricardo, I. (2002) Violence in adolescents' romantic relationships: Findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. *Journal of Adolescence, 25*(4), 385-395. doi: 10.1006/jado.2002.0483
- Takemoto, M., & Silva, E. (2007). Acolhimento e transformações no processo de trabalho em enfermagem em unidades básicas de saúde de Campinas, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública, 23*(2), 331-340. doi: 10.1590/S0102-311X2007000200009
- Thongpriwan, V., & McElmurry, B. J. (2009). Thai female adolescents' perceptions of dating violence. *Health Care for Women Internationale, 30*(8), 871-891. doi: 10.1080/07399330903066392
- Ursa, M., & Koehn, C. (2015). Young womens` experiences of coping with violence in intimate relations. *Journal of Mental Health Counseling, 37*(3), 250-267. doi 10.17744/1040-2861-37.3.250
- Van de Bongardt, D., Yu, R., Deković, M., & Meeus, W. (2015). Romantic relationships and sexuality in adolescence and young adulthood: The role of parents, peers, and partners. *European Journal of Developmental Psychology, 12*(5), 497-515. doi: 10.1080/17405629.2015.1068689
- Vázquez, F., Torres, Á., Otero, P., Blanco, V., & López, M. (2010). Prevalencia y factores de riesgo de la violencia contra la mujer en estudiantes universitarias españolas. *Psicothema, 22*(2) 196-201. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72712496004>
- Vidal, P. (2015). Sexismo y publicidad : Percepción e influencia en el alumnado adolescente. In C. Mateos Martín & F. Javier Herrero Gutiérrez (Coords.), *La pantalla insomne* (pp. 282-313). doi: 10.4185/cac90

- Viniegra Cabello, M. (2007). Actitudes y creencias en torno a la violencia en adolescentes de secundaria. *Pulso*, 30, 75-101. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10017/5167>
- Vizcarra, M., & Póo, A. (2011). Violencia de pareja en estudiantes universitarios del sur de Chile. *Universitas Psychologica*, 10(1), 89-98. doi: 10.11144/Javeriana.upsy10-1.vpeu
- Wagner, A., Ribeiro, L., Arteche, A., & Bornholdt, E. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156. doi: 10.1590/S0102-79721999000100010
- Waiselfisz, J. J. (2013). *Homicídios e juventude no Brasil: Mapa da violência 2013*. Recuperado de http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf
- Waldow, V. (2006). *Cuidar: Expressão humanizadora da enfermagem*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Waldow, V., & Borges R. F. (2011). Cuidar e humanizar: Relações e significados. *Acta Paulista de Enfermagem*, 24(3), 414-418. doi: 10.1590/S0103-21002011000300017
- Wiklund, M., Malmgren-Olsson, E., Bengs, C., & Ohman, A. (2010). "He messed me up": Swedish adolescent girls' experiences of gender-related partner violence and its consequences over time. *Violence Against Women*, 16(2), 207-232. doi: 10.1177/1077801209356347
- Wincentak, K., Connolly, J., & Card, N. (2017). Teen dating violence: A meta-analytic review of prevalence rates. *Psychology of Violence*, 7(2), 224-241. doi: 10.1037/a0040194
- Wolfe, D., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. L. (2001). Development and validation of the conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13(2), 277-293. doi: 10.1037/1040-3590.13.2.277
- Woodin, E., & O'Leary, K. (2009). Theoretical approaches to the etiology of partner violence. In D. J. Whitaker & J. R. Lutzker (Eds.), *Preventing partnerviolence: Research and evidence-based intervention strategies* (pp. 41-65). Washington, DC: American Psychological Association.
- World Health Organization. (1996). *Violence: A public health priority*. Geneva, Switzerland: Author. Recuperado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/179463/WHA49_R25_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- World Health Organization. (2008). *Preventing violence and reducing its impact: How development agencies can help*. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43876/9789241596589_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- World Health Organization. (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: Taking action and generating evidence*. Geneva, Switzerland: Author.
- World Health Organization. (2013). *Responding to intimate partner violence and sexual violence against women: WHO clinical and policy guidelines*. Recuperado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85240/9789241548595_eng.pdf?sequence=1
- World Health Organization. (2014). *Health for the world's adolescents: A second chance in the second decade*. Recuperado de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112750/1/WHO_FWC_MCA_14.05_eng.pdf?ua=1

